PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Cristina Aparecida Reis Figueira

# A trajetória de José Oiticica: o professor, o autor, o jornalista e o militante anarquista na educação brasileira

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

SÃO PAULO
2008

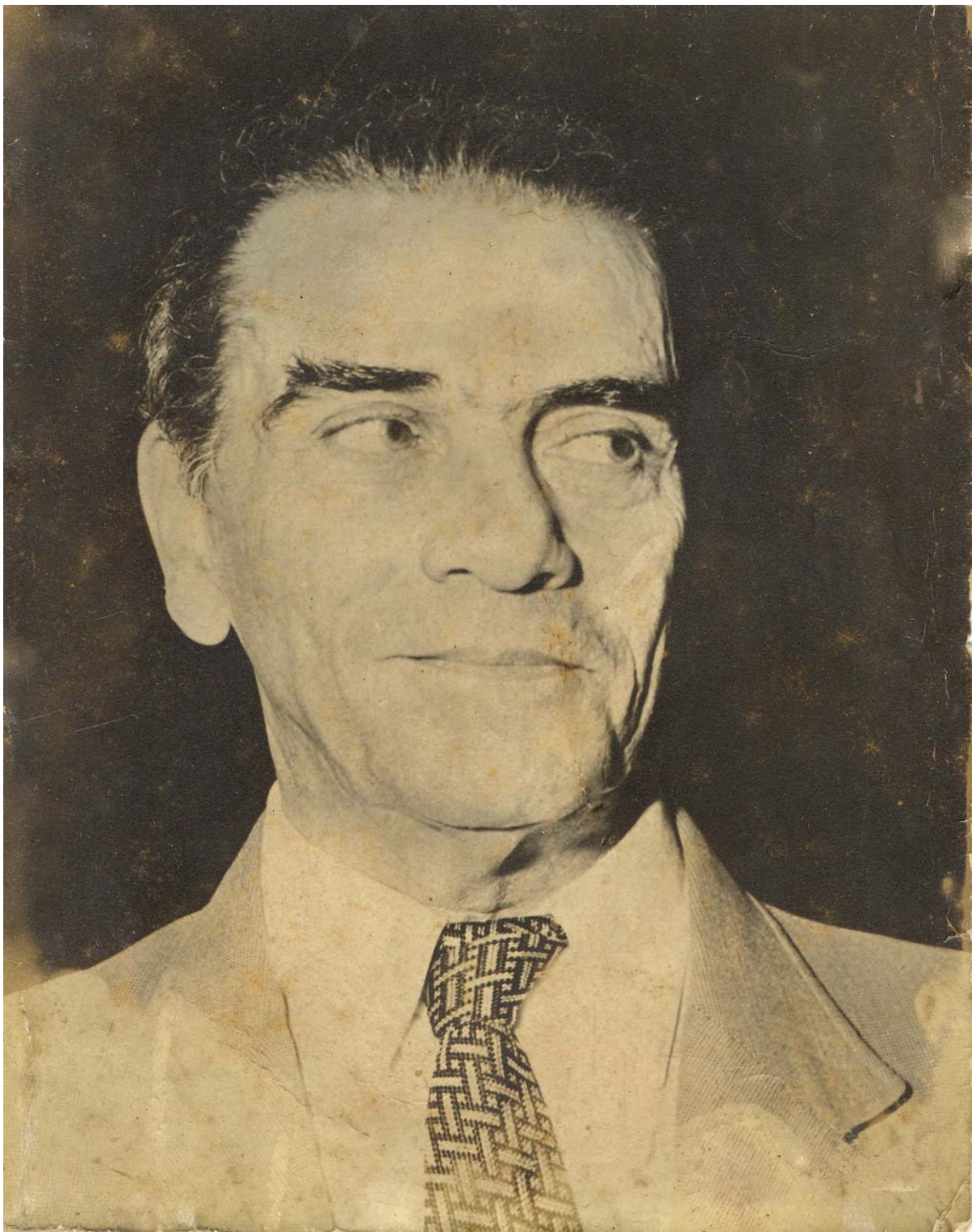
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Cristina Aparecida Reis Figueira

# A trajetória de José Oiticica: o professor, o autor, o jornalista e o militante anarquista na educação brasileira

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

Tese de Doutorado apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP - como exigência parcial para a obtenção do título de DOUTOR em Educação: História, Política, Sociedade, sob a orientação do Prof. Dr. Kazumi Munakata.

SÃO PAULO
2008

**José Rodrigues Leite e Oiticica** (22/07/1882 – 30/06/1957), foto cedida pela família em outubro de 2006

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Kazumi Munakata – Orientador

---

Prof. Dr. Bruno Bontempi Júnior

---

Profa. Dra. Heloísa de Faria Cruz

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira

---

Profa. Dra. Márcia de Paula Gregório Razzini

*Ofereço este trabalho:*
*a  Sônia Oiticica in memorian,*

*aos meus pais, Luiz Bruno Figueira e Luzia Nonato Figueira, aos meus sobrinhos e sobrinhas ao meu amor Luiz Fernando e a todos que colaboraram direta e indiretamente nesta pesquisa*

## Agradecimentos

Aos meus orientadores do Mestrado Prof. Dr.Luiz Carlos Barreira e do Doutorado Prof. Dr. Kazumi Munakata agradeço por terem ensinado o ofício do historiador, pelas orientações precisas, pelos livros solidariamente emprestados, pela confiança em mim depositada e principalmente pela amizade, o carinho e a paciência. Sou muito grata, muito obrigada.

Aos professores. Dr. Luiz Carlos Barreira e Dr. Bruno Bontempi Júnior pelas sugestões e críticas no exame de qualificação que contribuíram decisivamente para a finalização desta pesquisa.

Às professoras Dra. Heloisa de Faria Cruz que esteve comigo no Mestrado e muito me honra com a leitura da pesquisa do Doutorado e à Dra Márcia de Paula Gregório Razzini por ter aceitado o convite para a leitura e avaliação deste trabalho.

A Maria Thereza Vargas, pesquisadora do teatro, agradeço a sabedoria, a sua generosidade e parceria no trabalho com as fontes dessa pesquisa. Muito obrigada.

A Edgar Rodrigues o meu profundo reconhecimento ao seu importante trabalho de décadas com a imprensa operária. Agradeço pelos livros, pelas solidárias cartas e pelo estímulo que fizeram toda a diferença no processo de realização dessa pesquisa.

A Eleonora Oiticica Canero Canaes pela consulta ao material de pesquisa, por receber-me tantas vezes em sua casa. Agradeço a confiança e o estímulo a esta pesquisa.

Ao professor Geraldo Vieira Pinto por receber-me no Núcleo de Memória do Colégio Pedro II. Obrigada pelas orientações, entrevistas, pelos livros, a sua hospitalidade e atenção foram de fundamental importância.

Aos professores amigos e equipe da EMEF Lourenço Filho.

Aos professores, funcionários e amigos do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, em especial a Secretária Elisabete Adania (Betinha).

A Luiz Fernando Costa de Lourdes pelo apoio incondicional nas horas finais desta pesquisa, pela leitura, críticas e sugestões que fizeram engrandecer este trabalho.

A Célia Cristina Figueiredo Cassiano e Vera Lúcia Gomes Jardim agradeço pela leitura cuidadosa e solidária dos últimos momentos.

À Juliana Miranda Filgueiras, Ana Luzia Magalhães Carneiro, Luciana Calissi pelas idéias, sugestões compartilhadas, pela leitura final do trabalho que contribuíram e muito para esta pesquisa, amizade, solidariedade e respeito. Muito obrigada.

Agradeço a Ana Maria e Maria Lúcia pela revisão desse trabalho.

Aos funcionários das diversas instituições consultadas durante a pesquisa, em particular do Arquivo Edgar Leuenrouth – AEL, UNICAMP.

Aos meus pais Luiz Bruno Figueira e Luzia Nonato Figueira.

À Viviane Maria Reis Figueira, agradeço pelo suporte técnico nos últimos dias de realização deste trabalho.

Na impossibilidade de nomear todas as pessoas que contribuíram direta e indiretamente em todo caminho trilhado até este momento, meus sinceros agradecimentos

À CAPES, cujo investimento em minha formação acadêmica tornou possível a realização dessa pesquisa.

## Resumo

Este é um estudo historiográfico de reconstituição da trajetória e do itinerário de formação do catedrático do Colégio Pedro II e militante anarquista José Rodrigues de Leite e Oiticica (1882-1957), educador envolvido tanto nas ações da propaganda social libertária em jornais, em conferências do livre pensamento, no teatro social, quanto nos projetos educacionais que circularam em padrões diferenciados na História da Educação Brasileira. Autor de uma profícua produção intelectual relacionada aos estudos da lingüística, da literatura, da música, da poesia, do teatro e do ideário anarquista, cuja expressividade pode ser encontrada em numerosos artigos para a imprensa anarquista e grande imprensa carioca, em seus manuais didáticos, em suas peças teatrais, em seus sonetos e em seus ensaios sociológicos. A pesquisa reuniu elementos da produção intelectual de José Oiticica e de sua trajetória de vida e teve como eixo mapear as suas críticas e prescrições de práticas das ações da propaganda social para a reconstituição de seu projeto para a educação libertária, da propaganda social e de sua atuação como professor de Português do Colégio Pedro II, por meio do exame de seus artigos jornalísticos, livros, opúsculos e manuscritos de aulas, correspondência ativa e passiva e incursões nas historiografias da classe operária e da educação brasileira, nos projetos educacionais que circularam em seus diferentes modelos, sobretudo entre os anos de 1905 e 1950. Na construção da pesquisa, procurou-se explicitar as suas redes de sociabilidade e relacionamentos, procedimento que evidencia um dos principais pressupostos de pesquisa, qual seja a de que os sujeitos se constituem no âmbito das práticas sociais, considerando-se as relações a que se vêm atados, as ações que promovem, as que são herdadas, todas elas dinâmicas e contraditórias. A partir da evidência interrogada e tratada por E. P Thompson, procurou-se construir a pesquisa, em observação à lógica adequada aos materiais reunidos em observação à seqüência de conteúdos detectada pelo exame das fontes primárias, por meio da reconstituição de documentos e do diálogo com as fontes, seguindo os seus indícios, pistas e sinais sob inspiração de Carlo Ginzburg. Além do tratamento das fontes primárias, a pesquisa realizou entrevistas orais e trabalhou também com textos memorialistas de seus ex-alunos e com a memória de militantes preservada na historiografia da classe operária brasileira. A reconstituição do projeto educacional de José Oiticica justifica-se pelo fato de trazer para o debate alguns princípios que orientaram a experiência do vivido nos projetos da educação libertária, que, na contramão do pessimismo reacionário e do otimismo ingênuo, tinha o princípio da reflexão, das ações direcionadas a projetos educacionais individuais, de pequenos grupos e quiçá coletivos, e, principalmente, pelo fato de a pesquisa ser uma contribuição para o debate educacional sobre os padrões de educação considerados vencidos, particularmente os relacionados aos projetos da educação anarquista.

Palavras-chave: José Oiticica - Propaganda Social Anarquista – Imprensa Libertária – Colégio Pedro II – Educação

## Abstract

This is a study of the trajectory and formation path of the cathedratic from Colégio Pedro II and anarchist militant José Rodrigues de Leite e Oiticica (1882-1957), educator involved in actions of social libertarian propaganda in newspapers, in free thought conferences, in the social theater as well as in educational projects that circulated in differentiated patterns in the history of Brazilian education. Author of useful intellectual production related to the studies of linguistics, literature, music, poetry, theater and also the anarchist ideology, whose expressiveness can be found in numerous articles for the anarchist press as well as for the great carioca press, in his didactic manuals, his plays, his sonnets and in his sociological essays. The research gathered elements José de Oiticica the intellectual production and his life path and had as objective to map his critics and prescriptions of the practices of the social propaganda for the rebuilding of his project for the libertarian education, of the social propaganda and his performance as a Portuguese teacher at the Colégio Pedro II, through the exam of his journalistic articles, books, booklets as well as classes manuscripts, active and passive correspondence and incursions in the historiographies of the working class and Brazilian education, in educational projects that circulated in different models above all in the period between the years 1905 and 1950. In the construction of the research was sought his sociability nets and relationships, a procedure that evidences one of the main purpose of the research, which is the one that subjects are constituted in the extent of the social practices, considering the relationships that they are involved in, of the actions that they promote which are inherited, all of them dynamics and contradictory. Starting from the interrogated evidence treated by E. P Thompson, we tried to build the research in observation the appropriate logic to the materials gathered in the research, in observation of the content sequence detected by the exam of primary sources, through the reconstitution of documents and the dialogue with the sources following their indication, tracks and signs under the inspiration of Carlo Ginzburg. Besides the treatment with the primary sources, the research accomplished oral interviews and also worked with his former student’s texts and also with the militant’s memory preserved in the historiography of the Brazilian working class. The rebuilding of the José Oiticica educational project is justified for the fact of bringing for the debate some of the principles that guided the experiences of the lived in the projects of the libertarian education, that in the wrong way of the reactionary pessimism and the naïve optimism, had the beginning of reflection, of the actions addressed to individual education projects, of small groups and maybe collective, and mainly for the fact of the research to be a contribution to the educational debate on the patterns of education considered won, particularly the related to projects of the anarchist education.

Key words: José de Oiticica – Social Anarchist Propaganda – Libertarian Press – Colégio Pedro II – Education

## Sumário

Nem todos os gostos são iguais, nem todas as concepções são as mesmas, ainda quando idêntica ou análoga é a finalidade. Por isso, demos livre curso as iniciativas, sem imitações, mas também sem as críticas inoportunas ou inoperantes, desde que todos caminhemos para o mesmo fim revolucionário.

José Oiticica.

**Introdução**

O presente trabalho buscou reconstituir parte da trajetória do professor José Oiticica (1882-1957), um proeminente intelectual nos projetos da educação anarquista, que adquiriu expressividade por meio de variadas instâncias de atuação: como catedrático, na imprensa, nas conferências sociais, no teatro libertário, entre outras. Como catedrático de Português no Colégio Pedro II, professor de Prosódia na Escola Dramática e de Português na Escola Normal do Distrito Federal, teve uma profícua produção na área de estudos filológicos, de peças teatrais, de ensaios sociológicos, além de ter produzido, também, manuais didáticos, manuais estes que ficaram conhecidos nas escolas secundárias do Brasil.

É em vista da atuação do professor José Oiticica em espaços tão distintos, como intelectual catedrático filólogo e militante libertário que, ao longo da sua carreira, operou-se a cisão dessas figuras como "um intelectual que desceu do seu pedestal para as tribunas das associações de classe! Brilhantes foram as suas conferências ao longo de uma vida dedicada à questão social"(RODRIGUES, 1976, p.25). É dessa forma que ficou construída a memória de José Oiticica na produção militante das correntes anarquistas.

Nos discursos de homenagem da Academia Brasileira de Letras, em razão de sua morte em 30 de junho de 1957, a figura do militante anarquista praticamente desaparece, provavelmente por ter sido considerada incomum a associação de sua presença em espaços distintos. Outra posição observada em seus panegíricos manifestou-se de modo a tratar a sua militância anarquista como uma espécie de excentricidade, sem desdobramentos que "arranhassem" a imagem do austero catedrático do Colégio Pedro II, poeta parnasiano e crítico dos modernistas.

Portanto, a partir da trajetória educacional de José Oiticica, pretendemos esquadrinhar a sua experiência, processando o encontro dessas figuras na premissa do sujeito único, que se constrói no âmbito das práticas sociais. Perspectiva esta amparada no modo como Edward Palmer Thompson tratou o diálogo da consciência com o ser social.

A construção desta pesquisa resultou de um desdobramentos de meus interesses sobre a imprensa libertária, considerada como prática da experiência social, um espaço propício para a reconstituição dos projetos da educação anarquista em circulação nas primeiras décadas do século XX. Assim, as leituras tanto de artigos sobre educação insertos nesse tipo de imprensa, como de trabalhos de pesquisa sobre essa temática, me levaram a interessar-me por projetos educacionais considerados vencidos na História da Educação Brasileira.

No processo de elaboração de meu mestrado[1] pesquisei, nos jornais libertários *A Lanterna* e *A Plebe,* as prescrições de práticas e as críticas relacionadas ao cinema da perspectiva libertária. O principal resultado desse estudo foi a reconstituição do debate educacional relativo a linguagem cinematográfica, nesses periódicos, com destaque sobre o projeto do cinema do povo, ou seja, do uso do cinema como um dispositivo para a propaganda social anarquista, focalizado em um debate anterior daquele realizado pelos escolanovistas, na década de 1920, e que ainda não havia sido tratado pela historiografia da educação.

Posteriormente, já no decorrer desta pesquisa, o exame de outros periódicos da imprensa do Rio de Janeiro, como *A Voz do Trabalhador, A Vida, Spartacus e Ação Direta,* periódicos estes sob direção de José Oiticica, demonstrou que a trajetória e itinerário de formação desse intelectual foram espaços sociais de encontros importantes, sendo possível analisá-los e compreender suas atuações à luz do momento histórico vivido, ou seja, na sua experiência, bem ao modo que nos indica Thompson.

O acompanhamento dos espaços sociais em que Oiticica circulou nos ajudou a reconstituir tanto os diálogos, como as idéias e as ações que se manifestaram ao longo de sua trajetória, nos dando indícios de suas escolhas com uma grande margem de segurança. Isto é,as relações estabelecidas a partir de sua rede de sociabilidade, de certa forma, nos levaram ao reconhecimento de suas idéias. Por esta razão, foi importante reconhecer os pares de Oiticica nos seus diferentes espaços de atuação, bem como as ações em conjunto, ou opositivas no Colégio Pedro II e na propaganda social.

Parte-se do pressuposto de que o sujeito se constitui no âmbito das práticas sociais, e, no caso de Oiticica, na esfera de suas dinâmicas e contraditórias relações - "herdadas" do ambiente familiar, da formação acadêmica e profissional, da militância, ou seja, tanto das relações em que se viu atado, como das relações que ele mesmo promoveu no decorrer de sua vida.

Oiticica estabeleceu vínculos com diversos sujeitos nos espaços de sua atuação, por exemplo, com Coelho Netto, companheiro de redação em jornais da grande imprensa carioca; com Hermes Fontes e Martins Fontes, companheiros de poesia; com Fábio Luz, nas atividades do teatro social; com Astrojildo Pereira fundou jornais e com Antenor Nascentes, também catedrático do Pedro II, publicou livros. Além disso, Oiticica organizou cursos nos sindicatos, centros de estudos, preparando professores pelo ensino racionalista da pedagogia de Francisco

[1] O cinema do povo: um projeto da educação anarquista (1900-1920) apresentada em 2003, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira.

Ferrer. Essas ações, em conjunto, podem ser compreendidas como a continuidade do Projeto da Universidade Popular de Ensino Livre. O autor também permeou ações nas correntes anticlericais, no livre pensamento, no teatro social, nas conferências sociais, nas *rodas literárias e* na educação institucional. *Todas e*ssas atuações nos permitem refletir sobre as diferentes idéias que circularam naquele período assim como no próprio percurso de Oiticica, que ora contribuiu com novas idéias e ora propagou as idéias dos grupos aos quais pertencia.

A participação de Oiticica na imprensa integrava-o a uma rede de relações com articulistas, simpatizantes e militantes dos jornais anarquistas; sendo que, também, mantinha contato com discussões que envolviam concepções de líderes das correntes anarquistas preocupados com a educação, como, por exemplo, os russos Mikhail Bakunin e Pietr Kropotkin, o inglês William Godwin, o alemão Max Stirner, os franceses Pierre-Joseph Proudhon e Paul Robin, o italiano Errico Malatesta. Além desses filósofos anarquistas, havia um intenso debate sobre o racionalismo de Francisco Ferrer y Guardía.

A experiência "única" do professor Oiticica na propaganda libertária, tratada no contexto social do acontecimento, possibilita conhecer, também, a experiência do projeto libertário de educação.

Os sujeitos envolvidos com a educação libertária investiam em ações direcionadas ao jornal como espaço educativo, ao teatro, ao cinema; sendo que também confluíam as atividades de entretenimento, das festas, como lugares para a consecução da propaganda social, que grosso modo se aproxima ao que hoje poderia ser compreendido como *ato educativo*, em seu sentido pleno direcionado à formação do ser social.

José Oiticica tem um lugar relevante nos movimentos da classe operária brasileira. Não é raro encontrar referências sobre a sua presença no cenário das lutas sindicais, principalmente até os anos 1920, quando as correntes anarquistas influenciavam os rumos do movimento operário. Sua presença é marcante, principalmente, como articulista em periódicos libertários do Rio de Janeiro e de São Paulo e, também, da grande imprensa carioca, em uma trajetória que se estendeu ao longo de toda a primeira metade do século XX.

Batalha (1998, p.145-158) mapeou as pesquisas sobre a classe operária no Brasil, da década de 1950 até o final dos anos 1990, e categorizou-as da seguinte forma: as produções militantes, constituídas por escritos historiográficos não acadêmicos; as grandes sínteses sociológicas, que estabeleciam teorias explicativas sobre o movimento operário e suas opções ideológicas; os estudos de brasilianistas e de autores que recorreram à literatura secundária, mas que inauguraram, nos estudos brasileiros, a utilização de procedimentos de pesquisa próprios do historiador de ofício e os estudos das décadas 1980 e 1990, que, de acordo com o

autor, são caracterizados por uma ampliação de cronologia do movimento operário brasileiro e por focalizarem temas antes considerados secundários. Dos trabalhos de pesquisa listados por Batalha (1998, p.145-158), é possível afirmar que, excetuando o de Edgar Rodrigues, nenhum outro focalizou José Oiticica como personagem central.

Na historiografia sobre a classe operária brasileira, a produção militante cumpriu a função de legitimar a memória de José Oiticica como um destacado ativista da propaganda social anarquista. A partir dessa produção da militância, garantiu-se um debate sobre as histórias ácratas, em que os acontecimentos da cena operária foram utilizados como matéria de reflexão para se construir a memória das ações anarquistas no movimento operário. Foi com tal finalidade que se empreendeu por parte desses historiadores militantes a seleção de artigos da imprensa operária junto a vários arquivos particulares.

Dessa produção, destacam-se os trabalhos de Edgar Rodrigues e de Roberto das Neves. Esses dois autores foram os primeiros a recolher artigos de jornais operários e a elaborar a biografia de Oiticica, inclusive na posição de atores da história que escrevem, visto que eles mesmos compartilharam muitas experiências com esse intelectual, o que possibilitou-lhes descrever com sensibilidade particularidades desse intelectual militante anarquista. As menções apresentadas pela memória anarquista, nas atividades referentes à cátedra no Colégio Pedro II, buscaram marcar a vitória libertária pelo fato de o militante imiscuir, no seio da educação oficial, um ponto de resistência e referência na luta para a transformação da sociedade .

Edgar Rodrigues é historiador autodidata, militante anarquista, organizador de um rico arquivo pessoal da imprensa operária e autor de uma extensa produção[2] tanto sobre os rumos do movimento operário, como também de suas principais idéias e sobre o tema da educação anarquista. Ele chama a atenção para a importância da propaganda social anarquista na formação dos trabalhadores e de suas famílias, por meio de seus principais dispositivos: o jornal, o teatro operário e as conferências, com destaque para José Oiticica e suas “brilhantes conferências”, em que o autor “furtou-se a ficar no pedestal e ocupou-se da educação do trabalhador e de seus filhos, descendo às tribunas das associações de classe”, principalmente por compreender “a necessidade do proletariado em instruir-se, adquirir cultura sociológica,

---

[2] Para referenciar alguns destes trabalhos: 1969: *Socialismo e sindicalismo no Brasil (1675-1913)*; 1976: *Novos rumos: Pesquisa social (1922-1946);* 1977: *Trabalho e conflito (As greves operárias no Brasil — 1900-1935);* 1984: *Os anarquistas: trabalhadores italianos no Brasil;* 1979: *Alvorada operária (Os congressos operários);* 1993: *Os libertários;* 1993: *Entre ditaduras (1948-1962)*; 1993: *O anarquismo no banco dos réus (1969-1972);* 1994/1995: *Os companheiros;* 2003: *Rebeldias*. Da produção militante e também da historiografia da classe operária brasileira, Edgar Rodrigues muito provavelmente foi o único autor que procurou acompanhar a trajetória das ações anarquistas, estendendo-lhe a cronologia até os dias atuais.

literária e filosófica para não se deixar influenciar nem ser dirigido ou auxiliado por políticos de nenhuma coloração" (RODRIGUES, 1976, p. 95).

No livro *Os libertários*, de 1993, escreveu as biografias de José Oiticica, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco e Fabio Luz, todos militantes anarquistas, cuja atuação vigorosa se deu, principalmente, nas duas primeiras décadas do século XX. No texto referente a Oiticica, Rodrigues (1993) faz uso tanto da experiência de um convívio pessoal, como de artigos, poesias e cartas escritas em seus vários períodos passados no cárcere. Essas cartas, e muitas das informações utilizadas pelo autor, foram-me disponibilizadas pela filha do biografado, Sônia Oiticica[3].

Roberto das Neves organizou, com ajuda de Petrônio da Mota, o livro *Curso de literatura* (publicado pela Germinal, editora desse autor, em 1960), que trata das lições de literatura que Oiticica usou em suas aulas no Colégio Pedro II, e que também foram publicadas como folhetim em seu jornal, o *Ação Direta*, entre os anos de 1947 e 1953 (material digitalizado no processo desta pesquisa), ou seja, um material submetido tanto à sua rede de relações no Colégio Pedro II, como à sua outra rede de sociabilidade nas ações da propaganda social.

Na historiografia das classes trabalhadoras existem várias histórias sobre as correntes anarquistas que, ao fazer uso da imprensa operária como fonte de pesquisa, registram a militância do professor José Oiticica em suas várias atuações: no jornal, nas conferências e no teatro operário. Não só nessa imprensa, como também na de grande circulação, existem inúmeros artigos desse intelectual, que versavam sobre os direcionamentos e as ocorrências da organização operária, a importância das ciências sociais para o entendimento da questão social, ou, ainda, sobre a necessidade de se conhecer a língua nacional, inclusive para possibilitar a leitura dos jornais libertários, entre outros temas.

Nas pesquisas da historiografia da educação, em particular as relacionadas com o tema da educação anarquista, inexistem estudos que focalizem, em especial, a prática pedagógica do educador José Oiticica. No entanto, aquelas que abordam o tema da educação anarquista e que fizeram uso do jornal como fonte de pesquisa, dificilmente escaparam de encontrar um artigo seu sobre a educação do trabalhador. São, portanto, vários os estudos acadêmicos que abordam a educação operária, assim como são várias as perspectivas intrínsecas ao contexto em que tais estudos foram produzidos a partir dos anos 1980.

[3] Em 2004, o encontro com Edgar Rodrigues, numa conferência realizada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC SP), proporcionou-me a oportunidade de conversar sobre a presente pesquisa e, a partir daí, encetar uma troca de correspondência, que resultaria no contato direto com a própria Sônia Oiticica. Desde então, às memórias do convívio veio se somar a narrativa que Rodrigues (1993) construiu em seu livro.

Alguns estudos sobre a experiência anarquista, analisados na fase do mestrado foram aqui retomados, com o objetivo de contextualizar a atuação pedagógica de José Oiticica nas ações da propaganda social anarquista. Estes estudos são: de Flavio Venâncio Luizetto (1984), *Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional – 1900/1920*; *Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha*, de Regina Célia Jomini (1990); *A Voz do Trabalhador: sementes para uma nova sociedade*, de Célia Maria Benedicto Giglio (1995).

O trabalho de Luizetto (1984) é centrado na reflexão sobre a cultura anarquista, evidenciando a atuação de uma corrente do pensamento libertário pouco lembrada na literatura, o anarco-comunismo (o comunismo libertário), indicando quais eram as suas práticas educativas. Sua pesquisa dá a conhecer a atuação de algumas personalidades, do movimento anarquista, até então pouco estudadas (Antônio Avelino Foscolo, Fábio Luz, Manuel Curvello de Mendonça, Domingos Ribeiro Filho e João Penteado). De acordo com Luizetto (1984), as fontes documentais, necessárias para a reconstrução do modo como se desenvolviam as práticas educativas do movimento anarquista, no início do século, são escassas, ao contrário daquelas utilizadas para sua fundamentação teórica e metodológica. Para esse autor, o que acarretou essa dificuldade foi o fato de essas práticas terem se realizado na *"semiclandestinidade". Assim*, por meio da literatura que os anarquistas consideravam útil é que Luizetto (1984) problematiza essa educação libertária.

Jomini (1990) centrou seu estudo nas concepções educacionais dos anarquistas, enfatizando as experiências das Escolas Modernas. Mesmo contando com poucas fontes primárias, sua pesquisa contribui sobremaneira para indicar muitas das experiências educacionais anarquistas que foram silenciadas no processo de institucionalização dessa escola no Brasil. Nesse sentido, é possível dizer que Luizetto (1984) e Jomini (1990) contribuíram para elucidar a trajetória da educação anarquista na Primeira República.

O trabalho realizado por Giglio (1995), que toma o jornal *A Voz do Trabalhador* como fonte e objeto de estudo, privilegia as práticas educativas do movimento operário referenciadas no periódico estudado. Giglio (1995, p. 165) afirma que:

> A educação racional não confere privilégio absoluto às escolas, entendidas aqui como espaço específico de relações que estão se institucionalizando; estende seus valores à ação dos centros de estudos, sindicatos, bibliotecas, ao jornal e a outras formas de relação como saberes que não pensam uma formação restrita ou naturalizada do sujeito, em suma, torna-se visível e percorre toda a rede de práticas educativas.

A rede de relações educativas construídas pelas correntes anarquistas não privilegiava somente a escola como local de conhecimento. De acordo com Giglio (1995), entre as práticas educativas anarquistas estavam as leituras coletivas nos centros de estudos, os jornais, a participação no movimento operário, a organização de biblioteca etc. Portanto, uma educação emancipatória intimamente ligada ao saber científico. Desse modo, ela seria "uma educação sem peias, que não esconde as verdades provisórias fornecidas pela ciência" (p. 165). Os trabalhos de Jomini (1990) e Giglio (1995), que privilegiam a cultura escolar anarquista, podem ser reconhecidos como indicativos de um crescente interesse acadêmico em reconstituir essas experiências educativas da educação operária.

O tratamento dado ao tema da cultura escolar, em pesquisas mais recentes da historiografia da educação, leva em consideração não apenas a existência de vários projetos pedagógicos construídos no processo de institucionalização da escola na sociedade brasileira, mas também considera que as práticas escolares resultam de saberes em circulação, produzidos socialmente dentro e fora do que denominamos por escola[4].

Outra importante pesquisa sobre a educação libertária é a de Gonçalves (2002), que em estudo sobre o projeto educacional de intelectuais anarquistas ligados ao jornal anarquista *A Plebe*, analisou as representações do conceito de "povo", de "homem velho" e de "homem novo", por meio das práticas educacionais que esses intelectuais julgavam fundamentais para a formação dos anarquistas.

A sua hipótese inicial era que os projetos da educação anarquista representavam uma oposição aos projetos das elites brasileiras e que havia um território de disputas para a formação do homem novo. Os anarquistas utilizavam o jornal, a escola, o sindicato, o centro de estudos sociais e as suas bibliotecas para essa formação; já os escolanovistas atrelavam o sucesso da educação, sobretudo a escolar, ao progresso da nação e também tinham a perspectiva de formar o homem novo (p.10). Gonçalves investigou sobre qual era o homem novo da perspectiva anarquista e, ao final de sua pesquisa, constatou que:

> [...] muitas idéias eram partilhadas entre esses indivíduos intelectuais dos projetos anarquistas e escolanovistas, como a da necessidade de regeneração popular, de um povo ignorante que precisava ser educado, da condenação das práticas carnavalescas, futebolísticas [...]
>
> Nesse sentido, ainda se está por fazer uma pesquisa que verse sobre a comparação dos diversos projetos em curso na Primeira República, que permita a compreensão dos

[4] Julia (2001) afirma que o tema da cultura escolar deve ser tratado como objeto histórico, admitindo-se que os saberes estão em constante movimento. Esse autor indaga sobre os problemas das trocas e transferências culturais que se operam por meio da escola (p. 10).

> sucessos e fracassos dos diferentes grupos, enfatizando a adesão popular por um ou por outro projeto (p.135).

As pesquisas sobre as práticas educativas dirigidas à educação popular ainda têm sido pouco privilegiadas pela historiografia educacional, que tem centrado o seu interesse no que envolve a educação no interior da escola. Os meios utilizados nas práticas educacionais do movimento anarquista podem ser apreendidos em sentido mais amplo, se for considerado que tais práticas não ficaram circunscritas somente à instituição escolar, ou às pautas de um jornal, ou mesmo isoladas em um centro de estudo; havia circulação de saberes. José Oiticica exercia suas atividades pedagógicas dentro e fora da instituição escolar. Muitos de seus artigos da imprensa anarquista são destinados à educação do trabalhador.

Além dessas atividades pedagógicas, o professor José Oiticica também tinha presença nos circuitos letrados do Rio de Janeiro, e é por isso que, nesta pesquisa, também foi considerado o estudo de Brito Broca (2004), *A vida literária nos 1900*, lançado em 1956, e que tornou-se referência na historiografia da literatura. O interesse desse autor foi iluminar as atividades dos agrupamentos de literatos; colaboradores, especialmente os da grande imprensa e dos rápidos comentários sobre a imprensa operária, pois a sua discussão foi tratar da boemia dourada do Rio de Janeiro. Muito provavelmente, em decorrência disso é que houve poucas referências a José Oiticica. Esse trabalho contribuiu para apreender, de certo modo, a movimentação das rodas de intelectuais do Rio de Janeiro no início do século passado.

Entre as recentes pesquisas que tomaram esse estudo como referência, destacam-se a *Literatura como missão: tensões sociais e criação na Primeira República*, de Nicolau Sevcenko (2003) que, nesse livro, acompanha os chamados escritores-cidadãos, partidários do engajamento político dos homens de letras, em sintonia com a modernidade européia e com uma produção de caráter reformista voltada, principalmente, para a afirmação da nacionalidade brasileira.

A pesquisa de Eliana de Freitas Dutra (2005), *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914),* que focalizou, especificamente, o *Almanaque Garnier. Essa autora,* ao tratar sobre o ciclo de vida desse almanaque, forneceu importantes informações que ajudaram a situar os lugares sociais de José Oiticica, apesar de não mencioná-lo, dado que nesse estudo há referências sobre as editoras do período e sobre os grupos de intelectuais.

A dissertação intitulada *O Anarquismo literário: uma utopia na contramão da modernização do Rio de Janeiro (1900-1920),* de José Adriano Fenerick (1997), tratou da

singularidade do discurso da literatura anarquista e procurou transcender as várias histórias da literatura brasileira que ofereceram luzes apenas para autores “consagrados”. Entre os escritores focalizados por esse pesquisador, que tiveram proximidade com Oiticica, destacam-se Santos Barbosa, colaborador de *A Voz do Trabalhador*, *Renovação* e tesoureiro do *Spartacus*; Manuel Moscoso, editor de *O amigo do povo, A terra livre* e *Liberdade;* Araújo Pereira e Gomes Leal, colaboradores de *A terra livre*; Silvio Figueiredo, colaborador de *Spartacus* e da *Voz do Povo* e Astrojildo Pereira e Otávio, integrantes do anarquismo até a década de vinte, que participavam de projetos semelhantes. José Oiticica, nessa pesquisa de Fenerick (1997, p.8), é citado como um colaborador da imprensa ácrata, professor do Colégio Pedro II e “favorável ao anarquismo”.

No Colégio Pedro II, José Oiticica conquistou *status* e respeitabilidade, independentemente das (in)tolerâncias por sua adesão confessa ao anarquismo. Sua posição foi conquistada não só pela cátedra de Português, mas também por sua produção como filólogo e gramático.  Esse estabelecimento escolar, desde o Império, mais precisamente após o Ato Adicional de 1834, passou a ser um estabelecimento da instrução secundária. Segundo Haiddar (1972, p. 255), a partir dessa mudança, essa instituição de ensino, a exemplo do que ocorreu com os liceus da Bahia e de Pernambuco, passou a seguir o modelo francês, adotando o sistema de estudos seriados em cursos de duração regular e acabando por ser escolhida, pelo governo imperial, como um estabelecimento modelo para o ensino secundário brasileiro.

Gasparello (2002, p. 6), ao investigar, entre outras questões, a temática nacional no ensino de história em livros didáticos adotados no Colégio Pedro II, informa que, tanto no Império como na República, esse abrigou professores “pertencentes à elite intelectual e política, que, em sua maioria, foram autores de obras didáticas adotadas por anos a fio no [ currículo do] colégio”. É o que também considera Razzini (2000) em seu trabalho sobre a *Antologia Nacional.*

Razzini (2000, p.13) discutiu os conteúdos programáticos do Colégio Pedro II, trabalhados a partir dos textos publicados na *Antologia Nacional,* obra de Fausto Barreto e Carlos de Laet. Que foi editada de  1895  até 1969. Ou seja, essas publicações consistiam em uma seleta escolar e foram usadas por mais de setenta anos no Colégio Pedro II. A construção de sua pesquisa deu-se a partir da elaboração de um histórico “sucinto” sobre o ensino de português e de literatura, da seleção dos *Programas de ensino* do Colégio Pedro II e da legislação vigente, possibilitando compreender o sucesso e o desaparecimento desse livro didático. Em sua pesquisa, é possível encontrar informações importantes sobre a conformação das disciplinas: Português e Literatura no ensino secundário brasileiro do final do século XIX

até a segunda metade do século XX, possibilitando conhecer alguns dos posicionamentos de Fausto Barreto e Carlos de Laet, sujeitos estes que atuaram na organização dos programas de Ensino do Colégio Pedro II, mais especificamente, organizadores da *Antologia Nacional* em suas várias edições.

Nesse estudo, a autora apresentou os programas de português e de literatura do Colégio Pedro II de 1850 a 1951, as tabelas com os horários das aulas, com os nomes dos responsáveis pelas disciplinas (Português e Literatura), constando também as suas preferências literárias para o ensino de Português.

À medida que a autora apresenta o material selecionado, tanto dos currículos do Colégio Pedro II como dos textos analisados na *Antologia Nacional*, Os programas de ensino indicavam os autores mais lidos e as leituras importantes. O livro *Manual de análise (léxica e sintática)* de José Oiticica aparece nessas listas dos Programas de Ensino do Colégio Pedro II, do período que vai de 1926 até 1952.

**A Organização do *Corpus* documental da pesquisa:**

Durante o processo de construção desta pesquisa foi reunida uma diversidade de fontes cuja organização é apresentada a seguir:

**Primeiro grupo**: é constituído pela produção didática, artigos jornalísticos, ensaios sociológicos e peças teatrais - foi divido em 3 subgrupos:

a) Livros e opúsculos:

Constituem-se pelos livros e opúsculos de autoria de José Oiticica. Trata-se de produções relacionadas ao ensino em geral, e, em particular ao ensino de português; os livros sociológicos com os princípios do anarquismo:

Foram privilegiados, o *Manual de análise (léxica e sintaxe)*, de 1919, e o *Manual de estilo*, de 1926, por serem, os dois, livros adotados no Colégio Pedro II. Desses livros a pesquisa buscou trabalhar com as cartas de advertências[5] de todas as edições, com o objetivo de organizar as prescrições de práticas apresentadas pelo professor Oiticica aos seus leitores, os "professores novos", e aos interessados em língua portuguesa, assim como para inferir as suas críticas, ou seja, identificar as práticas didáticas negadas em sua proposta pedagógica.

O opúsculo *Um programa heterodoxo de português nas escolas*, de 1948, recebeu destaque em razão de conter a rememoração da experiência pedagógica no seu Colégio

[5] As cartas de advertência dos manuais didáticos de José Oiticica eram textos introdutórios direcionados aos professores com apresentação da proposta do livro, de algumas orientações de usos, de críticas a procedimentos de ensino ruins do ponto de vista do autor, de prescrições de práticas e de orientações da relação professor – aluno.

Latino-Americano, em 1905, e a sua proposta de sistematização do ensino, denominada como método de ensino, na década de 1940.

Para a organização e análise do material recolhido, optamos, como já se disse, por privilegiar as cartas de advertência que abrem essas publicações. Nessa análise, observamos como o professor Oiticica orientava os seus leitores - os professores novos - sobre os procedimentos de avaliação que deveriam adotar, assim como aqueles que não deveriam usar como práticas de avaliação; as relações de sociabilidade entre o professor e o aluno por meio do texto escrito; em relação às propostas de atividades e de orientações de conduta no ensino para este ou aquele conteúdo; à forma como esse educador construía a relação entre o professor e o aluno, entre sua posição de autor e o leitor professor; na observação sobre excertos, textos, autores que foram escolhidos para compor as lições propostas em seus livros, opúsculos e folhetins; a observação sobre mensagens éticas e morais.

b) Imprensa libertária:

Corresponde ao conjunto de artigos jornalísticos relacionados com a questão social, a educação e as ciências sociais:

Buscou-se conhecer as prescrições de José Oiticica para a educação na sociedade nova, as suas críticas à sociedade e ao ensino vigente. A pesquisa percorreu o jornal *A Lanterna – anticlerical e de combate* de São Paulo, *A Voz do trabalhador*, *Crônica Subversiva* e *Liberdade* no Rio de Janeiro no período entre 1912 e 1918. Desses jornais foram recolhidos os registros dos temas e os comentários sobre as conferências sociais proferidas por José Oiticica nos centros de estudos e da *Liga Anticlerical*.

Dos periódicos que estiveram sobre a direção de José Oiticica a pesquisa focalizou *A Vida,* em circulação entre 1914 e 1915, procurando apresentar sua conformação, as suas características mais específicas, e o exame de um ensaio sociológico de autoria de Oiticica intitulado “O desperdício da energia feminina”, publicado em 5 de seus 7 números.

Do Jornal *Spartacus*, dirigido por José Oiticica, cuja circulação deu-se entre 1919 e 1920, apresentamos a sua descrição geral e selecionamos artigos nos quais José Oiticica apresenta ao leitor as suas concepções a propósito da situação do ensino. Assim, nos valemos no artigo intitulado “Não há meio”, publicado nesse jornal em 1919, e também dos documentos “Princípios e fins” e “Previsões e Práticas”, desse mesmo jornal, em que Oiticica nos apresenta a conformação da sociedade nova do comunismo libertário de sua idealização. Desses dois documentos procurou-se destacar a suas prescrições em relação à educação e à organização do ensino.

Do jornal *Ação Direta*, foram selecionados artigos sobre as concepções de Oiticica

relacionadas às matizes do seu pensamento em relação ao seu modo de ser anarquista. Em seu primeiro ciclo, 1928-1929, esteve sob a direção de José Oiticica e José Simões e foram publicados seis exemplares. Em seu segundo ciclo, iniciado em 10/04/1946, dirigiu esse jornal, ao lado de Manuel Peres até o falecimento de Oiticica em 1957 Nesse segundo ciclo, o jornal publicou 137 números, tendo diversas periodicidades, ou seja, foi semanal, quinzenal e mensal.

Na leitura dos artigos de José Oiticica e de outros articulistas, seus pares, nos jornais libertários em circulação nas décadas iniciais do século XX, frases como "a nossa obra", "a nossa educação" e "a nossa propaganda" se repetiam. Estas e outras palavras, nos discursos desses articulistas, indicavam um lugar de pertencimento e de fala comuns. Assim como a observação sobre os sentidos atribuídos a algumas outras frases, tais como o "combate por meio da palavra", a "questão social", a "ação direta", a "revolução social" e "a sociedade futura", serviram-nos como chaves para a apreensão dos sentidos atribuídos às ações da propaganda social.

Estes termos não apareciam somente nos jornais libertários, também apareciam nas conferências. Não eram estranhos ao público leitor dos jornais, nem tão pouco da audiência das conferências sociais. Ao percorrer os discursos, percebemos que a maior parte dos articulistas desses periódicos libertários exercitavam a experiência das discussões nos sindicatos, associações, e ligas, organismo a que os jornais se achavam vinculados. Isso explica, em parte, o uso corrente dos termos, e também a iniciativa de alguns articulistas em explicá-los para marcar qual era o significado que eles pretendiam atribuir a tais palavras.

c) Peças teatrais:

Este terceiro subgrupo é constituído pelas peças teatrais e pelos manuscritos de aulas e de artigos do professor Oiticica. O exame desse material propiciou que relacionássemos as atividades de aulas da docência institucional na Escola de Arte Moderna e as atividades com o teatro social.

A partir desse material apresentamos as conexões entre as ações da propaganda social (nos espaço do jornal, das conferências e do teatro) com as ações e idéias da atuação de José Oiticica na docência institucional.

A imprensa considerada como prática social constitui-se em um importante viés para conhecer as múltiplas faces de José Oiticica, para recolher pistas e evidências sobre os modelos educacionais dos quais ele foi participante ou, ainda, que pode ter influenciado no processo de elaboração de sua produção intelectual destinada ao ensino.

**Segundo grupo:** constitui-se dos registros sobre a vida profissional de José Oiticica

Neste segundo grupo organizamos os documentos com registros sobre a vida profissional de José Oiticica, que nos levaram a conhecer os vínculos institucionais em que exerceu a docência. Esse material foi encontrado na Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo – USP; no Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II - NUDON; no Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Educação da USP- IEB e na Biblioteca Nacional.

a)Anuários do Colégio Pedro II (entre 1916 e 1952). Nestes documentos obtivemos as seguintes informações: a composição do corpo docente dessa instituição; a participação de José Oiticica em bancas examinadoras de concurso para docentes e banca de avaliação de exame de admissão; as suas ausências em comissões constituídas por docentes em varias festas comemorativas do Colégio Pedro II e algumas traduções feitas por Oiticica.

b) Atas da Congregação do Colégio Pedro II (dos anos 1917 e 1925; 1937). Obtivemos, nestes documentos, informações sobre o período em que Oiticica atuou como professor substituto (entre 1917 e 1924) e quando assumiu a cadeira de Português, em 1924. Investigou-se, também, nestas atas, registros existentes a propósito de suas ausências decorrentes dos períodos de encarceramentos mais longos: 1918/19; 1924/25 e 1937.

c) Almanack do pessoal Docente e Administrativo do Collegio Pedro II (até junho de 1924, nº 11).

d) Relatório concernente aos anos lectivos de 1925 e 1928 - Relatório de 1928 com a nomeação de José Oiticica para a Cátedra de Português.

e) Recortes de jornal (IEB) do Arquivo Fernando de Azevedo, com informações sobre composição do quadro docente, programas e condições de funcionamento da Escola Dramática Municipal.

As informações obtidas através da leitura desse material foram entrecruzadas com as pesquisas de Haidar (1972); de Souza (1999); de Razzini (2000); de Vechia & Lorenz (1998) e de Gasparello (2004), particularmente sobre assuntos como a legislação educacional e o ensino secundário.

**Terceiro grupo:** a correspondência passiva e ativa do professor José Oiticica

a) Correspondência ativa que o professor José Oiticica escreveu ao professor Coelho Netto.

b-) Cartas e cartões da correspondência passiva.

**Quarto grupo**: Prontuários do DEOPS SP/RJ e estudos sobre as correntes anarquistas: reúne registros sobre a militância de José Oiticica nas correntes anarquistas, desdobradas em vários encarceramentos, cujos períodos entrecortaram a sua trajetória como professor e como autor.

a) Os prontuários DEOPS- SP e RJ; as cartas escritas por José Oiticica na prisão, que foram publicadas em dois livros de Edgar Rodrigues, em 1993: *Entre ditaduras* e *Os Libertários;*

b) Cartas da prisão (1919, 1924, 1925) doadas por Sônia Oiticica a Edgar Rodrigues e publicadas nos livros *Os libertários e Entre ditaduras (1948-1962).*

c) Carta aberta ao chefe de polícia Dr. Aurelino Leal (A *rua*, 1918);.

d-) Memórias dos militantes na historiografia militante, principalmente nos livros de Edgar Rodrigues e Roberto das Neves e em artigos da imprensa ácrata.

Valemo-nos do levantamento bibliográfico realizado sobre a historiografia da classe operária brasileira com o objetivo de estabelecer balizas da militância anarquista de Oiticica, e, a partir disso, relacioná-las aos contextos social e cultural que abrigaram a produção de seus livros, artigos e opúsculos. O principal objetivo foi situar José Oiticica nas cenas do anarquismo no Rio de Janeiro.

**Quinto grupo**: constitui-se de textos memorialistas, entrevistas e documentos sobre a vida familiar de José Oiticica.

a) Textos memorialistas de ex-alunos do Colégio Pedro II:

Mario Lago: *Na rolança do tempo* e *Bagaço de beira-estrada*; Pedro Nava: *Balão cativo* e *Chão de Ferro* e Fernando Segismundo: *Colégio Pedro II: Tradição e modernidade* (italic em “e modernidade”) e *Memória de estudante.*

b)Textos transcritos a partir de quatro entrevistas com a filha de José Oiticica, Sônia Oiticica, realizadas e transcritas pela pesquisadora.

c) Textos transcritos a partir de duas entrevistas, a primeira com um ex-aluno do Colégio Pedro II, que foi avaliado por Oiticica no exame de admissão; e a segunda advinda da memória de sua filha Sônia Oiticica, da genealogia da família Leite e Oiticica.

d) Pesquisa sobre a genealogia da família Leite e Oiticica, elaborada por um primo de Sônia Oiticica, Jarbas Elias da Rosa e Oiticica, intitulada *Riachão – a história de um engenho e das famílias que nos últimos trezentos anos transformaram-no em um complexo industrial sucro-alcooleiro.* Vale ressaltar que as informações desse texto foram corrigidas por Sônia, particularmente as que envolvem o desterro de seu pai, nessa fazenda de Alagoas, em 1918, por ocasião de sua primeira prisão.

**Sexto grupo**: é constituído por artigos em respostas às proposições de personagens que foram participantes da rede de relações e de idéias de Oiticica.

a) Artigos em resposta a intelectuais de sua rede de relações e a pessoas públicas:

"Carta-Aberta ao Sr. Rui Barbosa" (*Correio da Manhã*, 1918: sobre o papel que tem o advogado na sociedade capitalista; a concepção de pátria; a idéia de lei e as idéias anarquistas).

b) Resposta de Silvio Romero (1910) a José Oiticica a propósito da sociologia de Frederick Le Play e da pedagogia de Edmond Demolins.

c) *O pronome Se Indefinido* – réplica ao Dr. José Oiticica – Opúsculo de Pedro de Mello (1926).

d) Conferência de Afrânio Peixoto, em 18 de junho de 1918, inserta em seu livro *Ensinar a ensinar.*

e) Opúsculo *Relíquias de uma polêmica* – artigos do Sr. José Oiticica apostilados pelo padre Leonel Franca (1926).

**Sétimo grupo:** Manuscritos recolhidos do espólio de José Oiticica: correspondências pragmáticas e sonetos manuscritos, sempre escritos em um quarto de folha de papel, aliás, um hábito de toda sua vida: anotações à moda Oiticica. Alguns sonetos, motivados pela natureza; outros, enaltecendo a língua portuguesa, bem ao estilo parnasiano; outros, ainda, tendo em perspectiva a *sociedade nova.* No verso de alguns desses sonetos manuscritos encontramos impressos do Colégio Latino-Americano, cartas de oferta de curso e recibo de subscrição voluntária do jornal *Ação Direta.*

No Rio de Janeiro, no Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II (NUDOM) e na Biblioteca Nacional (BN), coletamos artigos, opúsculos, livros e cartas escritas pelo professor José Oiticica e que foram enviadas ao professor Coelho Netto.

Em São Paulo, na biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), consultamos os *Anuários do Colégio Pedro II*; no Arquivo Multimeios da Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo encontramos as peças teatrais escritas por José Oiticica e encenadas no teatro social; no Instituto de Estudos Brasileiro (IEB) na USP, no Arquivo Fernando de Azevedo, valemo-nos dos recortes dos jornais *A Esquerda*, *Jornal do Brasil* e *O Globo, que apresentaram* informações sobre a Escola Dramática Municipal do Rio de Janeiro.

No Arquivo do Estado de São Paulo, na coleção *Dossiês DEOPS/SP: Radiografias do Autoritarismo Republicano Brasileiro*, foram consultados os prontuários de José Oiticica e de Edgar Leuenrouth, por ocasião de suas prisões em São Paulo.

Em Campinas, no Arquivo Edgar Leuenroth – (AEL), na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), foram e continuam sendo recolhidos artigos dos jornais *Ação Direta, Spartacus* e da revista *A Vida*.

Além da coleta dos documentos já mencionados, realizamos, também, entrevistas abertas com dois colaboradores: o professor Geraldo Pinto Vieira, por ter sido avaliado por Oiticica no exame de admissão ao então ensino ginasial[6], ou seja, de quinta a oitava série;, e com Sônia Oiticica, a sétima dos oito filhos de José Oiticica. Tais entrevistas foram realizadas e transcritas pela própria pesquisadora, sendo que com o primeiro colaborador foram feitas duas entrevistas com gravação de uma hora. Já a segunda colaboradora foi entrevistada em quatro sessões, sendo as três últimas gravadas em, aproximadamente, sete horas. Essas entrevistas encontram-se apresentadas na íntegra nos anexos desta tese.

**O tratamento das fontes de pesquisa:**

O tratamento das fontes de pesquisa foi realizado a partir dos procedimentos adotados por Ginzburg (2001), que se vale de *rastrear as pistas, os indícios e o sinais* para o diálogo historiográfico com as fontes de pesquisa; e de Thompson (1981), com o procedimento da construção da *evidência interrogada pela lógica histórica*, uma lógica adequada ao material do historiador em seu trabalho de construção do objeto de estudo, nesse movimento, a partir da formulação de questões em contextos particulares na *ordem* ou na *desordem* do diálogo historiográfico, em que a lógica não é dada por si mesma, mas construída a partir de perguntas feitas à evidência.

Para Thompson (1981), a *evidência interrogada* é um procedimento historiográfico, um método lógico instaurador da investigação intrínseco ao material selecionado no processo de investigação e interrogado pela lógica histórica. Sobre esta lógica, diz o autor:

> Por "lógica histórica" entendo um método lógico de investigação adequado a materiais históricos, destinado, na medida do possível, a testar hipóteses quanto à estrutura, causação etc. e a eliminar procedimentos auto-confirmadores ("instâncias", "ilustrações"). O discurso histórico disciplinado da prova consiste no diálogo entre o conceito e evidência, um diálogo conduzido por hipóteses sucessivas de um lado, e a pesquisa empírica, do outro. O interrogador é a lógica histórica; o conteúdo da interrogação é uma hipótese (por exemplo, quanto à maneira pela qual os diferentes fenômenos agiram uns sobre os outros); o interrogado é a evidência, com suas propriedades determinadas. [...] (p.49).

As pistas e os indícios evidenciados no processo de investigação conduzem a diferentes direcionamentos, tal como propõe Ginzburg (2001, p.170) acerca dos procedimentos que ajudam compor o desenho de uma pesquisa - este é resultado de uma entre outras histórias que podem ser construídas, pois:

> [...] os fios que compõem uma pesquisa são os fios de um tapete; compõem uma trama que aumenta a densidade e homogeneidade à medida que vai sendo desvendada. Para entender a coerência dos desenhos inscritos no tapete é necessário percorrê-lo com os

[6] Atualmente (em 2008) esse nível de ensino constitui parte do "ensino fundamental".

> olhos a partir de múltiplas direções, percebendo que as possibilidades são inesgotáveis. A leitura em sentido vertical produz uma gama de resultados que variam se ela for feita em sentido horizontal ou diagonal

As informações sobre a vida familiar e sobre a formação acadêmica de José Oiticica partem da seleção de ocorrências crivadas pelo próprio Oiticica, sendo que a análise sobre o seu itinerário de formação amplia-se no diálogo com os outros documentos encontrados no decorrer da pesquisa, em interseções com ocorrências relativas à vida política e educacional, explicitadas ou não em seu resumo biográfico. Entre as coisas ditas e aquelas silenciadas, comparecem outras fontes para compor o diálogo historiográfico. Á leitura do memorial da família Oiticica, abstraindo-se o panegírico - costumeiramente observado neste tipo de texto - foi possível somar informações sobre a sua ambiência familiar. O entrecruzamento entre esSas informações com os dados coletados sobre a sua experiência profissional, em conformidade com as determinações da evidência e com os limites e condições da pesquisa, constróem o lugar educacional ocupado por José Oiticica em contextos sociais determinados, para além daqueles circunscritos a sua vida pessoal.

Adentrar ao quadro cultural em que se deu a formação intelectual desse intelectual impulsionou-nos a investigar, também, a formação de seus pais e de seus irmãos, por ser a sua família o seu primeiro lugar social e, na seqüência, foram localizadas as instituições escolares que o receberam em sua formação escolar. Esses dois movimentos, embora como incursões de superfície, forneceram-nos pistas para a construção desta pesquisa, à luz da proposta de construção da *evidência interrogada,* orientada pelo objetivo de traçar o perfil intelectual de José Oiticica.

**Organização do trabalho**

No capítulo I, intitulado “A trajetória e o itinerário de formação de José Oiticica” são identificados os seus primeiros lugares sociais, o seu ambiente familiar, as instituições por onde passou o aluno até a sua formação como bacharel em Direito. Em seguida, são situadas as instituições de sua atuação profissional, em que procuramos identificar os seus diferentes espaços de atuação pedagógica na docência institucional, na grande imprensa e na imprensa libertária. As suas idéias e as suas ações são apresentadas, neste capítulo, de maneira introdutória, e preparam o terreno para que, nos três capítulos seguintes, sejam elucidadas as ações que o caracterizaram como um intelectual de seu tempo, esquadrinhando as suas inovações, as suas contradições e as oposições que repercutiram para o seu reconhecimento social como um intelectual do seu tempo.

Além disso, neste capítulo também são feitas incursões sobre a vida literária do Rio

de Janeiro das primeiras décadas do século XX, em que são situadas as rodas literárias dos homens de letras e a sua movimentação na sociedade carioca, acompanhando a configuração da imprensa como prática social, mais especificamente na militância anarquista. “A presença de José Oiticica na propaganda social libertária: os jornais, as conferências e o teatro social” é o título do capítulo II. Nele, apresentamos os registros das atividades relacionadas às conferências sociais, ao teatro e ao jornal como os espaços e as ações da *propaganda social*. A reflexão é construída a partir do mapeamento dos temas das conferências proferidas por Oiticica e que foram registradas nos jornais libertários. Ainda, os registros recolhidos dos jornais das iniciativas individuais de Oiticica possibilitam-nos pensar sobre o seu significado no coletivo e no projeto educacional e cultural libertário. As ações da militância libertária são analisadas a luz do ideal de efetivação da *Revolução Social* e do ideal de construção da sociedade futura. As diferenças entre “educar” e “instruir” são apresentadas a partir da discussão sobre o significado do termo *propaganda social*. A partir dos registros das aulas de José Oiticica na Escola de Arte Dramática Municipal, das peças teatrais de Aristófanes, e do debate sobre as peças teatrais de autoria de José Oiticica, neste capítulo evidenciamos a conexão entre a docência institucional e as atividades para o teatro social.

No capítulo III situamos José Oiticica nas correntes anticlericais e do livre pensamento, assim como apresentamos o seu *combate pela palavra* , que, inclusive, serve como título a este capítulo.  Tal *combate (eu colocaria em italic)* é exemplificado por uma polêmica anticlerical travada entre o professor e o padre Leonel Franca. São focalizados dois periódicos fundados por José Oiticica, a revista *A Vida* e o jornal *Spartacus*. Do primeiro, o ensaio intitulado “O desperdício da energia feminina” serve para demonstrar alguns dos princípios e idéias que conformavam as criticas e as prescrições de práticas defendidas, pelo professor militante, para a mulher na sociedade nova; “Princípios e fins” e “Previsões e práticas”, publicados no *Spartacus*, mostram a plataforma do comunismo libertário pensado por Oiticica, com destaque ao tema do ensino na sociedade nova. Ainda, neste capítulo, a produção de José Oiticica, na imprensa, é balizada pela narrativa sobre as condições que sucederam os seus sucessivos encarceramentos.

No IV capítulo apresentamos a discussão sobre o método de ensino defendido pelo professor Oiticica, discutindo dois manuscritos do autor, no primeiro, “O anarquismo como método de educação”, Oiticica apresenta as suas idéias sobre como o professor deve ensinar, tendo como referência a Didática Magna de Comenius, e no segundo, “O feito e o por fazer”, ele faz um balanço sobre a sua produção para a língua portuguesa. Neste capítulo são analisadas, também, as cartas de advertências dos manuais didáticos de Oiticica adotados no

Colégio Pedro II, o *Manual de análise (léxica e sintática)*, de 1919, e o Manual de estilo, de 1926. Por fim, apresentamos nas considerações finais, uma reflexão sobre o modo de ser anarquista de José Oiticica.

Figura 1 – Manuscrito biográfico de José Oiticica por José Oiticica

Manuscrito pertencente ao acervo pessoal de José Oiticica

Este manuscrito foi reconstituído no processo de organização do espólio de José Oiticica. Fragmentado, as suas partes foram reunidas em momentos diferentes do trabalho de organização dos documentos. Trata-se de um texto biográfico de José Oiticica escrito por ele mesmo na terceira pessoa do singular. Apesar de não ter sido datado por seu autor, duas evidências permitem supor o período de sua elaboração: o registro de sua prisão em 1937 e a citação dos seus livros didáticos até 1948. Assim, é possível supor que a sua elaboração tenha ocorrido neste intervalo de tempo.

> Nasceu em Oliveira (Minas Gerais) aos 22 de junho de 1882, de onde saiu aos três anos para Maceió. Aí esteve até 1890, vindo para o Rio por ter sido o seu pai, o notável financista Francisco de Paula Leite e Oiticica, eleito deputado para a Constituinte. Aprendeu a ler com a sua mãe, Ana Adélia Leite e Oiticica e cursou em Maceió a escola primária do professor José Estevão. No Rio continuou com seu pai o estudo de português, francês e latim. Foi depois internado no Colégio São Luiz Gonzaga, em Petrópolis, dirigido pelo padre Ernest Ledue. Com o levante da esquadra em 1894, desceu de Petrópolis, por ser impossível o trajecto por barca. Entrou interno para o Seminário Arquidiocesano de São José (curso ginasial). Ali permaneceu cerca de três anos. Passou depois para o Colégio Paula de Freitas onde aos quinze anos terminou os preparatórios. Estudou no Curso Anexo da Escola Politécnica e chegou a prestar exame de desenho; mas levado por leituras sociais, enveredou pelo Direito freqüentando a Faculdade de Recife e depois a Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio. No quarto ano, o estudo da Medicina Legal mostrou-lhe a necessidade de conhecer ciências naturais e, com grande pendor para esses estudos resolveu matricular-se na Faculdade de Medicina [a qual] cursou com grandes interrupções, até o fim do 3º ano. Formado em Direito e já decepcionado com a organização social do mundo, não quis seguir nenhum ramo dessa carreira e fez-se professor de história. Lecionou no Paula de Freitas; mas, tendo-se casado, em 1905, com sua prima Francisca Bulhões, fundou, por conselho e auxílio de seu pai o Colégio Latino-Americano, no Leme. Aí procurou aplicar os processos pedagógicos da *École des Roches*, de Demolins; mas após brilhante êxito teve de fechá-lo por dificuldades financeiras. Aceitou então o convite para dirigir o Colégio Municipal de Laguna (Santa Catarina). Aí esteve cerca de três anos. Fundou o jornal *Correio do Sul*. Sobreveio desavença com os dirigentes. Resolveu deixar Laguna e voltar para o Rio. Lecionou então no Colégio Batista e por vários anos tentou concurso, mas apesar das ótimas classificações nunca foi aproveitado, [sendo] aceito no último, o de Português para o Colégio Pedro II em 1916. Foi, em 1914 convidado por Coelho Netto para substituir João Ribeiro na Escola Dramática, onde regeu a cadeira de prosódia. Já então iniciara a propaganda de suas idéias revolucionárias antiestatistas. Na greve geral de 1918, durante a célebre espanhola foi preso e deportado para Alagoas, prosseguindo, depois, na mesma campanha pelo jornal e pela palavra. No governo Arthur Bernardes, foi encarcerado por mais um ano e, em 1937, por seis meses. Em 1929, foi contratado para lecionar na Universidade de Hamburgo e na Faculdade de Filosofia e Letras [do Distrito Federal]. Essa atividade explica o número avultadíssimo de artigos seus dispersos em jornais e revistas. Em 1911 publicou a série de *Sonetos*, em 19... sua *Ode ao Sol*, em 1919 a segunda série dos *Sonetos* (a terceira está inédita). Escreveu para Concurso ao Pedro II a tese *Estudos de Fonologia*. Como professor publicou o *Manual de análise* e depois o Manual de estilo. Tem inéditos: *Modelos de análise*. *Curso de latim*. *Curso de grego*. *O pronome **se** apassivante*. *Guia para correção de texto*. Etc. Seleta dos contemporâneos. São numerosos seus estudos de prosódia. Dicionário popular.

## Capítulo I – A trajetória e o itinerário de formação de José Oiticica

Neste capítulo, inicia-se a reconstituição da trajetória e do itinerário de formação de José Oiticica. O manuscrito biográfico de José Oiticica serviu a esta narrativa como uma espécie de *script*, mas sem seguir o traçado estritamente cronológico para, com isso, dialogar com outras fontes primárias e secundárias com fluidez. Esta perspectiva foi inspirada na construção da "evidência interrogada" pela lógica histórica, de que tratou Thompson (1981), segundo a qual a partir do próprio material encontrado no processo de pesquisa se constrói a *ordem* ou a *desordem* do diálogo historiográfico.

Dos materiais utilizados na construção deste capítulo, destacam-se sonetos e artigos jornalísticos de autoria de Oiticica, o memorial de família[7]. Alguns de seus artigos jornalísticos foram selecionados da grande imprensa e da imprensa operária. Utilizamo-nos também de cartas de suas correspondências ativa e passiva, além das entrevistas realizadas com sua filha Sônia Oiticica. Foram feitas incursões na pesquisa historiográfica e da crítica literária jornalística[8] com o objetivo de reunir informações sobre o ambiente letrado do Rio de Janeiro nos inícios do século XX. Por fim, algumas narrativas, em especial as elaboradas por sujeitos que foram pares de trabalho de José Oiticica na imprensa anarquista também foram valorosas fontes.

Assim, esta pesquisa é resultante da análise dessa diversidade de fontes primárias e secundárias; constituídas por temporalidades; e lugares e distintos discursos.

Questões que buscaram traçar o primeiro lugar social de Oiticica, assim como os seus outros lugares sociais, em que podem-se constatar as bases gerais de sua formação, deram as diretrizes para o primeiro capítulo. Desse modo, nessa parte da pesquisa foram identificados elementos do ambiente familiar do autor, e as instituições escolares que o abrigaram como aluno. Além disso, nesse capítulo também é apresentada a inserção de José Oiticica nos principais estabelecimentos escolares onde exerceu a docência e as suas outras práticas educacionais. Nesse sentido, o texto apresenta algumas pessoas que foram importantes na vida de Oiticica, e, com isso, procura situar o trajeto de suas escolhas.

Com esta apresentação preliminar pretende-se lançar, ainda que de maneira

---

[7] Trata-se da pesquisa elaborada por Jarbas Elias da Rosa Oiticica, sem data, intitulada *Riachão*: *A história de um Engenho e das famílias que nos últimos trezentos anos transformaram-no em um completo sucro-alcooleiro*.
[8] Serviram como referências os trabalhos de Broca (2004); Sevcenko (2001); Dutra(2005); Fenerick (1997) e Luizetto (1984).

introdutória, as particularidades da experiência investigada, importantes para compor a noção fluída sobre o que foi a trajetória docente desse intelectual da educação brasileira.

## 1. A família e as primeiras letras

### 1.1 Duas cenas no *Engenho Riachão*: a casa paterna e o exílio

#### A CASA PATERNA

José Rodrigues Leite e Oiticica era o quarto dos sete filhos de Francisco de Paula Leite e Oiticica e de Ana Adélia Leite Pitanga. Ele nasceu em Oliveira, Minas Gerais, em 22 de julho de 1882, na fase em que o seu pai ocupava o cargo público de juiz daquela cidade.

Ao completar três anos, deixou a cidade mineira e mudou-se com sua família para o *Engenho Riachão*, a herança que o seu avô paterno, o Coronel Manoel Rodrigues Leite da Costa[9], deixou ao seu pai. Essa grande propriedade rural localizava-se em Rio Largo, Alagoas e, desde a metade do século XIX, era o local de moradia da família, onde Oiticica viveu a maior parte de sua infância.

As terras, antes denominadas *Mundaú*, fizeram parte de sua memória e aparecem em sua produção poética. Dois de seus sonetos referem-se às lembranças daquele lugar, e apresentam uma descrição do cotidiano e do funcionamento do Engenho, representando o cenário de sua infância:

As lembranças

Riachão! Avisto o engenho hoje parado
E a Casa Grande junto à capelinha
O alambique, o ingazeiro, a água, o cercado
Quase tudo o que outrora me entretinha.

Quase tudo! Não vejo mais o gado
O bambuzal, a casa de farinha
Não sinto agora o cheiro do melado;
A bica d' água em vão corre sozinha.

Foram-se cambiteiros, fôrmas, cana...
Cresce o capim na antiga bagaceira

Figura 2 Capela e casa grande do Engenho Riachão, sem data, acervo pessoal José Oiticica

[9] O sobrenome *Costa* foi substituído por Oiticica, (nome de uma árvore da flora brasileira) em 07 de abril de 1831. Com esta denominação Manoel Rodrigues Leite e Oiticica deu inicio a genealogia Oiticica. De acordo com o memorial que conta uma história sobre as famílias do *Riachão*, o avô de José Oiticica era formado em Humanidades, em Maceió, e em Medicina, no Rio de Janeiro. Era conhecido da população local por ser médico e Senhor de Engenho na região (OITICICA, J.B, s/d: p.111).

E o gongo mal nas pernas espadana

Ouço o rumor soturno da banheira
E sinto a minha vida, a vida humana,
A fugir-me, a fugir-me sem que eu queira
Rio 1-1-1918, José Oiticica.

Mundaú

Mundaú. Eis a ponte de madeira
E os pés de cana fístula na estrada
O rio tardo, os mulungus á beira;
Sob a ponte morcegos em revoada.

Toda a várzea, ao cair da tarde, cheira.
Chiam carros ao longe
A casa amada espera e a igrejinha sobranceira
Surge branca na luz que se degrada.

O cavalo vai sôfrego e eu sonhando
A arapuca, os sanhaços, a almanjarra.
Coisas de um tempo que nem sei mais quando.

Afora o pé de oiti, meu velho amigo,
Chorando junto à usina a que se agarra[10]
As horas idas que vivem comigo.
Rio 1-1-1918, José Oiticica.

Os sonetos evocam sons, cheiros e a paisagem que ambientaram a sua infância. O cotidiano da vida no engenho emerge das memórias de Oiticica que transitam nos sonetos com temporalidades distintas. Os versos suscitam certo lamento motivado pela observação da inoperância do engenho. As suas atividades diárias ficam subentendidas na descrição das partes constitutivas do *Engenho Riachão*. A nostalgia sobre o tempo lá vivido traz a marca do seu momento presente, o primeiro dia do ano de 1918.

No momento da escrita dos sonetos, Oiticica era um adulto, com trinta e seis anos e

[10] A "usina", citada pelo autor, em *Mundaú* na verdade são os vestígios dos alicerces de algumas paredes de uma usina que nunca chegou a ser erguida (OITICICA, R.B, s/data, p. 49).

sensibilizado com lembranças dos tempos da infância e juventude no *Riachão*. Além disso, já era um Catedrático de Português no Colégio Pedro II, militante anarquista, cronista das questões sociais e pai de sete filhos.

Aquelas terras abrigavam a terceira geração da família Oiticica. Para o autor, o *Riachão* motivava muitas lembranças, pois alguns acontecimentos marcantes de sua vida ocorreram ali, entre elas, o aprendizado da leitura com a sua mãe. Na escola do professor Estevão logo desenvolveu as primeiras letras. Foi no engenho que, no ano de 1905, casou-se com Francisca Aurora da Silva Bulhões.[11]

## O EXÍLIO

O *Engenho Riachão*, lugar da casa paterna e da infância, também foi para José Oiticica, em novembro de 1918, o seu cárcere. Esse episódio foi relatado por Oiticica e também foi narrado por sua filha Sônia Oiticica[12]:

> Nascemos por um acaso ou somos guiados pelos astros? Se for assim, eu deveria ter nascido no Rio de Janeiro, os astros me levaram até Alagoas. Por quê? Meu pai, anarquista, preso, acusado de ter sido o cabeça da grande greve de 1918, ia ser "deportado" para uma ilha qualquer da Guanabara; mas em atenção ao meu avô, então Senador da República, consentiram que ficasse preso no engenho da família em Rio Largo, Alagoas, onde nasci. Meu pai aceitou, contanto que fosse com minha mãe e os filhos. Mamãe, então já no fim da gravidez, entregou a casa, pegou a filharada e embarcou num naviozinho, que devia ser do Lloyd ou da Costeira, junto com meu pai preso. Éramos, então, já seis filhos: José, o mais velho, e as minhas irmãs: Clara, Vanda, Laura, Vera e Dulce. Nasci três dias depois da chegada ao engenho! Assim, era mais uma menina, e meu pai para consolar minha mãe foi dizendo "Zinha, é uma menina linda!" Sou, então, a sexta filha, e depois chegou mais uma, Selma. Completou-se a família[13] com um único filho e sete filhas; mas minha mãe e meu pai ficaram muito contentes (OITICICA, Sônia, *apud* VARGAS, 2005, p.15-16).

A cena trazida por Sônia exibe a viagem forçada da família ao *Engenho Riachão,* uma decorrência da participação de José Oiticica na greve de novembro de 1918, no Rio de Janeiro, a insurreição anarquista.[14] O seu relato deixa ver, as condições em que se deu o

---

[11] O casal teve oito filhos: José Oiticica Filho, Clara Isadora, Selma, Vanda, Vera, Sônia, Dulce e Laura Leite e Oiticica. No espólio de José Oiticica há um soneto de pedido de casamento e a foto de sua família datada em 1923. Esses dois documentos encontram-se nos anexos I e II, respectivamente.

[12] Depoimento de Sônia Oiticica à sua biógrafa Maria Thereza Vargas (2005, p.15-16).

[13] Ver o anexo I - fotografia José Oiticica e família, 1923.

[14] Para Edgar Rodrigues (1992, p. 241-242), "o movimento revolucionário" de 1918, conhecido por insurreição anarquista, concentrou-se no Campo de São Cristóvão e pretendia invadir a Intendência da Guerra, depósito de material bélico e a delegação de polícia. Para isso foi constituído o comitê, e Oiticica era um dos seus membros. A polícia relacionou os participantes da revolta na seguinte ordem: José Oiticica, Agripino Nazaré, Álvaro Palmeira, Ricardo Corrêa Perpétuo, Astrogildo Pereira, Carlos Dias, Manuel Campo Joaquim Morais, como dirigentes do plano, e como colaboradores 49 elementos, todos considerados subversivos. Edgar Rodrigues (1992, p.243) argumenta que o objetivo dos insurgentes não era tomar o Governo e colocar operários no poder, mas de rendê-los após apoderarem-se dos depósitos de armas, de São Cristóvão, e procederem em seguida à instauração do trabalho para a transformação social. Boris Fausto (1983, p.212) discute que a greve de novembro

embarque de José Oiticica: preso, com a sua mulher em final de gravidez e "acompanhada da filharada" a caminho da casa paterna.

Pode-se supor que, pelas condições da viagem, o lugar de lembranças da infância adquirira outros significados, provavelmente bem diferentes daqueles que podem ser captados pela leitura de seus sonetos que homenageiam aquele lugar ao estilo parnasiano, característico da geração de poetas do período.

### 1.1.2 Da escola unitária do professor José Estevão à Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro

José Oiticica e os seus irmãos aprenderam a ler com a sua mãe, dona Ana Adélia Leite Pitanga. No ano de 1888, freqüentou a escola unitária do professor José Estevão. Nessa época havia poucas escolas públicas. O quadro educacional do período de formação acadêmica de Oiticica, na última década do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, estava em incipiente conformação, bem como o processo de escolarização para todos ainda estava longe de acontecer.

Era comum que as famílias contratassem um professor para a alfabetização dos seus filhos, ou que procurassem os estabelecimentos da educação religiosa. Além dessas alternativas, havia professores que organizavam um curso oferecendo-o às famílias que tinham condições financeiras e que estavam interessadas em investir na educação dos filhos. Não há informações sobre a escola do professor José Estevão, mas é possível supor que essa escola se enquadrasse nesta última modalidade.[15]

José Oiticica deixou a escola unitária do professor José Estevão em 1890, com oito anos de idade, e continuou os seus estudos no Rio de Janeiro. A mudança de sua família de Maceió para o Distrito Federal deu-se em decorrência de um convite que o seu pai recebeu do

---

de 1918, no Rio de Janeiro, preparada principalmente pelos anarquistas (estes estavam na direção do sindicato têxtil renovada de seis em seis meses) deveria servir de base a uma insurreição revolucionária combinada com a revolta dos escalões das Forças Armadas. No plano da insurreição, os operários após a tomada de decisão pela greve deveriam descer de Botafogo e tomar o Palácio Presidencial do Catete com uma bandeira vermelha. A outra parte dos trabalhadores deveria se reunir no Campo São Cristóvão para atacar a Intendência da Guerra. Os conspiradores foram convencidos em Assembléia a concentrar-se apenas no Campo de São Cristóvão. Denunciados, eles foram presos na tarde de 18 de novembro de 1918. A narrativa de Boris Fausto baseou-se no relato de Moniz Bandeira (1967). As versões apresentadas são controvertidas entre estes autores, e também o são em vários estudos da historiografia das classes operárias. Ver o trabalho Carlos Augusto Addor (2002), que trata com centralidade da Insurreição anarquista de 1918.

[15] A escolarização em massa, cujo signo foi o *Grupo Escolar*, uma inovação de ensino surgida pela primeira vez em São Paulo, em 1893, e o seu processo de implantação levaram três décadas para se organizar e disseminar: a sua forma escolar com organização por graus, o método de ensino simultâneo, classificação homogênea dos alunos, com várias salas de aula e com vários professores. Foi um longo processo que levou o método tradicional a ceder lugar ao método intuitivo e tornar professores e professoras profissionais da educação (SOUZA, 1998, p. 20-21). Esse processo só foi conhecido por José Oiticica na condição de professor.

novo Governo Republicano para compor a Assembléia Constituinte, uma vez que ele ocupava, nesse período, a função de deputado por Alagoas.

Em 1891, José Oiticica, inicialmente, teve aulas de português, francês e latim com o seu pai. Posteriormente, foi matriculado no internato do *Colégio São Luís de Gonzaga* em Petrópolis, um estabelecimento católico dirigido pelo padre Ernest Ledue. Depois ele foi matriculado no Seminário Arquidiocesano de São José.[16] No entanto, não foi nessa instituição que José Oiticica terminou o ginasial.[17] Três anos depois ele foi matriculado no Colégio Paula de Freitas, que oferecia aos alunos também os cursos preparatórios.[18]

Com quinze anos José Oiticica saiu do Colégio Paula de Freitas e se matriculou no *Anexo à Escola Politécnica,* onde fez o curso de desenho. Durante esse curso, Oiticica ingressou na Faculdade de Ciências Jurídicas do Recife em Direito e o concluiu na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Essa opção deu-se no quadro de possibilidades oferecidas pelo ensino superior brasileiro naquele período.

No decorrer do século XIX, os cursos superiores se organizavam nos núcleos urbanos.[19] Aqueles que se encaminhavam à formação superior no Brasil podiam escolher um dos três tipos oferecidos no século XIX: os cursos das carreiras liberais[20], os seminários episcopais, destinados aos que optavam por seguir a carreira eclesiástica; e os militares, da Marinha e do Exército, estes últimos decorrem da "modernização" do Exército como um desdobramento da Guerra do Paraguai (RAZZINI, 2000, p.23).

---

[16] O Seminário São José localizava-se no Morro do Castelo (fundos da atual Biblioteca Nacional e da Justiça Federal no centro do Rio de Janeiro).

[17] A razão da transferência de um estabelecimento escolar religioso para um laico é relatada pela historiografia militante anarquista como uma espécie de marco inicial das atitudes libertárias de Oiticica. Neves (1970, p. 8) e Rodrigues (1993, p. 35) explicam que Oiticica *se rebelou contra os bolos de um padre-mestre* e que essa atitude marcou o seu primeiro *posicionamento libertário.*

[18] Até o início da República o *Secundário* ainda não tinha se institucionalizado como um curso de estudos seriados em todo o país. Por essa razão, os exames preparatórios eram um canal para o ingresso oficial no ensino superior. Entre as alternativas para o acesso aos cursos superiores: realizar os estudos secundários no Colégio Pedro II, uma instituição padrão para o ensino secundário desde o Império, em razão de ter organizado os estudos em um sistema regular, seriado, que concedia ao final do curso o título de bacharel em Letras, garantindo aos alunos o acesso direto ao nível superior; obter aprovação nos preparatórios era alternativa para aqueles que tinham pressa em chegar ao curso superior. Aqueles que conseguiam aprovação nesses exames recebiam um certificado de aprovação e poderiam ingressar nas academias brasileiras. Esta era uma exigência legal para a matrícula nos cursos jurídicos. Sobre esse assunto, consultar: Silva (1956) e (1969); Haidar (1972).

[19] Em Recife e São Paulo havia as Academias Jurídicas, fundadas em 1827; no Rio de Janeiro, Academia Militar, criada em 1811 e o Curso de Medicina em 1813; que também foi estabelecido na Bahia no mesmo ano; e a Escola de Minas, em Ouro Preto no ano de 1875.

[20] Segundo Edmundo Campos Coelho (2004) em *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro, 1822-1930* diz: "[...] profissão liberal seria a atividade especializada que requer preparo através de treinamento formal de nível superior, que encerra prestígio social ou intelectual ou ambos, que é praticada de forma autônoma e cuja base de conhecimentos é de natureza predominantemente técnica ou intelectual." (p.24), vale ressaltar que este conceito se aplicava ao período destas atividades supracitadas, sendo que esse autor confronta este mesmo conceito as profissões que se destacam nas décadas posteriores a 1930.

Em geral, os cursos das "carreiras liberais" mais procurados eram Medicina, Direito e Engenharia; sendo que com a escassa oferta de cursos superiores existentes no Brasil, é possível afirmar que ingressar em uma dessas academias fazia parte do roteiro ideal para a formação dos filhos das famílias abastadas, cujos cursos oferecidos eram os que "davam anel", ou seja, que proporcionavam a formação "bacharelesca", porém era incerta a atuação na mesma área de formação[21]. Os homens da família Oiticica escolheram cursar as faculdades de Recife e do Rio de Janeiro.

Após concluir o curso de Direito, José Oiticica resolveu cursar Medicina. O seu contato com a área médica aconteceu dentro do mesmo curso, pois as cadeiras de Medicina Legal e de Higiene Pública faziam parte do ensino jurídico e só foram unidas mais tarde no curso de Medicina Pública.

A conformação do ensino superior na última década do século XIX ajuda a compreender a dedicação "multidisciplinar" de José Oiticica. À medida que se percorre os seus artigos, ensaios jornalísticos e os seus livros, nota-se que ele se dedicou ao estudo de temas relacionados às áreas das ciências naturais e das ciências sociais. Em seu manuscrito biográfico, Oiticica declara que no "quarto ano, o estudo de Medicina Legal [mostrou-lhe] a necessidade de conhecer as ciências naturais levando-o a matricular-se na Faculdade de Medicina, que cursou com grandes interrupções até o final do 3º ano".[22]

Este curso não despertou nele qualquer desejo em continuar os estudos em medicina, algumas características que se pode verificar dessa experiência é o desdobramento de certas atitudes de Oiticica em relação ao vegetarianismo, a sua reprovação ao alcoolismo e ao tabagismo. Esse era um comportamento comum e aparecia nos discursos de muitos intelectuais do período[23], quando as teorias do *higienismo* se manifestavam na atmosfera da

---

[21] Ainda segundo Coelho (2004) uma porcentagem alta de egressos do curso de medicina dependiam de outras atividades para o seu sustento, os estudantes egressos do curso de direito, dificilmente se dedicavam à advocacia *strictu sensu*, se encaminhavam "[...] em diferentes momentos de sua carreira passagens pela magistratura, ministérios, presidência de província, Conselho do Estado, Senado ou Câmara [...]" (p. 92) e os engenheiros que "evitando a identificação de seu ofício com qualquer tipo de atividade 'mecânica'. Não eram de trabalhar nos canteiros de obras [...] Examinavam contratos, escreviam pareceres, fiscalizavam obras [...] desfrutavam de depauperado prestígio social[...]" (p. 95).

[22] Manuscrito biográfico pertencente ao acervo pessoal de José Oiticica.

[23] As adesões de José Oiticica ao vegetarianismo, pela medicina natural e pela homeopatia se consumaram no decorrer da vida. Nos encarceramentos a partir de 1918, a sua alimentação era baseada em frutas, especialmente bananas e vegetais, além disso, eram campanhas da imprensa libertária que combatia os vícios presente no capitalismo, como o tabagismo, alcoolismo, jogos de azar etc. Nos anos 1930, quando Oiticica começou a freqüentar a Fraternidade Rosa Cruz, os estudos decorrentes dessa inserção ocuparam maior espaço em seu cotidiano fortalecendo essas adesões e, também, a sua disciplina com exercícios de concentração e meditação. Esses hábitos aliaram-se as críticas políticas ao trabalho dos laboratórios farmacêuticos aos interesses econômicos, que ao seu juízo estavam comprometidos com o lucro e pouco interessados na cura dos pacientes. Essas concepções se expressaram na educação dos filhos, todos tratados com a medicina homeopática, e também em sua produção literária.

*regeneração social* [24], que marcou os inícios do século XX.

O médico e professor da Faculdade de Medicina Floriano de Lemos foi quem mais estimulou José Oiticica na adesão ao vegetarianismo. Trabalharam juntos no jornal *O Correio da Manhã* e criaram, no final da década de 1920, o *Boletim Científico*. Mais tarde, este impresso ficou somente aos cuidados do professor Floriano, ganhando a sua nova denominação *Crônica Científica.* Tais impressos tinham como principal objetivo a sustentação de uma campanha de regeneração pelo vegetarianismo.

### 1.1.3 A educação e a família: tal pai, tal filho?

No decorrer da formação de José Oiticica percebem-se intercessões de seu pai em suas escolhas de atividades profissionais, destacando-se a opção pelo curso de Direito e depois a docência em História e Português. A sua inclinação ao estudo dos idiomas, o seu gosto literário pela poesia, pelo teatro, a sua colaboração na imprensa foram também estimulados pelo ambiente familiar. Pode-se aferir em seu manuscrito biográfico, "aprendeu a ler com a sua mãe", "estudou idiomas com o seu pai" e fundou o *Colégio Latino Americano* "por conselho e auxílio de seu pai".

Essas observações não devem ser compreendidas como linearidades de causa e efeito, pois uma escolha supostamente individual traz em si os conteúdos de seu tempo e dos lugares sociais encarnados em seus pertencimentos. Além disso, há incontáveis aspectos que fazem cada indivíduo e, ainda, cada escolha terem caráter único e contraditório, seja em sua essência, seja mesmo em sua aparência. Mais do que questionar, mensurar ou julgar as preferências de José Oiticica, o objetivo aqui perseguido é apresentar o contexto em que se deram as suas escolhas. Parte-se do pressuposto de que a família de José Oiticica foi o seu primeiro lugar social. Por isso a pesquisa pautou-se na importância da contraposição e/ou apresentação de alguns elementos que concorreram para as tomadas de decisões de José Oiticica em sua trajetória e itinerário de formação.

Era recorrente a perspectiva da elite em tornar os seus filhos *homens de letras*, o que se intensificou significativamente a partir do final do período imperial, quando os ares do liberalismo tentavam oxigenar o projeto de organização do Estado nacional brasileiro. O pertencimento à categoria dos *homens letrados*, diplomados era um signo de poder e forjava as condições necessárias para a construção de um lugar de destaque na hierarquia social.

[24] Ver: José Murilo de Carvalho (1998) e (2004) pesquisas que tratam do cenário do Rio de Janeiro em seus aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos.

Lançar-se aos *estudos bacharelescos*, e assim compor essa categoria, era, portanto, uma posição de poder na sociedade da *cidade das letras.*[25]

Os itinerários daqueles que passavam pelos estudos das chamadas *profissões liberais*[26] conduziam, em geral, aos cursos cujas carreiras possibilitavam pleitear a ocupação de cargos públicos, de se tornarem políticos, ou então juristas, médicos e professores. Essas trajetórias são confirmadas pelo exame das carreiras profissionais do avô, do pai e dos irmãos de José Oiticica.[27]

O avô de José Oiticica, o Coronel Manoel Rodrigues Leite da Costa, foi o iniciador da família, adotando o sobrenome Oiticica. Formou-se em Humanidades, em Maceió, e em Medicina, no Rio de Janeiro. Era conhecido da população local por ser médico e senhor de engenho na região. Mais tarde tornou-se comendador da ordem de Cristo. Não era o seu desejo que o seu único filho se dedicasse somente às questões rurais, por isso encaminhou o pai de José Oiticica ao curso de Direito. Esse comportamento era considerado uma espécie de padrão para as famílias das elites agrárias.

O Dr. Francisco de Paula Leite e Oiticica, pai de José Oiticica, titulou-se como Bacharel, em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Recife, no ano de 1872 e dedicou-se ao estudo de línguas. Ele lecionou História no *Liceu de Artes e Ofícios* de Maceió e Alemão no *Liceu Alagoano*. A carreira pública foi a vereda optada pelo patriarca. Ele ocupou os cargos de promotor público, no interior alagoano, de juiz municipal, em Minas Gerais, e de chefe de polícia no Governo Republicano de Alagoas. Na política, ele foi deputado provincial, na legislatura de 1874; e senador da República, em 1891, voltando depois a ser chefe de polícia em Alagoas.

O jornalismo também foi uma área de atuação do senador Francisco. Ainda no período em que era aluno do curso de Direito, ele participou da imprensa acadêmica e, tal como consta no memorial de família, ao longo de sua vida profissional nas carreiras jurídica e

---

[25] A modernização e urbanização da cidade do Rio de Janeiro são compreendidas tal como Angel Rama (1985) pensou esse processo nas cidades latino-americanas, ou seja, no contexto da internacionalização do capitalismo e do avanço da divisão social do trabalho. Na obra *A cidade das letras* (1985), discute a origem, a formação e o desenvolvimento das cidades latino-americanas no quadro da modernidade capitalista, tendo em vista a relação entre a cultura letrada e as culturas populares; analisa o lugar ocupado pelas elites letradas no exercício das linguagens simbólicas da cultura na formação das cidades latino-americanas que ajudam a compreender a crença nas profissões que *davam anel* como signo de poder; questiona o papel do intelectual, no que diz respeito a sua interpretação e a sua intervenção nas análises e ações políticas do processo de objetivação do capitalismo na América Latina.

[26] Termo empregado por Edmundo Campos Coelho (2004, p.24) em seu estudo As profissões imperiais no Rio de Janeiro 1822-1930.

[27]José Oiticica tinha quatro irmãos: Francisco de Paula Leite Oiticica Filho, Luiz Leite Oiticica, Manoel Rodrigues Leite Oiticica e Álvaro Leite Oiticica, que se tornaram bacharéis em Direito e em Medicina. Sobre as duas irmãs Francisca Leite Oiticica e Celsa Leite Oiticica, não há informações no memorial de família, mas a pesquisa supõe que eram letradas, pois a mãe de José Oiticica teve a incumbência de ensinar os filhos a ler.

política, ele foi colaborador do jornalismo da grande imprensa, publicando crônicas, artigos, sonetos e também duas peças de teatro.[28]

A formação de José Oiticica coincidiu, em alguns aspectos, com a de seu pai. Tal como ele, ao longo de sua formação, empenhou-se no estudo de idiomas, escreveu peças teatrais e atuou no jornalismo. Ainda ambos ministraram aulas de História.

A convivência familiar teve peso fundamental na sua formação. Quando observamos aspectos como a criação musical, a literatura, o estudo de idiomas, a produção jornalística, o teatro e a docência, percebemos as recorrências das trajetórias de pai e de filho. No entanto, mais que as similitudes, foram as diferenças entre os caminhos de formação e de atuação profissional de um e de outro que elucidam a compreensão sobre o seu itinerário de formação.

O pai optou a partir da formação em Direito se encaminhar a magistratura, a câmara como deputado do Império, senador da República e chefe de polícia. O filho recusou-se a seguir qualquer ramo do Direito, investiu no magistério, nos estudos de Filologia, na autoria de livros didáticos, opúsculos e ensaios sociológicos. Tornou-se professor, autor, jornalista e militante da propaganda social anarquista.

### 1.1.4 Jurista não: anarquista![29]

Os rumos tomados por José Oiticica em sua trajetória social foram constituídos por debates, pelas discussões, entraves e ações na militância anarquista, pelos estudos na área da língua portuguesa, pela sua produção literária e por sua incursão no jornalismo. Atividades estas feitas por escolhas próprias, que o distanciaram de "qualquer ramo do Direito". Para ele o enfrentamento das questões sociais era incompatível com as atividades de um jurista.

O ano de 1918 foi para José Oiticica um ano de afirmação na militância anarquista, de debates com figuras de destaque do cenário político e intelectual brasileiro, marcando a sua trajetória como cronista da imprensa social. Nesse ano, José Oiticica escreveu uma carta contra Rui Barbosa com investidas provocativas que deixavam ver a sua aversão ao Direito e as atividades decorrentes desse curso.

A carta foi publicada na primeira página do jornal *Correio da Manhã*, de 26 de fevereiro de 1918, e foi redigida em protesto ao apoio que Rui Barbosa deu à candidatura de Evaristo de Morais, declarado em artigo anterior para o mesmo jornal.

---

[28] O Senador Dr. Francisco de Paula Leite e Oiticica publicou antes do nascimento de José Oiticica duas peças teatrais intituladas: uma *Dona Clara Camarão*, em 1877, e outra com o título *Pai* (s/d). No memorial de sua família consta que ele era colaborador da imprensa de Alagoas e do Rio de Janeiro. (ROSA E OITICICA, s/data, p. 118-119).

[29] Na carta a Rui Barbosa de 1918, José Oiticica opõe-se a seu interlocutor como jurista em contrapartida a ele como anarquista, dessa forma o subtítulo faz uso das palavras do discurso jornalístico dele.

A seguir alguns trechos comentados mostram a posição de Oiticica em relação ao Direito:

> V. Exª dá mão-forte ao Sr. Evaristo de Morais, e faz bem. Os operários vêem nisso o apoio justo de um legista ao colega recém-formado.
>
> Desgraçadamente, é quase certo que os operários brasileiros, analfabetos quase todos, se apalermem diante dos conselhos mansos de V. Exª e votem no Sr. Evaristo de Morais. Pagam assim com *habeas-corpus* e mais serviços grátis. (OITICICA, *Correio da Manhã*, 26-02-1918, p.1, *apud* NEVES, 1970, p.52, grifos nossos).

O candidato apoiado por Rui Barbosa posicionava-se no meio operário como um socialista disposto a ser o porta-voz dos trabalhadores. Essa posição não agradou as lideranças dos grupos libertários das quais José Oiticica era integrante. A disputa com os socialistas intensificou-se com as reverberações nas lutas sindicais do movimento operário brasileiro, dado pelo avanço do bolchevismo no pós-Revolução Russa de 1917.

Rui Barbosa era uma figura destacada, como intelectual, como político, como literato e jurista. Ter o seu apoio potencializava as chances de eleição de Evaristo de Morais. Oiticica já demonstrara antes a sua decepção com o Direito e com as atividades do jurista, a carta foi mais uma oportunidade de ele externar suas idéias e lançar as suas críticas a este intelectual:

> (...) a religião e o Direito. São eles os responsáveis que mantêm a organização social ótima para V. Exª e para os de cima, e horrorosa para os de baixo, os trabalhadores. Essa organização permite que V. Ex exija cem, duzentos, trezentos contos por uma causa para mostrar aos tribunais, que os dois mil contos que Fulano tem pertencem a Sicrano. Esse extraordinário trabalho de V. Exª (podia referir, por exemplo, ao engenhoso parecer de V. Exª sobre *os bens da mão morta*) merece o prêmio de um quinhão farto de riqueza humana. Muito bem, mestre ilustre! Agora respondo eu: Em primeiro lugar, nem todos os advogados são ricos como V. Exª Há muitos cujo capital-talento é reduzido como rabo de cotia. O argumento que poderia valer para V. Exª não vale para a maioria deles, vadios quase na totalidade, chicanistas a pedir basta, trapaceiros à vontade do corpo. (OITICICA, *Correio da Manhã*, 26-02-1918, p.1, *apud* NEVES, 1970, p.48).

Nesta carta Oiticica deixa evidente todo o seu conhecimento sobre as obras de Rui Barbosa e se posiciona em um terreno oposto. Avesso às práticas profissionais do Direito, ele ironiza a figura do jurista:

> Extraordinário mestre!
>
> Desde os quinze anos, habituei-me a ler tudo quanto V. Exª escreve ou diz, livros, discursos, conferências, pareceres, artigos, acompanhando o pensamento de V. Exª da campanha abolicionista à civilista, das *Lições de calkins* às finanças da República, do prefácio de *Guliver* às *Cartas de Inglaterra*, de *O papa e o concílio* ao parecer sobre o ensino, do célebre artigo *Pornéa* à série de liquidação final, à famosa *Réplica*, a conferência de Buenos Aires, etc, etc (...) em tudo o mais, diametralmente opostos: V. Exª apesar do prefácio ao livro de *Jânus*, é católico, apostólico e romano, não sei ainda porque não conde papal; eu, herege e, não sei por que, ainda não excomungado. V. Exª

sempre foi, é e será político, e eu sempre detestei, detesto e detestarei política; V. Exª é homem do Direito, das leis, advogado incomparável, eu antijurista, sujeito para quem a fonte das desgraças é o direito, e um dos malfeitores da sociedade o advogado; V. Exª resumamos, é republicano ou monarquista (não sabemos bem, nem eu nem V. Exª), em todo caso conservador, amigo do Estado, defensor da ordem legal, anti-socialista; eu nem republicano, nem monarquista, nem democrata, vendo como vejo na ordem legal a compreensão legal, na democracia a seleção das incompetências. (OITICICA, *Correio da Manhã*, 26-02-1918, p. 1, *apud* NEVES, 1970, p.46).

Desse confronto emerge a representação da figura do anarquista para o jurista e os seus "amigos"; em contraposição, outra representação, a do anarquista propagandista da sociedade nova, para isso faz uma alusão indireta aos dez mandamentos bíblicos, uma ironia desdobrada de sua participação nas correntes do anticlericalismo e do livre pensamento[30]:

"Anarquista"! Gritará V. Exª e, em torno dos amigos de V. Exª, padres e juristas, generais, condes, políticos e comerciantes, ouvirão trons de dinamites, sentirão o fedor de pólvora, verão punhais erguidos. O Sr. Arcoverde benzerá V. Exª, o sr. Chefe de polícia alarmará secretas, o Sr. Modesto Leal reforçará a burra ou as burras.

Peço a todos calma. Nunca surrei ninguém, nunca matei ninguém, honro pai e mãe, não cobiço a mulher do próximo, dou pão a quem tem fome, visto os nus, não cobro a ninguém, obedeço fielmente às leis do meu país, cumpro os meus deveres meticulosamente, não faço operação por quatro contos, não exijo vinte por cento dos inventários, não prorrogo sessões da Câmara remuneradas, não ganho mil réis de cada firma reconhecida, não faço contrabandos, não especulo, não fumo, não bebo, não conheci Bolo-Paxá. Creio-me modéstia à parte, um sujeito sofrível, nem ótimo para santo (tenho bom gosto), nem ruim para o xadrez. [...] (OITICICA, *Correio da Manhã*, 26-02-1918, p.1, *apud* NEVES, 1970, p.47)

Oiticica procura dissipar o estigma *dos trons de dinamite*[31] que pairava sobre a sua imagem como militante anarquista e, ao mesmo tempo, diminuir a imagem de confiabilidade do jurista. Um de seus objetivos era mostrar que Rui Barbosa não estava, nunca esteve, em nenhuma medida, a favor da questão social:

---

[30] As inserções de José Oiticica nas correntes do livre pensamento e do anticlericalismo serão abordadas no próximo capítulo.

[31] A expressão *trons de dinamite* utilizada por Oiticica deve-se ao fato de a militância anarquista em geral ser associada por alguns à corrente conhecida como anarcoterrorismo. Esta era a faceta reconhecidamente mais feroz e brutal do anarquismo na Europa. Nesta corrente, cuja expressividade maior se deu no final do século XIX. Pequenos grupos em situação de isolamento e ilegalidade faziam uso da radicalização da idéias de propaganda pela ação. Para exemplificar as ações desses grupos, um artigo do jornal francês intitulado *Produtos antiburgueses* divulgava a necessidade de todos conhecerem as ciências técnicas e químicas e ensinava aos leitores como fabricar bombas: *Nós colocamos sob os olhos dos nossos amigos os materiais inflamáveis e explosivos mais conhecidos, os mais fáceis de manipular e de preparar, e, em uma palavra, os mais úteis. É necessário que, para a luta que se aproxima, cada um seja, um pouco mais químico.* As ações de matar membros do governo, políticos burgueses, autoridades eclesiásticas eram vistas como atos ideológicos e havia chamados de luta *Viva a dinamite. Viva a Revolução Social. Viva a anarquia. Chegará, chegará. Cada burguês sua bomba receberá*. Em resposta a essas táticas, jornais libertários publicavam artigos censurando a dinamite, as ações individuais e defendendo as ações coletivas dos trabalhadores como impulsionadoras da Revolução Social (VALADARES, 2000, p.28-29).

> [...] ouso inquirir de V. Exª o seguinte: "Quem sustentava V. Exª enquanto estudava no colégio e na academia?" Meu pai! dirá V. Exª e eu contesto: "Não. O pai de V. Exª pagava o colégio, a academia, Vestia V. Exª, comprava livros, gastava dinheiro. Dinheiro é riqueza, representação social da *riqueza produzida pelos trabalhadores.* Enquanto V. Exª, felizardo, estudava e desenvolvia o seu espírito, milhares de crianças sem pai rico não podia estudar, e não podiam estudar por que a sociedade os obrigava a trabalhar, para viver nas oficinas, nas fazendas, nas senzalas. É verdade no tempo de V. Exª estudante e acadêmico, era senzala, o negro escravo, os molequinhos que não tiveram a fortuna de nascer brancos com V. Exª e filhos de homem rico e influente. V. Exª se educou com as mortificações desses desgraçados, com o sangue do proletariado negro que sustentava os senhores déspotas. Conheço toda a campanha de V. Exª pela abolição. Confesso que me dá a impressão de uma defesa apenas de jurista que se envergonha de ver a escravidão porque os juristas a condenaram, as leis burguesas a repelem, os Estados a repudiam. Não vejo o homem que sente e se revolta. Exatamente como agora V. Exª reconhece certas reivindicações porque os tratadistas as proclamaram, depois da ameaça coletiva dos trabalhadores, os parlamentos as aceitaram por não ter remédio, os capitalistas as toleram para evitar maior mal. Pois os trabalhadores de hoje são os escravos de ontem.[...]
>
> Sou de V. Exª admirador sincero e perigoso, José Oiticica.
>
> (OITICICA, *Correio da Manhã*, 26-02-1918, p.1, a*pud* NEVES, 1970, p.52)

Seus argumentos sobre a questão social revelaram uma leitura avançada e marcada pela literatura militante inserida no país[32]. Os conflitos do capital x trabalho, as injustiças sociais remontando ao passado escravista brasileiro são argumentos de Oiticica para marcar de maneira contundente a distância entre Rui Barbosa e ele. O primeiro distante das questões sociais, e o segundo distante do Direito, da Igreja e comprometido com as causas operárias.

Artigos como os citados anteriormente foram elaborados na fase de maior efervescência do movimento operário, quando os grupos anarquistas estavam na condução das greves que continuaram a ser deflagradas até o episódio de 1918, a insurreição anarquista que ocasionou a sua primeira prisão. O seu interesse pela questão social estava centrado no trabalho de militância, tal como foi verificado pela pesquisa nos registros de suas conferências sociais e nos artigos para a imprensa libertária.[33]

---

[32] Essa literatura foi introduzida principalmente pelas levas de imigrantes que constituíram as nossas classes operárias e, entre os quais líderes desses segmentos embrenhados no sindicalismo desenvolvido no período. Entre eles os articulistas, simpatizantes e militantes nos jornais anarquistas, estavam em contato com discussões que envolviam concepções de líderes das correntes anarquistas preocupados com a educação, como, por exemplo, os russos Mikhail Bakunin e Pietr Kropotkin, o inglês William Godwin, o alemão Max Stirner, os franceses Pierre-Joseph Proudhon e Paul Robin, o italiano Errico Malatesta. Além desses filósofos anarquistas, havia um intenso debate sobre o racionalismo de Francisco Ferrer y Guardía.

[33] A imprensa operária começou a ser criada no Brasil no final do século XIX, atingindo consistente organização nas duas primeiras décadas do século XX. Para o seu desenvolvimento contou com a forte presença da militância anarquista (entre outras correntes de esquerda), e também com a participação de um elemento imprescindível à sua organização, o profissional gráfico. Segundo Maria Nazareth Ferreira, em seu estudo *A imprensa operária no Brasil* "estes profissionais, pela exigência de sua atividade, eram alfabetizados, de forma que desenvolveram e utilizaram o jornal com infinitos resultados positivos" (FERREIRA, 1978, p.14). Sobre a imprensa libertária ver: Hardman (1983); Khoury (1988); Giglio (1995); Dutra (2002); Gonçalves (2002), Figueira (2003).

A fala de José Oiticica denota a sua visão sobre o trabalho do profissional bacharel em Direito e mostra as suas adesões ao anarquismo. Emergem do seu discurso, argumentos retirados do terreno do adversário. Do qual antes ele, José Oiticica foi um integrante. Essa carta a Rui Barbosa pode ser compreendida como ratificação de sua decisão, do início dos anos 1900 em não seguir o Direito.

Nessa carta a Rui Barbosa, Oiticica criticou o caminho do bacharel recém-formado Evaristo de Morais, por sua opção de aceitar o caráter "amistoso" do jurista Rui Barbosa em troca de futuras concessões possíveis na "utilidade" de porta-voz dos trabalhadores.

Como se verificou até este momento da narrativa, José Oiticica optou por romper com a perspectiva mais confortável da carreira da política institucional, do trabalho nas repartições públicas e das estratégias de construção de relações passíveis de abrirem portas ao êxito profissional. Em lugar disso, a sua trajetória foi construída no magistério carioca e por uma vida voltada à militância anarquista, o que implicava dedicar-se às práticas da educação anarquista, opondo-se a três grandes inimigos: Estado, Capital e Religião.

## 1.2 A Trajetória do professor José Oiticica

### 1.2.1 O cronista social da imprensa ilustrada e do novo jornalismo

Desde o final do século XIX, as academias de Direito possuíam um ambiente extra-ensino que reunia a literatura, as leituras sociológicas, a militância política e as práticas do jornalismo. As experiências dessa ambiência, segundo a pesquisa de Sérgio Adorno (1988) permitiam a formação de um tipo específico de intelectual caracterizada por não seguirem os rigores acadêmicos[34], também segundo Coelho (2004) um mercado insipiente, cuja formação em Direito, não era garantia de exercer a advocacia, tal como prescrita nos tramites judiciários da época, ocupados em sua maioria por "solicitadores ou rábulas" no exercício jurídico cotidiano (p. 91). A imprensa acadêmica atraía a atenção dos alunos e provocava na maioria

---

[34] No estudo de Sérgio Adorno (1988): *Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira,* mais especificamente o capítulo 3 trata sobre a formação do bacharel na Academia de Direito em São Paulo com objetivo principal de traçar o perfil do profissional egresso dessa instituição. O autor mostra um hiato entre o que era ensinado em sala de aula e o que era aprendido com as práticas jornalísticas na imprensa acadêmica, esta articulada à militância política. Em sua pesquisa, o autor investigou os aspectos da estrutura curricular, as práticas das aulas, as teses, os concursos de admissão às vagas dos substitutos, a indicação e elaboração de manuais e de compêndios, os documentos e as manifestações da militância política, durante o século XIX. Considerando o tipo de fontes utilizadas pelo autor, é possível supor que alguns dos traços de um tipo específico de intelectual atribuído ao bacharel em Direito sejam também característicos do processo de aprendizagem do aluno dos cursos de Direito do Rio de Janeiro e de Recife, pelo menos no que diz respeito à funcionalidade da imprensa acadêmica na formação do bacharel.

deles uma inclinação para dedicar-se ao jornalismo que se desenvolveu como uma inclinação entre os estudantes de Direito do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Recife.

A atividade do jornalismo era, portanto, uma prática recorrente dos *homens das letras*. Eles trabalhavam como cronistas literários, realizavam conferências, alguns conseguiam publicar os seus livros no restrito mercado editorial. Tais práticas se deram principalmente a partir dos anos 1900, quando as folhas jornalísticas se multiplicavam e essas atividades literárias estampavam os espaços da recente imprensa ilustrada na modernidade na *cidade das letras*.

O início das atividades jornalísticas de José Oiticica deu-se no quadro de desenvolvimento dessa nova imprensa, que caracterizou numa nova maneira de se fazer jornalismo.[35]

Os jornais substituíram os processos artesanais e ampliaram o parque gráfico, diversificando-o em setores na sua produção.  Com isso, o seu preço tornou-se mais acessível à população. Essas transformações tornaram o jornal um objeto de consumo cotidiano embora ainda para uma parcela minoritária da população. Juarez Bahia (1990), em seu estudo *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*, nos conta que nessa nova fase da imprensa:

> [...] a tipografia do jornal mantém uma seção de obras para encomendas de terceiros. As dependências da redação e da oficina abrangem setores de gravuras, desenho, zincografia, galvanoplastia. As caixas são as francesas. Máquinas rotativas Marinoni dominam o sistema de impressão, que conjuga o molde e o chumbo quente de estereotipia. Imprimem, cortam e dobram os exemplares que saem aos milheiros. A distribuição tornou-se mais complexa, reunindo assinantes e venda avulsa, leitores locais, nacionais e do exterior (...). O jornal se divide se setoriza, quer ser o paladino das queixas populares. (BAHIA, 1990, p. 108-109).

Essas mudanças provocaram repercussões sobre o grupo intelectual dos anos 1900. Entre os fatores diretamente ligados às transformações dessa imprensa, cabe mencionar a transição da tipografia artesanal para a industrial.

Foi esse desenvolvimento técnico que contribuiu para a expansão da imprensa de entretenimento e da operária e que fez emergir um “novo jornalismo”. O texto literário passou a ser apresentado em linguagem mais simples. Os periódicos passaram a usar o recurso das charges e das chamadas com jargões, e o jornal tornou-se porta voz das reivindicações populares.

Surgiram inúmeros periódicos operários, quebrando o monopólio da grande imprensa.

---

[35] Sobre o desenvolvimento da imprensa ilustrada em São Paulo e Rio de Janeiro, ver, Bahia (1990), Broca (2004); Cruz (2000); Dutra (2005); e Sevcenko (2003).

A imprensa operária, aos poucos, marcava o seu lugar na cultura letrada das cidades, como nos explica Heloísa de Faria Cruz (2000, p. 128):

> Buscando adequar-se às características plurinacionais da nascente classe operária, as folhas tipográficas vêm à luz em diversos idiomas [...] encontra-se uma profusão de artigos doutrinários dos teóricos internacionais do anarquismo e do anarcosindicalismo, de denúncias das condições de vida e trabalho na cidade, nas fábricas e oficinas, de convocação de assembléias e atividades culturais dos centros e sindicatos, de orientação dos movimentos grevistas, de combate à religião, de crítica às versões da imprensa burguesa para os mais variados acontecimentos, à ação da polícia ou dos políticos burgueses.

Particularmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, as transformações advindas da *cidade das letras* fizeram crescer tanto os órgãos jornalísticos, como os da educação, configurando-se um campo que não podia mais ser tão controlado pelas esferas governamentais. A ampliação do circuito letrado da cidade, decorrente da dinâmica das transformações sociais, políticas, permitiu a circulação de idéias e desnudou pelo desenvolvimento da imprensa os embates entre vários segmentos sociais que se juntavam em razão de suas afinidades e dos seus interesses.

José Oiticica, egresso dessa formação, colaborava em jornais, tanto da imprensa acadêmica como de periódicos da grande imprensa. A julgar pelos conteúdos de seus artigos, demonstrava que os seus interesses intelectuais estavam direcionados às leituras sociológicas para o exame das questões sociais.

O sobrenome Oiticica era conhecido no meio jornalístico, em parte pela vida política de seu pai, com seus artigos e peças teatrais publicados, e, por outro lado, pelo fato de seu irmão Francisco ser colaborador da imprensa carioca.

Na grande imprensa, Oiticica foi colaborador dos jornais: *Cidade do Rio*, *O Mundo*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *A Pátria*. Participou ativamente da imprensa libertária, e foi diretor de redação dos seguintes periódicos:

- A revista *A vida*, foi fundada em 30 de novembro de 1914 sob a direção de José Oiticica, em parceria com o médico Francisco Viotti, e de um grupo formado por Fábio Luz, Astrogildo Pereira, Orlando Correia Lopes, Hermes Fontes, Primitivo Soares, Efrem Lima, que compunham a sua redação. Além desses sujeitos contou com a colaboração de João Penteado e Adelino Pinho, entre outros. Todos esses militantes e simpatizantes colaboravam em outros periódicos libertários que circulavam no período. O último, dos sete números, foi publicado em 31 de maio de 1915.
- Oiticica fundou o jornal *Spartacus*, ao lado de Astrogildo Pereira. O primeiro

número desse jornal foi publicado em 02 de agosto de 1919 e o último dos vinte e quatro números saiu em 10 de janeiro de 1920.

- O jornal *Ação Direta* foi outra iniciativa de José Oiticica, teve seis exemplares publicados em 1929. As atividades desse periódico foram logo encerradas em razão da mudança do professor José Oiticica para a Alemanha, quando ele foi ministrar aulas de língua portuguesa na Universidade de Hamburgo. Mas, em 10 de abril de 1946, o periódico ressurgiu como uma iniciativa da resistência da militância anarquista. Era um dos poucos periódicos libertários que persistiam na imprensa do Rio de Janeiro, talvez o único. Após a morte de José Oiticica em 30 de junho de 1957, esse periódico ainda continuou a circular até o número 137.

Ainda Oiticica foi colaborador de vários jornais libertários que circularam no Rio de Janeiro, São Paulo e em outros estados do Brasil. Muitas vezes, os seus artigos em jornais do Rio de Janeiro eram também publicados em *A Lanterna* e em *A Plebe*, periódicos de São Paulo que foram, provavelmente, os jornais da imprensa libertária de maior circulação, em diferentes fases no Brasil.

Entre os sujeitos participantes da imprensa libertária estabeleciam-se vínculos que os uniam pelas atividades da militância sindical, das atividades de produção e circulação dos periódicos, pela realização constante das conferências sociais anticlericais e de livre pensamento, pela organização do teatro social e do cinema libertário nas festas libertárias e da organização de escolas de ensino racionalista. Tudo isso compunha as ações constitutivas da *propaganda social.* Guardadas as diferenças entre os vários grupos participantes da imprensa libertária, pode-se afirmar que prevalecia, pelo menos até o inicio dos anos 1920, a prática do apoio mútuo[36].

### 1.2.2 Oiticica no mapa das *rodas literárias* da *cidade das letras*

Os literatos de Rio de Janeiro nos inícios do século XX, organizavam-se em agrupamentos nomeados na pesquisa de Brito Broca (2004) como *rodas literárias*, um conceito cunhado por esse jornalista e crítico literário, no final da década de 1950, em seu livro *A vida literária no Brasil-1900*, para se referir às estratégias de conformação,

[36] Com a criação do partido comunista, alguns sujeitos que antes estavam muito próximos a Oiticica, se distanciaram em animosidade significativa, como, por exemplo, ocorreu com Astrogildo Pereira, que depois de parceiro na direção de *Spartacus*, se tornou inimigo político de José Oiticica.

organização e circulação de grupos de poetas, escritores, jornalistas, conferencistas, cuja movimentação se dava pela dinâmica de uma rede de contatos que possibilitava aos participantes dessas *rodas* exercerem suas atividades literárias. Algumas delas eram remuneradas, outras eram desencadeadoras de oportunidades da vida intelectual carioca no período.

Broca (2004) construiu a sua pesquisa a partir das crônicas dos jornais da grande imprensa do Rio de Janeiro com o diálogo com fontes, como as crônicas dos jornais *Cidade do Rio*, *A Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã, Jornal do Commércio, Almanaque Garnier, O País* e as revistas *O Pirralho, A Cigarra*, as obras de memorialistas, e, também pela experiência do próprio pesquisador, pela sua atuação na imprensa de São Paulo entre os anos 1924 e 1960, o que lhe trouxe legitimidade para lidar com esse tipo de fonte.

Por estas características, a pesquisa de Broca (2004) foi tomada como fonte de pesquisa em outros trabalhos da historiografia mais recente que tratam da vida literária e dos impressos que circularam no período.

O trabalho de Broca (2004) consistiu na elaboração de uma espécie de mapa dos grupos de intelectuais que movimentaram a vida literária do Rio de Janeiro na virada para o século XX. O segmento focalizado e privilegiado pelo crítico literário foi principalmente o constituído pelos *homens letrados* que se achavam na órbita da Academia Brasileira de Letras e que freqüentavam as livrarias, as editoras, os cafés, as confeitarias e os salões da sociedade carioca.

Dessa forma, sua pesquisa fez uma espécie de mapeamento das *rodas literárias* dos inícios do século XX, com importantes informações. No entanto, como o autor privilegiou os jornais da grande imprensa, esse mapeamento apresentou a movimentação de algumas rodas em detrimento de outras, como, por exemplo, o circuito cujas informações só poderiam ser obtidas nos jornais operários.

As *rodas literárias*, distantes do circuito da Academia Brasileira de Letras e pouco presentes nos jornais priorizados na pesquisa de Brito Broca, embora mencionadas ocupam um lugar de “semi-sombra”, ou “meia luz”. Entre os literatos mais destacados estão Machado de Assis, Coelho Netto, Olavo Bilac, Silvio Romero, Euclides da Cunha e outros que tiveram “sucesso” editorial, ou que estavam na órbita desses intelectuais.[37]

---

[37] Um literato como Lima Barreto na pesquisa de Broca (2004) foi caracterizado pelo destaque à percepção do ressentimento que Barreto trazia consigo por não fazer parte da ABL nos tempos da liderança de Machado de Assis. Apesar de situa-lo em seu mapa de *rodas literárias*, as suas atuações na imprensa libertária quase não são mencionadas. Isto se deve ao interesse da narrativa de Brito Broca na reconstituição da chamada *boemia dourada* da chamada *Belle Époque.* O seu trabalho contribui sobremaneira nessa perspectiva. Assim, ciente das

José Oiticica é situado por Broca (2004, p.87-88) como integrante da roda dos literatos adeptos de Kropotkin, entre os autores que produziam textos “pregando uma ação francamente revolucionária e militante”. A menção a Oiticica é reduzida a esse comentário e como integrante da lista de convocados, em 1911, para a eleição de outra Academia Brasileira de Letras, que deveria concorrer ou substituir com outros literatos àquela já eleita e que era “liderada” por Machado de Assis nos estudos de Broca (2004, p.87-88). Nos estudos de Broca (2004, p. 172) o nome de José Oiticica aparece junto ao do professor Vicente de Sousa, de Mota Assunção e de Joel de Oliveira fundando periódicos no Rio de Janeiro. Nenhum dos livros ou artigos de Oiticica é citado.

Na avaliação de Broca (2004, p.172) esse segmento da produção escrita anarquista só produziu “bulícios” de literatura e foi categorizada como “literatura menor”, “obras que no terreno da ficção não produziram fruto apreciável”. Este tipo de avaliação reverberou, também, em pesquisas da historiografia da literatura. Quem ficou à margem do circuito de sucesso e da grande imprensa no passado, permaneceu à sombra também em pesquisas recentes.

Assim, as informações sobre literatura e textos disponibilizados no mapa das *rodas literárias* delineadas por Broca (2004) foram contribuições a que nos detivemos, sobretudo, nos escritos de José Oiticica, bem como nas evidências investigadas de acordo com os interesses desta pesquisa.

Embora presença de Oiticica não tenha sido mencionada pelo autor Brito Broca, na *roda literária* da casa de Coelho Netto, as fontes levantadas nesta pesquisa indicam o contrário, de fato Oiticica era presença constante na casa de Coelho Netto. Os dois se aproximaram pelo trabalho no jornal *Correio da Manhã*. Muitos encontros eram celebrados em saraus, ora realizados na casa de Oiticica, ora na casa de Coelho Netto em companhia de outros poetas, como por exemplo, Hermes Fontes, Martins Fontes, Afonso Schimdt, Olavo Bilac, Ângela Vargas e outros. Tanto Oiticica, como Coelho Netto não participavam dos encontros em livrarias e cafés do Rio de Janeiro.

No mapa das rodas literárias, Broca (2004) mencionou os *saraus* promovidos por Coelho Netto, quase todos os sábados em sua casa.  Esses encontros levaram o amigo e poeta Martins Fontes, em seu livro *Terra de fantasia*, a apelidar a residência desse intelectual de “Santa Casa de Coelho Netto”. A razão disso era a receptividade do anfitrião ao abrir as

características de sua pesquisa, o uso de suas informações foi empreendido considerando-se as particularidades que procuramos demonstrar com o exemplo apresentado.

portas de sua casa não apenas para literatos renomados, mas também àqueles que buscavam uma oportunidade para participar do mundo das letras. Nessa fala do poeta apropriada por Broca (2004) fica claro que eram freqüentadores assíduos dos saraus da casa Rozo, no mapa de Broca (2004), Olavo Bilac, os irmãos Hermes Fontes e Martins Fontes, Annibal Theophilo, Gilberto Amado, Afrânio Peixoto, acrescentando-se José Oiticica:

> O famoso salão de Coelho Netto, na rua Rozo, não possuía o mesmo cunho de alto mundanismo, esse tom afetado esnobe. Ali predominavam a literatura, a cordialidade, e até mesmo uma certa sem-cerimônia. A casa [...] estava sempre aberta a todo mundo, aos plumitivos que vinham dos pontos mais distantes da província, com um manuscrito e uma carta de apresentação para o escritor, cuja fama corria o Brasil inteiro [...].
>
> [...] As reuniões se davam geralmente aos sábados. Pelos corredores, nas salas e no jardim cruzavam-se figuras da nova e da velha geração [...]. Não eram só escritores: pianistas, violinistas, cantores moços e velhos, pintores, escultores, mestres e alunos da Escola de Belas Artes, iam também à rua Rozo, onde surgia por vezes, um grupo como o da Flor de abacate, entre cantigas e reco-recos, numa ruidosa embaixada, para trazer a Coelho Netto o diploma de sócio benemérito. Eleito "príncipe dos poetas", Bilac foi coroado numa noite festiva em que Ângela Vargas recitou "O caçador de esmeraldas", Gustavo Barroso leu páginas da Terra do sol de Alcides Maia - que possuía grande admiração por Coelho Netto e dele sofreu influência - leu capítulos do romance Ruínas vivas, Rosalina Coelho Lisboa, irradiante de mocidade e beleza, declamou versos de seu primeiro livro, Rito pagão. (BROCA, 2004, p.62-63),

As informações sobre os saraus na casa de José Oiticica apareceram nas entrevistas colhidas por Sônia Oiticica e o seu relato deixa ver a proximidade entre o seu pai e Coelho Netto:

> [...] foi Coelho Netto quem batizou Vera e Viriato Correia era padrinho de Selma. Agora, papai e mamãe iam muito à casa de Coelho Netto. Eles faziam saraus, papai também fazia esses saraus em casa. [Neles compareciam] Ana Amélia, Rosalina Lisboa, Coelho Netto. Naquela época as poetisas eram muito consideradas, não eram poetisas, eram poetas. [...]. Tanta gente ia, o Hermes Fontes, Martins Fontes. Os [irmãos] Fontes eram próximos. Coelho Netto, a Dona Gabi. Ela não ia muito, ela ficava com os filhos em casa, eram danados. Manoel Peres era próximo. Ele adorava papai, eram amigos mesmo. Esses saraus eram de 1920 e pouco ou 1930 e pouco. Tem uma história engraçada. Aconteceu lá na Rua Guanabara, 49. Nesta casa tinha uma escada e havia um quarto entre o quarto em que mamãe costurava e a sala de visitas, era um quarto escuro. E as meninas, minhas irmãs, eram terríveis. Elas se escondiam e ficavam ouvindo. Aí o Hermes Fontes começou a recitar: "Sim, meu amor, não, meu amor, sim, meu amor", no terceiro sim, meu amor e não, meu amor elas deram aquela gargalhada. Meu pai ficou por conta e mandou todo o mundo dormir. (OITICICA, S., entrevista nº 1, 18-08-2006).

Os irmãos Fontes, conforme relatou Sônia eram também próximos ao seu pai, inclusive nos trabalhos com a imprensa libertária. Hermes Fontes publicava os seus sonetos em periódicos em que José Oiticica esteve à frente, como foi o caso de *A Vida*, de 1914. Do

acervo de Oiticica, um cartão de aniversário enviado a Oiticica por Hermes Fontes mostram os vínculos de amizade entre os dois poetas:

> Chego atrasado. Esse atraso não vem ao caso.
>
> Porque mais vale um atraso involuntário, sem mal
>
> Do que muito adiantado fingimento, como os da regra geral
>
> Poeta de ouro, poeta de aço!
>
> Ganso de altos horizontes!
>
> Pega ahi este abraço
>
> Do Hermes Fontes
>
> (FONTES, Hermes, 22-04-1913, correspondência passiva, acervo pessoal de José Oiticica)

As relações de amizade eram acompanhadas de admiração profissional, pois como pudemos observar nas obras de Oiticica, como, por exemplo, no *Manual de Estilo* de 1925, grande parte dos excertos de romances, contos e sonetos são de Coelho Netto, de Hermes, utilizados como exemplos da “arte do bem escrever”, ao lado de material recolhidos de outros literatos contemporâneos ou não a Oiticica. Além disso, o exame da correspondência de José Oiticica, como podem ser conferidas as suas cartas a Coelho Netto, atestam a estreita amizade entre ambos.

Outras *rodas literárias* mais presentes na imprensa operária tiveram como características ressaltadas o fato de seus integrantes, segundo Broca (2004), terem sido influenciados pelas leituras das obras de Nietzsche, Oscar Wilde, Tolstoi, Émile Zola, Máximo Gorki e Kropotkin, conforme as *modas literária*s. Nesse segmento, estavam José Oiticica, Elísio de Carvalho, João do Rio, Fábio Luz, Hermes Fontes, Martins Fontes, Afonso Schmidt, Manuel Curvelo e outros.

Por toda a sua trajetória, Oiticica estreitou laços com importantes sujeitos de sua época ligados à educação e à imprensa tais como: Afrânio Peixoto, Antenor Nascentes, Coelho Netto, Hermes Fontes, Fábio Luz, Maria Lacerda Moura, Edgard Leuenrouth e muitos outros que no decorrer desta reconstituição historiográfica emergem na narrativa.

Com Afrânio Peixoto, Coelho Netto e Antenor Nascentes, debateu e discutiu questões relacionadas ao sistema de ensino, literatura e língua portuguesa. Com Fábio Luz, Manuel Curvelo, articulou intenso debate na imprensa e participou das atividades do teatro social, um trabalho em conjunto nas atividades da *propaganda social.*[38]

---

[38] A propaganda social abarcava as atividades como conferências sociais do livre pensamento, a produção, a distribuição e a circulação do jornal, as atividades do teatro operário, as festas, os bailes, as quermesses usados

Vale ressaltar que, apesar dos vínculos da militância caracterizados pelas reuniões e publicações em conjunto, esses sujeitos faziam parte da imprensa, com a qual Oiticica compartilhou diversas de suas idéias. Alguns deles eram militantes do livre pensamento, outros foram companheiros de trabalho na educação institucional.

O amigo Edgard Leuenrouth, editor de *A Plebe*[39], a partir de 1912 com o ingresso de José Oiticica na *Liga Anticlerical* do Rio de Janeiro, passou a ter intensa interlocução com Oiticica, ocorrendo o mesmo com muitos dos sujeitos envolvidos com o grupo redator e colaborador desse periódico, principalmente pela função do jornal que, por sua dinâmica, era um espaço privilegiado. Por conta desse veículo, a militância convergia os interesses e alimentava a sociabilidade que se estendia a vários estados brasileiros.

O contato estreito com Maria Lacerda de Moura[40] ocorreu quando Oiticica intensificou a sua militância anticlerical na segunda década do século XX, quando essa militante iniciou a sua colaboração no jornal *A Lanterna*, em 1912. Entre 1908 e 1921, ela fez parte da *Liga contra o analfabetismo*, publicou o seu primeiro livro em 1918, com o título *Em torno da educação*, cujo conteúdo foi conhecido de Oiticica em 1919, na ocasião em que estava foragido na casa da autora, em Barbacena, Minas Gerais, logo depois de sua saída furtiva do Riachão (Rodrigues, 1976, p.50). Ao percorrer os jornais libertários, encontram-se na programação das sessões de propaganda social, em São Paulo e no Rio de Janeiro diversas sessões em que os dois conferencistas compartilharam temáticas na mesma sessão de propaganda.

Oiticica teve, ao longo da sua vida, intensa interlocução e realizou um leque de atividades conjuntas, como o trabalho com as conferências de livre pensamento, os ensaios jornalísticos. A partir da rede de suas relações, construída pelo seu trabalho na grande

---

tanto para o entretenimento, para a construção de vínculos de solidariedade e propaganda, como para mobilizar recursos financeiros para manter outras atividades realizadas pelo movimento, tais como a imprensa operária, as escolas modernas , os fundos de greve, etc. Empreender a propaganda era o mesmo que dizer desenvolver a militância. O sentido era amplo, era o ato de formação de conhecimentos, ato educativo. Ver: Figueira (2003); Gonçalves (2002); Giglio (1995) e Jomini (1990).

[39] *A Plebe* foi um dos periódicos de maior circulação da imprensa anarquista. Iniciou a sua publicação em 1917 e atravessou várias fases pelos sucessivos empastelamentos. Ocuparam a sua direção Edgad Leuenrouth, Florentino de Carvalho, Rodolfo Felipe, Manuel Campos, Pedro Mota.

[40] Maria Lacerda de Moura mudou-se para São Paulo, em 1921 e freqüentava a casa de Oiticica periodicamente. Segundo depoimentos de Sônia Oiticica e pelas inúmeras referências nos livros de Edgar Rodrigues havia profunda identidade com as idéias de José Oiticica, principalmente no que diz respeito ao interesse pelo tema referente ao lugar da mulher na sociedade. Esta intelectual militante foi autora de uma profícua produção, destacando-se as obras: *A fraternidade e a escola*, 1922; *A mulher hodierna e o seu papel na sociedade*, 1923; *Lições de pedagogia*, 1925; *A mulher é uma degenerada?*1924 (réplica científica a Miguel Bombarda); *Civilização, tronco de escravos*, 1931; *A religião do amor e da beleza*, 1926; *De Amundseu a Del Prete*, (1928); *Han Ryner e o amor plural*, 1933; *Ferrer e o clero romano*, 1934; *Educação laica*, 1934; *Clero e Estado*, 1931; *Amai-vos e não vos multipliqueis*, 1931; *Serviço militar obrigatório para a mulher – recuso-me denunciar*, 1937; *Português para os cursos comerciais*, 1940; *O silêncio, 1944.*

imprensa e na imprensa operária, Oiticica conquistou o seu reconhecimento social pelos numerosos artigos que exibiam a sua crítica social fundamentados por textos sociológicos. As suas peças teatrais também tiveram de maneira marcante o traço distintivo da militância anarquista como finalidade, tal como pretendemos demonstrar com maiores detalhes no capítulo seguinte do presente estudo.

José Oiticica iniciou as suas atividades como professor no ano de 1903 ao assumir as aulas de História no Colégio Paula Freitas, a mesma instituição na qual havia cursado os preparatórios. O trabalho no magistério direcionou o seu interesse pelas questões educacionais. A docência estava no leque das atividades que não eram estranhas em sua família. A julgar pelo seu manuscrito biográfico, o seu pai foi seu parceiro de idéias e de recursos materiais para a organização do projeto de fundação de seu próprio colégio.

## 1.3 O Colégio Latino-Americano

### 1.3.1 A experiência da *École La Roche*: uma inspiração para o Colégio Latino-Americano, de José Oiticica

A organização e administração do Colégio Latino-Americano, de José Oiticica, em 1905 foram baseadas nas leituras que esse autor teve das obras de Edmond Demolins, discípulo de Fréderic Le Play, mais especificamente de suas apropriações da obra *L' education nouvelle: L' École des Roches.* Portanto, os *processos pedagógicos* implantados por José Oiticica em seu colégio do Leme foram decorrências da metodologia da referida escola.

A experiência da *École des Roches* chamou a atenção de José Oiticica no início do século XX, quando os vários projetos de *Escola Nova* estavam se difundindo em diversos países. Nesse período, os seus interesses sociológicos o encaminharam a participar do debate promovido pela revista *La Science Socialle*, fundada por Edmond Demolins, em 1886.

Em torno desse periódico francês, criou-se uma rede de trocas de informações na qual intelectuais de vários países e Oiticica enviavam-lhe as suas colaborações conformando debates sociológicos sobre apropriações do método de Le Play e a escola nova. Essas discussões foram acompanhadas por alguns intelectuais brasileiros, entre os quais José Oiticica. Este era o principal canal para realização de debates pedagógicos de esfera internacional, com a participação de José Oiticica nos inícios do século XX.

Edmond Demolins era geógrafo de formação. No ano de 1897, anunciava em sua referida revista um estudo sobre várias regiões da França, no qual discutia a superioridade dos

Anglos Saxões[41] nos negócios internacionais, para com isso problematizar sobre a questão da educação.

Silvio Romero e Arthur Guimarães tinham um grupo de estudos no Rio de Janeiro ocupado com os estudos sociológicos de Le Play de Edmond Demolins, do qual Oiticica não participava. Havia, segundo as informações de Romero (1810), outro grupo em São Paulo que estudava Le Play e Demolins. Sobre esse grupo, Romero registra pouca expressividade, se comparado ao grupo por ele dirigido e se posiciona como o primeiro entre todos os intelectuais brasileiros a dedicar-se a esses estudos. Provavelmente, esse posicionamento tenha sido a razão que o levou a publicar a carta-resposta a Oiticica, datada de 1906, em seu livro *Provocações e debates*, publicado em Portugal, em 1910 e que enfeixava todos os ensaios com comentários e interpretações dos escritos de Le Play de Demolins.

A resposta de Silvio Romero foi a propósito de duas cartas enviadas por José Oiticica, uma a Edmond Demolins e outra a Silvio Romero, no final de 1905. Na carta a Demolins, Oiticica informou-lhe sobre a adoção dos processos pedagógicos de sua *École des Roches* em seu Colégio Latino-Americano e na carta enviada a Silvio Romero, Oiticica sugere a ele um estudo sobre a região de Sergipe à luz da metodologia de Le Play em colaboração ao inquérito empreendido por Demolins em sua revista *La Science Socialle* e para o qual ele havia solicitado ajuda de seus colaboradores. A carta que Oiticica enviou a Demolins foi publicada e por ele respondida na citada revista, deixando ver os interesses comuns entre esses intelectuais, em 1905.[42]

De acordo com Romero (1910) para Demolins a educação era um elemento de projeção que deveria ser privilegiado na competição econômica entre as nações. Em seu trabalho sobre a superioridade dos saxões, Demolins ocupou-se em mostrar os pontos positivos e os negativos da instituição escolar vigente na França e defendia a necessidade de

---

[41] Esta discussão encontra-se no livro de Edmon Demolins, publicado em 1898, com o títutlo *À quoi tient la supériorité des Anglo-Saxons?*, cuja referência quem faz é Silvio Romero (1810).

[42]Silvio Romero publicou a carta-resposta dele a José Oiticica, em seu livro *Provocações e debates*, no ano de 1910, em Portugal. Neste livro, ele reuniu os seus artigos e ensaios com as suas interpretações acerca da sociologia de Le Play e dos escritos de Demolins. É a partir desse material que a interlocução ente Demolins e Oiticica foi abordada, ou seja, a partir das informações extraídas dos escritos de Silvio Romero. Esta pesquisa entrou em contato com a *Sociéte d'économie et science sociales* onde se pode encontrar documentos relativos a Edmond Demolins, porém não foi possível saber se a correspondência de Oiticica a Demolins consta ou não em seu acervo. Assim, a interlocução de Silvio Romero com Oiticica, na carta enviada em 1906, foi a fonte privilegiada para reconstituir as conexões de Oiticica com o projeto da *École des Roches*, a base de inspiração de seu Colégio Latino-Americano. A carta de Silvio Romero foi transcrita da revista *Provocações e Debates* em Romero (1910, p 189-194). Pode ser encontrada no livro *Brasil social e outros estudos sociológicos,* de Silvio Romero, disponibilizado na seção, *Textos literários em meio eletrônico*, sob o mesmo título do livro. Disponível em: <http://alecrim.inf.ufsc.br/bdnupill/arquivos/texto/0006-0763.html#ftn7>, acesso em 14 de outubro de 2007.

criar uma nova realidade escolar que se adequasse às necessidades da sociedade e da economia nacional francesa.

As preocupações de Demolins com a nova educação, segundo Romero, eram desdobramentos de seus estudos sobre os efeitos que as estradas de diversas regiões da França provocavam na organização da agricultura e na "criação e transformação de diversos tipos sociais". A apresentação dos resultados empíricos de seus estudos levou Demolins a formular uma metodologia estabelecendo uma nomenclatura ou classificação dos fatos sociais. Com esse procedimento, o pesquisador expressava as suas concepções a respeito das formas de vida comunitária e particularista, e também o modo como estas organizações sociais adotam a técnica e alcançam os resultados de acordo com a educação empregada. O procedimento de classificação dos fatos sociais, seu encadeamento com a nomenclatura de reconhecimento fácil de que inspiraram os processos pedagógicos adotados pela *École des Roches*, em 1899, e foram tomados como padrão inspirador da pedagogia do *Colégio Latin-Americano* de José Oiticica.

Em seu ensaio a propósito da morte de Edmond Demolins, Romero (1910) afirma que a inspiração desse pedagogo para criar a sua *École des Roches* é proveniente da escola inglesa, e explica que a idéia do "colégio instalado em um grande casarão com aparência de caserna, hospício, quartel ou hospital" deveria ser substituído por outro tipo de escola, segundo Demolins. Ao argumentar que as idéias de Demolins influenciaram a pedagogia francesa, Romero (1910) apresenta as características da escola inglesa (onde Demolins matriculou seu filho) e que foram decisivas para a consecução de sua escola:

> A escola inglesa é colocada no campo, em sítio adrede, em trechos do país, com as sua verduras, suas várzeas, suas árvores, suas águas correntes ou em aprazíveis lagos. O fim é pôr a criança em contato com a natureza e suas cenas mais aptas e lhe fortalecer a saúde, despertando, ao mesmo tempo, o interesse pelas cousas práticas. Por isso as excursões, ou passeios e brincos ao ar livre, os exercícios de natação, de remar e outros congêneres entram em larga escala na educação física. Os estudantes são distribuídos, aos quinze ou vinte no máximo, por edifícios dispostos separadamente e habitam neles com as famílias do diretor e dos professores. Facilita-lhes, destarte, o convívio em sociedade, como se estivessem no centro de suas próprias famílias. A educação moral é assim ressalvada. As classes são organizadas com o fim de evitar as enormes aglomerações em que o ensino se torna improdutível. Este é dirigido com o plano de interessar o mais possível a iniciativa individual do aluno. Desenvolve-lhe principalmente o espírito de observação, a prática de aparelhos científicos, a verificação pessoal dos fatos, a descoberta da verdade, como se fosse uma aquisição nova, devida ao esforço direto do estudante. Conhecido em França esse estupendo sistema de organização escolar, muitas famílias enviaram seus filhos para a Inglaterra. Demolins dera o exemplo, mandando o seu. Mais tarde fundou a *École des Roches*, escrita em livro especial. O plano de estudos é o mesmo dos moldes ingleses.

> A educação física e a educação do caráter combinam-se de modo a ajudar a boa cultura espiritual. (ROMERO, 1910).[43]

Após a fundação desse estabelecimento escolar, Demolins continuou a publicar os seus estudos sobre as regiões francesas e as suas proposições pedagógicas da nova escola. Com essas publicações e os ensaios que recebia de intelectuais de todo o mundo, o debate se movimentava e atingia os interesses de Oiticica, que acompanhava essas publicações, e participava do debate como correspondente e colaborador da revista de Demolins.

Feitas essas considerações cabe discutir alguns trechos da carta de Romero (1906). A carta de Oiticica a Demolins chamou a atenção de Silvio Romero por duas razões: o uso da pedagogia de Demolins no Colégio Latino-Americano e pelo fato de Oiticica sugerir-lhe que realizasse um estudo sobre Sergipe como contribuição para *Enquête Sociale* aberta por aquele periódico. De chofre Romero adverte Oiticica sobre a necessidade de aprofundar as suas leituras a respeito da pedagogia da *L'Éducation Nouvelle:*

> Se é verdade, porém, que causa  prazer ver que o meu nobre patrício se vai deixando influir pelas idéias da severa escola, de que sou adepto fervoroso, não menos verdade é que o distinto confrade ainda, ao que parece, não está assaz inteirado das doutrinas, dos processos, dos métodos da escola e da valorosa literatura, já existente, por ela inspirada. [...] me refiro a estudos rigorosamente científicos, como alguns que têm aparecido nas páginas de La Science. Supor o contrário é andar alheio à disciplina e à severidade de método da escola. E é o caso geral no Brasil. (ROMERO, 1810).

A carta de Silvio Romero destinada a Oiticica visava atingir outros leitores da revista *La Science Socialle,* inclusive intelectuais brasileiros ligados à educação. As assertivas de Silvio Romero sobre a metodologia de Le Play aplicada à educação, que tinha em Edmond Demolins seu maior representante, não foram apenas endereçadas ao jovem doutor e professor Oiticica, mas também foi uma crítica “aos que vivem de se entreter, com as cousas do ensino” pelo modo com que superficialmente se amoldavam a “teorias, como é hábito fazer com o que a Europa nos exporta”.

Além de fornecer as indicações das obras de Demolins, Romero (1906) num primeiro momento apresenta em sua carta um breve resumo sobre os métodos e conceitos utilizados por Le Play. O missivista justifica a Oiticica a sua impossibilidade de aceitar a sugestão do amigo referente ao estudo sobre a região de Sergipe, em decorrência do descompasso entre o seu tempo e a complexidade demandada pelo estudo proposto. Responder a Oiticica era a

---

[43] O ensaio intitulado *Edmond Demolins* foi transcrito de *Provocações e Debates* (1907,p.75-101) e integra o livro O *Brasil Social e outros ensaios*, disponível em: <http://alecrim.inf.ufsc.br/bdnupill/arquivos/texto/0006-01763.html#ftn7>. Acesso em 14 de outubro de 2007.

razão da carta, mas foi também o mote que Silvio Romero precisava ter para dar o seu recado a alguns intelectuais brasileiros, pois:

> [...] Por muito mais de vinte anos a doutrina floresceu, produzindo os trabalhos mais belos e profundos, sem que lhe prestassem, entre nós, a mais leve atenção. Foi preciso que Ed. Demolins escrevesse o seu vibrante livro – *À quoi tient la supériorité des Anglo-saxons?* para que os nossos descuidosos lhe dessem escassos ouvidos. Mas o tomaram, evidentemente, por uma espécie de touriste, que tivesse estado na Inglaterra e houvesse ali encontrado algumas cousas dignas de ser imitadas. Não quiseram ver que atrás de tudo aquilo estava toda uma doutrina que importava conhecer. Mais tarde o mesmo preclaro Ed. Demolins escreveu o belo volume *L'Éducation Nouvelle* (*L'École des Roches*) e, desta vez, muitos dos que entre nós vivem de se entreter com as cousas do ensino, que é um ramo de negócios como qualquer outro, vieram a pensar que podiam contar com mais um pedagogo, a ser imitado superficialmente, como é hábito fazer com muitos outros que a Europa nos exporta. O grande discípulo de Le Play passou a ser considerado um pedagogo, adicionado a um touriste. Era e é a crença geral. (ROMERO, 1810).

Outra preocupação de Romero (1906) era pontuar que a educação na *École des Roches* era a "[...] conseqüência de uma especial doutrina de filosofia e de ciência social [...]. No entanto, as apropriações dessa doutrina não parecem ter coincidido com aquela realizada por Oiticica no Colégio Latino-Americano, ou eram muito diferentes do entendimento do missivista, pois Oiticica foi repreendido e acusado de incorrer "no mesmo erro geral corrente no Brasil" ao dissociar a nova educação da ciência social, "sem a qual perde seu caráter original". O aviso veio das conclusões a que Romero (1906) chegou sobre a resposta comentada por Demolins em artigo para a revista *La Science socialle*.

> [...] O meu caro confrade, desculpe a franqueza indispensável entre homens sérios, já pelos anúncios de seu Colégio Latino-Americano, já pela carta que dirigiu ao Ilustre Ed. Demolins, inserta na revista de setembro do ano passado, vê-se claro que laborava ainda no erro geral, corrente no Brasil. O nosso grande mestre, com sua natural perspicácia, foi dos primeiros a reconhecê-lo, tanto que na resposta que lhe dirigiu não perdeu o ensejo de dizer-lhe que a nova educação é um resultado da Ciência Social, sem a qual perde seu caráter original – "*Je vous engage à faire partie de notre Société de Science Sociale et à recevoir, à ce titre, notre Revue mensuelle – La Science Sociale, afin de vous tenir au courant de nos travaux. Vous savez en effet que l'École des Roches est un produit de la Science Sociale q'uelle est soutenue par elle. Si nous perdions cette base le caractére original de notre École disparaitrait peu à peu*".[...] (ROMERO, 1910).

Como advertência, Romero (1906), após citar todos os seus escritos de Demolins sobre a metodologia de Le Play e os trabalhos de seu discípulo Artur Guimarães, demarcou tais escritos como a sua temática de estudos:

> [...] julguei ser de meu dever fazer-lhe as confissões que aí ficam; porque neste país, onde é costume inveterado desprezar os esforços dos que estudam e trabalham, confissões tais são indispensáveis. Pelo que toque à *enquête*, digo-lhe em conclusão, que, abarbado como ando com o Brasil Social não ponderei concorrer para ela por

> modo direto. Limitar-me-ei a enviar a Sociedade um *esboço de classificação das zonas sociais do Brasil* (ROMERO, 1910) (grifos nossos).

Nesse momento do debate na revista *La Science Socialle*, Oiticica tinha vinte e quatro anos, era recém-egresso do curso de Direito, já atuava na docência e no jornalismo carioca. Silvio Romero tinha três décadas de docência na cadeira de Filosofia do então Colégio Imperial Pedro II e uma produção intelectual[44] que chamou a atenção de Oiticica, pelos estudos que aquele intelectual vinha desenvolvendo sobre o "novo processo de educação e a ciência social", particularmente a experiência da *École des Roches* tomada como referência no projeto de seu colégio do Leme. Silvio Romero tinha um grupo, do qual José Oiticica não era membro[45], porém era um intelectual conhecido e colaborador do mesmo periódico francês no qual Romero publicava os seus escritos.

As aproximações com a educação nova da perspectiva de José Oiticica se manifestou de forma mais clara em seus artigos para a imprensa libertária, quando veicula nos jornais a abertura de escolas da educação libertária e passa a difundir também os princípios da educação de Francisco Ferrer e a prescrever a leitura de obras de estudos anarquistas.

Os comentários de José Oiticica sobre os *processos pedagógicos* usados em seu colégio, a julgar pela recorrência com que são mencionados, mostram que esta experiência foi marcante na sua vida educacional. Acrescentaram-se as experiências na Escola de Arte Dramática do Rio de Janeiro, no Colégio Pedro II, nas docências na Universidade de Hamburgo, na Faculdade de Ciências e Letras do Distrito Federal e, concomitante a essas atividades da educação institucional as experiências das atividades da *propaganda social* anarquista que incluíam as conferências sociais libertárias do livre pensamento, a educação por meio do jornal e o teatro social. O Colégio acabou, mas a sua certeza em relação às práticas pedagógicas nele utilizadas, continuou por ele lembradas, como baliza para as suas

---

[44] Da produção de Silvio Romero até 1906, destacam-se: (1873) *Etnologia selvagem*; (1878) *Cantos do fim do século: poesias e A filosofia no Brasil*; (1880) tese para o Colégio Imperial Pedro II - *Da interpretação filosófica na evolução dos fatos históricos;* (1882) *Introdução à história da literatura brasileira;* (1884) *Introdução à literatura contemporânea*; (1887) *Uma esperteza*; (1888) *História da literatura brasileira*; (1889) *Manifesto aos eleitores da Província de Sergipe*; *Mensagens aos homens de letras*; (1890) *Doutrina contra Doutrina;* (1895) *Ensaios de filosofia do direito;* (1904) Discursos pronunciados na Câmara Federal; (1891) artigos sobre o ensino no jornal carioca *Diário de Notícias*, dirigido por Ruy Barbosa (1906) *Compêndio de literatura brasileira*, em parceria com seu amigo João Ribeiro.

[45] José Oiticica era conhecido de Silvio Romero antes mesmo de sua participação nesse debate educacional. Romero e o pai de Oiticica estudaram juntos na Faculdade de Ciências Jurídicas de Recife. Ele obteve o título de Bacharel em Direito em 1873, um ano depois que o pai de José Oiticica também obteve a sua titulação; ele foi deputado federal por Recife, em 1898, o mesmo período em que o pai de Oiticica também era deputado por Alagoas. O pai de Oiticica publicava artigos sobre o ensino, desde 1891, no *Diário de Notícias* dirigido por Ruy Barbosa. Além disso, Romero era amigo particular de Euclydes da Cunha, cujos filhos eram alunos de José Oiticica no Colégio Latino-Americano.

práticas pedagógicas.

### 1.3.2 O Colégio Latino-Americano rememorado por José Oiticica

Em 1905, um ano após o seu casamento, Oiticica fundou, com a sua esposa, o Colégio Latino-Americano localizado no bairro do Leme. Os recursos materiais necessários para a fundação do Colégio foram obtidos com o seu pai. No seu curto funcionamento, até o ano de 1908, o professor Oiticica empreendeu um programa de ensino baseado na *École des Roches* de Edmond Demolins, discípulo da Sociologia de Frederic Le Play.

Essa experiência que lhe serviu como padrão de ensino para o seu Colégio do Leme e foi uma manifestação da escola nova que também inspirou, na década seguinte, outras iniciativas de escolas livres, libertárias, como, por exemplo, as escolas modernas nº 1 e nº 2[46], sob inspiração do pedagogo Francisco Ferrer, que de certa forma tiveram em suas origens o projeto de uma nova escola para a constituição do homem novo.

As informações que se seguem sobre os *processos pedagógicos*[47] adotados no Colégio Latino-Americano são resultantes do exame de um opúsculo, intitulado *Um programa heterodoxo de português nas escolas*[48], no qual José Oiticica nos apresenta a descrição de algumas das aulas, as disciplinas e as estratégias didáticas de aprendizagem adotadas em seu colégio.

A fala de Oiticica no transcurso da conferência radiofônica foi direcionada principalmente aos professores e àqueles que se interessavam pela questão educacional

[46] Giglio (1995) e Jomini (1990) esclarecem sobre a existência de Escolas Modernas anarquistas em várias cidades de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Estas escolas foram organizadas sob a inspiração dos pedagogos Francisco Ferrer, Paul Robin, Sebastian Faure e outros. Em 1912, foram fundadas pelo movimento anarquista em São Paulo duas escolas, a Escola Moderna nº 1 e a Escola Moderna nº 2, inspiradas no pensamento do educador espanhol Francisco Ferrer y Guardía. Conforme o *Boletim da Escola Moderna*, nota-se que tais escolas eram voltadas ao trabalhador. A manutenção financeira dessas instituições escolares era responsabilidade dos alunos, pais e comunidade em geral. Além da participação na manutenção das escolas, e em outras organizações sociais, a educação do homem para a liberdade implicava a adoção do método que levasse em conta as características de cada aluno, sem prazos a cumprir, segundo Jomini (1990, p.90-108). Em São Paulo nas Escolas Modernas 1 e 2 destacam-se os trabalhos de Florentino de Carvalho e Adelino Pinho.

[47] Os termos: *processos pedagógicos e método de ensino* foram utilizados por José Oiticica de maneira análoga em artigos jornalísticos, opúsculos, e em seus manuais didáticos para designar as ações do professor em aula, a seleção, organização e distribuição de conteúdos; a avaliação.

[48] As informações sobre o Colégio Latino-Americano fundado por José Oiticica foram reunidas na consulta ao opúsculo *Um programa heterodoxo de português nas escolas*, editado em 1948, pela Escola Técnica de Campos, no Rio de Janeiro e encontrado no Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II (NUDOM). Trata-se da transcrição de uma conferência, da última conferência de uma série de 15 proferidas pelo professor José Oiticica no programa *A hora do livro* sob o comandado de Cid Franco. Tavares (1999), pesquisador das histórias do rádio no Brasil, informou-me em entrevista, em 12 de setembro de 2006, que provavelmente esta conferência foi apresentada na *Rádio Cruzeiro do Sul.* Esta emissora foi criada em São Paulo pelo núcleo experimental *Sociedade Rádio Cruzeiro do Sul- PRB-6*, juntamente com outra emissora no Rio de Janeiro com o mesmo nome. Outros registros foram encontrados sobre o colégio: dois formulários usados no colégio, um de recibo de pagamento, outro requerimento de aluno que se encontram no anexo II (no verso desses formulários há poesias de José Oiticica datadas de 1915, fato que explica a conservação de tais formulários).

brasileira. A sua argumentação transitou em duas temporalidades, a sua experiência no Colégio Latino - Americano (1905 -1908) e o momento da conferência, o ano de 1948, com o peso da experiência da docência no Colégio Pedro II desde o ano de 1917, quando ingressou nesta instituição.

A experiência educacional no Colégio foi avaliada como prática bem-sucedida. Nessa avaliação, Oiticica não incluiu a curta duração no funcionamento do colégio e deixou claro que o seu encerramento se deu pelas dificuldades financeiras que o impediram de dar seqüência ao empreendimento. Ficou subentendida em sua explanação que, se não fosse esta razão, o seu colégio teria perseverado na formação dos alunos. Portanto, a razão determinante do *brilhante êxito* dessa experiência deveu-se, sobretudo, à adoção do método de ensino da *École des Roches* tomada como padrão por José Oiticica.

O Colégio Latino-Americano localizava-se na Rua Tonelero, 31, no bairro Leme, na cidade do Rio de Janeiro. Era um dos estabelecimentos escolares da iniciativa particular que funcionava sob os regimes de internato e de externato e atendia crianças a partir dos sete anos de idade.

As disciplinas oferecidas eram "Matemática, Geografia, História, Francês, Inglês, Química, Física, Botânica, Zoologia e Fotografia, que iam do primeiro ao último ano, variando somente os programas, rigorosamente sistematizados e curtos, tal como o professor Oiticica relatou em seu opúsculo.

A sua argumentação foi construída pela descrição da forma pela qual os alunos aprendiam e os professores ensinavam no colégio. Essa forma se baseava na *sistematização* dos *processos pedagógicos* do Colégio do Leme. Consistia em trabalhar cada conteúdo dispondo-os do mais simples aos mais complexos, partindo sempre da experiência prática à teoria, estabelecendo paulatinamente os conceitos, a nomenclatura de cada etapa. Essas práticas privilegiavam a observação e a realização de experiências. O desfecho de cada uma delas era encaminhada para que os alunos deduzissem por si mesmos a construção do conceito:

> Do primeiro ano ao último, as disciplinas eram as mesmas, variando somente os programas, rigorosamente sistematizados e curtos. Lições duas vezes ou uma só por semana, ao ar livre ou em laboratórios, e todo o ensino; não digo prático, senão objetivo. A teoria saía sempre da prática como conseqüência natural, quase sempre induzida ou deduzida pelo próprio estudante. (OITICICA, 1948, p. 5).

Para tornar clara a exposição do método de ensino do Colégio Latino-Americano, José Oiticica apresentou aos professores e ouvintes de seu programa radiofônico alguns exemplos

das aulas ministradas em seu Colégio. Desses exemplos, dois valem a pena serem conhecidos. Trata-se das primeiras aulas de Geometria e de Química:

> A primeira aula de geometria era dada no campo com um goniômetro e era o professor nada menos que o atual general, suponho de cavalaria, José Octaviano da Silva, então cadete da Escola Militar, que poderá atestar o fato. Com a medida de terrenos, iam estudando os alunos paralelas, perpendiculares, ângulos, paralelogramas, todas as noções fundamentais da geometria.
>
> Nas aulas de química, iniciavam-se na técnica mais elementar: lavagem de vidros, curvamento de tubos, furamento de rolhas, lutamento de tubuladuras, construção de alambiques, destilação de água para os reagentes e, depois, reconhecimento dos sais, etc. No preparo dos reagentes lá vinham um sem número de noções sobre ácido clorídrico, sulfúrico, azoto, cloreto de bário, etc. (OITICICA, 1948, p. 5)

Nas duas aulas exemplificadas, a teoria estava vinculada à prática em laboratórios improvisados pelas ações didáticas do professor.  Os alunos aprendiam juntos. Os mais adiantados ensinavam os novos e não havia castigos, punições ou coerções. O professor buscava estimular o gosto e a curiosidade dos alunos com atividades, experiências e depois propunha a elaboração de um relatório. Os alunos tinham que escrever sobre as experiências com a aprendizagem:

> Os alunos novos iam sendo incorporados aos antigos e começavam a receber lições não do professor, mas dos companheiros que os mandavam fazer o que tinham feito, até, pouco a pouco, se irem enfronhando na prática de laboratório. Ao mesmo passo uma vez por semana, o professor fazia experiências divertidas com explicações complementares: preparo de um voltâmetro, verificação experimental da fórmula H2O, recomposição da água pela combinação explosiva dos dois elementos por eles mesmos decompostos, etc. Os alunos tinham que depois escrever um relatório que era corrigido na redação, no estilo, nas observações consignadas.[...] tudo isso era obtido sem bulha nem matinada, sem um castigo, brincando pode-se dizer; [...](OITICICA, 1948, p. 6)

O esporte estava no rol das práticas do Colégio Latino Americano.[49] O advento do futebol nos anos 1900 levou Oiticica a organizar a *Associação Sportiva do Collegio Latino Americano*, um desdobramento da intensificação da prática desse esporte naquele período. Nessa fase, as práticas esportivas se "literalizavam", nos jornais da época, como afirmou Broca (2004, p.155). Nos periódicos da imprensa libertária, as opiniões sobre o novo esporte estavam cindidas entre aqueles que o aprovavam e o associavam ao helenismo grego, e aqueles que o reprovavam sob vários argumentos, entre os quais o fato de ser uma prática

---

[49] O registro jornalístico da participação do time "Colégio Latino Americano" em um campeonato de futebol ocorrido em 1906, no Rio de Janeiro mostra que este esporte estava entre as atividades do Colégio Latino-Americano. < http:///www.paginas.terra.com.br/esportes/esssil/tables/rj1906>, acesso em 17de setembro de 2007.

introduzida pela burguesia estimuladora de discórdias. Pode-se afirmar que José Oiticica, pelo incentivo à organização do time de seu colégio do Leme, enquadrava-se no primeiro grupo.

A experiência de Oiticica em seu Colégio serviu como parâmetro de comparação em relação ao seu trabalho pedagógico no Colégio Pedro II, o padrão de ensino secundário no Brasil. Segundo os seus argumentos, ele não conseguiu comprovar no Colégio Pedro II a eficácia de seu método de ensino, porque nunca lhe ofereceram condições organizacionais para implementar a sistematização por ele defendida, e argumenta que:

> Por mais que pareça impossível, absurdo, incrível o que vos vou dizer é a puríssima verdade: jamais consegui no Colégio Pedro II, colégio padrão do Brasil, acompanhar uma turma da primeira à quinta série e isso apesar de meus contínuos protestos e súplicas. A organização dos horários, respondem, não permite. O mais que obtive foi acompanhar uma turma nos dois primeiros anos. De modo que toda a minha sistematização vai por água abaixo com professores outros, com métodos diversos ou sem métodos, assíduos ou não. (OITICICA, 1948, p. 23).

Após este desabafo que potencializou sobremaneira a positividade da organização de seu colégio do Leme e que desmistificou o adjetivo “padrão do Brasil” atribuído ao Colégio Pedro II, Oiticica justifica as dificuldades que teve em fazer com que as suas propostas fossem comprovadas e diz:

> Sendo assim, nunca me foi dado mostrar de público e perante as autoridades pedagógicas do Brasil a que resultados poderia eu chegar aplicando as idéias que vos deixo tosca e apressadamente expostas. (OITICICA, 1948, p. 23).

A organização dos conteúdos a serem ministrados em seu colégio era um dos pontos mais importantes de sua metodologia experimentada em seu Colégio Latino-Americano. A sua experiência com a “sistematização” dos conteúdos das disciplinas nos “processos de ensino” adotados em seu colégio do Leme levou-o a propor e a defender a sistematização do ensino de Português nas escolas. Ao seu juízo, a ausência de sistematização foi a maior causa do insucesso educacional do Brasil. Mas o que era essa sistematização? Ela consistia em alguns procedimentos, como, por exemplo, “respeitar o tempo de aprendizagem de cada aluno, escalonar o mais simples e depois o mais complexo, à parte e depois o todo, o estímulo da observação para a dedução e a apresentação de certezas” Essa experiência adquire clareza quando remetida ao debate mais amplo em que as concepções que alimentaram esta iniciativa escolar estavam sendo discutidas também no projeto da escola nova, entretanto era uma discussão mais amiúde nos projetos da educação libertária.

### 1.3.3 A interlocução escolanovista por meio dos jornais e revistas

A articulação do debate escolanovista por intelectuais brasileiros também se manifestava em Portugal, dada à recorrência com a qual obras de brasileiros eram publicadas em Portugal. O livro de Silvio Romero, intitulado *Provocações e debates*, em que o autor introduzia a idéias da escola nova, de Edmond Demolins, por exemplo, foi publicado na cidade do Porto, em Portugal. Nesse livro, há uma carta em que Silvio Romero enviou a José Oiticica informações sobre o método sociológico de Le Play, a pedagogia de Demolins em atenção, principalmente, à experiência do Colégio Latino-Americano fundado por Oiticica no ano de 1905, cuja metodologia de funcionamento se inspirava na experiência da *École des Roches*, fundada por Demolins em 1899.

Como Silvio Romero, outros intelectuais brasileiros participavam do debate sobre a escola nova, colaboravam em diversas revistas européias. Esse intelectual e José Oiticica orquestraram o debate educacional sobre a nova educação proposta pelo pedagogo Edmond Demolins em sua revista *La Science Socialle*, fundada em 1886 na França. Essas ocorrências de chofre sinalizam que o espaço do debate entre educadores brasileiros, portugueses, franceses e outros era amplo e que havia conexões entre diferentes sujeitos, inseridos em grupos distintos, quase todos interessados nessa proposta de uma educação nova, que deveria substituir o *ensino enciclopédico*, em consonância com as várias lentes disponibilizadas pelos debates sociológicos desde o final do século XIX.

O interesse de Oiticica em fundar o Colégio Latino-Americano em 1905 manifestou-se nessa ambiência quando se disseminava por toda a Europa um debate focalizado no tema da renovação educacional. Essa troca de idéias, embates e lutas veiculavam-se por meio da circulação de livros, revistas, jornais em que os intelectuais, professores publicavam os seus ensaios, relatavam as suas experiências, confrontavam e construíam suas práticas discursivas acompanhando os vieses das ciências naturais e sociais. Era comum a publicação de cartas-resposta, livros como resposta a oposições e composições em questões relativas aos diferentes projetos para a educação nova.

Essa articulação de idéias estava em aberto diálogo com a sociologia, a maior parte deles, por meio das vertentes da biologia evolucionista de Darwin, do racionalismo e do materialismo histórico. Com a psicologia, ao lado da Biologia buscava-se apreender a dinâmica e os processos como se dava a aprendizagem dos alunos. Nos discursos dos sujeitos que escreviam em jornais da imprensa libertária, tanto os periódicos dirigidos por José Oiticica, como outros dos anos iniciais do século XX, como, por exemplo, *A Lanterna*, a

partir de 1901, *A Voz do Trabalhador,* desde 1908, *A Vida* em 1914, entre outros, apresentam diversos artigos em que se podem ver comprovadamente essas articulações do discurso que versavam sobre o projeto de uma escola nova.

A pesquisa de Barreira (2005 e 2006), que examinou as revistas de educação e ensino que circularam em Portugal no início do século XX, detectou a existência de inúmeros artigos de intelectuais portugueses que sinalizam uma clara associação do movimento de renovação nacional nas práticas discursivas de portugueses das mais diferentes colorações ideológicas, entre as quais liberais, maçons, socialistas e libertários.

O seu estudo, numa dimensão mais ampla, demonstra que havia uma luta contra o *velho ensin*o cuja superação encetava para diferentes propostas do *novo ensino,* este concebido de maneira particular nos diversos grupos que participavam do debate educacional nos periódicos de ensino e de educação. Na luta, pela nova educação, conforme afirmou Barreira (2006, p.1):

> Cada grupo concebia o "novo" de determinada maneira e, conseqüentemente, as estratégias que propunham para a consecução dos objetivos que postulavam nem sempre coincidiam, com exceção talvez de uma delas: o papel relevante que atribuíam à educação escolar, no processo de construção da "nova" sociedade.

A ênfase da sua investigação incidiu no exame das proposições de Adolfo Lima, um renomado escolanovista português, difusor e praticante das idéias libertárias, que foi diretor pedagógico e professor de Sociologia na Escola Oficina nº 1 de Lisboa e professor na Escola Normal Primária de Lisboa.

Esta escola foi fundada em 1905, o mesmo ano da fundação do Colégio Latino-Americano de José Oiticica, e "a partir de 1907 quando Adolfo Lima e outros professores anarcosindicalistas portugueses passaram a compor o seu corpo docente, outra forma de educação começou a ser nela experimentada" [...]. A instituição pertencia a uma organização maçônica e republicana denominada inicialmente Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas e depois, em 1913, chamada Sociedade Promotora de Escolas (BARREIRA, 2005, p.1).

Na fase de funcionamento do Colégio Latino-Americano, até o ano de 1908, além das referências no debate com Silvio Romero, a respeito dos posicionamentos e da interlocução de José Oiticica próximos à experiência da *École des Roches* de Demolins, não encontramos outros indícios que demonstrassem de forma mais precisa a inserção de Oiticica no debate escolanovista.

A partir de 1912, a presença de José Oiticica se faz notada nos jornais anticlericais e

libertários, sobretudo nas conferências proferidas na *Liga Anticlerical* do Rio de Janeiro e nos artigos, momento em que participa ativamente da criação de escolas de ensino racionalista, inspiradas no modelo racionalista de Francisco Ferrer y Guardía. Essa campanha acontecia por toda a imprensa libertária. O fuzilamento desse pedagogo libertário, morto no dia 13 de outubro de 1909, era rememorado como uma forma de fortalecer a luta em prol das escolas modernas, cujo modelo já havia sido experimentado em São Paulo.

Nos periódicos fundados por José Oiticica, *A Vida*, em 1914 e depois, *Spartacus,* em 1919, figuram sempre nas páginas finais uma lista com livros, folhetos e jornais como leituras recomendadas, aquelas que todos deveriam ler. Entre os livros recomendados estavam os de Adolfo Lima, o Diretor da Escola Oficina nº 1 de Lisboa, cujos títulos são apresentados abaixo:

> Leitura que recomendamos
>
> O que todos devem ler
>
> Livros
>
> (...)
>
> *Adolfo Lima* – O contrato de trabalho ......................................4.000
>
> *Adolfo Lima* – O ensino da História (1 vol. de 63 pags)..............700
>
> *Adolfo Lima* – O teatro na escola (1 vol. de 32 pags)....................300
>
> *Adolfo Lima* – Educação e Ensino (Educação integral)...............2.000
>
> (...)
>
> Os livros indicados nesta página serão remetidos para qualquer lugar do Brasil, ao preço aqui indicado e sem aumento do porte do correio, si o pedido vier acompanhado da respectiva importância do vale postal, dinheiro em carta registrada com valor declarado, ou com selos do correio do valor de 10 ou 20 reis. Esta administração satisfaz também com prontidão qualquer encomenda de livros, nacionais ou estrangeiros, de propaganda social, que venham acompanhados da importância correspondente, bem como se encarrega de tomar assinaturas para todas as publicações periódicas da Europa e da América. (*A Vida*, ano I, nº 2, p. 18, 31-12-1914).

A maior parte dos livros era procedente de Portugal. A parceria na veiculação dessas publicações, divulgadas como leituras recomendadas para a educação nova em periódicos, como, por exemplo, *A Vida*, deixa ver a clara conexão entre a militância dos professores militantes libertários de Portugal e os do Brasil. Na militância anarquista o dispositivo de criar e alimentar uma rede solidária de divulgação das idéias fazia parte da estratégia do combate pela palavra. No caso da militância do professor José Oiticica, esta evidência se fortalece ao examinarem-se as idéias que apresenta para a educação nova, como será demonstrado no capítulo que se segue.

### 1.4 A Escola de Arte Dramática do Rio de Janeiro

Após o fechamento de seu colégio do Leme, Oiticica trabalhou durante três anos como diretor de um Colégio Municipal de Laguna, em Santa Catarina. Nessa fase, ele fundou o jornal *Correio do Sul,* porém *sobreveio desavença com os dirigentes* [do jornal] e ele deixou a redação. Em 1910, Oiticica retornou de Laguna para o Rio de Janeiro. Nessa época, ele tinha três filhos e precisava conseguir emprego para o sustento de sua família.[50] Era um recomeço de vida no Rio de Janeiro e dona Francisca ajudava com seu trabalho a compor o orçamento doméstico.[51]

José Oiticica ingressou como professor de História no Colégio Batista e procurou manter a sua colaboração em jornais da imprensa do Rio de Janeiro.[52] Pelas condições enfrentadas por Oiticica naquele momento, a melhor opção era conseguir trabalho com vencimentos fixos, pois as remunerações obtidas com a colaboração na grande imprensa e as aulas no colégio católico eram insuficientes.

Nesse período, os jornais da capital federal remuneravam por colaboração literária. Assim o trabalho na imprensa jornalística oferecia, na maioria dos casos, melhor remuneração se comparada àquela proveniente da publicação de livros, pois o processo de profissionalização do autor ainda era incipiente nas décadas iniciais do século XX, e poucos autores conseguiam publicar os seus livros no Brasil. Quando um escritor estava inserido em uma das *rodas literárias*, tinha maiores condições de atuar como conferencista, colaborar em jornais e revistas e publicar seus livros (BROCA, 2004, p. 285). Com isso, para muitos *homens de letras* almejavam conseguir uma ocupação com vencimentos fixos, as escolas e as repartições públicas estavam entre as alternativas possíveis.

Até 1914, José Oiticica prestou vários concursos públicos, um concorrendo a vaga de redator na Câmara dos Deputados e outro à cadeira de professor do Instituto Benjamin

---

[50] As informações sobre essa fase da vida de José Oiticica foram consultadas em Neves (1970, p.11). O ensaísta narrou esse episódio na introdução da Antologia de artigos jornalísticos de José Oiticica, publicação intitulada *Ação Direta* a partir de entrevistas realizadas com Dona Francisca, a esposa de Oiticica e, também, de sua memória militante do trabalho com José Oiticica, a partir do final dos anos 1940.

[51] O cotidiano da família de José Oiticica era movimentado pelo trabalho do casal, de acordo com as informações das entrevistas realizadas com Sônia Oiticica. A mãe sempre participou do orçamento da casa: trabalhou com seu pai no Colégio Latino-Americano, costurava, tecia renda de bilro e fazia biscoitos que eram vendidos aos amigos e à Confeitaria Colombo, mas, como a família era grande e as despesas também, mudavam sempre por causa dos altos aluguéis das casas no Rio de Janeiro.

[52] Os principais periódicos em que José Oiticica trabalhou ao longo de sua carreira como colaborador da grande imprensa foram os jornais: *Cidade do Rio, O Mundo, Correio da Manhã, Jornal do Brasil,* e *A Pátria.*

Constant, mas como ele mesmo relatou, “apesar das ótimas classificações nunca foi aproveitado, aceito no último, o de português para o Colégio Pedro II em 1916”.[53]

Antes de assumir a cátedra no Colégio Pedro II, no ano de 1914 José Oiticica foi convidado por Coelho Netto[54] para substituir João Ribeiro, ministrando aulas de prosódia na Escola de Arte Dramática do Rio de Janeiro. Oiticica, então agradeceu a Coelho Netto por essa oportunidade de trabalho, como pode ser observado na seguinte carta:

> Rio de janeiro, 04 de maio de 1914.
>
> Illmo Director da Escola Dramática
>
> Profundamente penhorado com o honroso convite que me fez V. S. para assumir a regência da cadeira de prosódia da Escola Dramática em substituição ao provecto Professor João Ribeiro, respondo a V.S. agradecendo a confiança que em mim deposita e prontificando-me a secundar o nobre esforço de V. S. fazendo quanto em mim couber por não desmerecer de tão alta incumbência.
>
> Aguardando as ordens de V. S.
>
> Subscrevo-me
>
> Admirado e obrigado
>
> José Oiticica (Correspondência passiva de Coelho Netto, Biblioteca Nacional, R.N: 2/1937)

O seu trabalho como docente na Escola de Arte Dramática atravessou quatro décadas, tendo vivenciado inúmeras transformações dessa escola, da cidade e da ambiência política. O *jornal do Brasil* de 10 de abril de 1928 discutia sobre as condições precárias da Escola de Arte Dramática, destacando o descaso governamental com os salários dos professores e informava sobre o quadro docente dessa instituição:

> Ora, quando consideramos que o Rio possui uma escola dramática, e que essa escola arrasta uma vida imensamente precária, explicamos que não possa existir theatro no Brasil, ou pelo menos, comprehendemos como um resultado da inexistência do theatro em nossa terra a precariedade da existência dessa escola...Sabe-se que o Sr. Coelho Netto é o director do estabelecimento. E sabe-se também que alli são professores os srs. João Ribeiro, Alberto de Oliveira, Fernando Magalhães, José Oiticica e sra. Ângela Vargas. [...] A Escola Dramatica é uma causa esquecida pelos poderes públicos. Até agora, allias, os seus professores ganhavam menos do que os seus contínuos, os quaes tinham tido os vencimentos equiparados dos contínuos da prefeitura...O recente augmento do funccionalismo municipal é que veio corrigir tão pitoresco escândalo. (*O Globo,* 09-04-1928, Arquivo Fernando de Azevedo, Instituto

[53] Manuscrito biográfico de José Oiticica; Neves (1970, p.11).

[54] Coelho Netto ocupou vários cargos públicos: em 1890, foi secretário de governo do Rio de Janeiro; 1892 – professor de História da Arte na Escola Nacional de Belas Artes; nos anos de 1909 e 1917- eleito e reeleito deputado federal pelo Maranhão; 1909: Catedrático de Literatura no Colégio Pedro II; 1910: foi nomeado professor de História do Teatro, Literatura Dramática e depois assumiu a direção da Escola de Arte Dramática. A sua posição nas rodas literárias do Rio de Janeiro, na política e na educação proporcionou-lhe condições para, em situações diversas, colaborar na vida profissional de José Oiticica.

de Estudos Brasileiros - IEB, Universidade de São Paulo USP: Localização: FA A3/143).

A Escola de Arte Dramática, desde o ingresso de Oiticica atravessou dificuldades que levaram a apelidarem-na, na imprensa, como “pardieiro”, por causa das condições do prédio e da falta de materiais nesse período. Em contrapartida, a escola chamou atenção de uma parte da imprensa por ser o seu diretor um dos autores mais lidos do Rio de Janeiro, com presença marcante nas conferências literárias que eram moda no inicio do século XX. Outro aspecto compensatório da escola, exibido nos jornais, era o fato de José Oiticica integrar o corpo docente dessa instituição.

Ele estava ao lado de Coelho Netto e tinha reconhecimento social pelo seu trabalho com a disciplina de Prosódia como mostraram os periódicos[55], *Jornal do Brasil*, *o Globo*, e *A Esquerda*, no ano de 1928, ao apresentarem comentários sobre a instituição. Para exemplificar um comentário análogo nas três folhas mencionadas, o excerto de *A esquerda* mostra certo destaque ao programa elaborado por José Oiticica e ao seu trabalho naquela instituição, enquanto os programas das outras disciplinas ministradas nessa escola receberam críticas:

> Programmas, pode-se affirmar que os há mas, não na escola. Lá existiam , em 1916 ou 17, umas copias datylographadas, que os alumnos passavam de mão em mão.[...] Hoje quem os quizer tem de pagar 60$000 pelos 3 volumes da “consolidação das leis municipaes” [...] Pela leitura de seus três únicos artigos tem-se a impressão de que a escola não existia antes. Pois o art. 1 fala em dar-lhe “intallação e organização de maneira a servir para ministrar a instucção aos que destinem a carreira do theatro” [...] programma só os há de portuguez, Prosódia, Arte de dizer e representar e Pysiologia das paixões. Os dois primeiros da lavra do Sr. José Oiticica, o 4 de Coelho Netto e o ultimo do Prof. Fernando de Magalhães são optimos. Os outros são de uma mediocridade enervante. [...] Praticamente, si admittirmos que o Sr. Oiticica com o seu methodo, com o seu tirocínio, com os seus hábitos de trabalho, lecione mesmo tudo o que se propõe, não haverá boa vontade que supponha o mesmo do Sr. Coelho Netto ou do Sr. Fernando Magalhães . E a prova está em que, às vezes, os jornaes noticiam aulas publicas de ambos. [...]. (*A Esquerda* – 29-11-1928, Arquivo Fernando de Azevedo IEB,Instituto de Estudos Brasileiros, USP, Localização: FA A3/143)

A docência de José Oiticica na Escola Dramática Municipal se enleava com as atividades dos vários grupos do teatro social em decorrência de muitos dos atores e atrizes deste teatro terem sido os seus alunos.

[55] No Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) na Universidade de São Paulo - Arquivo Fernando de Azevedo encontrei três artigos sobre o funcionamento da Escola de Arte Moderna: *O Globo* – 09-04-1928: *O Theatro, índice da cultura de um povo: deplorável o estado da Escola Dramática Municipal: Está instalada em um verdadeiro pardieiro*; *Jornal do Brasil* – 10-04-1928: *Escola Dramática*; *A Esquerda* – 29-11-1928: *O que é, hoje, nos programmas e na realidade o ensino dramático entre nós - Theoricamente, é um ‘imbroghio’[...]*” retirados do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), Universidade de São Paulo (USP), Arquivo Fernando de Azevedo.

A partir de seu ingresso na Escola Dramática, o seu trabalho com grupos de teatro social, como no *Grupo Dramático Anticlerical*, estreitou laços com literatos, autores e organizadores dos espetáculos teatrais libertários. Entre os intelectuais mais próximos de José Oiticica na fase inicial da docência na Escola Dramática, destacaram-se Elísio de Carvalho e Fábio Luz. Esse movimento ocorreu concomitante a sua inserção na imprensa libertária e no intenso trabalho com as conferências, tal como será aprofundado no capítulo seguinte.

### 1.5 A iniciativa da Universidade Popular de Ensino Livre

Elísio de Carvalho, em 1904, implementou o seu projeto de *Universidade Popular de Ensino Livre* com intelectuais libertários e outros sujeitos de formações diferenciadas. Os envolvidos na universidade livre eram Fábio Luz, ministrando a disciplina Higiene; Felisberto Freire, História do Brasil; Rocha Pombo, História Geral; Pedro Couto, Filosofia; Sinésio de Faria, Matemática; José Veríssimo, Pedro do Couto, Araújo Vianna e outros.

Fenerick (1997), com o seu estudo sobre a literatura anarquista, focalizou a produção de um dos envolvidos com a organização da Universidade Popular, o médico e escritor Fábio Luz. Para situar os sujeitos de sua pesquisa, o ponto de partida deste pesquisador foi trilhar o itinerário das *rodas literárias* apreendidas por Brito Broca (2004), em suas investidas nos periódicos da grande imprensa carioca dos inícios do século XX.

Ocorre que o reconhecimento e o acompanhamento do projeto da Universidade popular foram tratados em profundidade pela imprensa operária e não pela grande imprensa. Como a pesquisa de Broca, datada de 1957, foi assumida como fonte para Fenerick (1997), os comentários de avaliação dos dois pesquisadores coincidiram ao atestarem o fracasso desse empreendimento por sua curta duração, e, ainda, por justificarem a sua fundação pelo fato de seus participantes pertencerem “pelo menos em algumas agremiações secundárias e de rodas literárias”. Vejamos o que relata Fenerick (1997, p.10):

> Neste sentido não causa surpresa alguma o fato de um dos projetos mais citados pela bibliografia sobre o anarquismo no Brasil, a criação de uma Universidade Popular de Ensino Livre, em 1904, ter sido levado a termo por alguns desses escritores [...] Apesar de “fracassado” (esse projeto durou apenas alguns meses), este projeto é mais um indicativo das “amizades” e da variada formação intelectual desses escritores que, como podemos ler em seus romances, não dispensam citações de um Nietzsche, de um Zola, de um Tolstói, de um Ruskin, mas também, vez ou outra, “escorregam” para um Darwin, um Comte ou Spencer, resultando, dessa combinação, um certo “anarquismo positivista evolucionista” que se desdobrará, de certo modo, em suas utopias narradas em suas obras literárias.

O estudo de Fenerick (1997) não focalizou a Universidade Popular de Ensino Livre.

Na abordagem da literatura classificada como *menor* no estudo de Broca (2004), a sua pesquisa tira da penumbra a parte da produção que ficou de fora das várias Histórias da Literatura Brasileira, pois analisa os textos desses autores. No entanto, concordou com a explicação dada por Broca (2004), quando este atribuiu o citado empreendimento às "amizades" que tinham os envolvidos nas *rodas literárias,* do itinerário construído pela fonte que elegeu. Fosse outra a sua fonte, fossem os jornais operários os materiais, outras evidências o fariam, provavelmente, questionar a avaliação de Broca (2004) sobre o sucesso ou o insucesso da Universidade Popular de Ensino Livre.

Quando acompanhamos as práticas educacionais contidas nos diversos jornais libertários que circularam ao longo das duas décadas iniciais do século XX, percebemos as permanências dos objetivos fundamentais do projeto da Universidade Popular de Ensino Livre. Essas permanências podem ser percebidas nas ações e campanhas em prol da organização das bibliotecas populares; na criação e manutenção dos centros de estudos; nas práticas educativas do jornal manifestadas nos inúmeros artigos que discutiam idéias de pensadores que, ao juízo dos articulistas, eram indicados para a formação de livres-pensadores; nas obras inteiras, desdobradas em folhetins e publicadas no decorrer de vários números do jornal. Verificamos também, a proposta dos libertários de criarem uma Universidade Popular pelas listas de prescrições de leitura e das freqüentes conferências sociais do livre pensamento proferidas, inclusive pelos sujeitos participantes do projeto da referida universidade.

Dessa forma, pode-se dizer que o projeto da Universidade Livre prosseguiu manifestando-se de formas variadas como exemplificadas anteriormente. Suas práticas foram plenamente incorporadas por José Oiticica e, também, por alguns de seus iniciadores, como, por exemplo, Elísio de Carvalho e Fábio Luz, participantes das conferências sociais, do teatro libertário, da elaboração das listas com recomendações de leituras, com ensaios sociológicos, incentivando e negando práticas educativas para a formação do trabalhador.

Esses dois intelectuais tiveram intensa interlocução com o professor José Oiticica, por meio de atividades conjuntas afinadas com a perspectiva dos projetos das escolas livres, da universidade e fazendo o uso dos dispositivos das linguagens do jornal, do teatro, das conferências e do cinema. Além disso, esses intelectuais e outros também faziam traduções de obras para o português, consideradas importantes para a educação libertária. Essas obras eram publicadas em forma de fascículos ou em folhetins nos jornais anarquistas.

Assim, a iniciativa de fundação da Universidade Popular teve curta duração, mas o seu projeto era anterior a ela e continuou se manifestando após o encerramento da iniciativa de

1904. Tal universidade como instituição funcionando em um prédio teve curta duração, fechou no ano em que José Oiticica abria o seu Colégio no Leme. Mas o seu empreendimento persistiu nas ações militantes da propaganda social, como já foi argumentado.

A maior parte dos envolvidos no projeto da Universidade Livre eram colaboradores da grande imprensa e da imprensa libertária, e estavam em contato com José Oiticica. Além das leituras mencionadas por Fenerick (1997), do universo libertário, havia algumas concepções e idéias pedagógicas européias como, por exemplo, as experiências do ensino racionalista a partir dos livros de Francisco Ferrer y Guardía, na Espanha.

O debate sobre as concepções e práticas educacionais para a nova educação fervilhava pelos periódicos libertários. No que diz respeito ao projeto da Universidade Popular, este se pautava pelos seguintes objetivos:

> Fundar um ensino superior metódico para o povo, organizar conferências, periódicas sobre todos os assuntos suscetíveis de interessar aos trabalhadores, fundar um museu social e uma biblioteca, realizar representações de arte social, saraus musicais, festas literárias, excursões científicas, artísticas e expansivas, publicar um boletim que seja o órgão da associação, estabelecer, enfim, um centro popular tendo por fim às vezes o prazer e a instrução – a união moral entre os cooperadores. (nota da revista *Kultur*, 1904, *apud* KASSIK, 1996, p.88).

No debate educacional esses sujeitos envolvidos com a iniciativa da Universidade Popular de Ensino Livre acompanhavam as propostas da pedagogia nova. A título de exemplo cabe mencionar que José Veríssimo foi alvo de críticas de Silvio Romero que o acusava de pouco conhecimento de causa para discutir a pedagogia da *École des Roches*, tal como consta em seu ensaio sobre *Edmond Demolins (1907*).[56] José Veríssimo era um intelectual das relações de José Oiticica e mantinham trabalho conjunto na imprensa libertária.

## 1.6 O Curso Oiticica

No início de 1915, José Oiticica organizou um curso primário para meninos, cuja perspectiva era ser orientado pela "pedagogia moderna" e organizado para atender a solicitações de amigos, como pode ser conferido no panfleto de propaganda com a sua proposta:

> Curso Oiticica
>
> Ilm.Snr
>
> Para satisfazer ao desejo de vários amigos, que sentem, como eu, a falta de um curso primário modelar para o sexo masculino, resolvi fundar um que corresponda aos

[56] Como foi apresentado anteriormente, Edmond Demolins foi o fundador da *Écoles des Roches*, cujo método de ensino foi baseado na sociologia de Frederic Le Play.

> progressos da pedagogia moderna e possa ministrar, a um grupo reduzido de crianças a verdadeira educação physica, intellectual, moral e social. Para isso, preciso contar, pelo menos, com 20 alumnos externos que contribuam com a mensalidade de 50$000 adiantados e uma joia de 10$000. O curso funccionará entre os bairros do Cattete e Botafogo, pretendendo eu começar em meados de fevereiro próximo. Contando com o apoio de V. S. e de seus amigos aguardo suas ordens em minha residência a rua Nery Ferreira, n. 72 (Botafogo) De V. S. Cr. Obg.
>
> José Oiticica, Rio – 8-1-1915.

O folheto de propaganda do *Curso Oiticica*[57] foi elaborado com o mesmo estilo das cartas publicadas nos jornais solicitando as subscrições voluntárias, como eram feitos os convites para as conferências do livre-pensamento, para as festas e para outras atividades e ações que conformavam a propaganda social anarquista.

O chamado, "Curso Oiticica" pode levar a supor que nesse início de carreira docente, o seu nome como professor era bem conhecido, em decorrência das inúmeras conferências sociais proferidas nas sessões de *propaganda social* e de suas publicações jornalísticas, além disso, ele já havia publicado dois de seus livros de sonetos. Se o seu nome ainda não era bem conhecido, estas ações logo contribuíram para isso. Muito provavelmente, "o desejo de vários amigos", uma das razões por ele apresentadas para justificar a proposta do curso, era a audiência que ele esperava se interessar pelo curso.

O Curso Oiticica derivava, pelo menos de três razões: em atendimento à necessidade de criar esse tipo de curso, tal como ele explicou no folheto de propaganda, pois nessa época havia poucas escolas; foi uma oportunidade para implementar as suas práticas pedagógicas; e era uma alternativa de trabalho para os professores daquele período.

No momento de lançamento desse curso, José Oiticica estava à frente das aulas de Prosódia, na Escola de Arte Dramática; na direção do periódico *A Vida*; colaborava com vários jornais libertários e proferia conferências sociais na Liga *Anticlerical*. Por essas inserções, o professor Oiticica dialogava e divulgava suas idéias em intensa interlocução com intelectuais das correntes libertárias, sendo a maior parte deles, adeptos da "pedagogia moderna", ou seja, defensores da "verdadeira educação".

No entanto, esses termos eram usados por vários expoentes do discurso educacional do período, não estavam restritos aos discursos da educação libertária. No caso do professor José Oiticica, eles referiam-se à educação racionalista do pedagogo espanhol Francisco Ferrer Y

---

[57] Esse folheto foi encontrado no acervo pessoal de José Oiticica, tal como o manuscrito que abriu este capítulo, dividido em duas partes. No verso, há um soneto de José Oiticica, intitulado: *A porta de ouro*. Em uma das partes foi escrito a lápis, e na outra parte a cópia corrigida a tinta. Portanto, a sua preservação não se deu em razão do seu conteúdo original, mas pela escrita do referido soneto, datado de 22 de agosto de 1915, seis meses após o início do curso.

Guardía com a experiência das Escolas Modernas, e também aos métodos já experimentados no Colégio Latino-Americano empregados na É*cole des Roches*, a experiência do pedagogo francês Edmond Demolins. Assim, os "progressos da pedagogia moderna" do curso do professor Oiticica advinham dessas fontes.

O professor Oiticica defendia e atuava em prol da fundação de cursos orientados por essa pedagogia cujos princípios eram em muitos aspectos análogos àqueles adotados em seu Colégio Latino-Americano. Essa defesa intensificou-se a partir da segunda década do século XX, com a publicação de seus artigos na imprensa libertária e de seu ingresso na *Liga Anticlerical*. As conferências sociais e os vários artigos para a imprensa libertária sinalizam o seu interesse pelas escolas livres do projeto da educação libertária, cuja maior expressão foi a proposta de ensino racionalista do pedagogo espanhol Francisco Ferrer y Guardía.[58]

Em 1912 Oiticica publicou no jornal *A Lanterna* um artigo em favor do ensino racionalista, com o título *Francisco Ferrer e a humanidade nova.* Um ano depois, em *A Voz do Trabalhador,* noticiava uma conferência sobre o mesmo tema do citado artigo, por ocasião do aniversário da morte desse educador espanhol. As propostas de Oiticica apareceram resumidas no relato da sessão de propaganda da *Liga Anticlerical:*

> [...] o dr. Oiticica que prendendo atenção do auditório com uma bela dissertação sobre o papel de Francisco Ferrer enquanto vivo, as conseqüências de sua abnegação, e por fim que a melhor forma de comemorar, de conservar a memória do grande mestre era continuar a sua obra racionalista. Então fez um minucioso estudo sobre a fundação de escolas e demonstra que o que a princípio parece difícil se torna o mais prático que dar se pode. Há facilidade de fazer iniciar, adquirindo-se salões gratuitos para o funcionamento de escolas diurnas, cita o salão da Federação Operária, que de dia não teem movimento e lhe parece que os seus componentes não negariam esse concurso. Cita outros mais salões. Refere-se ao professorado, declarando que desde já se pode contar pelo menos com trez senhoritas que se prontificam a lecionar, conhecem o racionalismo, além de terem o curso da Escola Normal. Ele se prontifica a preparar alguns companheiros para esse mister. Finalmente concita um pouco mais de esforços da parte dos admiradores de Ferrer, que devem deixar de o admirar passando a imital-o, praticando a sua obra humanitária. Concluindo a sua brilhante peroração, apela para os prezentes para que desde já iniciem este tentamen [...].
>
> (*A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, ano VI, nº41, 15-10-1913, p.2).

---

[58] O método racionalista do espanhol Francisco Ferrer y Guardía inspirou a fundação das Escolas Modernas pelas correntes anarquistas nas duas primeiras décadas do século XX. Jomini (1990, p. 90-108), ao analisar o *Boletim da Escola Moderna*, afirma que esses estabelecimentos escolares eram destinados aos filhos dos trabalhadores, e mantidos financeiramente, tal como os jornais, centros de estudos, bibliotecas com recursos angariados pelas ações da organização operária. Os valores da liberdade, solidariedade, autonomia eram norteadores para as práticas educativas dessas escolas. Essas práticas implicavam respeitar as características de cada aluno, seus ritmos na aprendizagem, a ausência de castigos físicos e que os alunos mais adiantados ajudassem os iniciantes.

Francisco Ferrer y Guardía fundou a Escola Moderna e criou um método de ensino racionalista. A sua pedagogia foi apropriada por educadores como Adelino Pinho, Florentino de Carvalho, João Penteado, que fundaram algumas escolas modernas com o padrão proposto pelo pedagogo espanhol.

A proposta do curso do professor José Oiticica não estava vinculada às atividades da *Liga Anticlerical*. O que justificou a sua iniciativa foi a demanda por cursos modelares primários e por ser uma atividade remunerada. O curso foi oferecido, provavelmente, aos ouvintes de suas conferências na *Liga Anticlerical* e pode ser compreendido como mais uma oportunidade para ministrar as suas aulas utilizando os *processos pedagógicos* que outrora foram adotados em seu colégio do Leme.

## 1.7 O Colégio Pedro II

Em 1916, José Oiticica foi aprovado no concurso do Colégio Pedro II, ingressando nesta instituição em 1917. O pertencimento ao quadro de catedráticos desse estabelecimento, modelo para a educação secundária de todo o Brasil, significou um marco importante na carreira docente de José Oiticica, principalmente pelos desdobramentos profissionais, políticos e intelectuais decorrentes desse acontecimento. Qual era a importância e a dimensão de ser um catedrático dessa instituição? Isso requer uma exposição sumária sobre o lugar desta instituição no ensino brasileiro e o significado de pertencer a ela. Além disso, vale considerar que a análise desses elementos nos dá suporte para a discussão sobre aspectos da produção didática, do autor, que serão devidamente apresentados no quarto capítulo.

O Colégio Pedro II, desde o Império, mais precisamente após o Ato Adicional de 1834, passou a ser um estabelecimento da instrução secundária. A exemplo do que ocorreu também com os Liceus da Bahia e de Pernambuco, seguiu o modelo francês, adotando o sistema de estudos seriados em cursos de regular duração e foi escolhido pelo Governo Imperial como um estabelecimento modelo para o ensino secundário brasileiro. (HAIDDAR, 1972, p.255).

Desde os primórdios de sua fundação no Rio de Janeiro, em 1838, o colégio teve posição de destaque por ser o padrão a ser seguido por todos os estabelecimentos de ensino do secundário do Brasil[59], a posição de "padrão" de ensino secundário brasileiro imprimia algumas diferenças importantes de serem mencionadas para a compreensão do seu significado. Tal posição colocou-o em uma situação distinta em relação aos outros colégios e

---

59 Entre os trabalhos de pesquisa que trataram do Colégio Pedro II, Ensino Secundário Brasileiro ver: Andrade (1999); Gasparello (2004); Haiddar (1972); Silva (1969).

liceus do país. Os alunos egressos dessa instituição recebiam um diploma de "Bacharel em Letras" quando cursavam os sete anos do curso, garantindo-lhes o acesso direto aos cursos superiores. Aquele que realizava os estudos em qualquer outra instituição particular deveria se submeter aos Exames Preparatórios se quisesse ter acesso aos cursos superiores.

As atribuições do Colégio Pedro II eram a definição dos programas de ensino, a indicação dos compêndios escolares e a elaboração dos Exames Preparatórios. A oficialização dos regulamentos e dos programas do Colégio Pedro II foi estratégia para a uniformização dos preparatórios. Para tal tarefa, os colégios e os liceus públicos tinham que disponibilizar toda a infra-estrutura para a realização desses exames. As tarefas incluíam desde a definição do lugar de realização das provas, até a arregimentação de profissionais para a consecução desses exames.

Os catedráticos do Pedro II determinavam os programas e indicavam os compêndios, dos quais, em sua maioria, eram eles os próprios autores. Por conseguinte, os conteúdos dos Exames Preparatórios eram advindos desses programas. Assim, as escolas e os seus programas curriculares deveriam seguir a essas determinações, uma vez que os alunos dessas escolas, como foi dito anteriormente, eram obrigados a realizar os exames para garantir o acesso aos cursos superiores. A característica preponderante desse ensino direcionado aos preparatórios para o curso superior lhe deu o caráter de intermediário e propedêutico.

As escolas secundárias, no decorrer do Império e nos inícios da República, se equiparavam ao conceito de colégio no sentido francês do termo, ou seja, o lugar em que se ensinavam as *humanidades.*[60] O termo secundário deve-se ao fato desse ensino intermediar os estudos maiores. Tal como o modelo francês, possuía alunos internos e meios pensionistas, contava no corpo docente com vários professores de diversas matérias como Português. Retórica, Latim, Matemática, História Natural, Física e Química. A autoridade maior era o Reitor, um posto de responsabilidade administrativa da instituição.

O Colégio Pedro II, ao longo do Império, e em grande parte da fase republicana, teve a função de formar as classes dirigentes do país. Com essa perspectiva, essa instituição escolar, ao longo de sua história abrigou professores pertencentes, em maioria, à elite intelectual e política. A instituição foi um signo do Império e com a República, essa

---

[60] Para saber sobre o histórico e os sentidos atribuídos aos termos humanidades e secundário ver: Chervel (1992) *Quando surgiu o ensino secundário?*e Chervel & Compere, (1997) *Lês humanités dans l' historie de l' enseignement français* . Para conhecer a conformação do secundário do ensino de humanidades no Brasil, consultar Gasparello (2004) *Construtores de identidades: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária.* Os trabalhos de Andrade (1999) e de Razzini oferecem informações sobre a dinâmica de funcionamento do Colégio Pedro II e sobre a conformação do Colégio Pedro II ao longo do Império e da República brasileira.

representação potencializou-se, principalmente por sua atribuição de continuar determinando os programas de cursos para o ensino secundário do Brasil.

A carreira de José Oiticica no Colégio Pedro II foi iniciada em 1917, como já foi citado, e terminou em 1952 pela aposentadoria compulsória. O trabalho nessa instituição potencializou outras inserções de sua vida intelectual. A sua produção didática na área de língua portuguesa, os seus estudos filológicos que o levaram aos cursos superiores dentro e fora do país. Sem sombra de dúvidas o seu ingresso na instituição modelar do Império e da República foi de especial importância para compreender as dimensões de seu reconhecimento intelectual.

Para ingressar como catedrático no quadro do magistério oficial do Colégio Pedro II era necessário obter aprovação em concurso após a apresentação de uma tese. A tese naquele período não apresentava similitudes com os significados a ela atribuídos no presente.

Após examinar quatro teses de professores, submetidas a concurso para ingresso à cátedra do Colégio Pedro II, no final do século XIX e no início do século XX, Souza (1999, p.42) nos apresenta o seguinte comentário do catedrático de Português Antenor Nascentes, amigo de José Oiticica: “em geral, estas teses eram curtas em extensão e em idéias [...] são trabalhos sem espontaneidade, com assunto indicado pela congregação, continham em geral poucas páginas [e] pouco valor apresentavam, salvo uma ou outra”.

Souza (1999, p.44) observa que o sentido atribuído a uma tese naquele período, não tem equivalência ao significado que lhe é atribuído na atualidade, levando-o a interrogar-se se esta observação procede, ou se certos “arranjos institucionais’ hoje bem conhecidos têm história mais longa do que parece. Além disso, fica a impressão de um descompasso flagrante entre teses modestas e um ensino pretensioso e denso a julgar pelos programas examinados”.

Na busca de informações sobre as atribuições de José Oiticica na cátedra do Colégio Pedro II, encontramos uma situação interessante que compõe com as insinuações de Souza sobre os possíveis arranjos daqueles concursos[61]. A ocorrência se deu logo após Oiticica deixar o seu cargo de substituto de Português e tornar-se catedrático. Possivelmente, esta foi uma das primeiras bancas após a sua inserção na Congregação dessa instituição.

Quintino do Vale, que ocupava o posto de Vice-Diretor do Pedro II, era um dos candidatos e por essa condição alguns contavam que ele fosse o candidato vencedor. Os professores José Oiticica e Antenor Nascentes eram membros que obrigatoriamente faziam

[61] *Almanack do pessoal docente e administrativo,* um documento que foi organizado pelo secretário do Colégio Pedro II Octacílio A. Pereira, em que apresentou informações sobre o pessoal docente e administrativo até 30 de junho de 1924, v. II, p. 14-19.

parte da comissão julgadora. Carlos de Laet declinou a sua participação alegando ser uma tarefa muito penosa. Com isso, o professor José Accioli, Lente do Colégio Pedro II, ofereceu-se para compor a comissão e o seu nome foi aprovado com 12 votos da Congregação, ou seja, a metade dela desejava que fosse admitido um Lente de fora do Colégio Pedro II.

Essa alternativa não foi aceita porque o Diretor-Geral do Departamento Nacional de ensino, sob a alegação de que uma pessoa estranha ao Corpo Docente só pode ser admitida desde que não haja nenhum professor, além dos catedráticos da disciplina em concurso, que aceite fazer parte de tal comissão, mas que o voto que esse membro da comissão, estranho ao corpo docente, atribuir ao candidato, apenas servirá para orientar os membros da comissão; e só nessas condições, também poderão fazer parte das comissões examinadoras os professores interinos de outras cadeiras que não a posta em concurso.

Os critérios adotados para a condução do concurso foram os seguintes, de acordo com o relatado pelo secretário do Colégio Pedro II Octacílio A. Pereira:

> Na direcção dos trabalhos adoptei não só no concurso de portuguez, mas nos de História e Chimica, o seguinte critério: durante a meia hora do examinador, este era dono da palavra, só admitindo que o candidato falasse quando para isso lhe dava o examinador consentimento expresso; situações inversas eram estabelecidas durante o quarto de hora do candidato. Verificou-se de um modo geral que os candidatos mais fortes não procuravam interromper a argüição e occupavam-se, durante esta, em assentar imperturbavelmente as objecções que lhe eram feitas e em procurar nos livros trazidos, documentação para resposta. Os candidatos fracos ou medíocres, ao contrário tentavam a todo o instante interromper a argüição, talvez para perturbar a attenção dos juízes e cortar o fio das idéias do argüidor. Quando lhes era dada a palavra respondiam frouxamente uma ou outra objeção, esquecendo ou fingindo esquecer o mais importante, pois não haviam tomado nota [...] Move-me (...) o desejo de mostrar apenas o desejo de mostrar ao Governo que é de toda a conveniência evitar bate-boca livre nas argüições de these, pois no meio do alarido que quase sempre se estabelece não é possível aos juízes acompanhar com segurança o raciocínio dos altercantes, nem saber siquer qual dos dois está com a razão. Accrescente-se, a bem da verdade que alguns daquelles professores que em Congregação defenderam o diálogo, como "imprescindível ao brilho dos concursos", apellaram muitas vezes para o presidente da commissão, no sentido de lhes fazer calar o candidato. (PEREIRA, 1928, p.17-18).

Na seqüência havia a prova prática, que no ano seguinte passou a ser orientada e fiscalizada pela mesma comissão de argüição de teses.

As notas atribuídas por José Oiticica ao candidato vencedor, o vice-presidente do Colégio e professor de Português interino do internato do mesmo Colégio, foram as mais baixas em relação aos outros vinte e três membros da Congregação. Na 1ª tese, atribuiu ao candidato a nota zero, deixando ver que entre os três candidatos, ao seu juízo o melhor candidato era Jacques Raymundo Ferreira da Silva, professor da Escola Normal. Informa Pereira (1928, p.22) que esse candidato apresentou ao Governo um recurso contra o resultado

do concurso, mas não obteve provimento: "por acto do Sr. Diretor Geral do Departamento Nacional de Ensino [Jacques Raymundo Ferreira da Silva e Clovis do Rego Monteiro] foram nomeados docentes livres de Português do Collegio Pedro II, pelo espaço de dez annos".

### 1.7.1 O ingresso de José Oiticica no Colégio Pedro II

A tese de José Oiticica[62] apresentada e aprovada pela Congregação, presidida pelo Diretor do Colégio Pedro II, Carlos de Laet, intitulava-se *Estudos de fonologia, 1ª série: tese de concurso ao Colégio Pedro II*, tinha 79 páginas e na sua página de abertura consta a explicação de José Oiticica que:

> A tese destinada ao concurso de português no Colégio Pedro II era a minha gramática dos Lusíadas. Tudo fiz para levar a termo o longo trabalho. A curteza do prazo não me permitiu realizar meu desejo. Escrevi por isso, em quinze dias, esta primeira série de estudos de Fonologia.
>
> Este aviso é tão somente para justificar as falhas inevitáveis, pois a pressa é inimiga da perfeição.
>
> J.O.
>
> (OITICICA, 1916, p. 1)

O texto apresenta-se dividido em duas partes. Na primeira parte da tese, nomeada como "Classificação dos fonemas segundo a prosódia brasileira", Oiticica apresenta 31 itens listados numericamente, dos quais autores de gramáticas, como Soares Barbosa, Júlio Ribeiro, Mathias Duval, Alfredo Gomes, Adolfo Francisco Coelho, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Gonçalves Viana, Fernão D' Oliveira, João de Barros, Duarte Nunes, Madureira Feijó são citados. Em cada um desses itens comparecem julgamentos de valor acerca da forma de tratamento fonético empreendido por um autor e outro. Os erros e acertos evidenciados são apresentados seguidos da opinião ou correção de Oiticica. A forma de apresentação do texto de Oiticica é exemplificada no trecho abaixo:

> 3- JÚLIO RIBEIRO critica a distinção entre vozes e consonância, achando que provém da "observação imperfeita que dos fenômenos de vocalização tem feito os gramáticos" ele mesmo, todavia, confirma a distinção ensinando que as vogais são sons laríngeos ressoados nas cavidades faríngea e bucal, e as consonâncias, os ruídos, isto é vibrações irregulares, mistas e confusas. Erra, porém, quando afirma que "tanto vozes como consonâncias não passam de sons laríngeos de vozes propriamente ditas, que se modificam diversamente, ao atravessarem a parte superior do tubo vocal". [...]

---

[62] A tese de José Oiticica abre um volume coligido por Almir Câmara de Matos Peixoto com todos os trabalhos do autor, impressos ou não sobre classificação fisiológica de fonemas e o sistema fonético brasileiro, encontros vocálicos, técnica do verso e dicção. O seu editor explica que, no caso da tese do concurso, a publicação foi integral de acordo com a sua única publicação em 1916: *Estudos de fonologia (1ª série)*: *tese de Concurso ao Colégio Pedro II*. Rio de Janeiro: Oficinas Tipográficas Apolo, Rua da Alfândega, 182. (PEIXOTO, 1955, p.6).

4- Essas noções, tomadas de MATHIAS DUVAL, foram mais ou menos reproduzidas por outros gramáticos.

O Dr. ALFREDO GOMES, por exemplo, que ensina "sons ou vozes são os elementos materiais dos vocábulos". Confunde, assim os sons com as vozes, sem perceber que em certas/articulações/, há, concomitantemente, som laríngeo sem haver voz, do mesmo modo que no chamado canto com bôca fechada (a boca chiusa). É também, muito difícil perceber que vêem a ser elementos materiais dos vocábulos.

Divide as vozes em puras e articuladas. Chama tubo vocal "o conjunto dos órgãos em que se produz o som". Ora o som se produz exclusivamente na laringe (o sne.GOMES escreve como JÚLIO RIBEIRO; o laringe) e não modifica em parte alguma: reforça e ressoa. A voz é que se modifica. [...] Tudo isso provém de supor o snr GOMES copiando JÚLIO RIBEIRO, que só há vozes, que as consonâncias se limitam a modificações das vozes. [...]. (OITICICA, 1955, 23-24).

A segunda parte da tese é intitulada *Teoria dos encontros vocálicos*, organiza-se com 24 itens, nos quais Oiticica discute algumas das divergências entre os gramáticos no que diz respeito ao número de ditongos e tritongos; apresenta os exercícios a partir de versos de Bocage, de Camões e de alguns de sua própria autoria, sendo que ele justifica esta última escolha da seguinte forma: "os versos sem menção de autor foram compostos por mim, por não ter achado ainda, sendo eles raríssimos, exemplos nos poetas".

### 1.7.2 O professor substituto foi nomeado catedrático e professor da Escola Normal

Após a sua aprovação no concurso, em 1916, Oiticica assumiu o cargo de professor substituto na cadeira de Português, em 28 de junho de 1917, e no ano seguinte foi equiparado aos substitutos das Faculdades Superiores. No almanaque de docentes e de funcionários administrativos do Colégio Pedro II, elaborado em 1928, pelo secretário da instituição, essa ocorrência aparece registrada, acompanhada de informações sobre as outras atribuições de Oiticica:

JOSÉ RODRIGUES LEITE E OITICICA. Bacharel em Sciencias jurídicas, Professor substituto de portuguez do. Col. Pedro II em 28-6-1917. Posse e exercício em 03.07.1917. Prestou concurso de acordo com o art. 25 da lei nº 3.454 de 6-1-1918, ficou integralmente equiparado aos substitutos das Faculdades Superiores. É docente da E. Normal do D. Federal e prof. Da Escola Dramática. Collabora em vários jornaes desta Capital, sendo também autor de várias publicações didacticas. Tem servido em varias comissões examinadoras nos gymnasios do interior, por nomeação do Cons. Sup. Do Ensino.

(PEREIRA, Octacílio. 1928. Almanack do pessoal docente e administrativo do Colégio Pedro II, até 30 de 07 de 1924, nº 2º, 30-06-1924, coluna 34 de nomes e cargos).

Após oito anos no cargo de substituto, Oiticica foi admitido na Congregação, passando a ocupar a cátedra de Português, assim como se pode ver no relatório da Congregação do

Colégio Pedro II:

> Apresentando ao EXMº SNR Director Geral do Departamento Nacional de Ensino pelo professor Euclides de Medeiros Guimarães Roxo, Director do mesmo externato.[...]
>
> [...] Registram-se os seguintes actos:
>
> Decretos de nomeações
>
> [...] do Dr. José Rodrigues Leite e Oiticica para professor Cathedratico de Portuguez (19 de julho de 1925).
>
> (Relatório concernente aos annos lectivo de 1925 e 1926, do Collégio Pedro II – Externato).

O cargo de catedrático de Português foi criado com a Reforma Rocha Vaz, em 1925, por meio do Decreto 16.782-A, desdobrando em duas as cadeiras de Latim e de Português do externato e do internato, criando as vagas para essas duas cátedras.[63] O nome de José Oiticica aparece pela primeira vez na lista de convocados para as reuniões ordinárias da Congregação, em 28 de agosto de 1925. Nesta reunião, Oiticica não assinou a sua presença, e, embora não haja nenhuma observação a respeito de sua ausência, ela se deu em razão de ainda estar preso por conta de seu segundo encarceramento, ocorrido em 1924 e durando até 1925. A sua participação nas reuniões ordinárias da Congregação deu-se a partir de 17 de outubro de 1925, em uma reunião cuja finalidade foi para tratar sobre o um concurso para livres-docentes.[64]

Pertencer ao corpo docente do Colégio Pedro II era uma posição de destaque dada, principalmente, pela dinâmica de funcionamento do curso secundário, pois, como argumenta Razzini (2000, p. 26) “o poder dos professores do Colégio Pedro II era hegemônico, se considerarmos que eram eles que decidiam, cada um em sua cátedra, o programa curricular e os compêndios adotados no Pedro II e, por conseguinte, nos preparatórios”.

Além disso, como se pode ver, o secretário do Colégio Pedro II, ao informar sobre o cargo de substituto em 1917 de Oiticica no Almanaque do pessoal docente e administrativo, datado de 1928, quando ele já era catedrático desde 1925, informou sobre as suas publicações em jornais, os seus livros didáticos e sobre a sua participação em várias comissões examinadoras nos ginásios do interior, por nomeação do Conselho Superior do Ensino. Esse currículo era, na realidade, para o restrito segmento de intelectuais da época.

Oiticica foi docente da Escola Normal de Artes e Ofícios do Distrito Federal, a única escola normal pública que formou professores habilitados a lecionarem nas escolas de

---

63 Cf. *Relatório do Colégio Pedro II concernente aos annos lectivos de 1925 e 1926*, sob direção interina do Prof. Euclides de Medeiros Guimarães Roxo, 1928, p.7 e DORIA, 1997, p.226.

[64] Cf. Livro nº 4, Atas da Congregação do Colégio Pedro II, Núcleo de Documentação e Memória (NUDOM) do Colégio Pedro II.

aprendizes e artífices[65]. Afrânio Peixoto, entre 1916 e 1917 esteve a frente da direção dessa instituição. Mais tarde, em 1936 ele convidaria Oiticica para ministrar aulas de grego na Universidade do Distrito Federal.

Oiticica esteve por diversas vezes às voltas com os debates sobre as questões educacionais, e o pertencimento à cátedra desse colégio modelar lhe dava "autoridade" para tal, porém, seu outro lugar de atuação, ou seja, a militância anarquista dava-lhe o sentido e destaque do sujeito articulado com a educação libertária. A contradição criada por estar nesses dois lugares díspares, ao mesmo tempo em que lhe dava legitimidade para representá-los, também lhe causava o estranhamento. O pertencimento a esses dois lugares provoca-lhe estranhamento, pois, segundo o que conta Segismundo (1987, p.74) em seu livros de memórias, *Colégio Pedro II: tradição e modernidade*, Oiticica "era e queria ser independente dos grupos afeiçoados à alta administração e com isso tinha inimigos, com os quais adotava a seguinte posição: "Nem os combatia nem os desprezava. Simplesmente ignorava-os". Era o catedrático que ministrava conferências sobre o anarquismo e era o anarquista que estava ocupando uma cátedra no Colégio Pedro II. Sua circulação entre esses dois espaços, deu-lhe notoriedade, uma vez que suas idéias e concepções eram neles difundidas.

### 1.7.3 *A batalha memorável*

Na historiografia militante de Rodrigues (1993) e de Neves (1970), o ingresso do professor José Oiticica é narrado como uma batalha em que o anarquista vence a Congregação do Colégio Pedro II. A apresentação da tese é qualificada como uma *batalha memorável*, um episódio narrado para marcar uma vitória da educação libertária, por ter infiltrado um de seus expoentes na *educação deles*, ou seja, na educação burguesa.

No terreno em que se deram os embates entre os projetos educacionais para a *formação do homem novo*, na narrativa desses historiadores militantes que conviveram com José Oiticica no final de sua carreira no Colégio Pedro II, emerge a figura do anarquista que *eles*, "os professores burgueses", tiveram que aceitar, marcando assim a presença do membro da educação anarquista. Esta educação foi tomada na narrativa de Roberto das Neves e de Edgar Rodrigues, como a *nossa educação.*

Dessa forma, na historiografia produzida por esses historiadores-militantes anarquistas, a construção da *memória* de Oiticica se deu nos terrenos em que circularam as

[65] A Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Braz pelo Decreto 1059, de 14 de fevereiro de 1916, promulgado pelo prefeito do Distrito Federal Rivadávia da Cunha Côrrea, regulamenta o curso da Escola Normal e cria a categoria dos docentes, professores encarregados da regência das turmas, após habilitados perante uma comissão de catedráticos (Cf. ACCÁCIO,1993).

ações da figura do militante no Colégio, e a do catedrático nos lugares da educação anarquista, ou seja, onde Oiticica exercia a “nossa obra”, que era compreendida por esses pesquisadores como as atividades da militância da qual eles também foram participantes.

É nessa ótica desse lugar que Neves (1970) apresentou a sua narrativa sobre o “episódio” da conquista da cátedra de Português por José Oiticica no Pedro II. Ele reuniu as informações julgadas como necessárias nos textos necrológicos de José Oiticica por ele coligidos dez anos antes da elaboração de seu ensaio biográfico que abriu a antologia dos artigos publicados por José Oiticica na grande imprensa e na imprensa libertária. Da fala de Teófilo Andrade, Neves (1970, p. 12) conta como foi a apresentação da tese de Oiticica no Colégio Pedro II:

> Quando se candidatou ao sétimo [concurso], desta vez para professor de Português do Colégio Pedro 2º, em 1916, José Oiticica, receando ser, mais uma vez vítima do favoritismo e da perseguição de invejosos e medíocres, sobretudo porque na tese que ia defender denunciava os erros contidos nos livros dos que o examinariam, resolveu convidar a assistir às provas o ministro da Justiça do governo Wenceslau Brás, Carlos Maximiliano, a cuja pasta estavam afetos, na época, os problemas do ensino. As provas, na opinião dos que a elas assistiram (e foram muitos, pois o prestígio, já então grande, do candidato, e as circunstâncias do concurso haviam atraído numerosas pessoas, entre as quais o próprio ministro da Justiça, que enchiam literalmente o recinto), foram “uma batalha memorável”. Assim as classificou Teófilo de Andrade, diretor de “O Jornal” e da revista “O Cruzeiro”, em artigo necrológico sobre José Oiticica, no nº 2 de novembro daquele diário. No final das provas reunidos os examinadores para proferirem o veridicto, a maioria deles, feridos na sua vaidade pelas zargunchadas do candidato e argumentando com o perigo que para o ensino representaria a aprovação de José Oiticica, já então conhecido como adversário da Igreja Católica e partidário das idéias anarquistas, que divulgava, com brilho e destemor na Imprensa e no seio dos poderosos sindicatos da época, inclinavam-se para a reprovação. Carlos de Laet, uma das mais notáveis figuras da Congregação do Colégio Pedro 2º, teve então um dos seus gestos nobres. Apesar de católico militante, adversário das idéias anarquistas e um dos mais atacados na tese do examinado, ergueu-se de sua cadeira e protestou: “não é possível que num país, como o Brasil, onde raros são os homens de valor, se pretende reprovar um homem como este, que acaba de demonstrar profundos conhecimentos gramaticais e filológicas, apenas porque processa pontos-de-vistas divergentes dos nossos! Que têm a ver o anarquismo e o ateísmo do candidato com o assunto que aqui nos congrega? Não somos policiais nem membros do Santo Ofício para persegui-lo e julga-lo, mas professores examinadores, e devo frisar que embora discordando de vários de seus conceitos sobre a gramática e a filologia, me satisfizeram plenamente as prova a que esse rapaz acaba de prestar e que revelam um talento e uma cultura invulgares na sua idade e repito, no nosso país! É, não há dúvida, um jovem de grande talento e de grande cultura, de quem há muito a esperar!”.

A narrativa de Neves (1970) é construída em um lugar determinado: a produção da memória anarquista, da sua militância no jornal *Ação Direta*, no qual José Oiticica esteve à frente até a sua morte em 1957. Trata-se de um texto *post mortem*, a abertura do livro de mesmo nome do jornal: *Ação Direta: antologia dos melhores artigos publicados na imprensa*

*brasileira – meio século de pregação libertária*, direcionada a um público determinado: os militantes, simpatizantes e aos leitores interessados na memória anarquista.

O seu objetivo principal com a narrativa é a construção da memória do personagem militante anarquista no Colégio Pedro II, cuja imagem é a do rebelde que a congregação do Colégio Pedro II teve que aceitar, ou, então, evidencia a força com que o rebelde ocupou seu lugar naquele espaço.

As observações de Teófilo Andrade sobre a tese de Oiticica não procedem ao ocorrido, pelo menos no que diz respeito aos "ataques" (críticas) de José Oiticica aos seus examinadores. No texto publicado de sua tese, não há nenhuma referência que pudesse "ferir" os presentes em "sua vaidade pelas zargunchadas do candidato".

Em relação aos presentes na defesa de sua tese, houve, tal como apresentou, pessoas importantes da rede de relações de José Oiticica e da rede de relações de Coelho Netto que, a essa altura, tinha laços estreitos de amizade com o candidato. A tese foi aberta com a dedicatória: "Á Coelho Netto, amizade e gratidão".

Muito provavelmente a referência de Teófilo Andrade sobre as "zargunchadas do candidato" eram advindas da forma pela qual se davam os debates em torno das questões da língua portuguesa, muito freqüentes a partir do final do século XIX, e mais intensamente nas décadas iniciais do século XX. Faziam parte da cultura no Rio de Janeiro e São Paulo, como *cidades das letras* os debates fervorosos em torno de questões relativas à língua, às questões gramaticais, às questões da ciência. Nessas discussões, eram comuns as polêmicas por meio de artigos publicados nos jornais da época. Freqüentemente, o objeto da crítica não estampava apenas produção do autor, mas também a pessoa do autor. Não raras eram as publicações da crítica, seguidas de outra em resposta a ela.

O que provavelmente Teófilo Andrade classificou como "zargunchadas do candidato" quatro décadas após a tese de concurso de Oiticica deve ser compreendido na ambiência do início do século XX, quando era comum na apresentação das discordâncias gramaticais nas teses, ou nos artigos, a crítica aos erros gramaticais entre os literatos do período.

## 1.8 Ensino Superior

### 1.8.1 A universidade de Hamburgo e a proposta da Academia Brasileira de Filologia

Com a sua posição de catedrático da instituição modelo do Brasil e os seus interesses

de pesquisa relativos à língua portuguesa e a outros idiomas[66], empenhava-se em participar de eventos e congressos científicos. É importante mencionarmos um específico, dada a repercussão que teve em sua experiência docente. Trata-se de sua participação no 24º Congresso Internacional de Americanistas, em 1929, em Hamburgo na Alemanha. Dessa participação, veio o convite para desenvolver atividades na Universidade de Hamburgo. Dentre as atividades planejadas, estava a apresentação de sua *tese: Método no estudo das línguas sul-americanas.*[67]

Além do mencionado pertencimento ao Pedro II, esse convite para Universidade de Hamburgo decorreu de sua produção intelectual, da imersão considerável nas questões relativas à Língua Portuguesa e outros estudos específicos da Filologia, e também a inclinação intelectual alimentada pelos seus contatos e interlocução sobre os seus estudos.

Distanciar-se do Brasil após duas prisões, dedicar-se a uma experiência educacional em outra cultura e ainda aproveitar esta estada para proporcionar estudos de piano a sua filha Dulce foram razões que o animaram a aceitar o convite. Foi importante a intervenção e o apoio de Coelho Netto para que Oiticica conseguisse a permissão de viagem e a licença das atividades do Colégio Pedro II sem prejuízo dos seus vencimentos.

Oiticica lecionou Português na Universidade de Hamburgo – Alemanha, entre 1929 e 1930:

> Fui para a Alemanha em 1929, com um contrato de 5 anos. Em 30 veio a Revolução (uma revolução como todas as outras: não resolveu coisa nenhuma). Criou-se o Ministério da Educação, e o ministro Chico Ciência mandou-me voltar. Os alemães e os diplomatas brasileiros tudo tentaram para que eu ficasse. O Ministro, porém, foi intransigente: Apresente-se! Quando me apresentei, perguntou-me: "Então, Professor, que é que o Senhor fazia em Hamburgo?". Dei-lhe conta do que fizera no Congresso dos americanistas de 1929 e das conferências que realizara, além dos cursos regulares que dera na Universidade. "Ora, então o Senhor devia ter ficado!..." conclui o excelente Ministro. (OITICICA, *apud* NEVES, 1970, p.13).

O apelido "Chico Ciência" dado ao ministro da educação na gestão Getúlio Vargas mostrou o desprezo intelectual que Oiticica dispensou a Francisco Campos. Oiticica dependia de seus vencimentos, e a sua condição de catedrático do Pedro II o obrigava a apresentar-se ao seu posto se solicitado. Ademais, o preço que pagava por causa de suas adesões ao anarquismo era alto, pois até então, ele havia encarado duas prisões de 1918-9 e 1924-1925. A primeira, com o exílio no *Riachão*, e as detenções nas Ilhas Rasa e das Flores[68], sem contar as

[66] Vale lembrar que José Oiticica iniciou os seus estudos de idioma com o seu pai e, ao longo da vida, dominou com fluência o latim, francês, alemão, grego e esperanto.
[67] Este trabalho foi publicado no volume 9º do Boletim do Museu Nacional em 1933.
[68] Prontuário 9897, Arquivo do Estado.

detenções mais curtas. Essa militância anarquista teve um preço alto e provavelmente parte dessa conta foi cobrada por esse descaso tácito em relação às solicitações feitas para que pudesse terminar do contrato de cinco anos do acordo selado com o governo alemão. Oiticica atribuiu a rescisão do contrato de cinco anos com a Universidade de Hamburgo como um desdobramento da Revolução de 1930.

Sobre a docência de José Oiticica na Universidade de Hamburgo, encontramos no acervo da Biblioteca Nacional quatro cartas enviadas a Coelho Netto em que José Oiticica descreve as suas condições e objetivos de trabalho.

Nas cartas recebidas por Coelho Netto, José Oiticica o coloca a par de suas estratégias para ensinar os alemães a falarem o português. Também tece uma série de elogios à língua portuguesa que, segundo ele, é dotada de especial musicalidade. Conta sobre como foi a sua primeira aula na Universidade de Hamburgo:

> Minha primeira aula na Universidade aos alunos do preliminar que falam português, foi sobre sua obra. Lemos um trecho do *Rei Negro*, expliquei o vocabulário, expus o assunto e terminamos as duas horas de trabalho com um apanhado do Rajá [professor de Português do Colégio Pedro II] cujo tema serviu para falar nas três raças caldeadas no Brasil. Houve enorme interesse por essas cousas novas e o desejo de conhecer sua obra. Não pude, entretanto adotar como base de estudo, o *Rei Negro*, ou outro qualquer romance seu por não haver exemplares no mercado. Para o semestre de verão vou mandar buscar em Portugal *Os Sertões*, tendo em vista a tradução já feita que pode auxiliar os ainda pouco treinados, isto é, a maioria. [...] (Correspondência passiva de Coelho Netto, Hamburgo: 01/12/1929-Acervo Biblioteca Nacional).

Além da amizade por Coelho Netto, José Oiticica tinha especial reconhecimento pelo seu trabalho. Essa admiração aparece de várias formas nas publicações de José Oiticica. Desde a escolha de contos e de poesias para exemplificar a arte do bem escrever, no *Manual de Estilo* (1926), como na publicação anterior em seu *Manual de Análise - léxica e sintaxe* (1919), no uso de excertos para demonstrar exercícios. As produções de Coelho Netto o acompanharam em situações diversas como em sua prisão de 1924, quando em bilhete a sua esposa ele solicitou o envio de uma gramática de autoria desse intelectual.

No caso da experiência da Universidade de Hamburgo, ele compartilhou com o amigo o uso de seus romances em sua primeira aula, e mostra-lhe sua disposição em usar em suas aulas e conferências outros livros do amigo. Nota-se também que uma de suas preocupações foi discutir com os seus alunos sobre o que era o Brasil a partir do encontro das três raças caldeadas: o branco, o negro e o índio.

Teófilo Andrade relata que conheceu Oiticica na Universidade de Hamburgo e compartilha algumas de suas impressões sobre as práticas pedagógicas de Oiticica no ensino da língua portuguesa aos seus alunos alemães:

> Conheci-o na Alemanha, quando ele dava cursos de português na Universidade de Hamburgo. Realizou ali em poucos meses, um trabalho formidável. Lembro até hoje de tê-lo visto demonstrar musicalmente, que a portuguesa é a mais sonora das grandes línguas ocidentais, mais sonora que o francês, o italiano e mesmo o espanhol. [...] Os professores e filólogos alemães tratavam-no com consideração e respeito. Pouco depois, contudo, veio a revolução de 1930. E uma das primeiras coisas que esta fez, no Ministério do Exterior, foi liquidar a obra de penetração cultural iniciada por Otávio Mangabeira. José Oiticica carregado de filhos teve de abandonar às pressas o posto, e regressar ao Rio, onde reassumiu a cátedra no Pedro 2º. (ANDRADE, Teófilo, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 3-11-1957, *apud* NEVES, 1960, p. 18).

Mesmo abreviada a experiência de José Oiticica na Universidade de Hamburgo, esta rendeu-lhe frutos. Além disso, foi José Oiticica quem sugeriu a criação de um Instituto Brasileiro de Filologia[69] para o qual o Colégio Pedro II deveria conseguir dos poderes públicos os recursos para a sua fundação, de acordo com Dória (1997, p.247) iniciativas como essas mostram que Oiticica utilizava as suas habilidades intelectuais para arregimentar pares para suas idéias, muitas delas com resultado prático, como se pode constatar pela criação do referido instituto. Essas habilidades foram registradas também no relato de Teófilo Andrade quando mencionou as relações construídas com os filólogos alemães.[70]

### 1.8.2 Universidade do Distrito Federal - UDF

Em 1935, José Oiticica foi convidado, pelo então reitor Afrânio Peixoto, para lecionar grego na Escola de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal[71].

Tratava-se de uma fase de dificuldades políticas, em decorrência da intentona

---

[69] Essa academia foi fundada no Rio de Janeiro em 26 de agosto de 1944. Os quarenta membros fundadores da ***Academia Brasileira de Filologia***: Afrânio Peixoto, Altamiro Nunes Pereira, Alcides da Fonseca, Álvaro Ferdinando Souza da Silveira, Antenor de Veras Nascentes, Altamiro Nunes, Arthur de Almeida Torres, Pe Augusto Magne, Basílio de Magalhães, Beni Carvalho, Charles Fredsen, Cândido Jucá(filho), Clóvis do Rego Monteiro, David José Perez, Eduardo José Carlos, Ernesto Faria, Renato Almeida, Jarbas Cavalcânti de Aragão, Jacques Raimundo, João Guimarães, José Luís de Campos, **José Rodrigues Leite e Oiticica**, José Sá Nunes, Júlio Nogueira, Julio de Matos Ibiapina, Jonas de Moraes Corrêa, Joaquim Mattoso Câmara Júnior, Ismael Lima Coutinho, Padberg Dreekpel, Ragy Basile, Otelo de Souza Reis, Oswaldo Serpa, Quintino do Vale, Renato Almeida, Rodolfo Augusto de Amorim, Nelson Romero, Manuel Said Ali Ida, Miguel Daltro Santos, Modesto de Abreu, Saul Borges Carneiro, Sylvio Edmundo Elia.
Disponível < http://www.filologia.com.br/fundadores.htm >, acesso em 04 de fevereiro de 2008.

[70] Cf. Necrológicos compilados por Neves (1960, p. 27):

[71] A Universidade do Distrito Federal (UDF), foi criada em abril de 1935, pelo decreto municipal n° 5.513, era composta de cinco escolas: Ciências, Educação, Economia e Direito, Filosofia, e Instituto de Artes.

comunista[72], organizada pelo partido comunista sob a liderança de Luís Calos Prestes. Um ano depois Afrânio Peixoto e outros professores foram demitidos da Universidade. A radicalização ideológica do Governo Getúlio Vargas desdobrou-se na instauração do Estado Novo, em 1937. Nessa fase, pelo dispositivo da Lei de Segurança Nacional, desencadeou-se uma série de prisões. Muitos professores desistiram de lecionar na UDF, quando Alceu Amoroso Lima, o líder católico secular da época, assumiu o cargo de Reitor (VICENZI, 1986, p. 56).

Foram presos com José Oiticica outros anarquistas, comunistas, integralistas e outras pessoas que inspiraram suspeitas. A sua casa foi invadida, a sua correspondência foi apreendida, e ele ficou preso durante seis meses.[73]

No entanto, as aulas de grego na UDF não foram suspensas, pois o professor José Oiticica cuidou para que a sua filha Sônia o substituísse e a incumbiu de levar as apostilas de grego para serem corrigidas na prisão. Este episódio foi narrado por sua filha em entrevista, além de também encontrar-se no livro de depoimentos de Carlos Lacerda (1977, p.40).

> Da Casa de Detenção, dias depois, fui para a casa de Correção, onde estava também todo mundo; o Darrê, que tinha sido da Revolução de 32 e que depois foi do golpe de 38, integralista; o Triunfo Correia, comunista, o José Oiticica, que era um dos últimos anarquistas do Brasil... Foi uma época muito curiosa: nós ficamos em uma galeria da Correção e à noite nos trancavam a chave nos cubículos, mas de dia a gente andava pelo corredor...E o Oiticica, professor de grego da então Universidade do Distrito Federal, vivendo uma dificuldade até curiosa, porque a sua filha a atriz Sônia Oiticica, para não pararem as aulas, mandava as apostilas dos alunos de grego para ele corrigir. Imaginem os censores da Casa de Correção para fazer uma censura numa apostila em grego e ainda por cima em papel mimeografado! Viveram um problema sério. [...] ele foi interrogado pela Polícia: “ Mas o senhor está envolvido nesse movimento comunista?” Diz ele assim: “Não. Eu tenho horror aos comunistas”. “Mas como o senhor tem horror aos comunistas?” “Porque sou um anarquista”. “O que os senhores fazem como anarquistas?” “Bom recolhemos fundos para socorrer os perseguidos, os presos políticos” “Mas como recolhem fundos?” “Nós promovemos piqueniques na Ilha de Paquetá e vendemos entradas. [...].

José Oiticica foi solto da prisão em 31 de dezembro de 1937, mas obrigado a permanecer em prisão domiciliar por longo período. A relativa abertura política do pós-1945 imprimiu condições para a retomada do jornal *Ação Direta*. Até o início da década de 1950, trabalhou no Colégio Pedro II e na Escola Dramática.

Os investimentos de Oiticica ao longo das décadas 1940 e 1950 incidiram na reorganização, reedição e elaboração de seus estudos de língua portuguesa. Oiticica dedicou-

---

[72] Entre 23 e 27 de novembro de 1935, algumas guarnições militares sediadas em Natal (RN), Recife (PE) e no Rio de Janeiro rebelaram-se em nome da Aliança Nacional Libertadora contra o governo de Getúlio Vargas. A insurreição foi organizada pelo partido comunista, sob a liderança de Luís Carlos Prestes. Como desdobramentos os insurgentes e muitos outros foram presos no curso da ditadura Vargas.

[73] Cf. Prontuário 9897, Arquivo do Estado/Prontuários.

se também às conferências radiofônicas. Trabalhou no programa de Cid Franco, na rádio Cruzeiro do Sul no Rio de Janeiro e de São Paulo, no final dos anos de1940, e, em 1952, iniciou um curso de português no programa *Colégio do Ar*, na Radio Ministério da Educação.[74]

Já não era mais o tempo das modas das conferências literárias que marcaram os inícios dos anos de 1900. As conferências sociais dos centros de estudos anarquistas tampouco tinham a mesma audiência na vida das classes populares. Em lugar disso, outros dispositivos da modernidade eram acionados. A era do rádio, instaurada desde os anos de 1930, impunha as novas condições da propaganda pela palavra. No entanto, se a prática de suas conferências foi alterada, subsistiam aquelas relacionadas com a elaboração do jornal, pois Oiticica retomou o *Ação Direta*. A "resistência" em prol da *nossa educação,* o *combate pela palavra* continuava a acontecer. As aulas/conferências radiofônicas de Oiticica foram anunciadas em seu jornal *Ação Direta*:

> Colégio do Ar
> Rádio Ministério da Educação
> Aulas de português ministradas pelo nosso companheiro o Prof. José Oiticica
> Horários:
> 2ª e 6ª das 7:30 as 8:00
> 3ª e 6ª das 19:00 as 19:30
> (*Ação Direta,*Rio de Janeiro, ano IV, nº 80, julho e agosto de 1952. p.4).

Oiticica recebeu aposentadoria compulsória do Colégio Pedro II em 1952, aos setenta anos de idade. Liberado das aulas, passou à dedicar-se na reedição de alguns de seus livros didáticos. Da seleção de suas lições e anotações de aulas, surgiram outras publicações, algumas delas com a organização de Almir Câmara de Matos Peixoto. Tal como consta no seu manuscrito biográfico, a listagem destas publicações[75] estão reunidas nos anexos desta pesquisa.

---

[74] Do material reunido nesta pesquisa foi possível localizar as anotações de José Oiticica de uma dessas conferências, para o programa *Língua Falada*, provavelmente uma das partes do projeto Colégio do Ar, cujo exame terá lugar no capítulo IV.

[75] Um número considerável de artigos, crônicas e contos literários foram publicados na grande imprensa e na imprensa libertária está fora desta lista. Nos capítulos três e quatro do presente estudo encontra-se o exame de algumas delas.

# Capítulo II A presença de José Oiticica na *propaganda social* libertária: os jornais, as conferências e o teatro social

As ações empreendidas por José Oiticica na chamada *propaganda social libertária*, os seus lugares de realização, e os seus objetivos constituem-se o escopo deste capítulo. Inicialmente o texto ocupa-se em construir o conceito de *propaganda social*, e discorre sobre os sentidos atribuídos às conferências e ao teatro social no contexto da educação libertária. Em seguida, a partir do exame das peças teatrais de autoria de Oiticica, procura-se estabelecer conexões entre o argumento de cada uma de suas peças e o ideário libertário, para com isso explicar como se desenvolveram as suas práticas educativas em circulação em seus diferentes espaços atuação pedagógica.

## 2.1 As ações da *propaganda social* e o significado do termo

A *propaganda social anarquista* consistiam em ações da militância em diferentes espaços sociais, tais como as escolas libertárias, a imprensa, os centros de estudos, as bibliotecas sociais e as diversas associações fundadas pelo movimento operário. As principais ações de propaganda eram a produção e a circulação de jornais, revistas, folhetos, a realização de conferências sociais sobre os temas e os valores libertários, a organização de festas, denominadas como "sessões de propaganda", com apresentação de peças do teatro social e filmes do cinema do povo.

Essas atividades da militância envolviam objetivos como: estreitar os laços de pertencimento de todos os indivíduos ao movimento; realizar a crítica constante ao Estado, a Igreja e ao capital; estimular a organização de grupos e a fundação de jornais para a obra da propaganda dos valores libertários. Por meio da *ação direta*, cada individuo deveria realizar segundo as suas possibilidades ações direcionadas a formação do ser social, da consciência individual no livre pensamento. A finalidade das ações era fazer a crítica à desigualdade capitalista e defender a necessidade da construção de uma nova sociedade por meio da educação libertária. Esta educação deveria criar a humanidade nova e por meio da *ação direta* realizar a *revolução social*. Esses argumentos eram usados pela maior parte dos articulistas dos jornais libertários e as suas falas circulavam, como se todos dessa imprensa libertária, compreendessem da mesma forma os significados das palavras relativas ao termo *propaganda social.*

Os lugares, as ações e os objetivos da *propaganda social* aparecem registrados nos discursos dos jornais libertários onde todas essas práticas sociais são noticiadas, discutidas e estimuladas em campanhas direcionadas aos militantes, simpatizantes e leitores dos diversos

jornais das correntes libertárias que circularam nas décadas iniciais do século XX. Os jornais acompanhavam as atividades de todos os diferentes grupos participantes da militância anarquista.

As *sessões de propaganda* eram conhecidas em algumas localidades do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro como *veladas*[76]. Consistiam numa seqüência de ações, como apresentação de peça(s) teatral (is), uma *conferência social* seguida de um baile, ou às vezes de uma quermesse. Os cartões dessas festas libertárias eram anunciados e vendidos nos jornais do movimento anarquista e, quase sempre, a arrecadação dos valores dessas sessões de propaganda era revertida em fundos para apoiar os jornais, as escolas, as greves, as famílias de presos políticos, de deportados.

A *velada anticlerical,* comentada a seguir por um articulista do jornal *A Lanterna*, informa que a sua arrecadação se deu em apoio à Liga Anticlerical. Pode-se observar que a conferência dessa velada entremeando as exibições do teatro social esteve a cargo de José Oiticica e tratou sobre a moral da Igreja Católica e o "baile familiar" encerrou da festa.

> VELADA ANTICLERICAL NO RIO
>
> Como fora anunciado, realizou-se sábado passado, no Centro Galego, o festival que o Grupo Dramático Anticlerical promovera em benefício da Liga Anticlerical do Rio de Janeiro.
>
> Apezar do tempo pouco convidativo, pois desde a tarde fortes aguaceiros não deixaram de cair sobre a cidade, foi numerosissima a concorrência, atestando o crescente interesse que vão despertando estas reuniões de propaganda e de incontestável utilidade social.
>
> Estava anunciada para as 8 horas o início da festa, porém só as 9 esta começou com a representação **da peça *Amor Louco*, - pungente drama social** em que Antonio Augusto da Silva mostra como **na atual organização social** , toda cheia de **precipícios, existências que só poderiam ser felizes se fosse outro o meio em que vivem,** tornam-se desgraçadas vitimas, umas na flor da idade, quando tudo lhe devia sorrir, outras no fim da vida quando tudo lhe devia ser paz, quando já **nenhuma esperança lhes resta de melhores dias como este pai que vê a filha morrer, escapando pelo veneno ás torturas que lhe infinge o sedutor debochado e sem entranhas, e á loucura daquele rapaz meigo e trabalhador que a quer ainda socorrer e que acaba estrangulando em um acesso de loucura o algoz cínico causador daquele quadro sombrio.**
>
> Em outra peça – *A Escola* – é uma fina sátira, de Ed. Norés, aos preconceitos sociais. Faz rir, deste riso sadio que serve de corretivo ás nossas extravagâncias de superioridade vaidosa diante de um título nobiliário, de uma posição que conquistamos, de um cargo por mais ínfimo que este seja, até mesmo no estado de

---

[76] A velada era uma festa tradicional da cultura operária. Normalmente, iniciava-se na noite do sábado, terminando às 4 ou 5 horas da manhã de domingo. Entre as atividades da velada programava-*se* a encenação de drama, e/ou de comédia de fôlego, às vezes com cinco atos, seguida de baile familiar. A velada permaneceu com significativa freqüência durante no mínimo trinta anos, sem sofrer muitas modificações na sua forma de organização. (LIMA e VARGAS, 1986, p.177-178).

> mendigo que acaba achando no cachorro que ele escorraça um ser mais abaixo ainda do que ele próprio na escala social.
>
> A interpretação de ambas as peças foi boa por parte dos camaradas que as representaram, tendo-se todos esforçado em bem caracterizar os personagens que o autor da peça ideou.
>
> No intervalo das duas peças o dr. José Oiticica fez uma bela conferência sobre a *Moral da Igreja Romana*. O esforçado camarada fez cerrada crítica da Igreja Católica, suposta detentora da Verdade revelada, criadora de uma moral manca, como mancos são os princípios em que ela se apóia.
>
> Terminadas estas partes do programa, seguiu-se logo animado baile familiar e também uma quermesse, prolongando-se as danças até meia madrugada.
>
> C. L. (*A Lanterna*, nº 217, 15-11-1913, p.2, grifos nossos).

Este evento também foi noticiado em *A voz do Trabalhador*, um periódico vinculado à Confederação Operária Brasileira. Cobrir todas as atividades realizadas pelos grupos operários era uma forma dessa imprensa estreitar laços entre os grupos. Assim, quando se percorre a leitura de um dos jornais é possível obterem-se informações de outros jornais, outros grupos, e também mapear as atividades dos envolvidos pelo esforço dessa imprensa em divulgar as suas ações, fazer correr entre os leitores dos jornais, participantes das conferências e do teatro, as ocorrências da vida operária. Oiticica teve a sua presença fortemente marcada nas *sessões de propaganda social*.

Nas sessões de *propaganda social*, com as atividades com música, literatura, poesia e teatro, de acordo com Lima e Vargas (1986, p.177), havia o esforço em unir o útil ao agradável, estabelecendo a síntese entre o lazer da música e a utilidade de uma conferência anticlerical e de livre pensamento, seguida de um ato cômico depois de um drama excessivamente trágico. Finalizando a noite, seguia-se um baile familiar. O adjetivo familiar servia para marcar a diferença entre os valores da classe operária e o da classe burguesa, pois era necessário preservar os valores de classe, assim essas sessões de propaganda eram o espaço para o canto, a declamação de poesias, as conferências anticlericais e de livre pensamento e também do baile familiar e do teatro social.

O drama encenado na “velada anticlerical”, de acordo com as temáticas anunciadas no artigo citado de *A Lanterna*, mostra que um de seus objetivos foi levar os atores e o público que a ele assistiam a refletir sobre as injustiças sociais e sobre a possibilidade de construção da felicidade em outra sociedade, “em outro meio” oposto à “atual organização” social, pois como argumenta o comentarista da peça *Amor louco*, os personagens só poderiam ser felizes, se a realidade a que estavam submetidos fosse outra. Nas entrelinhas desse discurso pode ser encontrada a base do discurso libertário, ou seja, o ideal de “felicidade” é atrelado à idéia da

nova sociedade.

Essa sociedade nova, no discurso libertário, só poderia ser conquistada pela humanidade nova, esta, por sua vez, tinha que ser forjada pela “obra da propaganda social”. Esta obra, entretanto pautava-se por uma educação elaborada por projetos e práticas culturais compatíveis com os valores sociais necessários a uma sociedade nova. Para isso era necessário criar novos costumes, novos hábitos sociais dentro de uma moral que condenava algumas formas de entretenimento[77], como os vícios do alcoolismo, do jogo, dar importância à posição social, condenando, em geral, toda a sorte de desigualdades.

Por essa razão é que a educação para a qual se direcionava a “obra da propaganda social” estava vinculada à luta mais geral pela liberdade, contra o capitalismo, em favor da transformação radical da sociedade. Embora houvesse consenso sobre os dispositivos empregados na propaganda social, havia o debate educacional com posições diferenciadas sobre o ideal dessa nova sociedade.

Na comédia *A escola*, o comentarista da “velada anticlerical no rio” salientou os benefícios dessa peça pelo fato de tratar sobre os preconceitos sociais, e ao mesmo tempo oferecer ao público o “riso sadio”, ou seja, uma diversão incapaz de fazer esmorecer a crítica à sociedade burguesa, e, ainda estimuladora da reflexão acerca do valor da igualdade, crítica “que serve de corretivo ás nossas extravagâncias de superioridade vaidosa diante de um título nobiliário”, um comportamento que podia também proceder de um “mendigo que acaba achando no cachorro que ele escorraça um ser mais abaixo ainda do que ele próprio na escala social”. Subjacente a esse comentário está o valor da igualdade, um dos princípios mais importantes defendidos pelos libertários.

O engajamento da arte dos libertários visando à divulgação de seus valores e princípios era uma constante, podendo ser observados inúmeros registros como esse que noticiou a “velada anticlerical”, segundo os quais as festas libertárias tinham atividades, cujos objetivos eram de chamar atenção sobre a questão social, sobre a necessidade de denunciar injustiças, de conhecer os perigos do capital, da Igreja para saber reconhecer os grilhões que impediam a felicidade, para que cada um por si, no livre pensamento, pudesse participar do que os libertários denominavam como “a nossa obra de propaganda”.

As proposições, sobre a propaganda social que aqui foram apresentadas a partir de um discurso jornalístico libertário expressa o funcionamento mais geral das sessões de

[77] Nos jornais libertários havia um intenso debate sobre os malefícios de certo tipo de cinema, sobre a perversidade do futebol e sobre outras práticas burguesas, não havendo consenso entre os articulistas, que expressavam diferentes posicionamentos.

propaganda e são recorrentes em diversos artigos dessa imprensa, visando trabalhar a consciência para a construção da sociedade nova.

Por meio da encenação de peças que despertassem a reflexão ou que provocassem no público a identificação, uma sensibilização social e o aprendizado sobre os valores e idéias defendidas pelas correntes libertárias se articulavam às ações da *propaganda social*, somando-se a elas as outras atividades, com semelhante importância a imprensa, nessa mesma direção, era vista a fundação de escolas, de centros de estudos, de bibliotecas, de sindicatos, etc. Além disso, estimulavam a construção de vínculos de solidariedade, por meio de entretenimento que angariava fundos para greves, manutenção dos jornais e das outras atividades de propaganda, bem como à ajuda à família de presos, deportados etc.

Durante as sessões de propaganda havia também a barreira com a língua falada e escrita, pois entre os operários havia um contingente significativo de imigrantes. Os italianos, espanhóis e portugueses conformavam a maioria. Por essa razão, havia muitos periódicos em outras línguas, além do português[78]. Foi também essa característica peculiar da formação da classe operária que definia os recursos das mensagens faladas, encenadas e, por causa de sua eficácia, as linguagens do teatro e das conferências eram muito utilizadas e era nessa ambiência cultural que José Oiticica estava inserido.

José Oiticica, como um articulista do discurso libertário, ao lado de outros sujeitos, criticava as práticas educativas desenvolvidas por instituições ligadas à Igreja, ao Estado e a burguesia, e, em contrapartida, defendia e estimulava a organização desses mesmos dispositivos, mas voltados para as práticas educativas na perspectiva libertária. Embora ocupasse lugar de destaque no Colégio Pedro II e nas outras instituições em que era docente, ele compartilhava a idéia da propaganda social empenhar-se na fundação de escolas de orientação libertária, a exemplo do que havia sido a experiência de seu Colégio Latino-Americano, segundo o padrão instituído pelas escolas modernas.

Jomini (1990, p. 102) ao tratar das escolas modernas de São Paulo, criadas pelos libertários mostra como se procediam as práticas educativas nessas instituições e como as crianças eram encaminhadas à propaganda social:

---

[78] Maria Nazareth Ferreira (1978, p. 89-91) informa que dos mais de trezentos jornais existentes até as duas primeiras décadas do século XX, 60 eram editados em idioma estrangeiro, sendo um alemão, quatro espanhóis e cinqüenta e cinco em italiano. Esta evidência mostra a marca da participação dos imigrantes europeus na imprensa operária e destaca a particularidade da constituição da classe operária brasileira que teve no processo de sua experiência de formação a constituição do imigrante europeu e de suas várias histórias sindicais. Cabe ressaltar que na história construída no Brasil, os libertários, em seus vários grupos, expressavam na imprensa operária brasileira a multiplicidade das apropriações das idéias e ações decorrentes do passado em suas terras de origem.

> [...] a prática educativa libertária procurava ainda ser coerente com os objetivos de transformação social [por meio] do envolvimento das crianças no trabalho de propaganda. Com efeito, a propaganda ocupava um lugar importante na caminhada para a sociedade igualitária, na medida em que a vulgarização dos ideais perseguidos e a sensibilização dos homens para a necessidade de mudança social eram requisitos indispensáveis à concretização da sociedade do futuro. O trabalho de propaganda das crianças efetivou-se no jornalzinho *O Início* [...] Mais tarde, o jornal dos alunos foi substituído pelo *Boletim da Escola Moderna*.

Nas escolas modernas, professores, alunos, pais de alunos trabalhavam juntos nesse funcionamento da *propaganda social*. Essa não era a realidade das instituições em que Oiticica era professor. No Colégio Pedro II, ele era uma presença incomum. Por essa razão, em seus discursos ele se manifesta favorável à fundação dessas escolas. Para exemplificar os seus argumentos, em uma conferência rememorativa de Francisco Ferrer y Guardía, defendeu um projeto de fundação de escolas libertárias, como foi citado no artigo *Na Liga Anticlerical do Rio de Janeiro*, publicado no jornal *A Voz do Trabalhador,* de 15 de outubro de 1913, mencionado no capítulo anterior.

Essa perspectiva desencadeou vários projetos, como este empreendido por Oiticica, para a "obra da *propaganda social*": o desenvolvimento do teatro social, do cinema do povo, das escolas e a imprensa libertária. Era corrente nos discursos dos jornais libertários o argumento de que para a construção da sociedade nova era necessário formar *o homem novo* e, para isso, era fundamental formar uma nova consciência. Nesse sentido diferentes projetos educacionais ligados à Igreja, ao Estado, à burguesia e aos libertários circulavam na República Velha com tal propósito.

Nos discursos dos sujeitos envolvidos com a *propaganda social* libertária, as suas ações tinham um sentido diferente daquele disseminado pela educação religiosa e pelas iniciativas da burguesia e do Estado. Não era qualquer educação, mas propunha-se a *revolução social* e a construção da *sociedade nova*. Essa perspectiva foi discutida pela imprensa operária, de maneira mais intensa nas duas décadas iniciais do século XX. Os jornais libertários defendiam então a prática da propaganda.

> A propaganda
>
> A propaganda é como sempre foi o meio mais efficaz para a divulgação das idéas. Da propaganda é que vem a união é que nasce a força educativa, é com esta que se consegue realizar **o ideal que se propaga**. O ideal libertário avoluma-se e avança em toda parte ganhando cada vez mais adeptos sympatizantes. Pois só não é conhecido nosso ideal, onde não é propagado [...]. (*A Plebe*, ano 6I, nº 236, p. 4, grifos nossos).

O "ideal que se propaga" pode ser compreendido como um "rumo à revolução social". Com expressões como estas, o discurso libertário se construía atrelando significados comuns a diferentes expressões.

No entanto, embora esses termos apareçam associados, seguramente os seus sentidos eram apropriados de diferentes maneiras, tanto pelos articulistas que construíam o discurso nos jornais, como pelos seus leitores, que lhes atribuíam significados diversos. Mesmo assim, é possível dizer que os participantes do discurso libertário - os articulistas dos jornais e os seus leitores - compreendiam que a *propaganda social* era o meio pelo qual se praticava a educação nos espaços do jornal, centros de estudos, sindicatos, bibliotecas, nas exibições do teatro e cinema - pautada pelas críticas às injustiças sociais, a defesa da igualdade, do livre pensamento, e que os seus objetivos estavam direcionados para a construção de outra sociedade, idealizada de diferentes formas e conquistada por meio da "revolução social".

Para José Oiticica, a "revolução social" era um projeto de transformação radical da sociedade não representando apenas a luta pela tomada do poder. Como eles se negavam a ser o poder, contrariando a proposta dos comunistas que almejavam a tomada do poder para a continuação de uma sociedade socialista, idéia essa compartilhada pela maioria dos articulistas da imprensa libertária.

Na concepção de Oiticica, a sociedade nova tinha que ser de responsabilidade de cada indivíduo. Portanto, era tarefa da *propaganda social* cuidar para que todos pudessem alcançar a emancipação do pensamento e das ações, sem a qual nenhum indivíduo teria condições para construir a sociedade nova. A "revolução social", na ideação de Oiticica, representava a destruição da ordem vigente e a construção da "sociedade nova". Porém, essa passagem de uma realidade para a outra deveria coincidir com o instante de constituição da humanidade nova, não podendo existir uma fase de transição entre estes dois momentos.

A emancipação social, para Oiticica, provinha do esforço de todos e, portanto, não poderia ser tomada por um grupo em nome do coletivo. Cada indivíduo deveria perseguir a condição de livre pensador desvencilhando-se de qualquer "limitação às faculdades intelectuais ou emotivas", pois somente o "indivíduo tem o direito de dirigir o seu raciocínio, regular a sua linguagem, enfrentar o seu estilo, moderar o seu juízo, orientar a sua ação".[79] Tal posicionamento coincidia com os discursos de outros articulistas da imprensa libertária, pares de Oiticica. A tônica de todos sobre o caminho para alcançar a sociedade nova e a humanidade nova era o exercício da liberdade para a consecução das ações da propaganda social. Todas essas tarefas se colocavam na perspectiva de Oiticica, como finalidades a serem atingidas para a constituição da "humanidade nova".

Para Oiticica, a via de formação do indivíduo se dava pela *propaganda social*

---

[79] Estas são frases selecionadas de discursos de José Oiticica dos periódicos *A Vida* (1914-1915); *Spartacus* (1919-1920) e *Ação Direta* (1928-1929 e 1946- 1957).

libertária como uma obra de todos e de cada indivíduo. Nessa direção, cada indivíduo deveria fazer a sua parte, dedicando-se a uma tarefa no espírito da "ação direta", em cada indivíduo, participante de cada grupo. Em um artigo datado de 1929, intitulado *O espírito da acção directa,* Oiticica defendia que os "muitos modos de ver a questão social sob o aspecto ácrata" podiam ser harmonizados em uma fórmula, de consenso entre os anarquistas, por ele defendida e que era decorrente de suas apropriações das idéias de Émile Armand[80], tal como menciona ao final do seu artigo "O espírito da ação direta", para demonstrar o "traço distintivo do anarquismo" e o conceito de ação direta por Oiticica:

1-) A fórmula do consenso anarquista é o respeito que cada indivíduo tem pelo ritmo da marcha de cada um e as opiniões do vizinho:

> Eis a fórmula: Não caminhar obrigatoriamente, a passo igual, nem regular, constrangidamente o teu passo pelo passo do isolado que corre adiante de ti ou da associação que segue atrás de ti. A cada qual [em] seu rytimo, [em] suas afinidades; a cada qual segundo os termos do contracto de marcha que tenha livremente assentada. Não se envolver com a cadência do vizinho! Não intervir no andamento do grupo ao lado, não resmungar contra as evolluções daqueles que preferem os margeamentos a estrada larga, os sombreados as clareiras e vice e versa. Caminho livre a todos os gêneros de marcha: passo de corrida, passo acelerado, passo de passeio, passo sem destino. E esse o espírito do consenso anarquista. [...] Esse espírito de independência, alliado ao espírito de retraimento, independência de sua opinião e dos seus actos, retraimento ante a opinião e os actos do vizinho. (*Ação Direta,* Rio de Janeiro, ano 2, nº 04, 15-02-1929).

2-) Os anarquistas recusam um programa único:

> eis a força real do anarchismo, o seu traço distinctivo, o aspecto que separa fundamentalmente dos outros credos revolucionários calcado na idéia da disciplina, do programa único, nos batalhões de ferro, no passo de soldado, em quanto o figurino despersonalizante, o vício burguês inventa e propõem ás massas descontentes. [...]. (*Ação Direta,* Rio de Janeiro, ano 2, nº 04, 15-02-1929).

3-) O individuo oferece a sua contribuição na obra da *propaganda social* de acordo com as suas condições e características:

> Um compraz-se no combate ao clero; outro prefere a edição de panphletos, folhetos, revistas, outro deseja dedicar-se ao antimilitarismo; este revela-se naturista apaixonado, aquelles sentem-se organizador de syndicatos e grupos; e outros consagram-se na educação racionalista, etc. etc. (*Ação Direta,* Rio de Janeiro, ano 2, nº 04, 15-02-1929).

---

[80] Émile Arman, poeta, pensador e redator do jornal *L' En Dehors*, órgão do pensamento livre, individualista, e combate o ciúme, o exclusivismo e o instinto de propriedade sexual. De seus textos destacam-se *O pequeno manual do anarquismo inndividualista*: 1911. Desse autor, no final dos anos 1920, Oiticica compartilhava leituras das obras desse poeta com a amiga e militante Maria Lacerda Moura.

4-) Em lugar do padrão: um método que permita as diferenças!

> E em cada um desses departamentos da actividade acrática, nem todos sentem a luta do mesmo modo: um é de natureza persuasivo, discutidor; o outro é violento, arrebatado, mais acção que palavras, mais factos que discursos.Como tentar reger esses temperamentos diversíssimos pelos mesmos compassos? Como querer julgar os nossos vizinhos por nós mesmos? Como sonhar um padrão, um meio, um código para essa espontânea manifestação da revolta e esse fremente treinamento rumo à emancipação? Devemos, pois, na avaliação do trabalho de cada qual examinar os resultados e concluir, se elles são parcos ou nullos, não pela condenação ou menosprezo do camarada, mas pela defficiência dos seus méthodos. A experiência de uns será vantajosa para os outros evitar-se-ão essas estreitas dissidências frutos constantes da intolerância, restos de um autoritarismo secular que a tradição mau-graudo nosso, do meio capitalista, infudem ainda ou conservam em nosso subconsciente. [...]
>
> (*Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano 2, nº 04, 15-02-1929).

Estas idéias são recorrentes nos artigos produzidos por José Oiticica em quase toda a duração de sua militância, podendo ser consideradas como reiterativas em seus discursos. Manifestam-se mais acentuadamente a partir de meados da segunda década do século XX, o período da sua primeira prisão, em 1918, coincidindo com outros de seus discursos ao longo dos anos 1920 - nos debates posteriores à fase de criação do partido comunista estendendo-se até a segunda fase de seu jornal *Ação Direta* em 1946.

As incursões feitas no nosso trajeto de pesquisa aos jornais da imprensa libertária, nos quais José Oiticica atuou, levam a pesquisa à inferência de que a idéia de "revolução social" era tratada como uma singularidade do discurso libertário. Essa idéia ganha sustentação pela sua repetição que no seu entendimento, ajuda a formar consciências.

O termo *propaganda social*, nos jornais, portanto, era empregado para designar a educação, mas educação em sentido mais amplo referia-se à formação integral para a liberdade. Significava pôr em funcionamento as práticas educativas portadoras das idéias e valores libertários por meio dos centros de estudos, dos sindicatos, dos jornais, das linguagens do teatro e do cinema, da fundação das escolas modernas, das bibliotecas. O termo "propaganda social" estava vinculado aos termos: "educação", "revolução social" e "sociedade nova", cuja repetição é visível quando se percorre os discursos dos jornais libertários das décadas iniciais do século XX.

A partir das sessões de *propaganda social* os participantes, na condição de militantes, arregimentavam adeptos, simpatizantes e criavam redes de solidariedade que proporcionavam a inter-relação dos diferentes grupos das correntes anarquistas. Esses grupos se uniam em ações comuns por causa da identidade entre os militantes proporcionada pela força como eram construídos os discursos, denominando e caracterizando o espaço de pertencimento de todos na *propaganda social*.

Nos periódicos, os usos das expressões: “a nossa obra”; “os *nossos* jornais”, “as *nossas* idéias”, “a *nossa* educação”, “o *nosso* cinema”, “o *nosso* teatro” contrapunham-se às críticas aos jornais, à educação, ao cinema e às escolas *deles*[81]·, ou seja, dos burgueses, da Igreja, do Estado. Assim, a educação *deles* deveria ser combatida e substituída pela *nossa educação,* à educação dos libertários. Surgiram vários projetos para a construção do que os libertários articulistas dos jornais denominavam como as *nossas* escolas, as *nossas* bibliotecas, a *nossa* imprensa, *os nossos* teatros e *os nossos* cinemas.

A educação libertária visava à formação do ser social, autônomo, crítico, capaz de fazer as suas escolhas e o seu sentido se efetivava na *propaganda social*. A educação tinha que transcender ir além do que ofereciam as escolas burguesas, as escolas religiosas, as escolas do Estado, devendo criar as condições para a transformação das consciências.

Falar em educação no meio anarquista era falar em *propaganda social*, pelo menos para grande parte da militância que lhe atribuía o sentido do que hoje podemos entender como ato educativo, comprometido com a formação da consciência crítica.

### 2.1.2 A mania de conferências e as conferências sociais

A “mania de fazer conferências”, de acordo com Broca (2004), desenvolveu-se entre os segmentos médios e letrados da população do Rio de Janeiro nas duas décadas iniciais do século XX. Essa afirmação do autor deve-se à sua pesquisa às crônicas jornalísticas da grande imprensa. Duas dessas crônicas citadas por esse crítico literário ajudam a compreender o hábito de proferir e de freqüentar as conferências literárias daquele período. A primeira foi publicada no jornal *Gazeta de Notícias* em 29 de agosto de 1905 e o cronista que assinava como Jorge d’ Odemira afirmou que esse costume foi inventado no final do século XIX na Europa e trazido ao Brasil, argumentava também sobre a necessidade de substituir as conferências literárias pelas conferências populares. Frente a esses protestos do cronista articulista da *Gazeta de Notícias*, Broca (2004) tece os seguintes comentários:

> Não tivemos ainda conferências populares, o que tem havido são conferências literárias [...]. Mas por que reclama o folhetinista conferências populares? Muito simples: porque eram de caráter filosófico e social as primeiras pronunciadas em Paris [...] Compreendemos perfeitamente o protesto, quando logo adiante vemos o folhetinista dizer que a idéia de conferências foi a de pôr o povo a caminho de resolver

---

[81] Para analisar os discursos dos articulistas dos periódicos libertários emprestamos o olhar de Richard Hoggart (1973) em seu livro *Utilizações da cultura* no uso empreendido de “o *nosso”*, “o *nós”* em contraposição, ou em relação “ao *deles”*, e “a *ele”*, como categorias para designar aquilo que era admitido como pertencimentos e ao que era considerado extrínseco à ambiência das classes proletárias inglesas na década de 1950. Por meio dessas designações, Hoggart buscou compreender a produção e a reprodução do modo de ser e de se relacionar com outros, próprios desses sujeitos, indicando as lutas, resistências, permanências, tolerâncias, acomodações em seu processo de “ir sendo”.

> os “problemas sociais”. Do que deviam tratar é, sem dúvida, do aperfeiçoamento moral do povo e da sua felicidade. E citava a França, a propósito: assim é que lá se fazia. (BROCA, 2004, p. 193).

Muito provavelmente o folhetinista citado por Broca (2004) tivesse em mente a comparação do modelo das conferências libertárias como parâmetro a sua crítica às conferências literárias.

A segunda crônica comentada por Broca (2004) para explicar a “mania das conferências” foi escrita pelo poeta Olavo Bilac, publicada na revista *Kosmos*, em 1907. Na crônica Bilac emprega o termo “epidemia“ [de conferências] e satiriza o contexto da capital federal que obrigava a alguns a inovarem ações para atrair público para essa atividade, demonstrando também a finalidade do entretenimento que desencadeava o costume. Do costume das conferências literárias, o poeta destaca peripécias e exagera com a descrição dessas conferências:

> Tivemos conferência com música, conferência com música e canto, conferência com dança, conferências com projeções de lanterna mágica, conferências com ilustrações *crayon*. E parecia que nenhuma outra novidade poderia ser inventada quando se espalhou uma comovedora notícia: o sr. X ia fazer uma conferência em verso, uma conferência toda em verso ritmada do princípio ao fim, sem uma linha de prosa. Falar em verso durante uma hora sem descanso é positivamente o recorde da facúndia poética. Pois o conferente levou a cabo essa proeza! Que inventará de novo em matéria de conferência? Como se trata agora de bater o recorde e de vencer as dificuldades cada vez maiores, é possível que em breve, leiamos nos jornais anúncios como este: o conferente falará uma hora sobre um pé ou com a cabeça para baixo, sem mudar de posição [...] Qual será a mania predominante de 1908? Talvez seja a dança do ventre, ou o faquirismo, ou os balões cativos, ou os duelos, ou os divórcios, ou os suicídios em massa. (BILAC, 1907, revista *Kosmos*, *apud* BROCA, 2004, p.195-196).

Seguramente, as conferências libertárias não se enquadravam em nenhuma das modalidades satiricamente apresentadas por Olavo Bilac. As conferências sociais da propaganda libertária se aproximavam mais do modelo das conferências francesa referidas pelo folhetinista do jornal *Gazeta de Notícias.*

### 2.1.3 As conferências sociais

As conferências sociais aconteciam com freqüência nas associações, ligas, centros de estudo. Nesses encontros, o conferencista, em geral discorria sobre um tema de interesse libertário, seja para fazer a “crítica anticlerical”, seja para informar sobre “as teses do livre pensamento”. Criticavam as instituições burguesas, o Estado, o capital e o clero. O principal objetivo era “convencer pela palavra”. O trabalho com essa ação da *propaganda social*

objetivava a discussão sobre os princípios anarquistas, visava formar as "consciências livres para a construção da nova sociedade" [82], como estratégia direcionada à formação do ser social.

A expressão *conferência social* foi utilizada pela militância anarquista para denominar as aulas/palestras proferidas nos centros de estudos das associações, agrupamentos e ligas das correntes do movimento anarquista. A título de exemplo, Rodrigues (1972) nos apresenta algumas das conferências proferidas e noticiadas pelo Boletim da *Aliança Anarquista*, no Rio de Janeiro:

> "Conferências" – Multiplicam-se, agora, as conferências de propaganda um ótimo sintoma da atividade remanescente. E o que é melhor, é que nas organizações operárias, são as próprias organizações que as promovem e convidam os conferencistas. Assim na segunda quinzena de fevereiro, realizaram-se as seguintes: **A solução russa, por José Oiticica**, na União Operária em Fábricas de Tecidos, no dia 16; **A Educação Operária por Carlos Dias**, na União Geral dos Operários em calçados, no dia 20; **A situação universal**, por José Elias da Silva também na União dos Operários em Fábricas de Tecidos, no dia 23.
>
> Este mês de março, elas se vão fazendo ainda mais freqüentes, tendo o camarada Álvaro Palmeira, iniciado um curso de sociologia, no dia 1º, devendo continuá-lo, semanalmente, na sede, e por iniciativa da União Geral da Construção Civil. (BOLETIM DA ALIANÇA DO RIO DE JANEIRO, *apud* RODRIGUES, 1972, p.195).

O termo *conferência* também foi empregado para denominar os encontros de âmbito e decisões limitadas. Esses encontros, em geral antecediam aos congressos anarquistas e tinham como objetivos abrir o caminho às organizações regionais ou nacionais, estudar, debater e preparar teses de importância no âmbito local, regional e nacional. Serviam como instâncias deliberativas às questões que demandavam soluções em curto prazo. Os seus participantes eram representantes de agrupamentos, associações ou sindicatos e as suas incumbências eram preparar estudos preliminares a serem debatidos e depois aprovados nos Congressos pelos delegados presentes. Entre as questões que eram tratadas em conferências, podem ser listadas as moções de protesto contra a violência dos patrões e da polícia, a organização de comitês de solidariedade, as resoluções de greves gerais, os atos de sabotagem, as passeatas públicas, os comícios etc. (RODRIGUES, 1979, p. 95).

Tanto o formato de aulas/palestras, como o formato de instância deliberativa, as conferências eram ações constitutivas da *propaganda social* anarquista.

De certa forma, é possível afirmar que as conferências associadas às outras ações da

---

[82] Estas considerações são feitas a partir da observação e do registro dos inúmeros artigos jornalísticos que noticiavam as conferências sociais como pode ser observado em alguns excertos esta pesquisa selecionou para o presente capítulo.

propaganda social, como as práticas educativas que circulavam nos jornais, bem como as listas de livros e de folhetos apresentadas na maior parte dos jornais libertários que aconselhavam leituras, algumas com a chamada: “o que todos devem ler”, as publicações de obras em formato de folhetins nos jornais, a constituição de uma rede de distribuição de obras vendidas pelos jornais, a organização de bibliotecas, tudo isso eram ações que em seu conjunto contemplavam os objetivos voltados para o curto funcionamento da *Universidade Popular de Ensino Livre* de 1904, mencionada no capitulo anterior. As conferências sociais - aulas/palestras – eram proferidas com freqüências nas ligas, associações e centros de estudos. José Oiticica aderiu a essa proposta e suas conferências sociais eram freqüentes.

### 2.1.4 As conferências sociais do professor José Oiticica

As conferências libertárias de José Oiticica foram fartamente registradas nos jornais da imprensa anarquista, o que faz ver que o seu público-alvo era, principalmente, os leitores desses jornais. Nessas conferências Oiticica apresentava estudos sobre a moral religiosa, a questão social e a educação para a sociedade nova, na perspectiva do anticlericalismo e do livre pensamento.

Ao longo dos anos 1910, os jornais noticiavam os resultados atingidos pelas conferências:

- “Grupo Dramático anticlerical: realizou-se hontem este grupo um esplendido espetáculo de propaganda social. Fez uma brilhante conferência sob **o tema o trabalho livre, o camarada José Oiticica**”; [...]
- .(*Voz do Trabalhador,* nº 30, ano 6, 01-05-1913, p. 6, grifos nossos).

- [...] “o Dr. Oiticica prendendo [a] atenção do auditório com **uma bela dissertação sobre o papel de Francisco Ferrer** enquanto vivo, as conseqüências de sua abnegação, e por fim disse que **a melhor forma de conservar a memória do grande mestre, era continuar a sua obra racionalista**” .[...]
  .(*Voz do Trabalhador,* Rio de Janeiro, nº 41, ano 6, 15-10-1913, p.2, grifos nossos)

- “Na Sociedade Cultural do Meyer, sita a Rua Dias da Cruz. 335. Fará nosso companheiro José Oiticica **uma conferência sobre a reorganização social, problemas e doutrina**. Entrada franca”.
  .(*Ação Direta*, nº 17, ano 1, 20-08-1946, p.4, grifos nossos).

Geralmente a conferência do professor Oiticica, nessas festas, sucedia à encenação de um drama social, ou então de comédias que criticavam a vida burguesa e instigavam a reflexão sobre a necessidade de construção da *sociedade nova*, tal como já mencionado. As

suas conferências[83], em 1913 eram semanais e aconteciam na *Liga Anticlerical* do Rio de Janeiro e, por vezes, antecediam ou sucediam às atividades planejadas pelo *Grupo Dramático Anticlerical*, responsável pela organização do *teatro social*. Pode-se dizer que o mais importante objetivo dessas atividades era a formação dos valores libertários, por meio da crítica às instituições burguesas e religiosas:

> Liga Anticlerical
>
> A *Liga Anticlerical* lavrou mais um tento. É o caso que ela não deixou passar a *semana santa* passar sem um soleníssimo protesto. Para esse fim foram organizadas sessões de propaganda especiais para os três dias últimos da semana – quinta, sexta e sábado.
>
> Na quinta-feira falaram C. A. de Lacerda e Astrogildo Pereira, estes sobre os processos da educação e costumes dum internato de Jesuítas, do qual em tempos foi aluno.
>
> Na sexta-feira o Dr.José Oiticica fez substanciosa e brilhante conferência **discorrendo sobre a farsa a *semana santa*, a mentira cristã, o perigo das religiões e a falsidade dos deuses**. Falou ainda Leal Júnior fazendo considerações gerais sobre a emancipação religiosa da mulher, etc. Ambos muito aplaudidos.
>
> A conferência de sábado foi feita por Mota Assunção em torno do tema – Origem das religiões, uma excelente preleção, cheia de ensinamentos e verdades. Três dias estes, enfim, de proveitosíssima propaganda do livre pensamento.
>
> A concorrência relativamente numerosa bem demonstrou que há no Rio de Janeiro uma multidão de infelizes fanatizadores, e, em plena solenidade dos três dias mais sagrados da Igreja cristã, vir lançar o seu protesto contra o embuste religioso e semear a boa semente das verdades provadas, que só a ciência pode oferecer. (*A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro: ano 6, nº 28, 01-04-1913, p. 3, grifos nossos).

Além dos temas mais ligados ao ideário anarquista, outros assuntos compunham o leque de interesses de Oiticica, como a língua portuguesa, a música, o teatro e a literatura. Estes temas foram tratados em cursos ministrados pelo professor tanto em estabelecimentos escolares, do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Minas Gerais, como nos centros de estudos, associações culturais e outras agremiações com pessoas que compartilhavam as suas idéias anarquistas. O anticlericalismo, ou seja, a crítica sistemática aos perigos das religiões em geral e do clero católico em particular, associada à defesa "das verdades provadas, que só a ciência pode oferecer", e também as teses libertárias eram a tônica na formação das consciências do livre pensamento.

## 2.2 O jornal como catalisador das práticas de propaganda social libertária

A presença de José Oiticica foi marcante, dada à intensidade e à freqüência com que

[83] Essas conferências eram semanais com o dia e o horário definidos de modo a disseminar entre os participantes a incorporação do hábito e de vínculos com essa atividade.

os seus artigos foram publicados, nos periódicos de São Paulo, como *A Lanterna* e *A Plebe*[84] e *A Voz do Trabalhador – órgão da Confederação Operária Brasileira*[85], do jornal *Liberdade*, sob a direção de Pedro Matera, fundado em 1909 ambos do Rio de Janeiro e de *A Lanterna* em São Paulo, que a partir de 1909 esteve sob a direção de Edgard Leuenrouth. Além desses periódicos, outros jornais da imprensa operária informavam sobre as atividades de Oiticica.

O jornal foi um dos espaços privilegiados de atuação de José Oiticica e era também o principal lugar da educação libertária, pois servia como material de formação do leitor podia acompanhar a publicação integral de obras em folhetins. Os seus articulistas preocupados com a formação de uma comunidade de leitores apresentavam em coluna, geralmente intitulada "O que todos devem ler", listas de livros, outros jornais, revistas, folhetos que serviam para prescrições de leitura e, também, eram uma forma de distribuir o material que era vendido por meio do jornal. De acordo com Giglio (1995):

> [...] o jornal operário era um produto cultural particular capaz de formar uma comunidade de leitores ouvintes que se alimentavam das idéias e debates surgidos naqueles círculos, provavelmente alterando as formas de relacionamento que provocavam a distribuição de pensamentos novos. Mais que uma comunidade de leitores, os impressos operários, por suas características doutrinárias, possibilitaram a formação de uma rede de distribuidores daqueles discursos, tornaram-se detentores de um poder combatido explicitamente por uma malha de instituições (a polícia, a escola, a Igreja), especialmente a polícia, nos episódio de fechamento dos jornais e na destruição de bibliotecas de sindicatos. (GIGLIO, 1995, p.52, grifos nossos).

Além disso, todos os jornais operários faziam campanhas de apoio a outros jornais e que circulavam concomitantemente, portanto, em lugar da concorrência, havia apoio mútuo baseado na diversidade de ações para arregimentar leitores.

Os jornais da imprensa operária apresentavam diferentes vozes dos grupos do movimento operário. Havia várias correntes militantes, dentre as quais os grupos anarquistas.

---

[84] Em sua primeira fase, *A Lanterna- Anticlerical e de Combate* começou a ser publicada em 1901, parou em 1902, sendo sua publicação retomada entre 1903 e 1904, sob a direção do advogado maçom Benjamim da Mota. Sua distribuição era gratuita e o número 1, de 07 de março de 1901, anunciava 10.000 exemplares de tiragem, atingindo no número 8 do mesmo ano 26.000 exemplares. Entre 1904 e 1909, a sua publicação foi interrompida e até 1916, a sua segunda fase, a folha circulou com certa regularidade, mantendo expressiva tiragem. Sua circulação foi interrompida em 1917, quando Edgar Leuenrouth lançou o periódico *A Plebe,* sob o argumento de ser o jornal uma continuação de *A Lanterna,* provavelmente uma estratégia para cooptar o seu publico leitor. A sua terceira fase deu-se em 1933-1935. Os primeiros artigos de José Oiticica nesse periódico datam de 1912. Esse periódico e o *Livre Pensador* também foram investigados por Silva (1995), com o objetivo de apreender as manifestações das tendências do anticlericalismo, do livre pensamento e da maçonaria brasileira.

[85] O jornal *A Voz do Trabalhador* se definiu como porta voz dos trabalhadores, um desdobramento do primeiro Congresso Operário Brasileiro acorrido no Rio de Janeiro. O periódico foi criado em 1908 e na sua primeira fase, que durou até 1909, foram publicados 21 números. Em 1913, em sua segunda fase, com a impressão de três mil cópias de seu número 22, a folha operária passou a ser publicada quinzenalmente com uma tiragem de quatro mil exemplares, e circulou até 1915, com a publicação do número 71. A consulta desse jornal foi possível graça a edição da coleção *fac-similar* do jornal da Confederação Operária Brasileira 1908-1915.

Nas duas décadas iniciais do século XX, os anarquistas, mais precisamente a tendência anarcosindicalista, despontaram com expressividade no movimento operário brasileiro (HARDMAN & LEONARDI,1991, p. 330).

Esses grupos foram identificados pela historiografia do movimento operário com diferentes denominações: os *anarquistas, os anarcosindicalistas* ou *sindicalistas revolucionários, os anarcocomunistas ou adeptos do comunismo libertário*[86]. Havia aqueles que se tinham apenas como anticlericais e livres pensadores. Em face dos estudos que se ocuparam com o movimento operário brasileiro, como a historiografia militante de Edgar Rodrigues, cuja voz vem de dentro da imprensa anarquista, adotamos a classificação atribuída por José Oiticica a ele mesmo, ao se denominar como anarquista.

Os jornais constituíam-se em um elo entre as várias práticas da *propaganda social*. No espaço do jornal, os militantes do movimento apoiavam as greves, alavancavam as iniciativas dos grupos operários e também impulsionavam os outros dispositivos como o teatro, o cinema, as festas, as conferências anticlericais e de livre pensamento.

Havia também o esforço em noticiar as atividades dos grupos libertários de outros estados brasileiros e de outros países. Tal estratégia explica-se pelo fato de ser o jornal o meio mais eficaz para a construção das redes de solidariedade em apoio a outras práticas da propaganda social, e por fidelidade ao princípio libertário do internacionalismo.

O compromisso de cada indivíduo para organizar a educação do povo era a condição imprescindível para a *formação do homem novo*[87] e o jornal era um dos principais veículos onde os seus articulistas apresentavam as suas críticas e os ditames de práticas para a educação nova.

---

[86]Cristina H. Campos (1998, p.15) classificou os libertários em duas correntes que nem sempre são fáceis de distinguir: "[Entre os] libertários englobo: os anarquistas, que viam a transformação da sociedade capitalista para a Anarquia através da ação direta dos despossuídos derrubando o Estado e erigindo a nova sociedade, formada por produtores independentes ou por cooperativas; e o sindicalismo revolucionário que tinha no sindicato a sua arma de luta para a também almejada Anarquia. Os primeiros organizavam-se em ligas, comitês, alianças, grupos teatrais, grupos editoriais, escolas, jornais, etc., tendo a propaganda, a palavra, como instrumentos. Os segundos tinham na estrutura federativa a base da organização sindical.[...] Na prática há grupos que adotam elementos das duas tradições segundo suas necessidades e com uma certa indiferença às distinções que prevaleciam em vários países da Europa".

[87] Ody Furtado Gonçalves (2002) percorreu os discursos dos intelectuais articulistas de *A Plebe*, um periódico anarquista de São Paulo, sob a direção de Edgard Leuenrouth, provavelmente o jornal com maior tiragem e circulação a partir de 1917. Em sua pesquisa, intitulada *A constituição do homem novo anarquista no ideário dos intelectuais do jornal A Plebe*, analisou as representações do conceito de "povo", de "homem velho" e de "homem novo", por meio das práticas educacionais que esses intelectuais julgavam fundamentais para a formação dos anarquistas. A sua hipótese inicial era que os projetos da educação anarquista representavam uma oposição aos projetos das elites brasileiras e que havia um território de disputas para a formação do homem novo. A sua pesquisa, além das reconstituições das práticas da educação libertária como singularidades, evidenciou pontos de contato com outros projetos educacionais escolanovistas em circulação no período, demonstrando que em algumas idéias coincidiam e outras idéias eram próprias da educação libertária.

Eram muitos os meios usados para tornar os jornais acessíveis a todos. A leitura em voz alta para os analfabetos e a solicitação para obter novas assinaturas eram algumas das táticas da militância libertária. Essas normas de conduta voltadas para o jornal eram direcionadas a "todos" (leitores dos jornais), para a consecução da "nossa obra" (dos libertários), afirmando que o jornal e os objetivos que o impulsionavam pertenciam a um coletivo. Isso pode ser observado no artigo de um dos jornais de maior circulação do qual José Oiticica era colaborador, desde os princípios da segunda década do século XX:

> SEMEAR PARA COLHER
>
> A todos os amigos de "A LANTERNA" lembramos que, depois de a lerem é da máxima utilidade não a DESTRUIREM. Os que não a GUARDAREM, para colecionar, devem dá-la a outra pessoa. Lê-la aos que não sabem ler, DEIXÁ-LA nas fabricas, nas obras, nas oficinas, nos barbeiros, nos cafés, nos restaurantes, nos jardins, nos carros, nos trens enfim, onde possa ser lida por outros. Espalhar é semear, é torná-la conhecida, é fazer dela a propaganda, é conquistar novos adeptos para a nossa obra.
>
> Também todos devem arranjar NOVOS ASSINANTES E DEVOLVER a venda avulsa, afim de que possa propagar mais largamente a obra em que todos andamos empenhados. (*A Lanterna*, São Paulo, ano, XIII, nº 183, 22-03-1913, p.2).

Dessa forma, o jornal era uma prática social movimentando-se ao receber e fornecer um fluxo de atividades realizadas pelas diversas associações e agremiações mantidas pelas correntes libertárias. O jornal impulsionava o conjunto de práticas características da *propaganda social*. A sua elaboração se dava por militantes brasileiros e estrangeiros pertencentes às classes operárias, das levas de imigrantes europeus, entre eles italianos, espanhóis, alemães e portugueses e ao restrito segmento dos homens letrados e intelectuais.

A imprensa operária era portadora de interesses e projetos das classes trabalhadoras. Como prática social, o jornal era um instrumento importante para o enfrentamento do conflito capital x trabalho, na organização das greves, denúncias, debates de temas ligados a vida cotidiana dos trabalhadores e sindicatos, era também portador das práticas culturais da classe operária brasileira em formação.[88]

---

[88] O processo de constituição da classe operária brasileira é aqui compreendido na perspectiva da experiência vivida no cotidiano das relações de produção e das relações sociais, na elaboração de uma cultura própria, sob inspiração de E. P. Thompson (1978, p. 37), ao operar com a noção ampliada do conceito de classe e enfatizar o caráter histórico da constituição das classes sociais, ou seja, o seu fazer-se. A noção de classe está vinculada diretamente à experiência concreta de seus membros, ao modo de vida de suas relações sociais, econômicas, culturais e políticas, pois: "As classes não existem como entidades separadas que olham ao redor, encontram uma classe inimiga e começam logo a luta. Pelo contrário, as pessoas se encontram em uma sociedade estruturada em modos determinados [...] experimentam a exploração (ou a necessidade de manter o poder sobre os explorados) identificam pontos de interesses antagônicos, começam a lutar por estas questões e no processo de luta se descobrem como classe. A classe e a consciência de classe são sempre as últimas, não as primeiras fases do processo real histórico". A classe operária brasileira tem a sua égide nas transformações sociais, econômicas, políticas e culturais decorrentes da expansão cafeeira, da transição da mão-de-obra escrava para o trabalho livre, configurando-se com a inserção massiva dos imigrantes europeus.

Oiticica publicou algumas de suas obras nos periódicos em formato de folhetins. Essa foi uma maneira que os participantes da *propaganda social* usavam para disponibilizar material de estudo no uso do jornal como um espaço educativo, uma prática, realizada também em toda a imprensa ilustrada, principalmente nas décadas iniciais do século XX.

Oiticica persistiu com esse costume, no jornal *Ação Direta.* A partir de 1946, ele publicou em vários números desse jornal o seu manual anarquista, intitulado *A doutrina anarquista ao alcance de todos.*[89] Dando seqüência a esse trabalho, publicou em folhetins as suas lições de literatura. Tratava-se das mesmas lições que ele utilizava em suas aulas no Colégio Pedro II[90]. Iniciativas como essas exemplificam a maneira particular como as práticas pedagógicas de José Oiticica em seus diferentes espaços de circulação estavam em interseção.

### 2.3 O *teatro social*

O teatro social era mais uma das atividades da *propaganda social* anarquista. Como forma de entretenimento estreitava os laços de solidariedade entre os operários. O teatro social desenvolvido nos meios operários era um importante recurso de educação “para instruir, educar, formar mentalidades humanistas, angariar fundos que sustentaram famílias de presos, de deportados, que socorreu doentes, desempregados [...] incluindo-se a solidariedade social” Lima e Vargas (1986, p. 163) e Rodrigues (1972, p.81).

Era uma forma de exercer as práticas de apoio mútuo, uma vez que a renda obtida com os espetáculos teatrais era revertida para fundos de greve, manutenção dos jornais e das outras atividades educativas libertárias, destinava-se a ajudar as famílias de presos políticos, deportados, doentes e desempregados.

Na organização do *teatro social* e na imprensa operária havia a presença de intelectuais, às vezes exilados políticos, que entendiam muito bem a importância da solidariedade do militante entre aqueles que estavam na mesma situação: a de viver e trabalhar em outro país.

O *teatro social* era considerado como uma espécie de escola aos não letrados e era desenvolvido principalmente pela corrente dos anarcosindicalistas como um:

---

[89] Esta obra foi escrita por José Oiticica em 1925, quando estava preso na Ilha de Bom Jesus. Foi publicada no jornal *Ação Direta* em formato de folhetim no nº 4, de 07-05-1946 ao nº 34, de 01-05-1947. Em 08-08-1947, os folhetins com *A doutrina anarquista ao alcance de todos* voltam a ser publicados. No nº 43 de 22-10-1947 é anunciada a publicação em formato de livro. A citação apresentada foi retirada da reedição da obra como uma iniciativa de Edgar Rodrigues e Robson Achiamé. Essa obra segue a disposição de conteúdos semelhante àquele que José Oiticica adotou em seus manuais didáticos utilizados no Colégio Pedro II: *Manual de análise - léxica e sintaxe* - (1919) e *Manual de estilo* (1926).

[90] O curso se literatura foi publicado por Roberto das Neves (1960) que coligiu estas lições, utilizando como abertura os artigos necrológicos de José Oiticica.

> [...] veículo de propaganda, meio recreativo de praticar o apoio mútuo da solidariedade humana [...]. E em certos casos foi meio selecionador de talentos para o teatro profissional [...] modestos trabalhadores grevistas, anarquistas evoluíam do teatro popular [...] para o teatro nacional. **Alguns conseguiram, mais tarde se diplomar pela *Escola Dramática Municipal***. Eram operários gráficos, marmoristas, costureiras [...]. (RODRIGUES, 1972, p.78, grifos nossos).

As tarefas dos envolvidos nesta empreitada — a *propaganda social* — incluíam estratégias para alfabetização, sempre criando condições para a reflexão crítica sobre as condições de vida e de trabalho. As atividades operárias — fossem elas com o teatro, a música, a organização de quermesses e bailes, com a arte de maneira geral — tinham na imprensa operária seu principal veículo. Os vínculos sociais que se formavam nas idas ao teatro, nas leituras coletivas dos jornais, opúsculos e livros, nas festas em benefício deste ou daquele grupo ou jornal, nas atividades das escolas mantidas pelo movimento, enfim, todas as práticas culturais constituíam a *propaganda social*.

Rodrigues (1992, p. 197) em seu estudo sobre o teatro libertário por meio do cotejo dos jornais anarquistas e de entrevistas com velhos militantes libertários, apresenta os seus principais objetivos:

> A divulgação de idéias anarquistas numa linguagem ao alcance de todos;
>
> Combater os poderosos e o Estado responsáveis pela desigualdade social;
>
> Divulgar os métodos revolucionários de educação e instrução em todos os níveis;
>
> Desenvolver o diálogo, o debate, capacidades e talentos operários;
>
> Motivar a confraternização da grande família proletária e o congraçamento da família libertária, nos níveis sociais, ideológicos e humanos;
>
> Usar os espetáculos como fonte geradora de recursos para custear as publicações de jornais, revistas operárias e anarquistas, sustentar as escolas livres para os trabalhadores e os seus filhos;
>
> Prestar solidariedade humana, a níveis locais, nacionais e internacional, auxiliando as famílias dos trabalhadores, doentes, perseguidos e por isso desempregados, acidentados (ao tempo não existia seguro), de companheiros presos, deportados e expulsos.

O teatro amador desenvolvido pelos operários anarcosindicalistas das décadas iniciais do século XX era sem dúvida um dos importantes veículos da *propaganda social* libertária, pois constituíam uma forma eficaz de comunicação das mensagens de formação ideológica e de sensibilização social. As mensagens libertárias intrínsecas aos conteúdos das peças teatrais, ao lado das mensagens imagéticas do cinema, eram estratégias importantes para atingirem a massa de analfabetos que conformavam as classes trabalhadoras brasileiras.

As sessões de propaganda sob responsabilidade da *Liga Anticlerical* inseriam peças teatrais de grupos dramáticos, que contavam com a atuação de seus alunos da Escola de Arte Dramática Municipal do Rio de Janeiro. A atuação de Oiticica se deu entre 1912 e 1937, e seu trabalho pedagógico institucional relacionava-se com o trabalho da propaganda social.

As peças para o teatro operário encenadas no Rio de Janeiro e em São Paulo vinham da Itália e de Portugal, e depois passaram a ser publicadas no Brasil. Algumas peças teatrais foram traduzidas por Oiticica e outras escritas por autores brasileiros, como o próprio José Oiticica, Fábio Luz, Santos Barbosa, Zenon de Almeida, Avelino Foscolo, Affonso Schimdt, Souza Passos, Mota Assunção, Marcelo da Gama, Lino Brasil, G. Soler e Pedro Catallo, que foram alguns dos autores mais produtivos (RODRIGUES, 1992, p.112).

As encenações do teatro social, em determinados períodos celebravam diferentes datas consideradas importantes ao movimento operário. Era hábito comemorar o 11 de fevereiro, o protesto em razão da assinatura do Tratado de Latrão[91]; o 23 de fevereiro, a morte de Giordano Bruno[92]; o 18 de março, a Comuna de Paris; 1º de maio, marcando a execução dos mártires de Chicago, 14 de julho, a tomada da Bastilha; o 23 de agosto, as mortes de Sacco e Vanzetti, e o 13 de outubro, o fuzilamento de Francisco Ferrer y Guardía.[93]

A marcação desses episódios era parte do trabalho de construção da memória na perspectiva histórica dos anarquistas pela definição de referenciais próprios sobre a sua presença no tempo. Assim, ao rememorar as datas significativas segundo o seu ideário, os anarquistas participantes das correntes do movimento criavam um calendário peculiar, próprio. Funcionamentos como estes contribuíam para a construção de uma identidade que se

---

[91] Eduardo Valladares, (2005, p. 92) informa sobre o Concílio de Latrão: “[...] com o canone 21 do Concílio de Latrão de 1215, instituiu-se o sistema de confissões regulares, pelo menos uma vez por ano, juntamente com o caráter essencial do papel do interrogatório religioso”. No discurso dos articulistas dos jornais anarquistas há forte campanha contra o hábito instituído e reafirmado em 1903 das confissões auriculares. Essa obrigação católica, segundo os libertários, era um dos principais fundamentos do poder clerical (p.72).

[92] O discurso anarquista adotava a tática de reportar-se à história de religiosos que romperam com a Igreja. Os anticlericais faziam campanhas para descobrir falcatruas e escândalos religiosos e enalteciam os religiosos que romperam ou que foram perseguidos pela Igreja. Por essa razão, rememorar e contar a história de Giordano Bruno (1548-1600), um teólogo e filósofo italiano condenado por heresia pela Igreja Católica por duvidar da Santíssima Trindade e que defendia o infinito cósmico e uma visão de homem humanista era uma forma de demonstrar, com a *propaganda social*, os moldes da resistência empreendidos historicamente contra a Igreja. Estimulado por essas táticas, José Oiticica traduzia textos dos religiosos rebeldes que eram transformados em folhetos, que eram distribuídos em suas conferências anticlericais. Essas ações e outras similares serviam para mostrar quanto a Igreja não era digna de confiança e representava um perigo que devia ser combatido. Como a história de Giordano Bruno era exemplar para tais finalidades, foi incorporada no calendário anarquista.

[93] Eram datas marcantes para a luta em prol da resistência ao poder e à violência na perspectiva libertária. Por essa razão, os anarquistas lhes davam maior visibilidade nos jornais por serem consideradas mais significativas para a “obra da propaganda social” em relação às outras datas que serviam para marcar a luta anticlerical.

contrapunha às comemorações cívicas nacionais e às celebrações religiosas.[94]

As categorias construídas por Richard Hoggart (1973) em seu livro *Utilizações da cultura,* já mencionadas, as categorias de "o *nosso*", "o *nós*" em contraposição, ou em relação "ao *deles*", e "a *eles*", ajudam a compreender o fato de os libertários terem construído em sua imprensa o seu próprio calendário em oposição ao calendário *deles* (da Igreja, do Estado).

No percurso da continuidade da imprensa libertária com José Oiticica em seu Jornal *Ação Direta*, no final dos anos 1940, como poderemos verificar no capítulo seguinte, foi empreendida uma espécie de revitalização dos vínculos das permanências e continuidades dessa imprensa com o passado, ao adotar as mesmas estratégias e táticas com a rememoração dos episódios sucedidos com o movimento operário brasileiro do início do século XX. Uma forma de resistência do princípio impulsionador do anarquismo brasileiro, ao menos ao que diz respeito à ação de veiculação da *propaganda social* por meio do jornal, pois das atividades com o *teatro social*, não foi detectada a mesma continuidade nas ações empreendidas por José Oiticica, ao contrário do que ocorreu com a prática das conferências sociais cuja incidência, embora pequena, ainda aparecem anunciadas no *Ação Direta.*

Com as apresentações das peças sociais nessas datas significativas eram também publicados artigos jornalísticos que esclareciam sobre o significado e a importância de cada uma. Para a grande maioria que não era leitora, as encenações cênicas eram uma das maneiras de facilitar a transmissão dos valores libertários. A maioria das peças era apresentada nessas datas comemorativas, seguidas de conferência social, como foi relatado anteriormente.

### 2.3.1 O *teatro social* de José Oiticica

Entre as inclinações intelectuais do professor José Oiticica, o teatro ocupou um lugar significativo não apenas pela autoria de peças usadas no teatro social libertário, mas também pelo seu importante trabalho com a formação de profissionais na Escola de Arte Dramática do Rio de Janeiro, onde lecionou durante décadas, como já mencionado no capítulo anterior.

A visibilidade desse trabalho de sua docência aparecia nos destaques sobre a vida cultural do Rio de Janeiro, nos periódicos libertários, assim como em um ou outro jornal da grande imprensa, *A Pátria.* Era um jornal, para qual Oiticica colaborou, que costumava noticiar a programação do teatro social libertário, tanto que no ano de 1923 destacou os

[94] Cabe mencionar o livro de Raquel Azevedo (2002, p.45) *A resistência anarquista: uma questão de identidade (1927-1937)* que chamou a atenção da demarcação das datas comemorativas do movimento como ação de preservação de uma identidade na perspectiva anarquista.

nomes de alguns artistas amadores[95] que movimentavam suas atuações em peças exibidas nos teatro da cidade. O que chama atenção na notícia é o fato de que todos aqueles artistas, com os seus nomes publicados eram operários que foram diplomados na *Escola Dramática Municipal*, e, portanto, havia recebido a marca da formação de professor Oiticica, em suas aulas de Prosódia, uma disciplina por ele ministrada durante décadas.

Com o trabalho na Escola Dramática, o professor Oiticica tinha condições de extravasar os aspectos mais diletos do rol de atividades que ocupavam os seus interesses docentes. Trabalhava com a língua optando por trabalhar com os textos clássicos, cujo repertório era vasto por causa de sua formação cultural, como pode ser verificado no capítulo anterior. Além da poesia, da música, ainda utilizava como material de trabalho as suas peças.

O professor Oiticica operava de maneira interessante na escolha do material de trabalho para as suas aulas de Prosódia. Escolhia peças do teatro grego clássico - marca de sua erudição -, desde que os roteiros dessas peças propiciassem a reflexão de seus alunos sobre as idéias e os valores de conduta dos personagens. Possivelmente, foi essa a razão de sua escolha em trabalhar com os textos de Aristófanes (446-380 a. C), que em seus roteiros de comédias e alegorias ridicularizava, entre outras coisas, as arbitrariedades da guerra, a corrupção dos políticos. Essas peças chamaram a atenção de outros militantes, como Maria Lacerda de Moura, com quem Oiticica tinha grande interlocução (LEITE, 2005, p.25).

### 2.2 As atividades do professor José Oiticica na Escola Dramática Municipal

Nas aulas de teatro da *Escola Dramática,* Oiticica selecionou roteiros clássicos para exemplificar e potencializar seus argumentos sobre a causa libertária. Utilizou o drama e as falas dos personagens relativas às situações cotidianas para tacitamente instigar a reflexão dos alunos sobre os valores capitalistas em contraposição aos libertários.

Nos roteiros de suas conferências radiofônicas manuscritas encontradas em seu acervo pessoal, Oiticica sinalizava as pausas, as modulações sonoras, adotando essas táticas e artifícios da prosódia para simulações de situações dramatizadas nos diálogos. Essas estratégias eram também adotadas nos programas de rádio, nas novelas radiofônicas, porém em Oiticica essas práticas eram procedentes do teatro, uma forma também usada nos seus manuais didáticos, como, por exemplo, o recurso das onomatopéias e mimologias.

[95] Os alunos do professor José Oiticica que aparecem citados no jornal *A Pátria* eram: Augusto Aníbal, Arduino Burline, Davina Fraga, Romualdo de Figueiredo, Mariano Ferrer, Ulysses Martins, Antônio Monteiro Dias (RODRIGUES, 1993, p.36).

Prado (2004) selecionou uma parte da produção dramática do professor Oiticica e examinou um bloco de fichas com apontamentos de suas aulas de teatro na Escola Dramática Municipal.[96] A julgar pela descrição que apresenta, Prado (2004, p.152) pôde examinar esse material, e seus comentários subseqüentes deixam ver que as escolhas empreendidas por Oiticica na produção teatral encetavam objetivos claros com o conteúdo de cada uma, pois a disposição seqüencial das peças conformava uma lógica de construção de seu argumento não sendo, portanto, escolhas aleatórias. Pode-se considerar que os objetivos que antecediam essa seleção de materiais, visavam estimular a reflexão dos alunos e focalizar as teses anarquistas relativas às críticas ao Estado, à religião e ao capital. Tais evidências levam a supor que o professor Oiticica construía o seu programa de conteúdos sem recorrer a outro que lhe servisse como modelo.[97]

Esse encadeamento das peças teatrais de Aristófanes foi cuidadosamente pensado como sua principal estratégia que se construía mediante uma reflexão sobre as situações vividas pelos personagens, para com esse mote provocar em seus alunos a tomada de posições frente o problema apresentado pelos personagens. A seqüência de situações denota que o professor Oiticica estimulava os seus alunos a tirarem as suas próprias conclusões a respeito do conflito central vivido pelos personagens.

A sobreposição do assunto tratado em cada uma das peças era o que parecia ser caro a ele, pois, com a sobreposição desses assuntos, Oiticica construía um arcabouço de valores que eram de fato o cerne da sua reflexão. Dessa forma, as apropriações de Prado (2004) ajudam a

[96] José Oiticica ingressou em 1914 na Escola de Arte Dramática do Rio de Janeiro. A docência nesta instituição se estendeu concomitante ao período de seu exercício na cátedra de Português no Colégio Pedro II, iniciada em 1916 até o ano de1952. O bloco de notas pode ter sido usado nesse período de tempo e a impossibilidade de datá-los não prejudicou o seu uso nesta pesquisa. Cabe observar que Oiticica fez uso da linguagem do teatro ao longo de quatro décadas em suas produções didáticas. Essa característica de funcionamento pedagógico também pode ser observada ao examinarmos as suas conferências radiofônicas. Duas delas transcritas em forma de opúsculos e outra manuscrita indicada na listagem de fontes usadas nesta pesquisa. Oiticica fazia uso do diálogo teatral, de maneia recorrente, na interlocução com os seus leitores e ouvintes. Essa estratégia pode ser vista em sua produção didática, produzida até o ano de 1955. No roteiro de sua aula radiofônica, *Língua falada*, provavelmente elaborado entre os anos de 1948 e 1952, a estratégia da narrativa de diálogos entre personagens é acionada em suas explicações didáticas. Os excertos citados por Prado (2004) e as suas respectivas apropriações para esta narrativa foram de grande valia, notadamente, sobretudo no conjunto das outras fontes datadas recolhidas e selecionadas nesta pesquisa. Assim, os apontamentos de Oiticica apresentados por seu examinador deixaram as estratégias de aprendizagem acionadas pelo professor Oiticica no uso do teatro. Uma dessas fichas de aula do bloco examinado por Antonio Arnoni Prado pode ser conferido em *fac-simile no* artigo publicado na página *Scielo Brasil (Scientific Eletronic Library online*).

[97] No capítulo I, apresentamos uma matéria jornalística com referências sobre os programas de ensino da *Escola de Arte Dramática Municipal* em 1928. Nela o articulista anônimo reclamava da quase inexistência de programas de ensino, havia apenas os programas elaborados pelo professor José Oiticica. De alguma forma a atuação de Oiticica, no que diz respeito aos conteúdos que ministrava chamou a atenção, pois: "[...] admitirmos que o Sr. Oiticica com o seu methodo, com o seu tirocínio, com os seus hábitos de trabalho, lecione mesmo tudo o que se propõe (*A Esquerda* – 29-11-1928, Arquivo Fernando de Azevedo IEB,Instituto de Estudos Brasileiros, USP, Localização: FA A3/143).

detectar quais foram as estratégias e os objetivos de aprendizagem visados pelo professor Oiticica em suas aulas de teatro.

Nas peças de Aristófanes[98], que para Oiticica foi o primeiro anarquista do teatro ocidental, havia a possibilidade de dialogar com os princípios libertários. O primeiro roteiro utilizado do bloco de notas de Oiticica foi assim resumido e comentado, por Prado (2004, p. 150):

> O roteiro era implacável: mais talvez que aura solene da biografia do século de Péricles, ou mesmo que a demonstração analítica da estrutura dramática da comédia enquanto gênero (os cuidados com o prólogo, o párodo, o agón e a parábase), **o que as aulas de Oiticica perseguiam era a expansão ideológica de um conceito que empolgasse os alunos em torno da libertação da consciência dos homens**. **Sob este aspecto suas preleções eram verdadeiros laboratórios para a discussão e a revolta**. Em vários momentos da leitura de *Pluto,* em que o pobre e honesto Crêmulo, aconselhado por um horáculo, persegue e se apodera de um velho cego que vem a ser ninguém menos que Pluto, o deus da abundância e da riqueza, **os tópicos escolhidos para a preleção não escondem o desejo de convencer os alunos de que numa sociedade de competição animada pelo dinheiro ninguém ganha em ser honesto**. Na demonstração de sua tese, Oiticica transcreve algumas falas de Crêmulo e Cárion: o primeiro lamentando-se de que, enquanto se manteve piedoso e honesto, dirigiu mal os negócios e acabou como miserável, ele – Crêmulo – que cansou de ver "**os maus gozando dos bens adquiridos pela injustiça, enquanto as pessoas de bem viviam em geral na miséria e morriam de fome". Cárion, em resposta - que o professor grifou de vermelho- , apenas confirma a tese, ao dizer que até um cego era capaz de *ver* que a honestidade e o dinheiro eram coisas incompatíveis** (grifos nossos)

No encadeamento das peças de Aristófanes – o trecho citado acima é da peça *Pluto* (388 a.C) – Oiticica, segundo a interpretação de Prado (2004), tinha a intenção de por meio do diálogo dos personagens criar possibilidades para que os seus alunos percebessem que o governo não deve interessar a um povo instruído e honesto, servindo apenas aos "ignorantes e aos marotos". Com isso, ao que parece, Oiticica pretendia motivar a discussão sobre a sociedade livre do Estado, uma das teses do anarquismo.

---

[98] O interesse de José Oiticica pelos textos clássicos grego decorre de sua formação cultural, [vide capítulo I]. Além disso, ele estudava grego e foi professor desta língua na Universidade Federal do Distrito Federal, em 1936. As peças de Aristófanes, tal como informou Prado, foram parte de seu material de aula, sendo referidas as onze que são mais conhecidas: *Os acarnianos* (425 a.C) ridiculariza os partidários da guerra com Esparta; *Os cavaleiros* (424 a.C) é uma crítica desenfreada a Cleon, um dos homens mais importante de Atenas; *As Nuvens* (423 a.C) compara Sócrates aos sofistas, mestres da retórica e acusa o filósofo grego de exercer uma influência nefasta sobre a sociedade; *As Vespas* (422 a.C) discute a importância da verdade e os seus benefícios revelando a sua preocupação com a ética; *A paz* (421 a.C), obra antibelicista; *As Aves* (414 a.C) descreve o fantástico reino dos pássaros que dois atenienses dirigem e que na forma como agem conseguem suplantar os deuses; *Lisístrata* (411 a. C), as mulheres fazem greve de sexo para forçar atenienses e espartanos a estabelecerem a paz. *As tesmoforiantes* (411 a C) paródia das obras de Eurípedes; *As Rãs* (405 a. C) é o ataque a Eurípedes; *Assembléia das mulheres* (396 a. C), uma revolta feminina em que as mulheres ocupam a cidadela de Atenas, a acrópole e passam a propor uma nova ordem marcada pela socialização da riqueza, da propriedade e do sexo, e *Pluto* (388 a. C), fábula mitológica da riqueza.

Outro texto de Aristófanes, *Os cavaleiros*, do mesmo bloco de notas examinado por Prado (2004, p.151), provavelmente o fez por perceber a escolha cuidadosa de Oiticica na seleção de material de aula, pois a sucessão dos textos permitia a ele ressaltar a relação entre governados e governantes, o alvo de sua crítica:

> Todo mundo te tem como a um senhor, mas tu és maleável e te deixas governar de bom grado por aduladores e subornantes... . O próprio tripeiro põe fogo nessa briga quando acusa Cleon de, demagogo, de fazer tudo para que o povo não se aperceba das ladroagens, e mais: que, apertado pela carestia e pela necessidade de garantir um salário, fique obrigado a esperar exclusivamente dele, Cleon, as decisões sobre a sua própria sobrevivência. (grifos nossos)

O trecho mostra o papel do personagem de Aristófanes como um libertário (em quem os alunos podiam se espelhar), que denunciava os desmandos de Cleon e a fraqueza com a qual o povo se deixava levar por suas demagogias e enganações. Com isso Oiticica tinha a oportunidade de tratar indiretamente sobre o sentido que tinha a obra da *propaganda social*, ou seja, o teatro possibilitava-lhe fazer a crítica ao poder que governa e àqueles que se deixam governar.

Da última parte da aula de Oiticica, Prado (2004, p. 152) apresenta outro trecho da peça *Os cavaleiros*, em que o personagem Demóstenes, um adulador mau-caráter procura saber como Agorácito - o tripeiro também mau-caráter - poderia chegar ao poder e tornar-se um grande homem:

> "**Serás grande porque és um patife sem-vergonha**, um filho dos açougues" [...] "tudo conspira para a tua grandeza". [...] Nada mais simples. Continua no teu ofício e mistura e amassa bem todos os negócios do Estado como quando fazes lingüiça. **Para cativares o povo, cozinha-lhes sempre algum prato que lhe agrade**. **Tem, aliás, tudo a que vale a um demagogo: voz terrível, natureza perversa e linguajar dos açougues.** (grifos nossos).

Com esse diálogo o professor Oiticica poderia, por exemplo, tratar sobre o comportamento dos políticos, que, aliás, era combatido em seus artigos jornalísticos para a imprensa libertaria, assim como era também uma oportunidade para ele pôr em discussão o desinteresse do governo em formar consciências críticas.

Prado (2004, p. 52-153) ao dar seqüência ao exame do maço com as anotações de aula do professor Oiticica constata que ele discutia com os alunos "uma boa coleção de tópicos básicos da filosofia anarquista" que pode ser resumida a seguir:

> Em *As vespas*: o professor Oiticica serve-se do personagem Aristófanes para repudiar a volubilidade da justiça e a arbitrariedade dos impostos, que entram na aula para demonstrar que o mal de todos os governos é que eles têm a faca e o queijo na mão para assaltar a economia do povo e proteger os poderosos;

> No embalo da sátira que faz Aristófanes do excesso de litigância dos atenienses nas figuras do velho Filocleon e seu filho Bdelicleon que consegue para o pai o privilégio de manter um tribunal em sua própria casa, **Oiticica leva os alunos as mazelas da justiça**. [...]; **O antimilitarismo** é outro tema de que o mestre se vale para, através de Aristófanes, **mostrar aos alunos a inutilidade da burocracia das armas**. Na comédia ***Os acarnianos*** ninguém melhor do que Dicépolis – o fazendeiro herói que mantém um tratado de paz em separado com os lacedônios – para resolver **os bastidores da guerra**, em que **o confisco, o contrabando, o banimento de gente honesta, o oportunismo dos mercenários, o heroísmo dos individualistas e o patriotismo dispontam como algo corriqueiro na diluição das diferenças entre o dever e o crime** [...] de ***As Nuvens***, Oiticica aproveita para **destacar a iniqüidade absurda dos agiotas**, valendo-se da discussão em que o Primeiro Credor, tentando explicar a Estrepsíase que ele igualmente circula em vermelho: "Se o mar por onde correm todos os rios não é maior hoje que outrora, como ousas dizer, patife, que teu dinheiro aumenta por si mesmo? Some-te daqui". [...] no desabafo de Crêmulo, no *Pluto*, "o dinheiro é a causa única de todos os males e de todos os bens; [...] **A ridicularização dos advinhos como impostores e parasitas e a expulsão dos legisladores em *As aves*;** o argumento em *As Nuvens* em favor do adultério e dos conflitos entre a religião e a moral social; [...]; A queixa de Xanias, em As vespas, sobre a indignidade da condição de escravos [...] **A revolta feminina na *Assembléia de mulheres***, que ocupam a cidadela (a Acrópole) e assumem o poder e a direção do Tesouro, propondo uma nova ordem marcada pela socialização da riqueza, da propriedade e do sexo (grifos nossos).

Para Oiticica, o teatro era um importante instrumento para provocar a reflexão de quem encenava e de quem a ele assistia, principalmente porque as peças que ele selecionava, versavam sobre os temas que tratavam da injustiça, da desigualdade social, da superação da sociedade tal como ela se encontrava, da construção da nova sociedade etc.

A sua estratégia com os alunos no trabalho com as peças teatrais, comentadas por Prado (2004), era demonstrar que o Estado não garantia a segurança de todos. Ao contrário, ocupava-se apenas em garantir a segurança dos proprietários e colocar sob ameaça de constante expropriação as camadas dos despossuídos. O sistema capitalista e o dinheiro eram o principal alvo da crítica. Seu esforço era demonstrar os artifícios que levavam o capitalista a usurpar o trabalho de todos.

Oiticica trabalhava com as peças teatrais nas suas aulas, tanto na Escola Dramática, como no Colégio Pedro II, nos discurso jornalístico e junto aos grupos de militância anarquista, visando à propaganda social libertária. Seu discurso, portanto, atingia alunos do Pedro II, da Escola Dramática, da Escola Normal, o público do teatro social, os militantes anarquistas e os leitores dos jornais.

Esta discussão terá seqüência no capítulo quatro, quando as incursões às cartas de advertências que abriam as suas publicações didáticas, assim os diversos trechos de exercícios

de gramática, demonstram que a disseminação dessas idéias anarquistas ocorria em todos os seus diferentes espaços de atuação profissional.

## 2.3 As peças libertárias de José Oiticica nos espaços da propaganda social e na docência institucional

De sua produção para o teatro[99], destacam-se cinco peças teatrais, todas encenadas no Rio de Janeiro e algumas também apresentadas em São Paulo, entre os anos de 1919 e 1923. Criou quatro peças que foram: *Azalan!*[100]; *Pedra que rola; Quem os salva?*; *Não é crime*[101], e em 1936 produziu a peça *Pó de Pirlimpimpim*[102], uma comédia em três atos, representada no Rio de Janeiro. Foi escrita em 1936.

As quatro peças de sua autoria e produzidas no auge de sua militância, na segunda década do século passado, foram escritas quando Oiticica vivia uma situação delicada de sua vida. Ele ainda cumpria pena por sua primeira prisão no *Engenho Riachão*. Nessa fase, ele dirigiu com Astrojildo Pereira o jornal *Spartacus*, quando estava afastado da docência por causa do cárcere. As suas atenções estavam voltadas para o trabalho com a *propaganda social*, mas somente com as atividades com o jornal e com o teatro (na autoria das peças).

A prisão em 1918 reverberou principalmente na escrita de *Azalan!*, provavelmente por lhes estimularem a situação real do cárcere, embora as peças *Não é Crime* e *Pedra que rola*, em 1919 e 1920 e *Quem os salva?* de 1923, apresentem também conteúdos implicados com as causas da militância libertária. Esse contexto, ainda que sumário ajuda a compreender o argumento do roteiro e a caracterização mais geral dos personagens por ele criados com

[99] Na coluna "outras obras do autor", de seus manuais didáticos, as três peças mencionadas são as comédias *Pedra que rola*; *Quem os salva?* ; *Pó de pirlimpimpim*. Os dramas *Azalan!* e *Não é Crime*. Não aparecem na lista, provavelmente pelo fato da construção dos "personagens-espelhos", um exemplo a ser imitado pelos militantes na luta libertária.
[100] Encontramos a peça *Azalan* no Centro Cultural São Paulo, no Arquivo Multimeios, na documentação de pesquisa sobre o teatro operário em São Paulo, desenvolvida pelas pesquisadoras Maria Thereza Vargas e Mariangela Alves Lima, sendo possível a leitura integral do texto. A peça foi publicada com a capa *Cadernos de latim.*
[101] As informações sobre os argumentos das peças *Quem os Salva?*, *Pedra que rola* e *Não é crime* foram organizadas a partir da pesquisa de Antonio Arnoni Prado (2004). José Oiticica como dramaturgo anarquista foi o foco de sua pesquisa de livre-docência, cujos resultados foram organizados no livro *Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil*, publicado em 2004. O autor analisou algumas peças teatrais produzidas por intelectuais anarquistas, dedicando a José Oiticica uma seção intitulada *Elucubrações dramáticas do professor Oiticica*. Nessa parte de seu livro, esse autor oferece ao leitor, além das suas observações da crítica literária, alguns trechos das peças de Aristófanes (446-380 a. C) utilizadas pelo professor Oiticica em suas aulas de teatro. Assim, esses trechos colaboram com esta pesquisa. Os estudos empreendidos por esse autor têm lastro nas pesquisas de Mariângela Alves Lima e Maria Thereza Vargas. *O teatro operário*, publicado em *Libertários no Brasil — memórias, lutas e cultura*, livro organizado por Antonio Arnoni Prado em 1986 e inspiram-se também no trabalho de Foot Hardman (1983), mais especificamente em *Nem pátria e nem patrão-vida operária e cultura anarquista no Brasil*.
[102] O título da peça *Pó de Pirlipimpim* foi emprestado por José Oiticica da fábula de Monteiro Lobato, publicada em 1930. A cópia datilografada dessa peça foi encontrada no acervo pessoal de José Oiticica.

objetivo de propagar algumas idéias do anarquismo manifestas em suas peças e demonstrar as conexões entre o trabalho pedagógico na *propaganda social* com o trabalho desenvolvido na docência institucional.

Quando Oiticica escreveu a peça *Pó de pirlimpimpim,* estava sob a dura vigilância da polícia política, tal como mostram os seus prontuários do Departamento Estadual de Ordem Política e Social – DEOPS.[103] Nesse período, as associações e os jornais operários estavam desmantelados, o movimento operário trazia mais de uma década de repressão aos jornais e sindicatos.

Foi nessa época que Oiticica passou a freqüentar a *Fraternidade Rosa Cruz*[104], onde se manteve participante até o final de sua vida. Essa ordem não se apresentava como uma religião, com a proposta de transcender aos sectarismos religioso, filosófico, ou político. Ao contrário da maçonaria aceitava mulheres e tinha como condição de ingresso ter irrestrita tolerância. Esse movimento eclodiu no século XVII e teve na sua história entrecruzamentos com a maçonaria, adotando os graus maçônicos, em que somente os maçons podem atingir. José Oiticica era Grão-Mestre.

Essas considerações acerca da vigilância policial a que estava submetido e a sua entrada na Fraternidade ajudam a compreender quais eram as condições vivenciadas por

---

[103] Prontuário de nº 860 do DEOPS em São Paulo mostra os relatórios que eram encaminhados ao Gabinete de Investigação de São Paulo, com o registro das atividades de José Oiticica a partir de 1933. Como exemplos dessa vigilância podemos referir a carta em que o subchefe dos inspetores Antonio Benvenga, em 07-12-1933 informava que: "[...] é esperado por estes dias o Dr. Oiticica do Rio; o trabalho é para perturbação da ordem [...]. No prontuário nº 58 de seu amigo editor do jornal *A Plebe* há uma carta que registra uma fala de Oiticica sobre as condições de perseguição da polícia carioca que em 1936 impedia ações militantes naquele estado: [...] com o fim de organizar-se um *COMITÊ ANTI-FASCISTA,* tendo á sua frente os anarchistas de São Paulo. Aberta a sessão, falou o presidente da mesa, dizendo da necessidade de tal organização para combater o governo e o clero. Em seguida, usou a palavra o prof. *JOSÉ OITICICA,* vindo especialmente do Rio para esse fim, o "qual, após ter falado sobre o operariado do Rio, que, segundo ele, não pode mais ter organização, em virtude da acção da polícia, disse que lançava o seu olhar para São Paulo, única cidade do Brasil onde existem elementos capazes de fazer balauartes na próxima jornada da Revolução proletária" .Toda essa atmosfera de insegurança, pelo momento político de perseguição a todos, obrigou cautela nas suas produções. Assim, *Pó de Pirlimpimpim* é uma comédia que apresenta as suas críticas à religião, ao Estado de maneira velada, porque a situação de vigilância determinava o procedimento de cautela.

[104] A hipótese desta pesquisa é que José Oiticica teve o seu interesse despertado pelos estudos rosacruceanos na primeira década do século XX, quando conheceu Afrânio Peixoto, em sua fase próxima da poesia simbolista. Este autor escreveu *Rosa Mística* em 1911, assinando a obra com o pseudônimo de Júlio Afrânio após uma viagem ao Egito sob efeito do contato com questões do Ocultismo. Mais tarde, esse poeta negou sua obra como nos conta Brito Broca (2004, p.184-186). Afrânio Peixoto era próximo de Oiticica, tendo ocupado a direção da Escola Normal, em 1917, quando Oiticica lá ingressou. Além disso, havia no *Correio da Manhã,* onde Oiticica trabalhava sujeitos que participava da revista *Rosa Cruz* que circulou no período. Em *A Lanterna,* onde Oiticica colabora sistematicamente também havia maçons ligados a Rosa Cruz. Essas evidências ajudam pensar sobre a sua inserção rosacruceana. A Fraternidade Rosa Cruz provinha de uma sociedade secreta do século XVII, que procurava uma reforma das relações do mundo por uma aproximação geral dos povos, fundamentada na religião egípcia dos tratados herméticos, transcendendo as diferenças religiosas pelo amor e pela magia, utilizando uma nova visão da natureza obtida através de exercícios contemplativos. Em vários momentos a rosacrucianos estiveram ligados à Maçonaria. (FRANCES A. YATES, *El Iluminismo Rosacruz,* 2001).

Oiticica na fase de elaboração de suas peças teatrais, com vistas a fornecerem elementos que proporcionassem decodificar as características mais emblemáticas dos personagens dessas peças e quiçá possibilitassem detectar pontos na penumbra que marcam o autor no personagem e/ou entre as idéias com as quais ele se identificava no anarquismo, mais especificamente relacionada às práticas da *propaganda social*.

Do conjunto dessas cinco peças, a opção foi apresentar excertos de *Azalan!*, cuja ação se passa em 1915, no presídio de Fernando de Noronha, e de *Pó de Pirlimpimpim* , cuja história ocorre na ambiência do governo Vargas. A razão desta escolha explica-se por serem as obras que iniciam e finalizam a sua produção para o teatro.

A primeira peça *Azalan!,* é um drama que teve como destaque Sérgio, um *personagem-espelho*[105], uma espécie de herói, um exemplo a ser seguido pela militância expectadora e participante do teatro social. O contexto que envolve a trama está visceralmente relacionado com o que Oiticica acabara de viver no final de 1918, um pouco antes de partir para o *Riachão,* e sua posterior clandestinidade.

A sua última peça, *Pó de Pirlimpimpim,* é uma comédia em que ele conta a história de seu Calu, um comerciante buscando obter vantagens, for isso foi enganado por trapaceiros que lhe venderam um pó mágico, para todos os males. A propaganda capitalista, as instituições do Estado, a polícia, a crença nos santos e nos milagres são os alvos da crítica velada e travestida de humor, constituindo-se no argumento da peça.

A apresentação das outras peças de José Oiticica, *Não é crime*, *Pedra que rola* e *Quem os salva?,* é tratada neste texto a partir do diálogo com a pesquisa de Prado (2004), especificamente pelo uso de excertos que este pesquisador disponibilizou em seu texto, dados que os interesses de investigação não coincidem com os que direcionam esta pesquisa.

As peças teatrais de José Oiticica foram produzidas para o teatro social e para a Escola de Arte Dramática Municipal, portanto trata-se de um material usado tanto na docência institucional, como pelos grupos anticlericais e libertários da *propaganda social*. Essa peculiaridade desse material foi observada como duplamente interessante, pois se trata de textos de funcionalidade pedagógica utilizados nos dois espaços de atuação pedagógica de José Oiticica, a saber a docência institucional e a *propaganda social*.

---

[105] Este conceito é retirado por Antonio Arnoni Prado da pesquisa de Eva Golluscio de Montoya, intitulada *Pactos de representación em um teatro militante: el problema del destinatário*. Washington: jun.mimeo: A *personagem-espelho* é aquela que sofre no palco o processo de aprendizagem necessária e que o autor da peça quer transferir para o espectador militante, levando-o à libertação intelectual e moral. (MONTOYA, 1990, *apud* PRADO, 2004, p.160).

De acordo com Lima e Vargas (1986, p.169), o teatro operário se caracterizava por apresentar roteiros com textos curtos, incidência exagerada de monólogos de personagens arquétipos, com apelos evocativos ideológicos. Nos roteiros de Oiticica, embora tenham sido produções destinadas também à propaganda social, essas características não aparecem, de maneira integral na sua produção de José Oiticica. As suas peças não são curtas, são elaboradas e os personagens exibem algumas características da dramaturgia clássica. Esses aspectos podem ser observados mais especificamente no drama de *Azalan!*. Por outro, evidencia-se o *personagem-espelho*, que as pesquisadoras acima referidas explicam como de "natureza ideológica procurando criar uma consciência de classe". De acordo com Prado (2004, p. 162), *Azalan!*, apesar de apresentar algumas das características do *teatro libertário militante*, destoa em aspectos como:

> (...) brevidade do episódio, simplicidade da trama (com destaque para o ato único), a clareza da mensagem e a repetição dos motivos dramáticos na articulação dos temas, das moralidades e dos esboços ideológicos próprios do teatro didático propagandístico, em que as rubricas quase não têm função cênica ou caracterização de personagens, o monólogo entra como modalidade básica e as falas exigem do ator uma atitude recitante próxima da declamação, de que são exemplos clássicos os apartes do estrangeiro no *Primeiro de Maio*, de Pietro Gori.

Algumas características assimiladas do itinerário de formação de Oiticica, como os estudos das humanidades - marca de sua formação - que incluíam, por exemplo, leituras das obras clássicas, do latim etc, e, tal como mostraram as anotações de aulas examinadas pela pesquisa de Prado (2004) e também aquelas que este analisou, indiciam que as peças de José Oiticica, ainda que criadas para o teatro libertário militante, dificilmente deixariam de apresentar os elementos dramáticos oriundos do tipo de formação que ele recebeu ao longo de sua trajetória nos estudos clássicos.

No entanto, a opção de Prado (2004) em tentar comparar o teatro libertário com as peças de Oiticica, ou escolher o caminho inverso, como buscar os elementos clássicos que Oiticica levou ao teatro libertário, demonstraria que entre tais instâncias havia a circulação de diferentes padrões. Provavelmente, admitida e trabalhada esta hipótese da circulação de saberes e práticas nas várias instâncias de sua atuação pedagógica encontraríamos a conformação particular de sua contribuição para o teatro social; no diálogo de sua erudição clássica com os elementos da cultura popular, essas instâncias nunca estiveram apartadas.

***Azalan!***

*Azalan!* É uma peça de três atos. A sua história se passa em 1915, na Ilha de Fernando de Noronha. Na trama, Sérgio, o arquétipo do herói revolucionário, foi preso por

atuar em prol da causa da *Revolução Social*. Ele é um militante anarquista que cumpre pena sob acusação de ter produzido dinheiro falso para financiar a obra da revolução.

No desenvolvimento do roteiro da peça, Oiticica faz Sérgio mostrar como a sua prisão foi injusta. Ele e os seus vinte e sete companheiros resolveram falsificar dinheiro para financiar a obra da revolução social, como uma ação diretamente ligada à felicidade de todos, afinal era o meio para a suplantação da velha ordem social e para a construção da nova. O uso e a produção do dinheiro falso tinha um fim justo, pois serviria à obra da revolução social. Para além dessa justificativa plausível, o dinheiro já é falso por natureza, engana o trabalhador sobre o valor de seu trabalho. Portanto, por essas razões não havia crime algum, nenhuma razão, além da injustiça do sistema, que justificasse o seu encarceramento.

No transcorrer do roteiro da peça, o perfil do herói revolucionário adquire contornos que permitem a todos compreender a importância de sua missão de criar condições para a revolução social rumo à sociedade nova reservada à felicidade de todos os despossuídos.

Esse personagem contracena com o velho Dionísio, um ex-escravo, prisioneiro, preso desde os tempos do Império com duas características marcantes, espera a volta do Regime Imperial e vive obcecado com a palavra *Azalan!* Na imaginação de Dionísio, esta palavra lhe foi revelada por uma princesa, chamada Magalona, que em razão de uma maldição, vivia no fundo do mar. Para libertá-la, Dionísio acreditava que teria de atirar uma donzela ao mar e gritar três vezes a palavra *Azalan!* Feita essa obrigação, Dionísio receberia informações sobre um tesouro enterrado na ilha e ficaria rico.

Oiticica dá a cada personagem contornos que mostram suas diferentes características. Clotilde, filha donzela do diretor do presídio, apaixonada pelo herói revolucionário; Generino, um pobre coitado, preso por ter furtado um cavalo. Nas falas desses três personagens, percebe-se o uso cuidadoso da língua em oposição à fala de Dionísio, preso por ter matado o dono da senzala, por este ter tentado seduzir a filha daquele. Para este último personagem, usou a linguagem da gente simples do povo. No desenvolvimento da peça aparecem mensuradas as definições dos crimes de cada um e todos os seus "crimes" são justificados por serem todos em decorrência da miséria, do alcoolismo, da perseguição dos patrões, das crendices e fanatismo religiosos. Para demonstrar como se construía a aula por meio do teatro, vejamos do enredo da peça uma fala de Sérgio e Clotilde, quando o herói lhe explica a causa de sua prisão, em seguida, defende os presos da ilha:

> Sérgio: [...]Temos a fábrica [de dinheiro] em S. Paulo, mas meus companheiros estão espalhados pelo Brasil inteiro. Já fomos presos, três, mas somos vinte e sete. É impossível apanhar todos porque se revezam, mudam de lugar e fabricam notas de

todas as estampas ao mesmo tempo com rara perfeição...Quer saber para que fazemos não é?

Clotilde: Sim

Sérgio: Para uma grande, uma extraordinária obra: a libertação dos brasileiros.

[...]

Sérgio: Será mau aquele Generino?

Clotilde: Generino não parece.]

Sérgio: Separado da família, encarcerado longos anos por ter furtado alguns cavalos...e note-se tendo furtado por doença, por mania...

[...]

Sergio: D. Clotilde, como eu e como este são os demais. Mataram ou furtaram porque a isso os impeliu a fome, o álcool, a doença, as perseguições aos superiores, a politicagem dos seus amos, a supertição, a ignorância, todas as misérias que os dirigentes do mundo inteiro vão mantendo porque lhes convém...[...]

(OITICICA, 1920, p.17, *Azalan!,* Cadernos de Latim)

Cada um dos personagens de *Azalan!* recebeu de seu autor uma caracterização denotando o lastro da cultura popular e/ou a ligação ao temas caros ao anarquismo. Um exemplo, a ser destacado sobre essa peculiaridade com relação ao personagem espelho (modelo a ser seguido), de Oiticica, nessa peça aparece em uma das falas do personagem Dionísio, em que se manifesta o antimilitarismo defendido no discurso libertário:

[...] Foi o guvêrnu mesmo que mando mata [na Guerra do Paraguai] e o depois ainda me deu condecoração, três medaia. E depois, como eu matei um home ruim que queria desonra minha filha, eles me condenaru cumo criminoso (OITICICA, 1920, p.17, *Azalan!,* Cadernos de Latim)

Ao examinarm-se as falas dos personagens de *Azalan!,* observam-se os usos que Oiticica faz de visões de mundo manifestadas também nos discursos jornalísticos, como, por exemplo, a descrença na ordem jurídica e a crença na revolução como a única possibilidade de resolver os problemas da terra vista como um "vasto presídio". Outra fala do personagem revolucionário clarifica esta última idéia:

Sérgio: [...] Não é só esta ilha que é um presídio; toda a Terra é um grande, um vastíssimo presídio onde se torturam muitos milhões de vítimas para nutrir, fartar uma pequena porção de homens insaciáveis. Veja, a população da ilha divide-se em duas porções muito desiguais: a dos sentenciados, grande maioria, que trabalham como escravos e a dos vivandeiros, meia dúzia de funcionários que exploram, por meio do dinheiro, o trabalho dos sentenciados. É um miniatura da humanidade.

Clotilde: É mesmo.

Sérgio: Ás vezes ponho-me a pensar. Parece-me ver uma daquelas hidras que lhe mostrei ontem no livrinho de mitologia; mas uma hidra invisível e presente em toda a parte a esticar suas inúmeras cabeças e a tragar os seres humanos. Aqui em Fernando

> de Noronha somos nós as vítimas; no Brasil inteiro são milhares e milhões de desgraçados que trabalham de sol a sol, no eito e nas usinas, em seringais e estâncias, no café, no algodão, no cacau, no fumo, na farinha, nos trapiches, nos navios, a criar riquezas e riquezas e a morrer de fome, de fome e de doenças, d. Clotilde, desprezados, caluniados, morando em casas de sapé ao passo que os cavalos de seus amos tem estribaria assoalhada e de tijolo...Comem bacalhau e farinha seca uma vez por dia e dão rações fartas aos animais de seus patrões.[...].(OITICICA, 1920, p.17, *Azalan!,* Cadernos de Latim).

O herói libertário da peça consegue escapar do presídio e dar continuidade à obra da revolução. Ele simboliza um homem forte que está a serviço da humanidade, acima do bem e do mal. Clotilde ajuda-o em sua fuga, mas não se converte ao anarquismo, e também não tem o seu amor correspondido por Sérgio que é noivo de Clara e recebe do herói um tratamento fraterno.

***A pedra que rola***

Das análises feitas por Prado (2004, p.164-166), informamo-nos de que *A pedra que rola* é uma comédia satírica com três atos em que Oiticica trata dos valores burgueses na relação entre os seus personagens. Bernardo, um comerciante português, mesquinho, católico, fanático, admirador da monarquia, rico o bastante para ter encaminhado na vida o seu sobrinho Jorge. Este lhe é subserviente pela dívida de gratidão que tem com o seu tio e oculta uma paixão secreta por Corina, a esposa muito jovem de seu tio benfeitor, uma mulher infeliz no casamento, pelo fato de ser tratada como uma espécie de objeto adquirido pelo marido a peso de ouro. A relação tranqüila da tríade é tencionada com a chegada de Inácio, irmão de Jorge, sem qualquer disposição em respeitar as instituições e convenções burguesas. Seduz Corina com um beijo testemunhado por Jorge. Para se livrar da delação de Jorge, ela o incrimina ante ao marido sob a acusação de tentar seduzí-la. A frieza de Corina ao negar o romance com Inácio e incriminar Jorge, o "bobo da família", encerra o espetáculo.

Nessa peça, Oiticica levou para o palco, nas palavras de um dos personagens, Inácio, "as mazelas da sociedade burguesa e as deformações humilhantes a que leva o dinheiro a que ela patrocina". Conforme Prado (2004, p. 165) afirma, nessa peça não há *personagens-espelhos* que distingam a conduta revolucionária daquela conduta das mazelas e mostra a todos quais são os erros a serem evitados.

Em *A pedra que rola*, a julgar por algumas falas dos personagens apresentadas por Prado (2004) e por sua descrição sobre a peça, é possível perceber que, no foco da crítica de Oiticica estão as relações do universo da sociedade burguesa. Isto parece claro, quando o examinador da peça oferece a descrição de cada um dos personagens cuja súmula foi apresentada. A peça mostra que as instituições -família, casamento – instituições burguesas e

as relações nas condutas de dependência estabelecidas em nome da “gratidão”, a compra e venda da “proteção” são os grilhões no palco crítico de Oiticica.

Dessa peça de Oiticica, Prado (2004) destaca uma fala do personagem Inácio (o primo de Jorge e sedutor de Corina), que exibe uma performance de livre pensador, na posição de quem não dá a menor importância ao fato do tio (Bernardo) ter ajudado na educação de seu primo Jorge:

> O senhor é católico fervoroso e monarquista, começa a pregar as suas idéias aqui dentro e não deixa ao rapaz a liberdade de aspirar às idéias republicanas de nossa terra.Qual o resultado? Dá- nos um fanático do papa e da realeza. Sucede que mal a gente assevera que a confissão é uma imoralidade e que Pedro II era um banana, o rapaz se enfuria, manda os livre pensadores para o inferno e chama os republicanos de bandidos. Está aí o que o senhor faz. (OITICICA, 1920, *apud* Prado, 2004, p. 165).

Na fala do personagem libertário, Inácio defende a República como o “novo” que suplanta o “velho” representado pela Monarquia. Tanto o imperador Pedro II, como o papa estão na mira crítica do autor, e a imoralidade da confissão era uma crítica recorrente do discurso anticlerical, pois no início do século XX, em decorrência do esforço do papa Pio X, o clero passou a aconselhar a prática da confissão freqüente. O objetivo era fazer o fiel em pecado confessar para com isso obter o perdão divino. Essa obrigação de confissão era anual de acordo com o Concílio de Latrão IV, de 1.215. Segundo Valladares (2000, p. 73) os anticlericalistas, os livre-pensadores, libertários, anarquistas hostilizavam com veemência tal costume:

> [...] a hostilidade contra a confissão cresceu durante o século XIX. Ela era acusada de ser uma intromissão dos padres na vida íntima das pessoas, de promover a cizânia entre homens e mulheres, de ser um espaço utilizado por padres libidinosos para seduzir moçoilas ingênuas ou mesmo mulheres casadas, de ser uma espionagem clerical em favor dos patrões, de constranger o desenvolvimento dos indivíduos, de representar uma forma de manipulação política que procurava favorecer o Antigo Regime, de ser utilizada para combater a escola leiga em favor da escola confessional, e de ser contrária ao progresso do ideal republicano. Em suma, era denunciada como um evidente abuso de poder que deveria ter fim. A questão da confissão foi constantemente usada pelos anticlericais para reforçar as suas campanhas.

Dessa forma, Oiticica por meio do seu personagem Inácio expressava a sua crítica à confissão religiosa, tal como faziam os intelectuais que partilhavam com ele das idéias e ações anticlericais. Para Oiticica, a religião é:

> [...] o processo de subjugar o povo fazendo-o crer num ser onipotente, invisível, dono do universo, castigador dos maus, premiador dos bons. Os maus, naturalmente são os que se desviam das normas ditadas pelos sacerdotes e atribuídas à divindade. Os bons são os que a elas se conformam sem nenhum protesto. No ocidente europeu e americano, a religião dominante é a cristã, quer romana, quer protestante, quer

> ortodoxa. Ensina que um só deus verdadeiro existe [...] Os sacerdotes romanos, chefiados pelo papa de Roma, têm a seu cargo salvar as almas humanas, separadas do corpo pela morte, dos castigos infligidos eternamente, num lugar de suplícios, o inferno. Para furtar-se a tais torturas, devem os homens, acima de tudo, observar os mandamentos da lei de Deus e os dogmas da Igreja. Esses mandamentos e dogmas encaminham os homens ao respeito à propriedade e à obediência aos superiores, considerados representantes de Deus na Terra. [...] Tal religião é inimiga dos trabalhadores porque lhes peia a mentalidade, lhes ensina absurdos e mentiras mediante as quais lhes vai sugando uma porção dos seus já minguados recursos. (OITICICA, 2006, p.55).

### *Quem os salva? e Não é crime:* a questão feminina vista por Oiticica

*Quem os salva* é, segundo Prado (2004, 167-170), um drama de costumes em três atos, uma peça que conforme este pesquisador, se enquadra nas características do *teatro libertário militante*. A peça mostra uma família burguesa, com todos os vícios que lhe são característicos, como: a "carolice" da mãe (Gabriela), o filho (Geraldo) que desrespeita a mãe e defende o alcoolismo, a mãe que adota uma menina para viver como filha (Paulina) e que, na verdade, a trata como a sua empregada, o pai (Martins) acusado de trazer álcool para dentro de casa.

De acordo com Prado (2004, p. 168), o ponto alto do argumento desta peça gira em torno do personagem Geraldo:

> O ritmo do humor é quase farsesco nas cenas em que Geraldo responsabiliza o pai, o governo e a sociedade pelo vício da bebida. **O pai por ter trazido o álcool para dentro de casa; o governo por permitir o fabrico e a livre propaganda da bebida**; **e a sociedade por marginalizar os fracos de espírito, que, como ele, vão na conversa e compram a bebida**. Aqui a nota de humor é a inclusão dos frades bebedores de licor. Os bêbados, os frades e os fabricantes, diz Geraldo ao pai, **"qual deles é o maior culpado?**"(...) "Eu acabo entrando...Acha o senhor que eu sou culpado de ter vontade fraca?" Diz cinicamente a Martins. "Contra a propaganda intermitente, só pode haver uma saída", diz Geraldo ao pai: "sabendo-me incapaz de resistir à tentação, tomo um alvitre louco: saio pela porta fora, invado a primeira fábrica de bebidas que topar, agarro de um cacete e ponho-me a quebrar filtros, retortas, alambiques e garrafas a destruir tudo"....O pai adverte que ele seria preso. Ele responde: "Por certo, no xadrez, ou no hospício, culpado pela sociedade, pelo direito de ter reagido ao único modo eficaz contra os miseráveis que exploram minha cabeça fraca... sim contra os miseráveis que depois de me convidarem, incitarem e provocarem a comprar-lhes as bebidas, me apontam a mim e aos outros como viciosos, como perdidos, como ébrios [...].

A tese de Oiticica é que a vontade fraca não tem como resistir aos fortes apelos da propaganda capitalista. Além da vontade fraca, o pai e o governo estão na mira da sua crítica pela a responsabilidade da disseminação do alcoolismo. Essa reprovação ao álcool circulava na literatura internacional que adentrou no Brasil. Destacava-se na lista das leituras prescritas

como necessárias a todos a leitura do romance de Émile Zola, *O Germinal*, que entre outras questões apresenta em sua dimensão crítica as razões que levavam os operários a usar o álcool. Em *A doutrina anarquista ao alcance de todos*[106], Oiticica (2006, p. 70) refere-se a este romancista da seguinte forma:

> O célebre romancista **Émile Zola** frisou bem esse ponto [a miséria do trabalhador, habitação promíscua, desânimo, aviltamentos morais] no seu admirável romance ***Germinal.*** Aí vemos o proletário induzido ao jogo por miséria, ao álcool por não ter carvão suficiente, à exploração sexual de moças para equilibrar o orçamento, a depravação da linguagem, condição social imposta pela miséria.

Oiticica, provavelmente também motivado pelo debate libertário da moral anarquista e pelas idéias que pregavam a regeneração social[107], levou o tema do alcoolismo para o personagem Geraldo, que problematizava com o pai sobre quais os culpados de seu vício de alcoolismo. Este era um tema bastante debatido na imprensa libertária, mas que também constava na ordem do debate dos outros projetos educacionais que circulavam nesse período, a maior parte deles com inspiração escolanovista.

No ambiente intelectual de Oiticica, na imprensa libertária, nas atividades das sessões de propaganda, manifestava-se uma espécie de moral que defendia padrões de comportamento éticos quase que semelhantes àquelas prescrições de conduta encontradas nos discursos dos religiosos. O combate aos vícios em geral, e ao alcoolismo em particular, por exemplo, faziam parte da pauta de atividades da militância. Além das campanhas de abstinência ao álcool, Oiticica condenava também o jogo, o fumo, defendia que as atividades de cada sujeito não poderiam se tornar um desperdício de energia. Essas considerações ajudam a compreender a alma do seu personagem Geraldo. Por meio do desabafo deste personagem, Oiticica reprovava os arruinadores dos que têm "vontade fraca". Neste caso, a sociedade capitalista que fabrica o álcool. Assim, procurava exercer a atividade educativa prescrita na moral dos libertários de seu tempo.

---

[106] Esta obra foi escrita por José Oiticica em 1925, quando estava preso na Ilha de Bom Jesus. Foi publicada no jornal *Ação Direta* em formato de folhetim no nº 4, de 07-05-1946, ao nº 34, em 01-05-1947. Em 08-08-1947, os folhetins com *A doutrina anarquista ao alcance de todos* voltam a ser publicados. No nº 43, de 22-10-1947 é anunciada a publicação em formato de livro. A citação apresentada foi retirada da reedição da obra como uma iniciativa de Edgar Rodrigues e Robson Achiamé.

[107] Os trabalhos de pesquisa historiográfica de José Murilo de Carvalho (2004) *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi* e (1998) *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil e* as pesquisas da área da historiografia da educação brasileira, como, por exemplo, a de Marta M. C. de Carvalho (1989), *A escola e a República*, ajudam a ver a circulação e embates de vários projetos educacionais nas décadas finais do século XIX e iniciais do século XX e situa o contexto da perspectiva de regeneração social que se manifestava em todos eles. Porém vale ressaltar que a degeneração do trabalhador, a partir das concepções de Oiticica, é fruto do capitalismo, representado pela Igreja, Estado e instituições burguesas, diferentes das visões escolanovistas que estigmatizaram o trabalhador como o degenerado, representado pelo personagem Jeca tatu.

Os argumentos sobre a necessidade de ações direcionadas à "regeneração popular" por meio da educação do povo, circulava nos vários projetos educacionais, para Oiticica, o povo sofria com a ignorância e os vícios, em decorrência das mazelas gestadas pelo capitalismo, e, por essa razão precisava alcançar o estágio de dignidade. Nesse sentido, nos discursos libertários havia a condenação das práticas carnavalescas e futebolísticas, que eram reprovadas dentro e fora dos projetos educacionais libertários. Esses discursos não eram unívocos, Oiticica, por exemplo, não reprovava o futebol.

Muitas idéias dos intelectuais envolvidos com a educação libertária eram partilhadas entre intelectuais de projetos educacionais adeptos das diferentes idéias escolanovistas com a proposta de formar o *homem novo.*[108] Enquanto os anarquistas utilizavam o jornal, a escola, o sindicato, o centro de estudos sociais, as suas bibliotecas e o teatro social para essa formação, os escolanovistas atrelavam o sucesso da educação, sobretudo a escolar, ao progresso da nação e para o qual também tinham a perspectiva de formar um *homem novo.* (GONÇALVES, 2002).

Oiticica participava desse debate na *propaganda social* anarquista e na educação institucional e nesses dois lugares pedagógicos ele se manifestava com propostas e ações. As suas peças teatrais, de certa forma, podem ser compreendidas como uma de suas ações para a educação dos trabalhadores, isso porque eram direcionadas justamente aos participantes e espectadores do teatro social. Educar o povo com novos hábitos era também a sua proposta no projeto da nova educação que incluía a crítica às instituições burguesas, além do combate ao alcoolismo.

A peça *Quem os Salva*, que, como já foi mencionado fazia a crítica às instituições burguesas. Em seu desfecho, há um elemento propiciador da reflexão sobre o tema do amor livre, uma das teses anarquistas, cujo alvo é justamente o casamento burguês e a educação dos filhos. Geraldo se apaixona por Paulina e, desafiando os pais, comunicam-lhes que resolveram

---

[108] Marta Maria Chagas de Carvalho (1998), em seu livro *Molde nacional e fôrma cívica, trabalhando com o discurso cívico da Associação Brasileira de Educação ABE,* nos anos 1920, chama a atenção para as imagens de realidade que "opositivamente se interqualificavam", em que o futuro aludido com freqüência dependia de uma política educacional: "[...] futuro de glórias ou de pesadelos, na dependência da ação condutora de uma *elite*"que direcionaria, por meio da educação, a transformação do país, para a superação do passado "condenado e lastimado". Esse passado aparecia representado pela figura de um brasileiro doente e indolente, apático e degenerado, perdido na imensidão do território nacional na figura alegórica do personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato (p.141-142). Com os projetos educacionais esperava-se superar o Jeca Tatu e construir o *homem novo* da perspectiva dos sujeitos articuladores do discurso cívico com o qual essa pesquisadora trabalhou. Gonçalves (2002), ao tratar dos discursos dos intelectuais de *A Plebe*, no homem novo da perspectiva libertária também estava presente a idéia de regeneração social, porém tal ideal era viável numa sociedade igualitária, como sonhava o ideário anarquista.

viver juntos a felicidade do amor livre, e, então, munidos dos chavões libertários, dizem, segundo Prado (2004, p.169):

> [...] desgraçados os inferiores que põem sua salvação nas mãos dos superiores; "os inferiores são fracos individualmente, mas centuplicarão suas forças, unidos";
>
> "não me sacrificarei mais aos preconceitos burgueses, ricos com fumos de nobreza; não lhes imolarei o meu coração... só admito para o amor uma lei: o afeto mútuo, o desejo livre dos que amam". [...]
>
> "brida nos queixos, como a dos burros, os filhos são como bons escravos" que obedecem e trabalham sem reagir a opressão de que são vítimas.

A idéia de que a família burguesa transformava os filhos em escravos foi alvo de reflexão de José Oiticica, que sustentava a tese de que a obediência às normas da família burguesa transformava os filhos em vítimas de uma tirania. Além disso, em suas peças ele trabalhava a dimensão feminina na família.

As personagens femininas Clotilde de *Azalan!* e Corina de *A Pedra que Rola* exibem certas dimensões libertárias, embora nenhuma delas se enquadrasse na condição de heroínas ácratas. Clotilde compreendeu rapidamente que Sílvio não era um prisioneiro comum e o ajudou em sua fuga da prisão de Fernando de Noronha. Corina, quando advertida por Jorge sobre a sua condição de "inexperiente no mundo" e que "não [podia] sozinha resistir às tentações e as maldades dos homens", respondeu-lhe: "Não preciso de defensores de minha dignidade [...] Procedo como entendo, bem ou mal, mas como entendo. Nunca precisei de confessores nem guardas de honra. Essa agora...". (OITICICA, José, 1920, *apud* PRADO, 2004, p.165).

Além das críticas á religião Oiticica se dedicava a escrever sobre o papel da mulher na sociedade. Na revista A *Vida*[109], no seu artigo publicado em formato de folhetim, *O desperdício da energia feminina*, faz a defesa da emancipação da mulher, principalmente pela função de educar os filhos libertários:

> [...] A mulher sobretudo se tem conservado numa ignorância sistemática. Só modernamente ela vai se revoltando contra a opressão do homem. Vede porém que tenaz resistência ela suporta da parte dos graúdos. Ainda hoje é mal vista a moça que se atira aos estudos superiores. Quer-se o cérebro feminino um crânio bem vazio de tudo o que não seja a frivolidade das cançonetas ou dos ensinamentos retrógrados de Sion. A mulher é para casa, dizem os burgueses, e para cuidar dos filhos. Mas o burguês que assim fala quer um guarda-livros hábil para o seu negócio e um veterinário experto para o seu cavalo.É bem de ver que o burguês coloca o negócio e o cavalo acima do filho. Basta considerar a educação do filho para medir o alcance da educação intelectual da mulher. Criar um filho, educar um filho é um problema que exige uma instrução vasta e variada. Toda mãe de família deveria ser uma pedagoga;

[109] O capítulo seguinte reserva um espaço para a explicação do projeto de criação da revista *A Vida,* com comentários mais detalhados sobre as publicações de Oiticica nesse periódico.

> mas a pedagogia se baseia na psicologia e na fisiologia que supõem o preparo em ciências correlatas, digamos melhor todas as ciências. Ninguém deveria ser mais enciclopédico do que a mãe de família e portanto do que a mulher. Uma sociedade bem constituída seria aquela em que todas as mulheres podessem ser amplamente instruídas. (*A VIDA*, ano 1, nº 2, 31-12-1914, p.7).

*Não é crime* é um drama de um ato em que Oiticica focalizou o tema do amor livre, uma das perspectivas libertárias a ser atingida na sociedade futura. De acordo com a análise de Prado (2004, p. 170), esta peça pode ser enquadrada na "retórica do teatro militante, impulsionada pela brevidade do texto, pela fluidez de um diálogo cênico".

A trama se passa entre no triângulo de personagens. Sara procura o seu antigo amor Celso e quer saber se ele ainda a ama. Ele responde que sim, assim como ama a sua esposa Lina. Ela informa-lhe que não quer nada dele a não ser saber sobre os seus sentimentos por ela. Ele conta de seu amor por Lina, uma mulher libertária autêntica que o fascinara. Lia escuta a conversa e os convida a se beijarem. Com este enredo a perspectiva libertária apresenta-se nas falas selecionadas por Prado (2004). No excerto abaixo, podemos observar qual era a dimensão do amor livre para Oiticica:

> Cena I
>
> Celso fala a Sara sobre a esposa:
>
> "asseguro-te [...] que se conhecesses de perto Lina, se tratasses com ela, se penetrasses nas profundezas daquela alma rica, esplendente, onde se desabrochavam dia a dia novas surpresas..." [...]
>
> Sara reage com ciúmes. [...] Celso explica a Sara que via em Lina a reprodução fiel da alma de Sara:
>
> "Não pode haver duas naturezas semelhantes, duas criaturas tão igualmente prendadas" e conclui: "Eis porque amei Lina, porque loucamente, perdidamente a amo [...] é que amando as duas criaturas, amo um só tipo de mulher...Serei culpado?
>
> Sara:
>
> "Tua mulher ama-te, não tem culpa do meu destino. Seria abominável que eu viesse a toldar a felicidade dela" [...]
>
> Celso:
>
> "Não sairas daqui, promete-me...eu não consinto" "Agora quero-te junto e não permito que me fujas [...] "Serei fiel sempre, a minha mulher, porque ela é digna disso...e serei fiel a teu amor, porque ele é digno disso".
>
> CenaII
>
> Lina surge na cena II, apresenta-se e diz:
>
> Há muito a bendizer [...]
>
> "Sou testemunha da tortura dessa mulher que te ama e me comovo e choro com ela porque te amo muito e calculo o que seria do meu coração se estivesse na posição dela"
>
> Sara não consegue entender. Lina insiste que não esta fingindo e diz:

> “Não faça de mim este juízo hediondo” “minha grande verdadeira e consubstancial irmã”
>
> Sara chora e Lina procura consolar:
>
> “Não chores mais...seremos muito amigas...” “Quero-lhe o bem de irmã...deixe ver nesses lindos olhos o retrato de minha alma”
>
> Lina convida Celso e Sara a se beijarem e explica:
>
> “Ele não ama nossos corpos” “ama nossas almas...o corpo nada vale...Meu corpo poderia ter ciúme do seu...Meu espírito não tem...” “vamos beijem-se apaixonadamente...” “eu suplico, beijem-se com todas as forças da carne e do espírito...quero sentir em mim a vibração desse misterioso amor”
>
> Celso e Sara hesitam. Lina os faz abraçarem-se, agarrando as mãos de um nas mãos de outro. E eles se beijam. “longa e transubstancialmente” “Seremos amigas, muito irmãs, quero vê-la sempre, ter notícias suas...serei a confidente de suas amarguras...” diz Lina a Sara.
>
> Sara perplexa, parece horrorisada ante as promessas da utopia: “Preciso morrer, preciso morrer...”
>
> (OITICICA, 1920, *apud* PRADO, 2004, p.170-172)

Para Oiticica, o amor livre deveria ser efetivado sem a interferência de qualquer fator, fosse religioso, econômico ou moral. No discurso anarquista corrente nos jornais, desqualificava-se o matrimônio convencional, tido como uma espécie de prostituição, tal como ficou subentendido na situação do casamento da peça *A Pedra que Rola,* em que Corina é tratada pelo do marido Bernardo como um “objeto adquirido a peso de ouro”,

Valladares (2000, p. 175) em seu livro *Anarquismo e clericalismo*, argumentando de dentro do discurso anarquista, explica os cuidados que os redatores tinham que ter com a tese do amor livre, em razão das leituras que poderiam ser feitas a propósito do discurso dos religiosos sobre essa tese:

> Talvez a maior preocupação dos defensores do amor livre fosse distingui-lo da degeneração moral, procurando desfazer qualquer identificação entre o amor livre e a prostituição. Pelo contrário, a expansão do amor livre seria uma forma de se evitar o perigo da propagação da prostituição. De tempos em tempos, os redatores libertários eram obrigados a escrever artigos para melhor explicitar a proposta, refutar calunias dos religiosos. Os padres não perdiam nenhuma oportunidade para, distorcendo a proposta anarquista, afirmar que por detrás da propaganda do amor livre encontrava-se a intenção de fazer da sociedade um grande bordel.

Oiticica, em seu manual *A doutrina anarquista ao alcance de todos* esclarece o seu leitor o sentido que atribui à prostituição:

> Chamamos prostituição ao ato sexual em troca da vantagem econômica. Se uma mulher se entrega a um ou mais homens por simples desejo físico, sem remuneração, pode ser depravada e viciosa, não é prostituta. Não consideramos igualmente prostituta aquela que incidentalmente se humilha e cai para salvar um filho ou um ente caro. Isso ao contrário pode ser um sacrifício heróico. [...] A mulher que se dá por

> dinheiro, para ter de viver ou para luxar, ou por ambição de domínio, essa é prostituta. [...] Ora, a prostituição só se concebe em sociedade capitalista. É uma conseqüência fatal do regime de propriedade particular, em que tudo se obtém com dinheiro. As mulheres pobres precisam de dinheiro e arrancam-no da bolsa do rico excitando-lhe a libidinagem. A prostituta não se entrega por simpatia, por afeto, por desejo. Logo em sociedade anárquica, onde nada se compra nem vende, onde não há dinheiro, nem ricos, nem pobres, a mulher só aceita homem por livre e espontânea vontade. Demais, em Sociedade anárquica, as uniões fazem-se com a máxima facilidade, pois a vida dos filhos é assegurada pela comuna. Desaparece, destarte, a causa principal da prostituição na sociedade vigente: a necessidade sexual dos solteiros. Não querendo ou não podendo casar-se para fugir da carga da prole, os solteiros procuram mulheres que os aceitem. Vendo muitas pobres curvadas no trabalho, torturadas de penúria, oferecem-lhe dinheiro, e elas, pouco a pouco seduzidas entregam-se, 10 e 100 vezes. A história é repetidíssima em centenas de romances e dramas; é a história da maioria das horizontais (OITICICA, 2006, p. 71-72).

Em *Princípios e fins do comunismo*, de 16 de agosto de 1919, publicado no jornal *Spartacus*, período em que Oiticica vivia em clandestinidade, a direção deste periódico, é também o ano em que escreveu a peça *Não é Crime.* No ponto nº XXXVIII dos princípios e fins do comunismo, Oiticica prescreve em seu documento como deverá ser o amor livre na sociedade futura;

> [...]
>
> O amor deve ser livre como o pensamento e o trabalho, de qualquer tirania ou preconceito. Amor livre não quer dizer licencioso, mas libertado, não é promiscuidade de sexo, mas liberdade de se unirem os sexos por afeição recíproca, sem medo de constituir família, pois a sociedade comunista garante a manutenção de todas as crianças. (*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 03, 16-08-1919, p.1).

Em 1919, José Oiticica trocava intensa correspondência com Maria Lacerda de Moura[110], cuja produção é expressiva principalmente em suas teses feministas. Sobre essa aproximação em sua autobiografia de dezembro de 1928, ela diz:

> Conheci-o através de larga correspondência. Veio para mim com as mãos cheias de literatura revolucionária. Sorvi tudo aquilo e muito mais e dei um salto em minha evolução. A família alarmou-se. Novas lutas. Perdi o dogmatismo religioso espírita. Já era uma anticlerical (Reproduzido de MOURA, Maria Lacerda de. Autobiografia. *O Combate*, São Paulo, 03-08-1929. n.5 110, p.3, *apud* LEITE, 2005, p.39).

Ao acompanhar a trajetória dessa militante pelo livro de Miriam Lifchitz Moreira Leite (2005, p. 23) percebe-se que a interlocução entre os dois intelectuais coincidia na apreciação de autores e obras e também nas idéias. A título de exemplo, destacam-se alguns autores e leituras que envolviam essa libertária e Oiticica, como as idéias do poeta, pensador e

[110] Além das conferências anticlericais e de livre pensamento que realizaram em conjunto nas sessões de propaganda social, destaca-se também o período que essa militante freqüentou a Fraternidade Rosa Cruz.

redator de jornal Émile Armand, redator do jornal *L' Em Dehors*, órgão do pensamento livre individualista, para combater o ciúme, o exclusivismo e o extinto de propriedade sexual, que propunha o companheirismo amoroso, e outro autor, o novelista Han Ryner, que escreveu entre outras obras O *drama de ser dois*, o *Amor plural.*[111]

Os chavões libertários selecionados por Prado (2004) ensinavam pelo exercício das atividades da *propaganda social* as relações que deveriam ser modificadas para a construção da nova sociedade. O encadeamento desses chavões se dava por meio de práticas educativas que Oiticica acreditava. Esta evidência é reforçada na investigação de seu material didático. As peças podem, em certa medida, ser consideradas como material pedagógico, tal como o jornal. Essa idéia ganha sustentação quando se leva em consideração que os jornais, assim como as peças circulavam entre os grupos de teatro. Os participantes assistiam e ouviam às suas mensagens. Os temas das peças apareciam comentados nas matérias jornalísticas quando as suas apresentações eram noticiadas.

***Pó de pirlimpimpim***

A peça *Pó de pirlimpimpim* de 1936[112], é uma comédia com três atos ambientada em uma modesta casa da cidade de Catumbi. Sua trama gira em torno de elementos da cultura popular, seus personagens são movidos pelo desejo do lucro, pelas superstições religiosas, são vitimados pela alienação que o fazem acreditar em propagandas enganosas, comumente articuladas por empresários capitalistas. Os alvos da crítica de Oiticica são os envolvidos com a indústria farmacêutica, mas também as pessoas do povo, que, pelo desejo de enriquecer, se

[111] A propósito dessa obra, Miriam Lifchitz Moreira Leite (2005, p.22-23), na introdução de seu livro *Maria Lacerda de Moura-uma feminista utópica,* que apresenta excertos de sua biografada, mostra que Émile Armand e de Han Ryner são autores que chamaram a atenção de sua biografada. Deste último, destaca duas obras: *Drama de ser dois,* que: "[...] mostra as diferenças entre o amor para cada um dos sexos, pois a solução é individual, com a sinceridade recíproca como condição absoluta de equilíbrio. Maria Lacerda reproduz suas parábolas e fragmentos adjetivando as situações apresentadas em um grau superlativo" [...] O amor plural é outra novela desse autor: "[...] em torno dela são feitas comparações com outras concepções de amor e recriadas as condições de harmonização do mistério de almas que se procuram e se conhecem. Esse amor profundo só ocorre dentro dos mesmos sonhos de redenção humana, por meio do individualismo livre e generoso. Como cada ser tem as suas preferências peculiares e uma só criatura não reúne o complexo afetivo de todos os seres, duas pessoas dificilmente se completam. Somente o amor plural pode ensinar a conhecer o ser ideal através dos dois corações a quem ama. A vida foi feita só para amar, e para aprender a amar. É preciso amar quantas vezes sejam necessárias para atingir a finalidade mais alta, o que exige aperfeiçoamento interior de cada um e atenção para não fazer sofrer o outro". De E. Armand destaca que a: "[...] sua concepção escravizava a mulher e matava o verdadeiro amor. Seria a volta da promiscuidade, do comunismo sexual degradante no qual a mulher continua a ser objeto de prazer, eleita quase nunca com direito a escolher". Essas considerações sobre as obras que marcaram a produção dessa militante libertária fazem todo o sentido de serem apresentadas dada a interlocução que Maria Lacerda mantinha com José Oiticica e as referências que aparecem em seus artigos de José Oiticica sobre os mesmos autores, como, por exemplo, no artigo o *Espírito da ação direta,* publicado no jornal *Ação Direta,* Rio de Janeiro, Ano 2, nº 4, de 15-02-1929, p.3, em que Oiticica declara: "[...] a fórmula de E. Armand deve gravar-se na memória de todos os anarchistas e ser a lição constante para o entendimento mútuo e harmonia entre militante".

[112] A peça *Pó de Pirlimpimpim* é uma cópia datilografada encontrada no acervo pessoal de José Oiticica.

imbecilizam e se tornam presas de trapaceiros.  É o que acontece com seu Calu.

Este personagem investe todo o seu dinheiro na fabricação de um pó mágico que teria o poder para resolver qualquer enfermidade. O tal produto lhe foi oferecido por um trapaceiro enviado pela indústria farmacêutica e cosmética com o objetivo de produzir e comercializar um remédio com o tal pó mágico. A “lábia” da propaganda capitalista é alvo da crítica nos diálogos dos personagens por ela arruinados e enganados. Outros elementos negativos comparecem nas falas dos personagens, como a falta de conhecimentos e a “ingenuidade” daqueles que se deixam enganar pela propaganda capitalista e por milagres de santos etc.

A história se passa na vigência do Governo Vargas e as referências ao cenário político são indiretas, enredadas pelos artifícios da comédia, como se pode ver no diálogo entre dois personagens, Calú e Fanfan, na passagem abaixo:

> [...]
>
> Calú: (entra pela direita em mangas de camisa ceroulão e chinelos de trança.)- Atchin! Valha-me Santo Ermelando. (assoa-se num lenço de alcobaça.)
>
> Fanfan: (entrando) – Santo que? Seu Calu?
>
> Calú: Santo Ermelando
>
> Fanfan: Ora essa, seu Calú, e existe esse Santo?
>
> Calú: Sim senhora! É tão santo como qualquer outro.
>
> Fanfan: Agora! Há tanto santo conhecido e o senhor vai chamar por um santo que ninguém nunca ouviu falar.
>
> Calú: Agá i pitu assu! Por isso mesmo! Chamar por um santo conhecido é besteira.
>
> Fanfan: O que? Seu Calú! Pois então não é melhor chamar logo por nossa Senhora ou por S. José?
>
> Calú: Não Senhora!
>
> Fanfan: Oxentes! Que heresia é essa, seu Calú!
>
> Calú: Eu explico. É uma teoria simples e você vai ver se eu tenho razão ou não. Lá no céu é mais ou menos como cá na terra. Nós fomos feitos à imagem de Deus não fomos?
>
> Fanfan: Pois de certo.
>
> Calú: E a terra foi feita a semelhança do céu! É evidente.
>
> Fanfan: Pode ser.
>
> Calú: Ora, Deus é como Getúlio, tem seu ministério e seus funcionários. Ele não decide tudo por si, senão não acabava nunca. Confia o despacho dos nossos pedidos a uma porção de archanjos e estes atendem aos nossos rogos feitos ao santos e santas. Ora, há certos santos muito conhecidos, relativamente poucos, e há uma quantidade enorme de outros que ninguém conhece. Os que são conhecidos não têm mãos a medir e devem andar furibundos com tanta reza e tantas promessas. Olhe o coitado do Santo Antônio.
>
> Fanfan: Rindo – Ih! Pobrezinho dele!

> Calú: [...] deve andar numa roda viva [...] Não tem tempo de estudar os pedidos, vai pondo os nomes numa lista de cambulhada e esquece com certeza uma porção deles. [...]. (OITICICA, 1936, p.1-2)

Oiticica compara a "burocracia do céu" com a "burocracia da terra", exemplifica-as com a lista de pedidos aos santos que, sem atendê-los, ficam na pilha esquecida da "lista cambulhada". O personagem Calu, ao comparar a terra com o céu, "lá no céu é mais ou menos como cá na terra", procede tal como o personagem Sérgio da peça *Azalan!* ao explicar a Clotilde que "a terra [era tal qual]  um grande presídio". O esforço do autor parece ter sido oportunizar aos participantes, - em suas posições de quem faz e de quem assiste ao teatro-, a reflexão sobre as suas idéias libertárias e anticlericais apresentadas, nas analogias por meio das falas dos personagens. A partir de uma situação concreta simples de fácil compreensão, articulava formas para estimular as deduções e reflexões sobre situações mais complexas que demandavam abstrações maiores.

Esse funcionamento metodológico de Oiticica em tratar dos conteúdos que deseja ensinar lançando mensagens que almejava que fossem alvos de reflexão por parte dos envolvidos com o teatro e dos seus alunos foi recorrente em seu modo de ser professor, pois essas características de suas práticas pedagógicas foram observadas em outros materiais investigados nessa pesquisa.  Oiticica apresentava uma situação concreta e por estratégia de comparação com outra situação sugerida operava com analogias e provocações, para com isso, estimular aos seus alunos possíveis deduções, ou conclusões sobre o que havia sido apresentado.

Essa forma de ensinar apareceu em sua conferência radiofônica de 1948, quando Oiticica apresentou a "sistematização do ensino de seu Colégio Latino-Americano", ele argumentou naquela conferência que procurava fazer com que "a teoria [saísse] sempre da prática como conseqüência natural, quase sempre induzida ou deduzida pelo próprio estudante". Em suas peças teatrais e em suas anotações de aula esta forma de ensinar é recorrente.

A religião, que é considerada nas teses anarquistas como um elemento de sustentação da propriedade privada e das relações sociais de dominação, foi alvo de combate de Oiticica. Na sua peça *Pó de pirlimpimpim,* por meio das críticas veladas, sob o efeito da situação de perseguição a que estava submetido no momento de sua escrita. A crítica anticlerical aparece na peça pelo exame sobre as conseqüências de que sofrem os seus personagens pelo fato de acreditarem nos adivinhos, na propaganda capitalista e em outros fanatismos. Com a linguagem da comédia, Oiticica combate também o apego ao dinheiro, a desigualdade e a

ética burguesa. Estas características de sua forma de ensinar aparecem também em seus artigos jornalísticos e em seus manuais didáticos, como serão tratados nos capítulos seguintes.

As conferências sociais e as peças teatrais de José Oiticica, *Azalan!* (1919) e *Pó de Pirlimpimpim* (1936) marcaram dois momentos emblemáticos de sua militância na *propaganda social* anarquista.

Em 1919, na eclosão das grandes greves gerais e da organização do terceiro congresso operário com orientação anarquista, em 1920 de expressão nacional, ainda com a predominância dos sindicatos de resistência. A efervescência da militância de Oiticica apareceu representada na trama do seu *personagem-espelho* Sérgio no presídio de Fernando de Noronha, em 1915. Esta peça foi publicada com o título *Cadernos de latim* e não aparece relacionada na lista de "obras publicadas do autor" que abriram suas publicações posteriores, possivelmente pelo fato do personagem Sérgio "espelhar" os ímpetos revolucionários de seu autor.

Em 1936, na fase da ingerência do Estado nas associações sindicais do governo de Getúlio Vargas, com o refluxo da orientação anarquista iniciada em 1922 e com a fundação do Partido Comunista do Brasil, a peça *Pó de Pirlimpimpim*, expressou outra forma do professor Oiticica continuar com a sua *propaganda social*, em outro estilo mais cauteloso, sob efeito da disciplina Rosacruceana.

As suas anotações de aulas com as peças de teatro de Aristófanes revelaram o conteúdo libertário de suas aulas, que pudemos observar por meio dos excertos apresentados por Antonio Arnoni Prado. Com isso, procuramos apreender evidências como circulação de práticas pedagógicas e de materiais comuns usados tanto em sua docência institucional como no teatro ácrata, esse como uma das atividades mais importantes da *propaganda social* libertária. Dessa forma foram estabelecidas conexões entre as suas peças de teatro, anotações de aula com as teses anarquistas que impulsionaram as suas práticas educativas nos seus diferentes espaços de atuação pedagógica. Esta circulação de práticas é observada também nos periódicos que esse intelectual da educação brasileira dirigiu e constitui-se no assunto do próximo capítulo.

## Capítulo III José Oiticica e o seu combate pela palavra

Este capítulo apresenta resultados de incursões de pesquisa na revista *A Vida*, 1914-1915, e nos jornais *Spartacus*, os dois periódicos que foram dirigidos por José Oiticica. Na vigência dessas produções sucederam os episódios de seus encarceramentos decorrentes de sua militância anarquista nos grupos do anticlericalismo, do livre pensamento e do anarquismo brasileiro. Essas prisões marcaram a sua vida profissional e pessoal, e são tratadas neste texto como balizas que ajudam a contextualizar o funcionamento dos referidos periódicos para deles selecionar artigos que ajudem a apreender qual foi o projeto educacional defendido por Oiticica, para a sociedade e humanidade novas.

Na primeira parte, o texto situa José Oiticica nas correntes do anticlericalismo e do livre pensamento, destacando algumas de suas ações de combate ao clero e em defesa das teses ácratas que costumavam se manifestar na imprensa libertária. Para tanto a pesquisa também recorreu a consulta a outros jornais, como *A Lanterna, A Voz do Trabalhador* nos quais Oiticica foi colaborador. O texto exemplifica uma das formas de "combate pela palavra", empreendida por Oiticica no exercício de seu anticlericalismo, por meio de uma polêmica travada com o padre Leonel Franca, em 1926, a partir de artigos publicados por Oiticica e apostilados por esse religioso.

Na segunda parte, o "combate pela palavra", aparece, novamente, na voz de Oiticica, recortada de seus artigos selecionados nos periódicos que estiveram sob sua direção. O principal objetivo consiste em apreender as suas idéias, propostas e práticas relativas à educação, situando em sua vida profissional e pessoal as prisões sofridas em sua militância.

### 3. Os grupos anticlericais

Na virada para o século XX, os novos ares liberais da modernização capitalista, as iniciativas das organizações de associações, ligas, sindicatos operários conformaram um ambiente que impulsionou o desenvolvimento da imprensa libertária.

Os participantes dessa imprensa eram procedentes de diferentes lugares sociais. Muitos eram da maçonaria brasileira, que se diziam liberais, outros militavam no sindicalismo da classe operária,  diziam-se livres pensadores, libertários, anarquistas. Alguns imigrantes traziam experiências nas artes gráficas e nas ações de organização operária, outros eram intelectuais brasileiros, que, como José Oiticica, se identificaram com os discursos de anticlericais e libertários. Esses sujeitos fundaram jornais e revista constituindo grupos que interagiam entre si ocupados com essas ações de elaborar, produzir e veicular tais periódicos.

Em torno de jornais operários, como, por exemplo, *A Lanterna*, periódico anticlerical

de São Paulo, dirigido pelo advogado maçom Benjamim Mota, formava-se  uma rede de sujeitos que faziam circular listas de subscrições em apoio ao jornal cuja contribuição mais substancial procedia da arrecadação em lojas maçônicas da cidade. Situação semelhante acontecia com o jornal *A Voz do Trabalhador* Órgão da Confederação Operária brasileira (COB), que recebia apoio substancial da *Liga Anticlerical do Rio de Janeiro*, essa associação abarcava a participação de maçons, convencidos sobre a necessidade de empreender a crítica anticlerical e criar condições para a propagação das idéias libertárias, do livre pensamento, entre eles José Oiticica.

Nos diversos periódicos fundados, sobretudo no final do século XIX e inícios do XX registraram-se práticas sociais da cultura operária, incluindo-se as questões do sindicalismo emergente no período. Parte dos intelectuais envolvidos com a organização dos jornais anticlericais e do livre pensamento, libertários eram membros da Maçonaria e constituíam redes para a fundação de periódicos, manutenção daqueles que estavam em circulação, defesa da laicização completa do ensino e partidários da necessidade em estudar as teses católicas para combatê-las dentro do seu próprio terreno. Maurício de Lacerda, Álvaro Pimenta, Francisco Viotti, Fábio Luz, Edgar Leuenrouth, Astojildo Pereira, Maria Lacerda de Moura entre outros, foram alguns dos sujeitos participantes das correntes anticlerical, livre pensadora, libertárias em seus diferentes grupos que mantinham interlocução com José Oiticica na imprensa ácrata.

Nesse jornalismo, organizaram-se as correntes do anticlericalismo e do livre pensamento como movimentos específicos com características particulares, articulando-se em primeiro lugar com o anarquismo e o socialismo, e, em seguida, com a maçonaria e com as correntes espiritualistas. Entre os fatores que explicam essa difusão podem ser destacados: a crise das religiões cristãs tradicionais e a expansão da maçonaria, os avanços do pensamento materialista, racionalista e científico, e o movimento de idéias sobre as novas formas políticas de pensar o poder.

A conjunção desses fatores conformou um ambiente propício a expoentes do segmento letrado, a maioria procedente do Rio de Janeiro, de São Paulo, mas também de outros estados, a despenderem as suas energias para a construção e/ou incorporação de discursos modernizadores, e assim manifestaram as suas idéias e ações em torno de projetos direcionados a reorganização da sociedade brasileira (SILVA, 1995, p.1-7).

Eliane Moura Silva (1995), na sua pesquisa intitulada *Maçonaria, anticlericalismo e*

*livre pensamento no Brasil (1901-1909),*[113] ao examinar os jornais *A Lanterna* e *O Livre Pensador,* afirma que a expansão da maçonaria, por suas características que lhe proibiam o cerceamento da liberdade de seus membros, propiciou o desenvolvimento das mentalidades conservadora e liberal, uma vez que as lojas maçônicas funcionaram como uma espécie de abrigo para livres pensadores, anticlericais e libertários.

Os maçons eram estimulados a evitar tomar partido político ou religioso de forma sectária e radical e lhes eram asseguradas condições para que pudessem desenvolver as suas crenças individuais. Dessa maneira, a maçonaria funcionava como um terreno seguro àqueles que se identificavam com as correntes de idéias políticas filosóficas e espiritualistas bem diversificadas. Oiticica integrou-se ao grupo maçom ligado à imprensa libertária.

Além dos maçons liberais e dos intelectuais ligados ao anarquismo, a imprensa libertária teve participação de um contingente significativo de imigrantes europeus que integravam a classes operária. José Oiticica, participante dessa imprensa, passou a interagir com esses sujeitos e a lidar com questões relativas às correntes do movimento operário, freqüentando sindicatos, ligas, associações e participando dos congressos operários.[114]

Alguns desses militantes da imprensa libertária eram autodidatas, como, por exemplo, foi o caso de Edgar Leuenrouth, editor dos periódicos *A Lanterna – Anticlerical e de Combate* e, depois de *A Plebe*, os dois periódicos de maior circulação pelo país e, provavelmente, os que atingiram as mais expressivas tiragens. Outros sujeitos eram egressos de cursos superiores como Francisco Viotti, Fabio Luz etc. Todos eles compartilhavam as idéias anticlericais e do livre pensamento e acreditavam que por meio da militância não somente jornalística, mas também no uso dos outros dispositivos da *propaganda social*, nas linguagens do teatro, do cinema, seria possível criar as bases para a construção de uma nova sociedade.

Em seus países de origem, os imigrantes operários lidavam com o jornal como um

---

[113] Entre as pesquisa que tratam sobre as relações entre a maçonaria e as correntes do anticlericalismo e do livre pensamento no Brasil, destacam-se: o trabalho de Eliane Moura Silva (1995), intitulado *Maçonaria, anticlericalismo e livre pensamento no Brasil (1901-1909),* que aborda os periódicos *A Lanterna* e *O Livre Pensador*. O seu estudo compõe o projeto: *Livre pensamento e anticlericalismo no Brasil (1900-1930),* desenvolvido no departamento de História – IFCH – Unicamp, disponível em: <www.unicamp.br/elmoura>, acesso em: 02 de janeiro de 2008; o estudo de Carlos Alberto de Freitas Balhana (1981), *Idéias em confronto* na abordagem das relações entre anticlericalismo e livre pensamento com a maçonaria"; e a pesquisa de Eduardo Valladares (2000), *Anarquismo e anticlericalismo*, que, tal como Silva (1995), tratou sobre o anticlericalismo em *A Lanterna: anticlerical e de combate*.

[114] Houve três congressos nacionais operários: o primeiro em 1906, sem hegemonia libertária, no entanto as suas teses de ação direta tiveram expressividade; o Congresso de 1913, com hegemonia anarquista e consenso sobre a reivindicação pelas 8 horas de trabalho, culminando com as greves gerais de 1917, em São Paulo e Rio de Janeiro; em 1919, com novas greves gerais, e, apesar da intensa repressão policial aos libertários, conseguiram organizar um outro congresso nacional em 1920. Oiticica participou do Congresso de 1913 e escreveu *Princípios e fins do comunismo* para este terceiro congresso. (AZEVEDO, 2002, p.20). Houve um segundo congresso, promovido por Hermes da Fonseca que os anarquistas classificavam como amarelos e por essa razão não reconheceram.

importante dispositivo da luta de classes via sindicatos. Além da bagagem farta de suas experiências com as práticas da imprensa e do sindicalismo de seus países, esses anarquistas trouxeram também as suas apropriações de leituras dos teóricos que os haviam inspirado nas lutas operárias na Europa.

O anticlericalismo surgiu no século XIX e foi responsável por um campo de debates e ações políticas cujos principais objetivos eram denunciar os abusos do clero, em geral, incriminar a corrupção dos políticos e estimular a reflexão sobre temas assumidos como "naturais", problematizando-os com argumentos retirados das ciências sociais e das ciências naturais. Essa corrente pode ser compreendida como procedente do caráter laico social propagado com as inserções do liberalismo, do positivismo, do cientificismo e com a expansão da maçonaria (SILVA, 1995, p.2). Seus adeptos empreendiam campanhas nos jornais contra padres acusados de aproveitar das consciências ingênuas das crianças, das mulheres e dos fiéis de uma maneira geral.

O discurso não era unívoco, uma gama de formas de anticlericalismos se manifestavam, algumas vozes não contestavam a moral cristã, mas combatiam a posição incoerente da Igreja em face dessa moral. Um articulista anônimo de *A Lanterna* no artigo intitulado "Regeneração Social", esclarece que o alvo a ser atingido é o clero e não a fé:

> Diversas versões correm sobre a índole d'este jornal, quando é bem fácil de acertar com a causa que lhe deu origem. Não foi fundado para combater a crença dos verdadeiros christãos, dos que sentem no coração os impulsos da generosidade e da honra, - veio à luz para desmantelar a denegrida barreira do jesuitismo, para combater a pérfida mentira religiosa, e para levar ao pelourinho do castigo os roubadores das famílias e do lar. [...]. (*A Lanterna- anticlerical e de combate*, São Paulo, ano I, nº 03, 06-04-1901, p. 2).

Alguns discursos eram radicais e desaprovavam quaisquer crenças, outros procuravam conciliar a crítica à instituição Igreja e afinar argumentos com os "verdadeiros cristãos", outros atacavam "apenas" o jesuitismo, outros ainda tentavam combinar elementos contraditórios e inconciliáveis, sendo possível admitir os vários anticlericalismos e livres pensamentos na particularidade de suas vulgarizações no Brasil.

Outras tendências reconheciam os ensinamentos evangélicos, mas se posicionam contra os princípios antinaturais propostos pela Igreja, como, por exemplo, eram contrários ao celibato e apresentavam várias teses em defesa do "amor livre".

A postura libertária, - de recusa à imposição de qualquer forma de coibição moral exterior, de coerções de qualquer natureza, da busca individual do conhecimento e da proposta de valorização das relações sociais em sua diversidade -, também constituiu

argumentos defendidos pelos adeptos do livre pensamento.

]As propostas da "irreligião", a defesa da liberdade de cultos, do ensino científico e não religioso eram recorrentemente apresentadas ao lado de propostas de fortalecimento dos jornais. Essas eram as posturas assumidas por José Oiticica em seus discursos.

Um exemplo sobre uma das formas de manifestação dessas campanhas pode ser observado nos periódicos publicados *A Lanterna*, *La Battaglia*, como o caso "Onde está Idalina?", entre 1910 e 1912, que denunciavam o estupro da menor interna de um orfanato da Igreja pelo padre Stefani, em junho de 1907 e o seu assassinato pelo padre Faustino Consoni. Eduardo Valladares (2000, p.68) em *Anarquismo e anticlericalismo*, que apresenta informações sobre os desdobramentos do "caso Idalina", que demonstram as táticas empreendidas no combate anticlerical na imprensa da qual Oiticica foi participante:

> Os jornais que denunciaram o estupro e a ocultação do cadáver, publicaram vários números especiais sobre o caso. Cartas de ex-alunos da escola foram enviadas às redações, denunciando os novos crimes cometidos do orfanato-escola e em outras instituições religiosas. Os redatores nas suas manchetes insistiam: "Onde está Idalina?" Os grupos anticlericais convocavam uma série de manifestações e comícios de protesto, exigindo o fechamento do estabelecimento e a punição dos envolvidos. Os responsáveis pelo inquérito policial foram acusados de conivência com os envolvidos e de não procurarem apurar com afinco o episódio. A Igreja reagiu chamando a polícia para reprimir as manifestações e recebendo apoio da imprensa diária. Os denunciantes foram acusados de difamadores, procurando com as suas ideologias exóticas de denegrir a Santa Madre Igreja.Vários padres, procurando resguardar a reputação da Igreja e absolver os implicados no caso, partiram para o ataque. Artigos nos jornais e panfletos foram publicados procurando desmoralizar os "hereges anarquistas" [...].

Maçons advogados, médicos participantes da imprensa libertária ofereciam seus serviços sem custos aos operários perseguidos pela repressão policial, por causa da luta sindical e das atividades com a propaganda social, como foi o caso de Benjamim Mota, editor de *A Lanterna*, no início dos anos 1900.

Os discursos veiculados nos jornais traziam sempre esses tipos de denúncias sobre "o perigo religioso". As principais acusações direcionadas a essa instituição eram: "defender a propriedade privada", estimular o comportamento resignado e passivo em seus seguidores por meio de "falsos ensinamentos" para com isso impedir o livre pensamento e impedir a revolta contra a opressão. Ao chamar a atenção para o perigo dos argumentos religiosos, era importante desmontar, enfraquecer, atacar a Igreja e as suas vozes, por essa razão, essa era tática de combate dos libertários.

### 3.1 O anticlericalismo do professor Oiticica

Oiticica passou grande parte de sua vida profissional proferindo conferências, como uma das atividades da propaganda social, tal como foi discutido no capítulo anterior. Entre os temas registrados nos jornais consultados nesta pesquisa, o seu maior interesse foi discorrer sobre a história da Igreja, a moral religiosa, atacar os "doutores do catolicismo" e da educação clerical.

José Oiticica, por suas convicções anticlericais, pesquisava os textos bíblicos, fazia traduções de outros textos religiosos e, a partir dessas leituras, buscava argumentos que pudessem sustentar suas polêmicas e posições nos debates das correntes anticlericais e de livre pensamento. Em suas conferências, o professor Oiticica procurava reconstituir a história da Igreja, focalizando o Santo Ofício e as perseguições inquisitoriais para denunciar os crimes da Igreja:

> [...] o orador [José Oiticica], debaixo de argumentação cerrada, demonstrou qual tem sido **o papel da Igreja católica ante a civilização**, frisando claramente o contraste do que fazem os doutores do Catolicismo. **Cita, desde os mais antigos aos mais modernos sacerdotes da Igreja**, provando que **tem sido eles** sempre **os maiores obstáculos da emancipação dos trabalhadores** e que, por diversas formas, desde os mais remotos tempos até a presente geração, **tem procurado manter o predomínio do homem rico sobre o homem pobre**. Salienta que em nenhuma outra espécie zoológica se observa a luta de interesses tão acentuada e tão mesquinha. **Aconselha os trabalhadores a se unirem, emancipados de quaisquer preconceito, a fim de libertarem-se do jugo capitalista, nada confiando dos poderes que constituem a sociedade atual**. (*A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, ano VII, nº 50, 01-03-1914, grifos nossos).

Ao discorrer sobre o "papel da Igreja ante a civilização", na sua audiência, - aos trabalhadores freqüentadores das conferências, leitores dos jornais ou não -, reforçava a importância em conhecer as teses libertárias para combater a Igreja.

No período em que José Oiticica proferiu a conferência comentada no jornal *A Voz do Trabalhador* do dia 01-03-1914, era editor da revista *A Vida* e participante do "Grupo Editor Novos Horizontes". O conteúdo da conferência narrado pelo articulista desse jornal é tratado em seu ensaio "O desperdício da energia feminina" na aula/conferência.

Os temas de suas conferências proferidas ao longo de 1913 e 1914, versavam sobre o trabalho livre, a energia feminina e outros temas relacionados à Igreja. Com "os passos tratadistas" que costumava atribuir ao seu modo de ensinar, conforme argumentos que expunha em seus escritos, Oiticica apresentava na sua audiência a história da Igreja e processualmente buscava a acareação entre a história da Igreja no passado e no presente.

O costume das confissões auriculares comuns nos rituais católicos era considerado por Oiticica e outros adeptos das campanhas anticlericais uma prática abusiva dos padres por adentrarem na intimidade dos fiéis. Como instrumento para o combate a essa prática, acusavam os padres de libidinosos, empreendiam campanhas para que os leitores enviassem aos jornais notícias escandalosas que ferissem a moral dos "clericanalhas", dos "padrecos", dos "come e dorme de saias"[115]. Em 1947, período em que não existiam mais campanhas anticlericais, o jornal *Ação Direta* dirigido por Oiticica ainda denunciava as mazelas da Igreja.

Tal como o discurso de outros libertários, Oiticica considerava que as maiores vítimas da Igreja eram principalmente as mulheres e as crianças. Classificava a mulher como "vítima funcional", argumentava que os padres aproveitavam de sua condição de dominação, por isso em seus estudos ocupou-se em pesquisar e escreveu sobre a condição feminina no sistema capitalista. Uma das suas teses mais defendidas era que todas as mulheres deveriam ter condições de ter acesso a uma formação em todas as ciências, todas mulheres deveriam conhecer as ferramentas da psicologia, da fisiologia e da pedagogia, para com essa formação educar os filhos libertários e se defenderem "dos perigos do clero".

Por essa razão, ele participava da campanha libertária pela emancipação feminina e defendia que um dos procedimentos para essa emancipação era não dar ouvidos aos padres em confissões, não freqüentar Igrejas e conhecer a história dessa instituição secular para afastar-se dela e combatê-la. Como adepto do livre pensamento e de atitudes, aceitou, em função do desejo de sua esposa, o batismo de seus filhos conforme relato de sua filha Sônia Oiticica, que foi batizada por Coelho Netto e uma de suas irmãs por Viriato Correia.

### 3.1.2 Os temas anticlericais de José Oiticica

### A caridade é uma infâmia

De maneira recorrente encontramos em seus discursos a reprovação da caridade como virtude defendida pela Igreja. Esse discurso de deseducação constituíam a moral burguesa. Uma das passagens de seu artigo "O desperdício da energia feminina", Oiticica combate a "caridade":

> **Qual a maior virtude para a moral burguesa**? Todos os livros, todos os padres, todos os professores responderão: ***a caridade***. Podemos, entretanto, demonstrar que **a caridade é a maior vergonha humana**. Numa sociedade justa onde a verdadeira moral se cultivasse, onde existisse a solidariedade, as irmãs Paulas seriam monstros. **A caridade é a infâmia** pela qual o **patrão** que roubou as energias do seu operário, o **agiota** que especulou sobre as necessidades alheias, o **jornalista que vendeu a pena** a

[115] Termos utilizados no jornal A Lanterna-Anticlerical e de Combate. Além dos termos,publicavam charges.

> trapaceiros, o **politiqueiro que enganou os eleitores** com as falsas promessas socialistas para ser deputado ou ministro, **o padre que vendeu rosários**, **horas marianas e missas**, **todos esses sugadores sem escrúpulos abafam os reclamos da consciência restituindo aos mendigos e proletários a título de esmolas, de sacrifícios recompensável no outro mundo, uma partícula das sobras dos seus prazeres satisfeitos. Pela caridade podeis avaliar o resto da caridade burguesa**. [...]. (*A vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº 2, 31-12-1914, p. 7- 8, grifos nossos).

Oiticica atacava a "caridade burguesa" esclarecendo que se tratava da hipocrisia reinante na sociedade. Em *A doutrina anarquista ao alcance de todos,* por vezes se reportou ao romance *Germinal,* de Émile Zola, para exemplificar as mazelas da cultura burguesa. Esta evidência faz supor que muito provavelmente, em uma de suas conferências, ao tratar especificamente do tema da caridade burguesa, ele tenha se reportado a uma passagem desse romance de Zola, em que o operário enlouquecido pelo peso do trabalho, pela perda de familiares, pela derrota da greve estrangula a jovem burguesa bondosa que lhe levava ao lar a "caridade", o alimento que sobrou da mesa.

## A resignação é a destruição da vontade

Em seu ensaio "O desperdício da energia feminina", Oiticica se reporta aos dez mandamentos e critica o ensino das escolas públicas:

> E a moral dos dez mandamentos da lei de Deus e dos cinco da Igreja, Moral que diz num mandamento: **não matarás e ensina nas escolas públicas,** como virtude o **patriotismo e nos quartéis** a arte de **matar homens**. Moral que prega **o amor do próximo e** na economia política justifica a **lei da concorrência**, isto, é do mais **desgraçado desamor humano**. **O resultado** dessa moral é um desperdício extraordinário das energias morais eficazes. É a **destruição da vontade**. É o **cultivo da subserviência**. É a **lição diária das humilhações** mais soezes. Não ensina ela a resignação? E a **resignação** que é se não a incondicional inércia do escravo sob o látego do amo? Qual a posição da mulher nessa moral? A de uma entidade psicológica autonomata. **A mulher burguesa, freira ou proletaria não se dirige. É dirigida.** (*A Vida,* Rio de Janeiro, ano I, nº 2, 31-12-1914, p. 7- 8, grifos nossos).

A resignação, tão estimulada pelas vozes da Igreja em nome da culpa pelo pecado original, é combatida nos discursos de Oiticica. Resignação e subserviência eram obstáculos para as atividades sindicais, principalmente pelo papel que tinha a imprensa na *propaganda social*. O combate à apatia era condição imprescindível para eliminar seus efeitos nocivos que não permitiam enfrentar a repressão sobre as atividades sindicais.

A questão da emancipação feminina para Oiticica era de fundamental importância, pois ao longo de sua produção foi possível observar tal temática, como em suas peças teatrais, escritas para as suas aulas e para o teatro social, as personagens femininas refletiam os

designios e o papel da mulher libertária.

O anticlericalismo combatia principalmente o poder papal e da Igreja, tanto no plano religioso como no temporal, sobretudo no seu aspecto ideológico e religioso, observando neles um forte caráter e instrumento de dominação, consolidação de poder e enriquecimento. A Igreja era tomada, pelos articulistas dos jornais da imprensa libertária, como uma instituição autônoma, apartada da sociedade, uma ameaça ao país, a cada consciência individual e a família.

Além disso, era praxe recuperar algumas histórias de religiosos rebeldes à Igreja, focalizando personagens como, por exemplo, Giordano Bruno que fazia parte do calendário de lutas libertárias tal como já mencionado no capítulo anterior [4].

> Liga Anticlerical
>
> Realizou-se a 17 de fevereiro e promovido pela Liga Anticlerical a comemoração do suplício de Giordano Bruno. **Fez-se uma bela oração, historiando a vida de Giordano Bruno, o camarada José Oiticica**. Falaram outros camaradas. (*A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, ano VI, nº 26, 01-03-1913, p.2, grifos nossos).

José Oiticica também traduzia textos sobre essas histórias dos rebeldes da Igreja, examinava as traduções de textos sacros do latim para o grego e do grego para o latim traduzido pelos padres, e, com isso, apontava-lhes as incorreções que cometiam, buscando abalar a confiabilidade das palavras dos religiosos, repetidas em suas prescrições ritualísticas. Essas cominações eram por ele tratadas como obstáculos à formação do livre pensamento.

O costume de desmontar discursos apontando os erros do outro e se posicionando em fileira de combate era um comportamento recorrente dos homens de letras de seu tempo. Uma de suas traduções que exemplificam seu interesse pela história da Igreja Católica foi noticiada nos Jornais *A Lanterna*, de São Paulo e, em *A Voz do Trabalhador*, do Rio de Janeiro, tal como pode ser observado a seguir:

> História da Inquisição na Idade Média
>
> Obra do grande historiador americano H, Charles Lea, traduzida em português pelo Dr. José Oiticica
>
> Aos livres pensadores do Brasil
>
> **Os que estudam a história da Igreja**, mormente com intuito de combatê-la como um dos grandes males da humanidade, **precisam conhecer os seus crimes**, **o seu papel na sociedade moderna**, pois somente pela análise do seu passado poderão bem compreender o seu mecanismo, os seus intuitos, os seus atos de hoje**. A Liga Anticlerical inicia, por isso, a publicação em português de obras de reconhecido valor, de reputação universal, pondo ao alcance de todos os que não podem ler o original ou traduções em outras línguas.**

> Resolveu começar pela obra notabilíssima de Lea, hoje tida por todos os especialistas como o manual clássico, repertório de fatos indiscutíveis, escritos com ciência completa e notável imparcialidade. [...]
>
> [...]
>
> Não tendo a Liga o necessário para adianta-lo, na publicação do primeiro fascículo, apela para os que desejarem possuir a obra, pedindo-lhes que enviem desde já as quantias correspondentes aos números que assinarem.
>
> N.B. A assinatura dos 10 primeiros fascículos custará apenas 2$ e, querendo poderá assinar um só fascículo ao preço de 200 réis.
>
> (*A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, ano VII, nº 51-52, 01-04-1914, p.4).

Com estas investidas intelectuais, Oiticica fortalecia o seu arsenal de "combate pelas palavras" para criticar os representantes do clero. Ampliava o seu repertório temático e propagava os resultados de sua leitura proferindo-os em suas conferências sociais patrocinadas pela Liga Anticlerical. O programa de suas atividades, como as traduções e as conferências, era divulgado em todos os jornais da imprensa libertárias, tal como no exemplo a seguir:

> Liga Anticlerical
>
> A Liga Anticlerical lavrou mais um tento. É o caso que ela não deixou passar em branco a *semana santa* sem realizar soleníssimo protesto. Para este fim foram organizadas sessões especiais para os três dias últimos da semana quinta, sexta e sábado.
>
> [...]
>
> Na sexta-feira o Dr. José Oiticica fez uma substanciosa e brilhante conferência, discorrendo sobre a farsa da *semana santa*, a mentira cristã, o perigo das religiões, e a falsidade dos deuses [...]
>
> (*A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, ano VI, nº 28, 01-03-1913, p.2).

Meses após a sua libertação da prisão na Ilha das Flores, ainda no início de 1926, José Oiticica, muito atento aos artigos de religiosos veiculados pela grande imprensa e pelos jornais católicos, mantinha disposição para questionar a erudição dos autores clérigos. Adentrava no terreno teológico das produções religiosas e contra-argumentava com contundência a esses intelectuais religiosos, vasculhava as más traduções dos textos teológicos, fosse do grego para o latim, como do latim para o português, analisava as interpretações e, feita a seleção e organização desses elementos, apontava os erros dos ensaístas da Igreja.

### 3.2 A educação religiosa rouba a consciência

Os articulistas dos jornais libertários lançavam críticas severas às escolas religiosas, em contrapartida cuidavam para que a *propaganda social* criasse o mesmo dispositivo na perspectiva libertária. Oiticica expressava principalmente por meio do jornal a crítica à educação escolar religiosa.

**Figura 3 O método de ensino clerical**[116]

(*A Lanterna*, ano VI, nº 186, 12-04-1913, p. 01)

A expressão de "canastrão" estampada no religioso e a cabeça de "burro" do fiel servia para comunicar a mensagem tanto aos letrados, como aos iletrados. O padre, depois de arrebatar a consciência do fiel, esvaziava-lhes os bolsos do casaco e obrigava-o ao ato

[116] Ver: Figueira (2003, p.82). A dimensão da figura não é a mesma da figura original. O ano de circulação dessa imagem marcou a morte do papa Leão XIII e o novo papa foi saudado nos jornais anticlericais como a cabeça da serpente. E a serpente era a Igreja, "[...] um réptil que dá volta ao mundo/e em cujas espirais ébrias de raiva insana/um laconte imortal a consciência humana/há séculos se estorce em convulsão atroz/Os elos desse monstro implacável sois vós, sacristãs/A cabeça é o papa/Ora as serpentes/tem a força na cauda e o veneno nos dentes". (VALADARES, 2000, p.90).

confessionário. A “vítima do padre” é estilizada como um personagem cuja inteligência foi subtraída pelo método de ensino religioso e por essa razão foi reduzido ao fiel que escuta o padre.  A charge de *A Lanterna* como crítica ao método de ensino religioso fazia chacota, atacando as escolas religiosas, os padres professores e toda sorte de pregações religiosas.

É possível verificar as faces do combate aos “perigos das escolas da Igreja” em diversos artigos publicados na época, década de 1920, como, por exemplo, o artigo do periódico *Crônica Subversiva*, que circulou no Rio de Janeiro, em 1918, sob direção de Astrojildo Pereira, que contava com colaboração de José Oiticica:

> Os grandes educadores
>
> O acaso pois me entre mãos um programa da sessão cinematográfica havida no Salão de Atos do Colégio Salesiano Santa Rosa (Niterói), em benefício do Santuário de Nossa (deles) Senhora Auxiliadora. Eis os títulos de alguns dos filmes exibidos: Lord Kitchener e o homem de mascara cinzenta, drama policial. Assim procedem os “grandes educadores” de batina, aproveitam-se de todos os meios para encher as cabecinhas em formação das  crianças com as caraminholas mais estúpidas e embrutecedoras. Nada mais estúpido e embrutecedor que uma fita policial: pois os frades salesianos fazem a fita policial matéria de educação. Mais e mais se me arraiga a cada hora, diante de fatos tais, a alta necessidade do furacão revolucionário.
>
> (*Crônica Subversiva*, Rio de Janeiro, ano I, nº 8, 20-07-1918, *apud* FIGUEIRA, 2003, p.60).

A crítica desencadeou-se da observação sobre “a má escolha” ou “a escolha perigosa” dos filmes selecionados pelos padres-professores. O argumento: as conseqüências que poderiam ser acarretadas “nas cabecinhas em formação das crianças”, em razão das “caraminholas mais estúpidas” do “perigoso cinema da Igreja”.

Contra as escolas, os jornais, o teatro e o cinema da Igreja colocava-se a tarefa da militância anticlerical. Era nesse contexto que José Oiticica estava inserido.

## 3.3 polêmica com o padre Leonel Franca

### As palavras são a munição para o combate

Os meses que José Oiticica passou na prisão, de acordo com os depoimentos de sua filha Sônia, sempre serviam para colocar as suas leituras em dia. No cárcere, ele concentrava-se na produção de poemas, artigos, até mesmo um livro. Ele próprio se referia à prisão como as suas “férias”, um momento em que era forçado a interromper as suas aulas e que usava para atualizar os seus estudos. Produzir na prisão era uma forma de resistência, de continuar o combate.

Assim, até mesmo os livros religiosos eram levados para a prisão e os seus estudos

demandavam-lhe tempo e disciplina, pois para combater com profundidade as teses clericais, por dentro, e quebrar-lhes as “incoerências”, traduzindo-as de maneira clara para que todos a pudessem conhecê-las, utilizava seu tempo de reclusão para reforçar seu arsenal para o combate por meio das palavras. As campanhas anticlericais ganharam tal proporção que a Igreja combatia os livre pensadores em seus jornais.

Por essa razão, dificilmente passava desapercebida uma proposição de um jesuíta nos jornais, sem que um estudioso adepto do anticlericalismo e do livre pensamento entrasse em controvérsia com esse jesuíta. Afinal, a palavra era a arma de combate dos dois lados na conquista de corações e mentes. Provavelmente, as leituras que Oiticica realizou em suas “férias” na Ilha Raza e depois na Ilha das Flores, atualizou munição para o combate anticlerical, pois já no início de 1926, seis meses após a sua libertação, ele sustentou um debate[117] com o padre Leonel Edgard da Silveira Franca.

A “troca” de argumentos ocorreu por meio de artigos publicados no jornal *O Correio da Manhã*, onde Oiticica era cronista social. No entanto, as suas investidas anticlericais acabaram ganhando *status* de coluna ou sessão em vários periódicos libertários, pelo fato de conformarem uma série nomeada como “Resposta a um jesuíta”. O padre Leonel Franca (1926, p.8) refere-se a estas publicações da seguinte maneira:

> Percorram-se os artigos do Snr. Oiticica. Desde a fábula do incêndio em Alexandria pelos Christãos até as declamações balofas contra o despotismo romano, lá se encontram quase todas as estafadíssimas objecções, mil vezes refutadas, eternos logares communs explorados pelos libellistas profissionaes. Custa pouco copiar excertos dos mil e um pasquins escritos contra a Igreja por adversários sem consciência; custa pouco folhear os annaes inglórios das heresias, com os farrapos de erros já vencidos, alinhavar uma túnica de ignomínia, que mal dissimule aos olhos de leitores ingênuos a nudez vergonhosa de uma polêmica sem escrúpulos. É fácil, não é nobre.

Do “debate”: padre versus “o professor bellicoso anarquista”, as respostas, réplicas e tréplicas foram reunidas, apostiladas e publicadas pelo padre Leonel Franca no ano de 1926 em formato de um opúsculo, intitulado *Relíquias de uma polêmica.* Esta publicação reuniu todos os artigos elaborados pelo padre Leonel Franca, e alguns dos artigos, na íntegra, do professor José Oiticica submetidos ao exame e comentários de seu organizador.

A discussão iniciou-se pelas provocações de José Oiticica a propósito de um artigo que o padre Leonel Franca escreveu, intitulado *Catholicismo e modernismo.* Os comentários do professor Oiticica apresentados no artigo *Modernismo cathólico* irritaram por demais o

[117] José Oiticica travou também debate com outros representantes do clero, como o Monsenhor Rosalvo Costa Rego, e o bispo D. Alberto Gonçalves.

religioso.

A interlocução provocativa de Oiticica foi desdobrada em cinco artigos, todos com o mesmo título: *Resposta a um jesuíta*. Três deles foram enfeixados no opúsculo mencionado; os dois outros que ficaram de fora continham argumentos que, segundo Oiticica, não foram respondidos pelo padre.

Na introdução, o padre Leonel Franca justificou a sua iniciativa de publicação do opúsculo da seguinte maneira:

> [...] Coherencia lógica é uma outra condição essencial de qualquer discussão honrada. **O professor do collegio Pedro II não sabe conservar-se na firmeza de uma posição tomada**. Aqui defende Tyrrell com calor apaixonado de um modernista dos primeiros tempos, ali aggride a S. Justino com violência de um pagão desabusado, acolá fala de religião com a indifferença leviana de um sceptico vulgar. **Multiplicar assim os campos de batalha pode parecer valentia e é fraqueza. Não se desampara uma praça forte que se pode, com vantagem, defender.** É fácil, não é nobre. Com quem, portanto, **esgrime só por gosto de esgrimir** e toma as alforrias dialecticas que dessa atitude derivam, não é possível uma polêmica séria e honesta. Não me arrependi e nem me arrependo do meu primeiro silêncio. **Continuo a negar a minha cooperação aos exercícios desportivos do Snr. Oiticica no seu funambulismo infatigável**. Pareceu-me, porém, no interesse da verdade, **pôr ainda uma vez em relevo os processos de combate do bellicoso professor**.
>
> Para isso bastaria reunir em opúsculo os seus artigos e submetê-los ao exame demorado e comparativo dos leitores. O jornal é essencialmente ephemero. Entre os que lhe percorrem diariamente as columnas haverá, talvez, um entre mil que tenha paciência de conferir um artigo com o procedente, acarear uma accusação com uma resposta. Reuni, portanto, aos outros artigos relativos á questão todos os números da “Resposta a um jesuíta” do Snr. Oiticica, e, no intuito de facilitar a crítica pessoal dos leitores, apostillei-os com ligeiras observações.
>
> Não pretendem essas notas salientar todos os erros e incoherências do professor; visam chamar atenção sobre os mais importantes e de mais conseqüências no curso das idéias discutidas. [...]Ante os olhos de todos ficam, na sua íntegra, os artigos do Snr. Oiticica e a brevidade de minhas apostillas, convidativas de ulterior meditação. [...].
>
> Leonel Franca S. J.,
>
> Nova Friburgo, 10 de abril de 1926.
>
> (FRANCA, 1926, p.8-9- grifos nossos).

O padre Leonel Franca (1926, p. 6-7), ao reportar-se ao professor José Oiticica no prefácio de seu opúsculo, ora trata-o como “o professor de português do Colégio Pedro II”, ora como o “bellicoso professor”, aquele que “discute por discutir”, ou que “esgrime só por gosto de esgrimir”. Coloca-se na posição de quem foi atacado, e após silêncio resignado, e movido pela a responsabilidade de “não desamparar uma praça forte que se pode, com vantagem, defender”, justifica seus motivos para se colocar frente à Oiticica como adversário. Seu esforço é deixar claro que fora forçado a lançar sua publicação, uma vez que, segundo a

sua opinião, o professor Oiticica teria transgredido a “regra de uma controvérsia séria” e diz: “não uma mas muitas vezes”.

No lado adversário, Oiticica (1926, p. 41) percorreu a literatura citada pelo padre Leonel Franca, e, a partir dos autores por ele mencionados, aproximou-se dessas leituras com o objetivo de criar para os leitores uma oportunidade de se informarem sobre as lutas religiosas, mostrando, com isso, que a “praça forte” vivia no início do século conflitos em razão da rebeldia de alguns religiosos. Ao mostrar tais conflitos, o leitor se inteiraria dâ inexistência do consenso obediente e poderia ver a força da rebeldia, no interior da “praça forte”.

Embora não seja intenção da pesquisa reconstituir todo o debate, nem mergulhar nas teses anticlericais defendidas por José Oiticica, nem mesmo acompanhar pelos jornais o peso que tiveram os argumentos trocados entre os dois debatedores, faz-se necessário apresentar o mote central desse debate, com o objetivo de, a partir dele, exemplificar uma das formas de manifestação das idéias anticlericais e de livre pensamento de José Oiticica, apreendida na ambiência dos costumes da militância da qual ele era participante.

O mote central da argumentação do padre Leonel Franca é a sua oposição à idéia da “volatilização progressiva dos dogmas cristãos tradicionais” da Igreja, que segundo sua interpretação, era obra de “modernistas influenciados pela tendência do ‘protestantismo liberal’, [que] dela bebiam as suas doutrinas subversivas”. Os “modernistas” faziam oposição à ortodoxia tradicional dos dogmas cristãos defendida pelo padre Leonel Franca em concordância com as orientações do papa (p.11-16).

Entre os autores apresentados e criticados por Leonel Franca estão alguns ex-membros da Igreja e algumas expressões filosóficas, agnósticos, como, por exemplo Kant e Spencer e “modernistas”, segundo ele, influenciados pelo protestantismo liberal e  por Nietzsche. Entre os modernistas mais criticados estão: na Alemanha Gerbert; na Itália, o senador Fogazzaro e o padre R. Murri; na França, E. le Roy e na Inglaterra, o ex-jesuíta J. Tyrrell. Este último, nos dois lados do debate ganhou maior destaque em função da discussão sobre a *Encíclica Pascendi* de 1907.

Para o padre Leonel Franca (1926, p.16), a *Encíclica Pascendi* de 1907 diz:, “[...] nos ambientes católicos foi acolhida com a submissão devida à palavra do supremo pastor a quem Christo confiou a missão de confirmar na fé a seus irmãos, mas ainda com o seu elevado valor doutrinal”. O documento de intervenção enérgica do papa Pio X condenando “[...] as diminuições injustificáveis de todos os agnosticismos, subjectivismos e relativismos [...] e defendendo a verdade absoluta dos grandes e immutaveis princípios que consttituem a alma

insubstituível da nossa vida intellectual” (IDEM, p.26).

Para José Oiticica, em seu artigo de resposta ao padre Leonel Franca, publicado no jornal *Correio da Manhã* com o título de *Modernismo catholico*, a reação frente à Encíclica de Pio X, *Pascendi Dominici gregis*, de 8 de setembro de 1907, foi de rebeldia do “pensamento modernista”, por ser esse um documento de defesa dos “dogmas tradicionais católicos. A encíclica é assim interpretada por José Oiticica:

> [...] ora a encyclica é o coroamento de um trabalho multisecular de centralização da Igreja até o despotismo religioso mais ferrenho. Em vão se procurará, nos evangelhos, uma indicação política, um preceito de suzerania theologica, um esboço de hierarchia administrativa ou pedagogica. Todos ali são irmãos; Jesus era Mestre, mas não amo; seus discípulos eram discípulos e não servos. Seria monstruoso imaginar Christo dando a si mesmo o título de Bispo dos Bispos. Na primitiva organização eclesiástica o bispo era o pastor na sua diocese, não dependia de ninguém e ensinava a communidade sem theologia, transmitia os preceitos evangélicos, consubstanciados pela tradição dos primeiros séculos de vida religiosa. Seria absurdo ouvir um Bispo declarar ser elle a tradição christã, como o declarou, alto e bom som, o papa Pio X, *la tradizione sono io*. Nos primeiros séculos da Igreja, o bispo de Roma não é superior em coisa alguma aos demais; é primeiro entre os irmãos (p.31).

Os “modernistas” criticados por Leonel Franca são defendidos por José Oiticica, como pode ser observado pelas suas impressões sobre o ex- jesuíta irlandez Geoge Tyrrel , que para ele é “[...] o mais denodado campeão [da] batalha anti-romana [...], o mais vigoroso escripto seu foi justamente a resposta à Carta Pastoral do Cardeal Mercier, endereçada, pela quaresma de 1908, aos fiéis da sua diocese” (p.29).

Sobre as expectativas dos modernistas criticados por Leonel Franca, Oiticica diz:

> O que o modernismo quer, antes de tudo, é unidade espiritual, tudo é constante experiência, isto é conformação de crenças espontaneamente provinda do sereno estudo e constante experiência religiosa, alicerçada nos ensinamentos mesmos do Christo. A uniformidade imposta não é conformidade, é regimen de centralização feroz que tira, tanto aos sacerdotes, quanto aos fiéis, a menor iniciativa pessoal ou conjuncta na pesquisa das verdades espirituaes [...] (p.30).

Para o padre Leonel Franca o modernismo era:

> [...] uma tentativa frustrada de invasão do protestantismo liberal na vida e na doutrina catholica. Caracteriza-o uma tendência fundamentalmente anti-intellectualista, que se manifesta na inclinação a supervalorizar os elementos affetctivos e pragmáticos.

A “popularidade” de José Oiticica, provavelmente tenha servido como chamariz aos leitores letrados e interessados nas teses clericais, próximas ao tradicionalismo dogmático, como também deve ter despertado algum interesse nos leitores que acompanhavam de alguma forma as manifestações libertárias do professor Oiticica. No entanto, a ação do padre Leonel Franca (1926), ao somar os seus artigos e comentários com algumas das respostas do professor José Oiticica em seu opúsculo, abriu-lhe maiores possibilidades para capturar, provavelmente, um número maior de leitores, como, por exemplo, pode ter se dado com

aqueles que acompanhavam o debate, tanto na leitura dos jornais da grande imprensa, como pelos inúmeros "pasquins" mencionados pelo padre Leonel Franca.

O alcance das ações de José Oiticica em seu combate pela palavra fica logo demonstrado no caso de *Relíquias de uma polêmica,* pelo fato de ter provocado no "adversário" a iniciativa de sua publicação. A preocupação em reunir os artigos de Oiticica no opúsculo, sob o argumento de que estes estavam espalhados na efemeridade do jornal, oculta possíveis preocupações que inquietavam o padre Leonel. O jornal tinha alcance a um número de leitores bem maior em relação aos leitores dos livros; quem escrevia esses artigos era um intelectual catedrático do Colégio Pedro II, conhecido também pelo público leitor dos jornais, tanto os da grande imprensa, como o jornal carioca o *Correio da Manhã,* quanto dos jornais da imprensa operária, destacando-se o jornal libertário *A Plebe*, de São Paulo.

Os procedimentos críticos de José Oiticica com relação aos textos publicados pelos representantes do clero católico não se enquadram nas constatações feitas nas pesquisas que trataram do tema da literatura e dos *homens de letras* no Rio de Janeiro dos inícios do século passado. Oiticica empreendia a crítica como uma das tarefas da militância libertária, anticlerical, do livre pensamento. Os grupos nela envolvidos posicionavam-se em um campo de lutas, e o arsenal de armas era detonado por meio da palavra, por meio da educação. Nessa direção, as várias correntes, com seus diferentes grupos, concordavam que o trabalho de militância demandava ampliar os espaços da educação da perspectiva libertária em contrapartida à educação da outra perspectiva. A *nossa* educação versus a *outra* educação. A *nossa*, o *nosso* referiam-se á nossa imprensa, às nossas escolas, à nossa educação, ao nosso teatro, o nosso cinema, em contraposição à educação deles, a imprensa deles etc.

Em 1914, Oiticica participava ativamente de dois grupos ligados à imprensa ácrata, o Grupo Novo Horizonte e o Grupo Pró-Congresso Anarquista. Parte dos sujeitos participantes destes grupos, com os quais Oiticica mantinha interlocução de idéias e com os quais trabalhava nas sessões de *propaganda social,* eram maçons, intelectuais formados em Direito, como Benjamim da Mota, em Medicina, como Francisco Viotti. Outros eram militantes sindicais, anarquistas estrangeiros, outros brasileiros. Alguns autodidatas, como por exemplo foi o caso de Edgar Leuenrouth, conhecido anarquista, editor de *A Lanterna* e depois de *A Plebe*, os dois periódicos, possivelmente mais expressivos em circulação e atuação no anarquismo brasileiro.[118] Com esse jornalista, Oiticica manteve interlocução até a sua morte.

---

[118]Em São Paulo, as idéias anticlericais e do livre pensamento circulavam em jornais como *A Lanterna – Anticlerical e de Combate*, antes assinado pela *Liga Anticlerical*, e depois passou a ser propriedade de uma sociedade anônima até 1903. Sua distribuição era gratuita. O número 1, de 07 de março de 1901, anunciava

## 3.4 A revista *A Vida*

A revista *A vida*, foi fundada em 30 de novembro de 1914 sob a direção de José Oiticica, em parceria com o médico Francisco Viotti. O último, dos sete números foi publicado em 31 de maio de 1915. Entre os colaboradores dessa revista, destacaram-se Fábio Luz, Astrojildo Pereira, Orlando Correia Lopes, Hermes Fontes, Primitivo Soares, Efrem Lima, João Penteado, Adelino Pinho. Todos eles publicavam artigos nos jornais libertários e mantinham estreita interlocução com José Oiticica.

A iniciativa da fundação de *A Vida* partiu do Grupo Editor Novos Horizontes, que junto ao Comitê Pró-Congresso havia recolhido contribuições em dinheiro para a realização de um congresso internacional anarquista no Brasil que deveria reunir expoentes anarquistas de outros países. A arrecadação que havia sido feita por meio de listas de subscrições foi insuficiente e os membros dos referidos grupos resolveram fundar a revista *A Vida*.

O jornal *A Lanterna*[119], que no período estava sob a direção de Edgar Leuenrouth, publicou uma circular datada de 05 de dezembro de 1914, comunicando aos leitores sobre a iniciativa da publicação de *A vida*.  O argumento inicial apresentado na circular foi que o dinheiro utilizado estava parado e se fosse conservado paralisado seus responsáveis estariam cometendo um crime de "lesa propaganda". O segundo argumento defendia a iniciativa da publicação como a melhor forma de aplicação desse dinheiro, pois a revista nascia com a função de servir de "elo um traço de união entre os anarquistas, por intermédio da qual os anarquistas do Brasil" se conheceriam e se corresponderiam.

Na página de expediente de *A vida*, seu editor apresentava o periódico, convidava os leitores a enviarem suas colaborações, informando-lhes sobre as normas de funcionamento:

> EXPEDIENTE
>
> [...]

---

10.000 exemplares de tiragem, atingido no número 8 do mesmo ano 26.000, o que demonstra a sua expressividade.  Em 06 de junho desse ano até 1909, esteve sob a direção de Benjamim da Mota, que assinava como o seu redator-chefe. Teve sessenta números publicados; a partir do número 01 do ano 2, em seu cabeçalho constava o seguinte: "*No A Lanterna não apparecem nomes, mas não é um jornal anonymo porque na Câmara Municipal está devidamente assignado o termo de responsabilidade"*. Entre 1904 e 1909, a sua publicação foi interrompida de 1909 a 1916. A segunda fase do jornal conseguiu circular com regularidade. Em 1917, sua circulação foi interrompida. Nesse ano, em meio às greves que denunciavam a grande efervescência da crise do período, Edgard Leuenrouth fundou *A Plebe*, que nasceu declarando ser a continuidade de *A Lanterna.  A Lanterna voltou* a circular em 1933 a 35, a sua terceira fase.  Tanto Benjamim Mota com Edgar Leuenroth, os redatores de *A Lanterna* e *A Plebe*, eram amigos de José Oiticica e mantiveram estreito contato, principalmente a partir de 1912, quando José Oiticica ingressou na *Liga Anticlerical* do Rio de Janeiro, passando a colaborar com artigos e com a sua participação em conferências da *propaganda social*. O estudo de Silva (1995) focalizou os periódicos *A Lanterna* e o *Livre Pensador* para engendrar a sua discussão sobre as manifestações do anticlericalismo e da maçonaria brasileira.

[119] *A Lanterna - Anticlerical e de Combate*, São Paulo, ano XIV, nº 269, 05-12-1914, p.4.

VARIAS: *A Vida*, obra de idéias e não de comércio conta apenas para se manter com a venda de seus números. De todos aqueles a quem possa interessar-se espera pois que a divulguem o mais possível confiando a iniciativa de cada um o emprego dos meios mais adequados a semelhante desideratum. Aos que desejem conhecer a nossa revista, enviaremos um exemplar desde que nos solicitem; também responderemos a todas as informações que nos sejam pedidas referentes aos fins que esta revista persegue.

[...]

DA COLABORAÇÃO: Todos os leitores de *A Vida* são seus colaboradores pelo que podem mandar os trabalhos que desejarem com a certeza de que serão publicados desde que estejam dentro da orientação que preside a revista. Os trabalhos recebidos que não sejam publicados serão devolvidos se forem reclamados dentro de um prazo de três meses. Trabalhos anônimos não se publicam. Os originais radicalíssimos no vocabulário e vulgarissimos na forma não publicaremos, bem como não daremos acolhida a questões particulares ou pessoais. Todo os artigos publicados nesta revista que não levem a indicação de tradução ou de sua procedência, se são transcritos, são garantidamente inéditos.

[...]

A NOSSA MEZA DE LEITURA: Os jornais e revista que conosco queiram permutar, e os folhetos e livros que nos sejam oferecidos serão, muito em breve, postos a leitura livre de toda a gente. Pedimos portanto, a todos os grupos editores que enviem os seu folhetos e periódicos á nossa meza de leitura.

(A Vida, Rio de Janeiro, ano I, nº1, 30-11-1914).

Além da correspondência dos anarquistas brasileiros, *A Vida*, tal como constou na circular, deveria receber a colaboração de autores anarquistas estrangeiros. A destinação de *A Vida* não era o grande público, tal como o anunciado na circular. Destinava-se aos grupos de estudiosos da questão social e visava à constituição de quadros do movimento operário dentro e fora do Brasil:

Por ela os camaradas espalhados por toda esta enorme região terão conhecimento **de todos as ações de propaganda** que se realizem em qualquer ponto do país, das iniciativas que surgirem dos novos elementos que chegam a engrossar a nossa falange revolucionária, terão, enfim, **conhecimento de toda a nossa vida anarquista.**

Analisando e comentando em resenha, os factos capitais da vida social e política brasileira, inserindo uma crônica do movimento social internacional, apreciando e resumindo as obras de sociologia que se forem publicando em língua portuguesa, inserindo colaboração do anarquismo no Brasil, permitindo controvérsias e promovendo inquéritos para o conhecimento do problema econômico e social da região brasileira, a nova revista constituirá, além de uma preciosa fonte de informações e documentos, um não menos apreciável meio de educação anarquista. (*A Lanterna - Anticlerical e de Combate,* São Paulo, ano XIV, nº 269, 05-12-1914, p.4).

A circular aos leitores de *A Lanterna* esclarecia sobre a funcionalidade de *A Vida*, assim como apresentava as normas de participação dos interessados:

Além disso, anunciando sempre livros, folhetos e jornais de propaganda libertária e satisfazendo todos os pedidos com prontidão; possuindo sempre à venda dos últimos trabalhos editados na Europa, mantendo uma larga permuta com os jornais e revistas de todo o mundo, respondendo a todos os esclarecimentos solicitados pelos seus

leitores – a nova revista será vamos dizer um *bureau* de informações e um centro de difusão da nossa literatura, ou seja, das nossas idéias. (*A Lanterna - anticlerical e de combate*, São Paulo, ano XIV, nº 269, 05-12-1914, p.4).

É importante destacar que, nesse período, o Brasil não possuía um mercado editorial constituído, sendo costume dos homens de letras publicarem seus livros em Portugal. Além disso, nem sempre era fácil conseguir uma obra. Assim, a iniciativa de fundação de *A Vida* atendia ao objetivo de estabelecer ou intensificar o contato com a produção libertária de outros países, como, por exemplo, Portugal, ampliando as conexões extrapolando os limites do país. No primeiro capítulo fizemos referências às conexões, estabelecidas entre os editores e os colaboradores de *A Vida* com os professores anarcosindicalistas portugueses, destacando as obras do professor português Adolfo Lima Diretor da Escola Oficina nº 1 de Lisboa. Suas obras estavam entre as que eram oferecidas aos leitores como os livros que todos deveriam ler.

Na revista *A Vida,* o empenho em disponibilizar informações sobre as produções em torno da questão social brasileira é uma constante em todos os seus números. Cabe ressaltar a coluna *Leitura que recomendamos*, dividida em três sessões, apresentando a indicação de livros, folhetos e jornais. Além de cumprir a função de divulgar e prescrever leituras, funcionava também como distribuidora. Ao lado do título e de seus autores, era apresentado o valor de custo de cada um. O grupo editor cobrava o selo do correio e se disponibilizava a enviar qualquer encomenda de publicações estrangeiras. Na sessão "jornais" dessa coluna, *A Vida* anunciava a venda de assinaturas de quatro jornais dos quais recebia apoio, como *A Lanterna, A Voz do Trabalhador, La Propaganda Libertária, A Aurora, Tierra Y Liberdad*

Na folha expediente anunciava:

> VENDA DE LIVROS: Na nossa administração encontram-se á venda folhetos, livros, revistas e jornais em vários idiomas de propaganda anarquista, e encarregamo-nos de satisfazer pelo correio, com prontidão todas as encomendas de livros que venham acompanhadas da importância correspondente, bem como de tomar assinaturas que recebemos de permuta, a vir a nossa sede nos dias e horas indicados.
>
> [...]. (A Vida, Rio de Janeiro, ano I, nº1, 30-11-1914).

Muito provavelmente a iniciativa de *A Vida* tenha sido espelhada nos exemplos das revistas internacionais européias. Oiticica, o seu editor era colaborador de revistas européias desde o início da década anterior tal como já foi mencionado, ele colaborava na revista francesa *La Science Socialle.* O alcance almejado para *A Vida,* no entanto, não era ambicioso do ponto de vista da tiragem.

> Não espera o grupo editor uma grande tiragem para a nova revista, nem sonha com larga leitura entre o que se usa chamar o "grande público". Nada disso. O seu desejo

reduz-se a que ela circule pouco mais além do circulo, mais vasto do que se julga, da nossa família anarquista e dos que simpatizam ou se interessam pelas nossas doutrinas, a que, através de todas as eventualidades, ela possa, infalivelmente visitar uma vez por mês todos os camaradas desta região quaisquer que sejam os confins em que se encontrem isolados, - embora no seu caminho e ao seu lado outros e muitos variados periódicos anarquistas surjam, susceptíveis de vida efêmera que nem por isso deixam de ser muito úteis a nossa idéia. (*A Lanterna - Anticlerical e de Combate*, São Paulo, ano XIV, nº 269, 05-12-1914, p.4, grifos nossos).

O Grupo Editor Novos Horizontes anunciava o preço da revista, o número de páginas e conclamava todos os leitores dos periódicos anarquistas que se empenhassem para prosseguir com essa iniciativa:

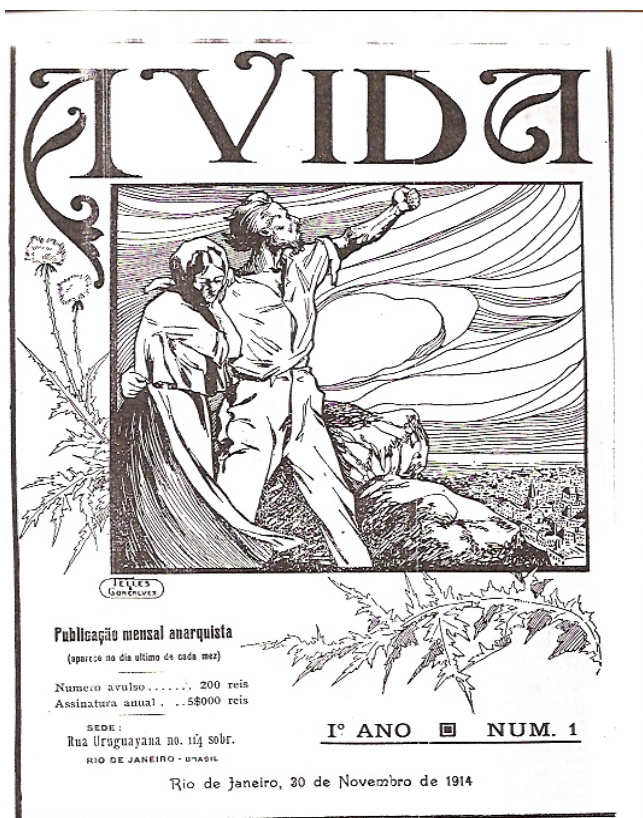
Tendo pois como principal preocupação, assegurar uma vida longa a nossa revista o grupo editor resolveu estipular-lhe **o preço de 200 réis avulso e de 5$000 réis por assinatura anual**. Nestas condições de preço, o Grupo confia que o seu desejo se cumprirá desde que **todos os camaradas a adquiram e se esforcem por conseguir entre os seus amigos e conhecidos, um assinante ou um leitor a mais.** Como vedes, é bem pouco o que se pede para uma obra de indiscutíveis e proveitosos resultados para a propaganda anarquista no Brazil.

(*A Lanterna - Anticlerical e de Combate*, São Paulo, ano XIV, nº 269, 05-12-1914, p.4, grifos nossos).

Em *A Lanterna*, de 05 de dezembro de 1914, outra circular comunicava os leitores sobre o aparecimento de *A Vida* destacando que:

Queremos apenas acusar o recebimento do seu primeiro número [de *A Vida*] – que está mesmo bom, **com bom cuidado de feitura do material** tendo **na capa expressiva gravura** e trazendo nas suas **16 páginas colaboração escolhida** e suculenta. É uma publicação que **merece o mais decidido apoio dos militantes da propaganda avançada no Brasil e que todos os estudiosos devem ler**. (*A Lanterna - Anticlerical e de Combate*, São Paulo, ano XIV, nº 269, 05-12-1914, p.3, grifos nossos).

O articulista de *A Lanterna* chamou a atenção do leitor para a “expressiva gravura” que abre a revista *A Vida*. O punho fechado do trabalhador mostra a coragem do libertário para a consecução da luta pela emancipação humana. Encoraja a mulher a entrar na luta em prol da libertação, reagir à resignação e olhar para os “novos horizontes” da sociedade futura:

**Figura 4 - Capa da revista *A Vida***

**(*A Vida* , ano I, nº 1, 30-11-1914)**

O grupo editor Novos Horizontes e os articulistas dos jornais anticlericais e libertários, como, por exemplo, *A Lanterna,* chamavam a atenção dos leitores e leitoras sobre a força que a Igreja empreendia em semear o comportamento da apatia por meio da conquista dos corações e das mentes femininas e infantis.

No número 02 de *A Vida,* publicado em 31 de dezembro de 1914, há um artigo intitulado *Aos companheiros e grupos anarquistas de língua portuguesa,* que indicia as críticas que o periódico parece ter recebido, às quais seu grupo editor responde da seguinte maneira:

> Um pouco experimentados nesta árdua tarefa de editar jornais, não esmorecemos com palavras desdenhosas dos que "não gostam". Sabendo muito bem que o que para uns é defeito, para outros torna-se título de recomendação. [...]Mas para os descontentes ou insatisfeitos bem intencionados, **o fato de a revista não lhes ter agradado não deve ser o motivo para o seu desaparecimento**; muito pelo contrário deve ser motivo para se **empenharem em melhora-la, por preencher as suas deficiências, fazendo-nos os seus reparos, apresentando-nos os seus alvitres e trazendo-nos, com a sua solidariedade, o auxílio do seu esforço material e intelectual. Não** deveria ter faltado, por certo o mau agouro dos nossos infelizes camaradas que **se deixaram vencer por um pessimismo doentio** e que sentindo-se incapazes de qualquer esforço, julgam tudo impossível porque dizem eles falta-nos dinheiro e elementos. **Ora a verdade é que elementos que conheçam a questão social e que saibam dizer o que pensam e expor o que sentem não faltam. Escritores de talento possui já o anarquismo no Brasil.** O que realmente nos faltava era uma revista onde pudessem dizer de sua justiça. E o passado e o presente de *A Vida* estão a confirmar. **Quanto a**

> **falta de dinheiro respondemos como Kropotkin, que esse grande obstáculo com que nos vemos forçados a lutar pode ser vencido pela força de vontade**[...]Para que *A Vida* preencha os fins a que se destina é necessário como condição indispensável, a sua longa e regular existência porque só a seqüência ininterrupta da **sua publicidade e os anos de sua publicação lhe garantirão as boas e vastas relações internacionais, tornando-a universalmente conhecida e a todos inspirando confiança**. Ora a sua existência acha-se dependente só da difusão, isto é da maior ou menor venda de cada m de seus números [...]. (*A Vida,* Rio de Janeiro, ano I, nº 2, 31-12-1914, grifos nossos).

Oiticica e o grupo editor na defesa de *A Vida* apresentavam o desafiador projeto editorial que era tornar o periódico conhecido universalmente. Deixavam claro que o objetivo da revista era servir como veículo para os debates em torno do projeto educacional internacional dos anarquistas.

Os editores da revista, em vez de rechaçar as críticas recebidas sobre a revista, buscavam agregá-las, incitando dos críticos a solidariedade de enviarem contribuições, quer fossem textos, quer fosse outro tipo de provimento para que a revista pudesse ter um alcance maior, pois somente a partir da regular periodicidade e qualidade dos argumentos, obteria confiabilidade e reconhecimento do público leitor de outros países. De fato era um projeto ambicioso, mas, apesar da dificuldade, sintomática, financeira para a publicação dos periódicos ácratas, estimulavam a militância, pela "força de vontade", a contribuírem para a "árdua tarefa de editar jornais" e revistas em prol da "obra da *propaganda social*".

### 3.4.1 O ensaio de José Oiticica em *A Vida*

Na vigência de circulação de *A Vida*, em cinco números, José Oiticica publicou um ensaio sociológico intitulado *O desperdício da energia feminina.*[120] Oiticica cuidou em destrinchar os termos "vida", "trabalho", "lucro", "energia" como categorias construídas a partir de conexões com as áreas da biologia e da psicologia, da sociologia e da economia política, em "uma série lógica", ou seja, a semelhança da sistematização que defendia para disposição dos conteúdos e conceitos, destrinchando-os, concatenando-os, apresentando-os gradativamente, dos conceitos mais simples para os mais complexos.

Os conceitos "vida" e "trabalho" foram resultantes de apropriações de leitura de Willian Thomson e de Adam Smith, deste último, mais especificamente, a proposição sobre a multiplicação da força produtiva pela divisão do trabalho. Oiticica se opunha à visão hobessiana de sociedade, em sua concepção a humanidade não estava sob estado de guerra, admitindo a idéia de que a divisão de trabalho trazia a solidariedade entre os trabalhadores.

---

[120] Alguns excertos desse ensaio de José Oiticica foram comentados no primeiro capítulo.

No entanto, esta idéia que era admitida em diversos discursos libertários do período se torna crítica quando acrescentadas às suas apropriações e suas adesões teóricas do anarquismo, especialmente as questões sobre o poder, a autoridade, e, principalmente, sobre as razões da desigualdade social.

Oiticica se propõe no ensaio a explicar "a ação da mulher no trabalho humano", a partir de um balanço **"**do quanto concorre ela para o saldo e do quanto desperdiça" de energia, e também de "verificar se a sociedade atual [oferecia a mulher]os meios [para] desenvolver a sua capacidade transformadora de energias" ou então se a sociedade atual "lhe [tolhia] a expansão de ser, lhe [comprimia] a atividade pessoal".[121] Para responder a essas questões ao longo do seu ensaio, Oiticica empreendeu críticas e combate ao Estado, ao capital e à Igreja, explicando a função de cada um, discorrendo sobre os conceitos de energia, de autoridade e sobre o papel que cada uma das instâncias tinham na sociedade atual para todos, e especificamente para a mulher.

O Estado tinha o papel de destruidor da vontade livre, e causador da expropriação da "massa de trabalhadores" por uma "minoria de não trabalhadores", ao assegurar para uns poucos toda a riqueza e privilégios, e os desperdícios das energias humanas dos que realizam a produção de tudo que é necessário para a vida, mas que não tinham acesso aos bens que produziam. A Igreja é tida como a responsável pela apatia, resignação dos que produzem, e como proprietária da riqueza apóia a propriedade individual da minoria exploradora.

Neste ensaio sociológico, desperdício da energia feminina, Oiticica, ao se contrapor ao Estado e à Igreja, como instâncias de poder, confrontava-se também com qualquer outra forma de autoridade,  defendendo a "livre vontade". A livre vontade era apresentada como o modo de ser mais favorável para a sociedade pela proposta da "solidariedade humana" que trazia em si, uma vez que, segundo ele, o homem é solidário por natureza. Para ele a luta pela existência não era, como já foi dito, o estado de guerra do homem contra o homem:

> [...] ora na luta pela vida, que não significa, notai bem, **a luta do homem contra o homem, mas a luta do homem contra as energias naturais oponentes**, na luta pela vida, digo eu, o homem representa o centro de transformações de energias.
>
> Todas as energias naturais apropriadas pelo homem para a satisfação completa das necessidades chamam-se energias utilizáveis. (*A Vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº 1, 30-11-1914, p.7, grifos nossos).

A energia humana é definida como: o conjunto de energias físicas (derivadas do corpo), intelectuais (do grau de ideação capaz de inventar e imitar) morais (da determinação e

[121] *A Vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº 1, 30-11-1914, p.7.

orientação da vontade), práticas (hábito profissional) e sociais (provenientes da solidariedade). Essa última noção é apropriada de Adam Smith:

> Desde Adam Smith se conhece a teoria da multiplicação da força produtiva pela divisão do trabalho. **A divisão do trabalho é o modo de ser mais favorável da solidariedade humana.** Se um homem produz um. Dez homens produzirão, não dez, mas cem. Esse excesso representa a energia de solidariedade, ou energia social propriamente dita. (*A Vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº 1, 30-11-1914, p.7).

A noção de desperdício de energia apresentada no ensaio por Oiticica é apropriado de Willian Thomson em sua proposição sobre a lei da degradação da energia. Embora citada a fonte, Oiticica informa que não tem o propósito de discorrer sobre a apreciação dos princípios que revolucionaram a ciência moderna. O desperdício, diz Oiticica, pode ocorrer de três formas: por não aproveitamento, por mau aproveitamento, ou por destruição e explica-o como um problema da humanidade que decorre da exploração do "trabalho humano":

> Qual é portanto o problema geral da humanidade? É este transformar com o menor gasto possível, a maior quantidade possível de energias universais dispersas em energias utilizáveis. Decorre daí, a noção bem clara, a noção de desperdício. (*A Vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº 1, 30-11-1914, p.7).

Ao informar seus leitores sobre a exploração do trabalho feminino, demonstrando que a exploração do trabalho feminino é maior ainda que a do trabalho masculino, Oiticica informa ao seu o leitor sobre a situação de depauperamento do trabalho feminino no campo:

> Todos sabemos que a mulher tem muita menos resistência física que o homem. Pois na sociedade moderna a mulher esta sujeita aos mesmos trabalhos físicos [...] quem percorre as lavouras pode ver o estado de depauperamento precoce das mulheres do povo [...] nos engenhos do Norte paga-se a um trabalhador do campo 1$000, 8000rs, ou 600 rs, mesmo a seco; a uma mulher 500 rs no máximo, a uma criança meia pataca. Dez tostões por dia, a um homem que trabalha ao sol no cabo da enxada, durante 12 horas; 10 tostões para comer, vestir-se e claro criar os filhos. Qual pode ser a alimentação desses homens, dessas mulheres, dessas crianças? [...] Nas fábricas as mulheres se acham expostas a toda sorte de envenenamentos [...] Doentes sem dinheiro, recorrem ás mezinhas, aos curandeiros, ao espiritismo explorador, aos hospitais infeccionados, porque o médico é burguês e exige sempre o pagamento da consulta ou a compra do remédio na farmácia preferida [...].(*A Vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº 1, 30-11-1914, p.7, grifos nossos).

Com esse procedimento Oiticica quer explicar aos seus leitores que:

A-) as condições aviltadas do trabalho feminino afetavam as gerações seguintes, pois "[...] o desperdício das energias físicas femininas [estendiam-se] nos seus estragos irreparáveis, às gerações futuras, por que a hereditariedade não perdoa".

B-) a mulher precisava ser emancipada para poder oferecer aos filhos uma educação libertária, só se assim ocorresse, seria possível criar a humanidade nova, para a construção da

sociedade nova, por meio da revolução social e a partir da ação direta, das ações espontâneas.

C-) a emancipação intelectual ofereceria-lhes condições para que a mulher pudesse se defender dos perigos dos fanatismos.

Em seu ensaio Oiticica reprovava a hierarquia entre "os dirigentes" (que tudo possuem e nada produzem) e a "massa de produtores" (que tudo produzem e quase nada possuem). Com todo o poder dos dirigentes, aos trabalhadores era oferecida uma educação repleta de preconceitos, ainda assim à minoria, pois grandes contingentes da população permaneciam analfabetos, ou seja, a "base" da sociedade. A educação fica a cargo dos "dirigidos ambíguos" daqueles que "se dizem como os mais instruídos", por exemplo, os funcionários públicos, professores, sacerdotes, os jornalistas, etc. De acordo com ele, melhor dizendo:

> A comunicação dos dirigentes com os dirigidos se faz por intermédio de camadas ambíguas, isto é, indivíduos dirigentes e dirigidos ao mesmo tempo. No topo se acham os que se dizem mais instruídos, médicos, engenheiros, advogados, capitalistas, diplomatas, padres, generais; na base a multidão analfabeta. A educação dessa massa se faz pelos dirigentes através dos ambíguos, quer dizer dos funcionários públicos que se encarregam de ministrar aos trabalhadores as idéias, ou antes, os preconceitos favoráveis á supremacia deles dirigentes. Esses preconceitos são o freio com que se contem a besta. As leis, a polícia, o exército e a armada são a espora e o chicote com que se domam os ímpetos de revolta. [...].(*A Vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº 2, 30-11-1914, p.7, grifos nossos).

O antídoto a essa educação de preconceitos que "doma a rebeldia", argumenta Oiticica, são as greves, estas representam "o abrir de olhos da massa trabalhadora". Com as greves os trabalhadores podem se opor à "organização parasitária" e combater a "educação cívica, a educação clerical e a não educação", que são as produtoras da massa de ignorantes, defendia Oiticica.

Outro tema tratado em seu ensaio, "O desperdício da energia feminina", era sobre a idéia do livre trabalho, um tema que foi título de uma de suas conferências em 1914. A abordagem do tema é feita por Oiticica em forma do diálogo com o seu leitor. Essa estratégia, com variações aparecem utilizadas pelo professor em outros de seus materiais pedagógicos. Pode-se dizer que com essa estratégia o professor Oiticica pretendia provocar a reflexão, um procedimento do "método socrático", cujo objetivo era interagir com o seu leitor para que ele se voltasse ao próprio pensamento, mas com variação, pois a conclusão neste caso que se segue foi apresentada pelo mestre:

> Permite a sociedade atual [o] desenvolvimento livre das aptidões? Não. Faça cada qual o exame de sua vida e pergunte a si mesmo: pude eu cultivar devidamente as minhas aptidões? Posso responder por mim e por todos: Não. Por que não? Por que não sendo a formação intelectual livre, nem livre a vontade, livres não podem ser os atos e muito menos livre a escolha do trabalho. A ação individual é comprimida por todos os lados.

> O operário em geral segue a profissão do pai, ou a profissão do primeiro mestre a quem serve de aprendiz, ao acaso da necessidade, conforme os apertos da fome. [...].(*A Vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº 3, 31-01-1915, p.4).

A idéia da "formação intelectual livre" é recorrente nos escritos de José Oiticica e lembra a sua explanação sobre a sistematização de seu método de ensino usado no Colégio Latino-Americano e defendido como adequado para o ensino de português na escola, tal como foi comentado no primeiro capítulo a propósito de sua conferência radiofônica de 1948. Na passagem recortada de seu ensaio para a revista *A Vida*, a formação intelectual livre é a condição imprescindível para as escolhas livres. Esta afirmação é precedida no artigo de uma importante condicionante: a necessidade de estar fora da sociedade capitalista que tira de todos a possibilidade de efetivar escolhas.

Oiticica faz referências, na seqüência de seu ensaio, às escolas profissionais, às escolas técnicas, aos liceus de artes e ofícios, como as poucas iniciativas tomadas pelo poder não em prol das aptidões, mas assevera que a intenção de tais instituições visavam atender às necessidades da indústria moderna, ou seja, são meros interesses dos capitalistas, não se tratando de ações voltadas à "formação do homem livre".

### 3.4.2 A mulher: companheira livre do homem livre

A Igreja, com os seus rituais, com os seus ensinamentos, atrapalhava a emancipação feminina e representava um perigo que deveria ser afastado. A principal razão apresentada por Oiticica na explicação sobre a eficácia da Igreja no roubo das consciências era a ignorância intelectual da mulher, da massa analfabeta, e daqueles vitimados pela educação cívica e a clerical. Assim, defendia Oiticica a importância de que todas as mulheres recebessem formação baseada na psicologia, fisiologia e todas as ciências correlatas e afirma que ninguém deveria ser mais enciclopédico do que a mãe de família e, portanto, do que a mulher. Todas as mulheres deveriam ser pedagoga para estar aptas a formar a consciência livre, pois este era o papel que deveria ter o pedagogo libertário, ao menos na concepção de Oiticica.

Contra a dominação da Igreja Católica sobre as consciências, Oiticica propunha a energia moral pela "vontade livre", que era o antônimo da autoridade/dominação religiosa. Portanto, todas as formas de autoridade deveriam ser combatidas em favor dessa "vontade livre" que possibilitava as escolhas livres e convidava a mulher para a sociedade de homens

solidários:

> Há na humanidade, uma corrente surda de opinião revoltada. Revoltada contra as iniqüidades tradicionais, econômicas, políticas, religiosas, esse amontoado de preconceitos e crendices, esse domínio da fé e do canhão, esse regime de exploração do fraco pelo forte, da minoria parasita sobre a maioria produtora. **Esse movimento tem por programa instituir na terra uma sociedade de homens solidários em substituição á nossa sociedade de homens lobos** [...].(*A Vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº 5 31-03-1915, p.18, grifos nossos).

Oiticica finaliza o seu artigo sobre o desperdício da energia feminina dimensionando o lugar que a mulher deveria ocupar na luta pela sociedade solidária, mostrando que o programa se alimentava da rebeldia e apresentava propostas a serem encaminhadas por todos, a mulher livre ao lado do homem livre:

> Nesse programa entra a mulher como ser autônomo, companheira livre do homem livre, cooperadora consciente de maximização da energia humana, guiada pela mesma ciência, pelos mesmos direitos, isenta da religião, da miséria, da falsa moral de castidade, do autoritarismo da moda, do casamento e da prostituição. Que resta fazer a mulher? Entrar no movimento. O primeiro passo nesse rumo é abandonar a Igreja, libertar a razão, começar a emancipação intelectual. Conseguido isso o espírito está aberto a compreender o problema social de luta para a consecução dessa humanidade futura, consecução que é o sonho mais fecundo, a mais bela utopia, a concepção mais alentadora que já formulou no mundo: a ANARQUIA. [...].(*A Vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº 5, 31-03-1915, p.18, grifos nossos).

Com o convite à anarquia, Oiticica encerrou o seu artigo. Na mesma revista outro artigo, intitulado "O catecismo anarquista", ocupou alguns números e, embora não assinalado pelo estilo de escrita, parece ter sido de autoria de José Oiticica, embora não assinado por ele.

Após o encerramento das publicações de *A Vida*, em 31 de maio de 1915, o professor Oiticica continuou a colaborar nos jornais *A Voz do Trabalhador*, *A Lanterna*, *O Debate* fundado este em 1917, por Astrojildo Pereira e Adolpho Porto e, em 1918, passou a colaborar também com o jornal *Liberdade*, sob direção de Pedro Matera.

### 3.5 Rebeldia x repressão: as prisões do professor José Oiticica

As atividades militantes do professor Oiticica na imprensa libertária, nas conferências anticlericais de livre pensamento, proferidas quase que semanalmente nas associações, ligas, sindicatos, fizeram parte do conjunto das ações de resistência das classes trabalhadoras do Rio de Janeiro e, também, de São Paulo. Por essa razão, faz-se necessário abrir um breve parêntese apresentando alguns elementos do ambiente no qual que Oiticica estava inserido como ator na cena política do período. O objetivo reside apenas em contextualizar a sua primeira prisão.

São Paulo e Rio de Janeiro foram palco de grandes greves operárias[122]. As greves classificadas mais importantes do ponto de vista da adesão e da organização foram as de 1913, 1917 e 1919, que conseguiram mobilizar a maior parte dos trabalhadores de Rio de Janeiro e de São Paulo. Na greve de 1926, houve adesão total dos gráficos paulistas, e na de 1928 de todos os operários têxteis do Rio de Janeiro.[123]

Essas movimentações de resistência, conseqüências do conflito capital x trabalho, se manifestavam orquestradas por diversos grupos, associações, confederações e outros grupos de orientação operária[124], os quais empreendiam por meio da imprensa anarquista uma batalha contra o Estado, a Igreja e a Burguesia.

A insuficiência de direitos trabalhistas permitia a dispensa do trabalhador sem qualquer tipo de indenização. Tanto a contratação como a dispensa do operário eram feitas sem quaisquer registros. Além disso, a instabilidade gerada pelas dispensas nas crises no setor fabril propiciava aos patrões o pagamento de salários ainda menores e o desemprego. Entre o Estado oligárquico e os empresários havia total conivência com relação a essa realidade. Munakata (1981, p.14) chamou atenção para o texto constitucional de 1891 que: "[...] era um instrumento teórico institucional perfeitamente adequado à dominação burguesa: garantia o domínio absoluto do patrão dentro da empresa [...] e assegurava a intervenção policial quando esse domínio fosse perturbado pelas agitações operárias".

As poucas leis de trabalho eram confusas e poucos direitos eram assegurados aos enfermos ou para as famílias que perdiam um de seus integrantes em acidentes de trabalho. A

---

[122] Hardman e Leonardi (1991, p.332), no livro *História do trabalho e da indústria no Brasil*, reuniram dados do levantamento do historiador Edgar Rodrigues, em *Nacionalismo e cultura social* sobre as greves operárias realizadas no Brasil: entre 1900-1910 = 111 greves, e entre 1910-1920 = 258, um levantamento excluiu o período de 1917-1918; e os resultados da pesquisa de Boris Fausto, em *Trabalho urbano e conflito social*, no período entre 1917 e 1920 = 200 greves. Esses registros foram feitos a partir do exame de documentação esparsa e por isso apresentam informações imprecisas, principalmente quanto ao número de grevista, tal como os autores esclarecem na nota número 210 da p. 379. No entanto, é pertinente lembrar que os dados disponibilizados evidenciam alto grau de resistência da incipiente classe trabalhadora do período.

[123] Cf. Pinheiro e Hall (1979)

[124] O historiador Edgard Rodrigues (1972), como lembram Hardman e Leonardi (1991, p.332-333), relacionou para o período anterior a 1922 a criação pela classe operária de 99 uniões operárias, 4 alianças operárias, 70 cooperativas e associações de auxílio mútuo, 29 grupos anarquistas específicos, 59 ligas operárias, 40 associações e sociedades operárias, 13 clubes, círculos e movimentos operários, 16 bibliotecas, 21 grupos de teatro social, 26 escolas livres, 40 sindicatos; além da realização de 110 conferências de cunho social e a formação de 26 Federações Regionais Operárias e da Confederação Operária Brasileira (COB, de âmbito nacional, criada em 1908, sob a égide direta dos anarcosindicalistas). Sobre outras atividades de propaganda social, Edgar Rodrigues (1972, p.446- 451) registrou a ocorrência de 33 festivais operários de solidariedade a jornais, escolas e pró-presos e deportados, além de informar sobre as seguintes manifestações públicas: 22 passeatas, 119 comícios e protestos públicos, 27 assembléias e 80 comemorações (incluindo as de Primeiro de Maio). Com este levantamento de Edgar Rodrigues, os autores chamam a atenção para as formas pelas quais as classes trabalhadoras fizeram enfrentamentos ao Estado Oligárquico republicano e apresentam do levantamento de Rodrigues (1972, 451-2) as marcas dessa resistência: 50 repressões e fechamento de organizações operárias, 14 mortes de trabalhadores, 657 prisões em razão de greves, 31 deportações e 128 expulsões do território nacional.

legislação trabalhista anterior à “Revolução de 1930” levantada por algumas pesquisas mostram que essas leis eram esparsas e visavam estabelecer a amplitude das manifestações operárias e registrar as associações de trabalhadores[125].

A repressão às manifestações operárias era de extrema violência durante toda a República Velha. Seguia-se a prática estabelecida e caracterizada pela afirmação de Washington Luís: “A questão social é um caso de polícia”. Os agentes da polícia e os soldados da Força Pública uniam-se aos capangas contratados pelos donos das fábricas para reprimir as manifestações, promovendo espancamentos, assassinatos de trabalhadores, perseguiam os líderes trabalhistas.

Quando os militantes do movimento operário eram imigrantes, a ameaça de expulsão do país era uma constante, e, a partir de 1907, quando foi criada a Lei Adolfo Gordo[126], todos aqueles que estivessem sob suspeita e acusação de atentar contra a segurança nacional poderiam ser expulsos do país. O objetivo era impedir a participação de operários estrangeiros nas diretorias sindicais. A lei atingia todos os não-naturalizados que estivessem no Brasil a menos de cinco anos, e coagia especialmente este segmento da militância operária que vivia sob a constante ameaça da deportação.

A imprensa libertária dava cobertura às iniciativas operárias de rebeldia nesse cenário, funcionando como um dispositivo organizador de ações. A orientação sindical teve, segundo Boris Fausto (1981, p.174), entre os anos 1917 – 1920, o apogeu e a falência do anarquismo e justifica essa “falência” como “incapacidade de assumir um verdadeiro papel dirigente”.

Francisco Hardman (1989, p. 320) considera também que esse foi um período em que a corrente anarcossindicalista esteve à frente como força revolucionária das greves gerais que eclodiram no período, e argumenta, em sua avaliação sociológica, que, nas poucas conquistas atingidas pelos trabalhadores, pesou a recusa dos anarquistas em organizar a classe em um partido e na superestimação do papel do sindicato e da luta econômica, além da exaltação de formas espontâneas de lutas voluntaristas e individualistas.

Sheldon Maran (1979, p.89) responsabilizou o voluntarismo dos trabalhadores nas manifestações como um dos motivos “geradores da fraqueza do movimento”. A espontaneidade das formas de organização trabalhadora foi tomada como negatividade. Azevedo (2002, p.42), reportando-se a E. P. Thompson, lembra de seu questionamento sobre “o reducionismo econômico inerente às análises dos motins do século XVIII, quando não se

---

[125] Dentre as pesquisas que trataram do tema da legislação anterior a 1930, destacam-se os trabalhos de GOMES, Ângela Maria de Castro(1979), *Burguesia e trabalho política e legislação social no Brasil 1917-1937*; MUNAKATA, Kazumi (1981) *A legislação trabalhista no Brasil.*

[126] Decreto nº 1.641, de 07 de janeiro de 1907.

leva em conta, diante das motivações de fome e miséria, a mediação exercida pelo costume, pela cultura e pela razão de uma comunidade".

Essa perspectiva da cultura operária é um ponto interessante para a compreensão da forma pela qual José Oiticica atuou e escreveu sobre o quadro no qual estava inserido como participante das reuniões da Federação Operária: assistindo ao seu fechamento, reagindo ao entusiasmo provocado pela suposta possibilidade da Revolução Social que reverberava em razão da Revolução Russa. Essas considerações foram apresentadas para situar o grau de efervescência do movimento operária e a inserção de Oiticica, encerrando o parêntese e dando seqüência à narrativa sobre a sua prisão em 1918.

José Oiticica freqüentava as reuniões da Federação operária. Reagiu ao seu fechamento, em 1916, e acompanhava com entusiasmo as atividades da União Geral dos Trabalhadores em 1918, participava dos debates que encaminhavam o movimento operário, freqüentando as reuniões sindicais. Tal posicionamento chamou a atenção dos órgãos repressores, pois a sua colaboração no *Correio da Manhã* e nos jornais libertários, alguns clandestinos como o *Liberdade,* dirigido por Pedro Matera, era marcada por sua postura combativa e favorável ao sindicalismo operário. Reagiu, combatendo pela palavra os episódios das prisões do editor de *Liberdade*, e também as prisões de Maximino de Macedo, Primitivo Soares, José Gaiazzi, todos pares militantes libertários da imprensa ácrata.[127]

Além disso, a partir de seu ingresso como Catedrático de Português do Colégio Pedro II, em 1917, quando tomou posse do cargo, a sua participação na imprensa libertária passou a chamar maior atenção ainda, por parte da polícia. Aí. Seu posicionamento destoava completamente do comportamento do quadro de intelectuais docentes daquela instituição. Nenhum outro professor dessa instituição, considerada o modelo da educação secundária brasileira, a não ser Oiticica era participante do debate educacional libertário. Portanto, a conjunção dessas atividades intelectuais era incomum, sendo, dessa forma, alvo de atenções, principalmente quando se manifestava o viés sindical de sua militância.

Os artigos jornalísticos de José Oiticica começaram a ser recusados no jornal *Correio da* Manhã, em razão da censura policial. As prisões dos seus companheiros, todos participantes da imprensa anarquista, em 1916, o fechamento da Federação Operária e a sua reabertura em 1917, provocaram Oiticica a publicar um artigo, no jornal *A Rua*, antes recusado pelo *Correio da Manhã*, em que defendia a Federação Operária e protestava contra a

[127] Essas informações foram recolhidas em *Carta aberta a Aurelino Leal: em defesa da Federação Operária,* que foi publicada em 19-04-1918 no jornal *A Rua* e que consta da antologia com os artigos de José Oiticica coligidos por Roberto das Neves (1970, p.52-57).

perseguição aos anarquistas. Esse artigo intitulado, *Carta aberta ao Chefe de Polícia Dr. Aurelino Leal – em defesa da Federação Operária* foi escrito dois meses após a *Carta aberta a Rui Barbosa*[128], mencionada no primeiro capítulo desta pesquisa. Oiticica reagia à censura dos seus artigos pelo chefe Aurelino Leal e apresenta os seguintes argumentos sobre a Federação Operária Brasileira:

> Diz V. Exª, que "a Federação Operária é um antro de anarquistas e velhacoito ostensivo e audacioso da vasa internacional atirada as nossas praias, aqui vivendo em perene abuso da nossa índole hospitaleira e da liberdade das nossas leis" ano passado. Quem lê isso põe as mãos a orar, agradecendo ao Ser Supremo a dadivosa prenda feita à praia dos Tupiniquins. [...]. **V. Exª denuncia e ataca os anarquistas do Brasil, um ladrão, um incendiário, um desordeiro, um adulador, um vagabundo, um mendigo, um delator, um vigarista... Desafio! E desafio porque tenho certeza, e os fatos o têm provado, de que se algum trabalhador tido por anarquista cair na malandragem ou se apegar a bajulação eleitoral, será literalmente arredado dos meios libertários.** Para moralizar este Brasil querido e maltratado V. Exª devia fazer o que não tem feito. Para me servir da expressão de V**. Exª, lembrarei que, se há uma vasa internacional de proletários, há outra vasa internacional burguesa.** E se é justo perseguir os maus elementos do andar térreo, a justiça impõe creolina policial no sexto andar, onde proliferam a sol vivo, canalhas de primeira**.**[...] **A Federação Operária era uma agremiação frágil, hesitante, com cinco mil sócios**, mais ou menos entre as sociedades componentes.V. Exª diz que nessa Federação se pregou a dissolução da família. Posso asseverar a V. Exª que isso é absolutamente falso, pois o anarquismo não prega semelhante cousa. Os anarquista são também pais, têm muitos deles, numerosa prole. Não podiam por isso, pregar a dissolução da família. O que eles acham e eu também acho, e que para amar a companheira e os filhos, não há mister de benzedura do batismo ou aquela comédia com que o Código Civil meio anarquista nesse ponto, acabou serenamente.[...] O ato arbitrário de **V. Exª fechando-a, foi o laço forte para a união dos trabalhadores.** [...] Posso informar que **a atual União Geral dos Trabalhadores é a mesma antiga Federal Operária com os antigos elementos e outros muito novos. Os cinco mil trabalhadores de ontem, graças a V. Exª , são hoje trinta mil solidamente arregimentados.** [...] Eu porém, interessado nos problemas sociais do mundo, desejo intimamente que **V. Exª leve avante uma perseguição tenaz contra a União Geral dos Trabalhadores. Peço, imploro, rogo a V. Exª este serviço extraordinário [...] V. Exª elevara o número a cem mil. Cem mil aqui, outros cem mil em São Paulo!Que beleza!** (OITICICA, *A Rua*, 19-04-1918, p.1, *apud* NEVES, 1970, p.52-57, grifos nossos).

O tom desafiante de Oiticica não deixa dúvidas sobre a sua inserção nas questões relativas à cena do movimento operário no período. Dessa participação e das ações que envolveram a insurreição anarquista de novembro de 1918 decorreu a sua primeira prisão, que abriu uma série de outras prisões. O relato que se segue embora sucinto, tem o objetivo de reconstituir, por meio de excertos da correspondência trocada entre Oiticica e familiares, a situação a que esteve sujeito nesses episódios. Os seus encarceramentos aparecem registrados na documentação do Arquivo do Estado do Rio de Janeiro, especificamente no prontuário

[128] A *Carta aberta ao Sr. Dr. Rui Barbosa* faz parte da antologia dos artigos jornalísticos *Ação Direta* organizada por Roberto das Neves (1970, p.46-52).

9897: “[...] em 18 de novembro de 1918 José Oiticica foi preso como envolvido num movimento anárquico e recolhido ao quartel da brigada policial. Posteriormente foi posto em liberdade”.

### 3.5.1 Fim do exílio em 1919

Como mencionado no primeiro capítulo, na prisão de 18 de novembro de 1918, José Oiticica foi deportado para o *Engenho Riachão.* Rodrigues (1972, p.229) destacou do jornal uma nota sobre as manifestações dos alunos do Colégio Pedro II e da Escola de Medicina em prol da libertação do professor José Oiticica. Em maio de 1919, Oiticica foi posto em liberdade. Sobre a sua libertação, Rodrigues (1972, p.233) destacou uma notícia do jornal *A Rua* de 02 de maio de 1919, sobre o seu desembarque no Rio de Janeiro:

> Está no Rio o Dr. José Oiticica. Veio no “Itatinga” e o Dr.Aurelino Leal deixou-o desembarcar. Um agente da polícia marítima, quando hoje, ao fundear no porto o paquete Itatinga, da Costeira, vindo de Macau e escalas se constatou a presença do Dr. José Oiticica, sentado no convés, conversando com o seu filho. Retido por algum tempo, foi autorizado o seu desembarque, pelo Dr. Aurelino Leal. Assediado pelos repórteres e pelos curiosos que queriam saber das bombas, o Dr. Oiticica declara: isso é mais uma das invenções do Sr. Aurelino Leal (*A Rua*, 02-05-1919, *apud* RODRIGUES,1972, p.233).

O encalço da polícia obrigou Oiticica em dezembro de 1919 a hospedar-se na casa de amigos em Minas Gerais, como podemos ver acompanhando uma das cartas enviadas à sua esposa Francisca (Zinha), em que ele compartilha o seu itinerário de viagem e o seu encontro com Maria Lacerda de Moura.

Nessa carta, datada em 22 de dezembro de 1919, a sua anfitriã ficou sabendo sobre a realidade a que estava sujeita a sua família. Na carta relata que estava disposto a voltar ao *Riachão* com a família:

> Barbacena, 22.12.1919.
>
> Zinha
>
> Escrevo-te da casa de Maria Lacerda de Moura. Não te assustes, nem te zangues. É uma senhora distintíssima, corretíssima e diametralmente o oposto do que se poderia esperar pelo estilo. É muito circunspeta, sisuda, de poucas palavras, bonita, mas estrábica. O marido é um rapaz muito distinto e amável. Hás de supor que parei aqui para fazer esta visita, mas enganas-te. Fui forçado a isto por vários motivos, entre eles a necessidade de dormir, porque não consegui no trem. Cheguei a Entre Rios as 08 e 20, jantei por 2#500 num frege, lá chamado hotel, mas o jantar foi ótimo. Tomei o noturno do Rio às 11.50 da noite e pelo horário calculei que não poderia alcançar Curvelo se não à tarde eu ainda poderei ser reconhecido. Seguirei hoje mesmo a General Carneiro (suponho que este é o nome). Ali pernoitarei e tomarei o trem amanhã para Pirapora. Há navegação regular e diária no São Francisco[...] Dona Maria ficou com os olhos cheio d’água e com muita pena de ti. Disse que talvez siga quarta-feira para o Rio, a passeio, e irá imediatamente procurar-te. Hás de gostar dela, tenho certeza. Calculo quanto hás de ter chorado. Coitadinha! Sofrendo por minha culpa!

> Mas fica certa que este sofrimento ainda mais aumentará o nosso grande amor! E os nossos filhinhos? Beija a todos muito e muito. Diga-lhes que o papai não se esquece deles um momento. Recomendo especialmente a José que seja, neste passo, um homem, evitando, sobretudo dar-te algum desgosto, por menor que seja. Lembra as duas maiores que te devem ajudar muito e evitar igualmente a aborrecer-te mais. Procura liquidar tudo aí o mais breve possível e embarcar o quanto antes. Pensarei sempre em ti. Como sei que pensas continuamente em mim. Adeus meu amor! Perdoa os grandes sofrimentos que te causo sim? Um dia havemos de ter saudade deles. Não crês. Beijo-te muito e muito e aos filhinhos. Lembranças aos bons e incomparáveis amigos. Mais um beijo do teu Cajusa. (RODRIGUES, 1993 a., p.103-6).

Mas a decisão de retornar ao *Riachão* não estava firmemente resolvida por Oiticica. Ele vivia um impasse, uma vez que outras duas possibilidades pareciam vislumbrar em seus pensamentos: recomeçar a vida no Rio de Janeiro, na situação dura da perseguição da polícia; ou, então, se deixar prender.

A primeira possibilidade implicava recomeçar a vida, o que eram bem difícil. No cárcere, apesar de penosa a situação, os seus filhos continuariam a estudar no Rio de Janeiro, e ele teria melhores chances de publicar lições (como ele denominava as publicações didáticas) uma atividade cuja remuneração era importante para o sustento de sua família. Retornar ao exílio significava prejudicar a educação dos filhos e distanciar-se da militância no *Spartacus*.

Esse impasse é compartilhado pelo casal, na manhã seguinte quando Oiticica, ainda na casa de Maria Lacerda de Moura, enviou outra carta à dona Francisca deixando em suspense a sua decisão sobre o projeto de retorno ao *Riachão*. A transcrição de um trecho desta carta deixa ver a sua angústia por esse impasse:

> Zinha aqui estou desde hontem.
>
> Compreendes que não me devo aventurar a uma longa e dispendiosa viagem sem segurança de resultados. Ademais, tenho pensado muito no caso e estou quase convencido de que o melhor seria mesmo voltar para o Rio e deixar-me prender. Tive ímpeto várias vezes de voltar, mas percebi que eram as saudades de ti e dos filhinhos e prossigo a todo transe. Todavia não me devo arriscar numa travessia longa e caso sinta dificuldades voltarei e aguardarei em qualquer lugar notícias seguras d'aí. A prisão embora me fosse penosa, seria mais fácil de suportar, pois me poderias visitar e eu trabalharia ativamente em livros para manter a família, ou mesmo em lições se me permitissem. Acho muito ou tão penosa a reclusão num engenho, além de que iria prejudicar enormemente a educação dos filhos. No Rio não podendo morar numa casa de 300#00 moraríamos em casa de 150#00 e iríamos atamancando de qualquer jeito. Começar a vida nova é que é duro. Demais eu aí seria possível talvez se conseguir anistia para o ano, desde que o processo é uma indignidade. Em todo caso suspende a desarrumação da casa e espera a decisão final. No mais, beija muito os filhinhos e recebe o coração muito e muito saudoso do teu marido. (RODRIGUES, 1993b, p.137).

José Oiticica decidiu ficar no Rio de Janeiro. Ele conseguiu anistia e pôde voltar para

as suas atividades no Colégio Pedro II, na Escola Dramática do Rio de Janeiro e dar seqüência ao trabalho no jornal *Spartacus*.

Foi nessa fase que José Oiticica estreitou laços com Maria Lacerda de Moura, com quem nutriu correspondência principalmente nas questões relativas ao anticlericalismo, às atividades com a educação e como simpatizante pelas idéias sobre a libertação da mulher. Oiticica foi colaborador da formação de Maria Lacerda[129], em idéias e ações libertárias compartilhadas ao longo de três décadas, além de freqüentarem a Fraternidade Rosa Cruz, unindo suas filosofias espiritualistas com as idéias e a perspectiva libertária.

Ela relata em sua autobiografia que para a sua formação libertária, sua aproximação com Oiticica foi um “alto salto de sua evolução” e diz:

> Já havia publicado “Em torno da Educação” (que horror! livro patriótico, exaltado, burguesíssimo, cheio de preconceitos e dogmatismos. Não o reconheço mais. Foi muito bem recebido pela crítica (pudera!). José Oiticica viu nele algo que lhe interessava sob o ponto de vista de uma futura rebelde. Conheci-o através de larga correspondência. Veio para mim com as mãos cheias de literatura revolucionária. Sorvi tudo aquilo e muito mais e dei um salto em minha evolução. A família alarmou-se. Novas lutas. Perdi o dogmatismo religioso espírita. Já era anticlerical [...] (MOURA, Maria Lacerda de, *apud* LEITE, 2005, p.40).

### 3.5.2 A prisão em 1924

O ano de 1921 foi marcado por intensa coibição ao anarquismo.[130] Sucederam-se uma fase de forte repressão, violências, degredos e deportações que imprimiram dificuldades para a consecução das atividades de José Oiticica e de outros militantes. Esse quadro de acirramento das perseguições agravadas pela criação do Departamento de Ordem Política e Social – DOPS, em São Paulo, aprimorou a vigilância sobre as manifestações relacionadas ao universo operário, avivada pelo episódio da segunda revolta tenentista em 1924.

---

[129] Miriam Lifchitz Moreira Leite (2005), na antologia *Maria Lacerda de Moura: uma feminista utópica*, mostra em sua seleção dos textos desta militante, os interesses de estudos, os escritos sobre a condição feminina, reconstituindo o percurso dessa intelectual com a sua própria voz. Antes, essa pesquisadora nos apresenta uma cronologia com registros biográficos legitimamente encadeados, em conformidade à sua imersão em pesquisa anterior sobre essa educadora. Em seguida, por meio da autobiografia de Maria Lacerda, apresenta a sua compilação de excertos de sua personagem. O seu objetivo foi dar a conhecer as concepções, escolhas que marcaram a sua presença na imprensa libertária, com ênfase na questão feminina. No itinerário de formação dessa feminista, Leite (2005, p.16-18) afirma que o seu pai era um livre pensador e espírita, era membro da maçonaria em Barbacena. Ela estudou desde cedo filosofia e logo percebeu que os meios de intervir na sociedade proviriam da pedagogia e da liberdade. O seu pioneirismo foi na área de estudos sobre a condição feminina.

[130] Lei de Repressão ao Anarquismo de 17 de Janeiro de 1921Decreto nº 4.269, de 17 de janeiro de 1921.

De 1923 a 1926, Arthur Bernardes, governando o tempo todo em estado de sítio, fechou as associações operárias, Centros de Cultura Social e a imprensa anarquista. Deportou para o campo de concentração no Oiapoque, na Clevelândia, os mais destacados idealistas, e os que não conseguiram fugir, morreram (RODRIGUES, 1992, p.72).

Nesse quadro de ocorrências é que se deu a segunda prisão de José Oiticica, que aparece registrada no prontuário 9897: em 11 de setembro de 1924, foi “desterrado para Ilha Rasa, removido no dia 26 de março de 1925 para a Ilha das Flores; em 26 de maio de 1925 “defendeu o ‘*hábeas corpus*’ que impetrou junto ao Supremo Tribunal Federal, onde declarou sua qualidade de anarquista fazendo sua profissão de fé. Posteriormente foi posto em liberdade”.

Na prisão a troca de correspondência entre José Oiticica e dona Francisca Bulhões serve para reconstituir a difícil fase vivida e mostra o ambiente de produção de duas de suas obras: *A doutrina anarquista ao alcance de todos* e *Manual de estilo.* O professor Oiticica avisa sua esposa sobre a sua prisão e solicita alguns livros:

> “Zinha”
>
> **Fui preso ao sair do Colégio Pedro II, sem saber dos motivos da prisão. Só depois tive notícia da revolução em São Paulo**. Estou na Casa de Correção, onde sou muito bem tratado. Não tenhas cuidado. Mande-me roupa e juntamente as gramáticas que estão na saleta contígua à sala de visitas com os papéis do artigo que estou escrevendo. Não é preciso mandar o que está impresso e colado nas folhas de papel. Embrulha tudo, juntamente com os Protocolos dos sábios de Sion que está na mesa de cabeceira e a *Miragem* de Coelho Netto, que deve estar em cima da conversadeira. **Manda avisar a Miss Southvel, explicando-lhe minha falta hoje à aula. Ela é inglesa e exige essas atenções**.
>
> No mais, beijos muitos saudosos a ti e aos filhos.
>
> Não sei até quando.
>
> “Cajusa”
>
> (RODRIGUES, 1993 a, p. 60, grifos nossos).

Neste bilhete, o professor José Oiticica solicitou a Zinha livros para leitura na prisão, que, forçado a ficar longe do trabalho, dedicava-se à leitura e à escrita de livros. Além dos livros, pediu que justificasse a Miss Southvel sua ausência no Colégio Pedro II. De acordo com relatos de sua filha Sônia Oiticica, o pai só se ausentava das aulas do Colégio Pedro II quando estava preso.

Quando era possível, Oiticica solicitava outros livros, como neste trecho de outro bilhete: “Zinha traze-me hoje o 1º volume das obras de Bakounine, que esta na estante do ex-quarto de Costa Leite, junto a porta contígua ao piano, na prateleira de cima [...] vão os

volume do Fagundes Varella. Guarda-os"(RODRIGUES, 1993 b, p. 136). A atenção em suas leituras ganham sentido por estar relacionada às produções de *A doutrina anarquista ao alcance de todos* e do *Manual de estilo*, quase que integralmente elaborados na prisão. Como primeiro livro em que Oiticica apresenta a sua cartilha do anarquismo, tem do começo ao fim a inspiração nas proposições de Mikhail Bakunin.

Nessa fase da prisão, José Oiticica teve os seus vencimentos cortados e a sua família amargou dificuldades financeiras. Os trechos transcritos dessas cartas[131] mostram como ele e a sua família atravessaram tal período:

> Cajusa: não há conforto nenhum que me tente. Se por qualquer circunstância tiveres que ficar preso por muitos mais meses, eu saberei me arranjar mesmo por aqui desde que me deixem só com os nossos filhos em nossa casa. Me conheces bastante e sabes do que sou capaz de fazer por ti. Agora quem te dá coragem sou eu. Não desanima, tem fé e confie sempre na tua companheira de tantos anos. Farei tudo para ter seguro o aluguel da casa e o mais se arranjará. (Zinha, 3-8-1924). (RODRIGUES, 1993 a, p.60).

Em carta enviada por seu pai, em 1925, na Ilha Rasa, mostra como o senador Oiticica foi um de seus interlocutores nas questões relativas à política econômica do país. Compartilha sobre as suas colaborações para o jornal Gazeta da Bahia. Dessa carta, um trecho transcrito a seguir, deixa ver que pai e filho compartilhavam suas produções para o jornalismo. Essa interlocução acontece com Oiticica aos 43 anos:

> [...] Tenho continuado a escrever para a *Gazeta da Bahia* que, em todos os números publica um artigo meu, alguns de primeira página. Tenho encarado a situação financeira tal como ela se desenha e nos últimos artigos ataquei o imposto de renda, como foi decretado. Acredito que os artigos têm sido muito bem recebidos porque até de São Paulo recebi um cartão de felicitações de muitos membros da Associação Comercial pelo brilhante artigo de 06 de janeiro. De São Paulo, igualmente recebi um volumoso livro de anarchia, montaria e suas conseqüências com uma dedicatória honrosa do autor o S. Carlos Inglês de Souza. É a história da moeda no Brasil [...] do tempo da metrópole é um verdadeiro libello accusatório contra o curso forçado, demonstrando a ruína que ele trouxe ao país e crescente por muitos annos. O livro está perfeitamente de accordo com as muitas opiniões, já o citado e comecei a escrever um artigo comentando-o para a Gazeta da Bahia. [...].
>
> Muitas benções lhe mando, como todos os seus.
>
> Abraço-o.
>
> Pai amigo
>
> Leite e Oiticica
>
> (OITICICA, Francisco Leite, 22-03-1925, *apud* RODRIGUES, 1993 a, p. 109-110).

[131] As cartas de prisão foram doadas por Sônia Oiticica a Edgar Rodrigues, que as publicou em seus livros: em Rodrigues (1993 a) *Os libertários*; e Rodrigues (1993b) *Entre ditaduras: 1948-1962* . Algumas delas continham mensagens com suco de limão ou urina nas entrelinhas.

Mais tarde, em abril de 1946, com a repressão policial amenizada, o seu jornal *Ação Direta* voltou a circular no Rio de Janeiro, e esteve sob a sua direção, em quase todo o seu ciclo de existência, interrompido em 30 de junho de 1957, por ocasião de seu falecimento, mas mesmo assim ainda continuou a circular até o início da década de 1960.

### 3.5.3 A prisão em 1937

Os anos de 1927 e 1937 foram marcados pelos episódios da Lei Celerada, assinada em agosto de 1927[132]. No ano seguinte, Oiticica fundou o jornal *Ação Direta*, publicou apenas seis números, tendo a sua edição interrompida em maio de 1929, mesma ocasião da saída de Oiticica do Brasil para Alemanha, contratado para lecionar Português na Universidade de Hamburgo. Como foi mencionado no capítulo anterior, o seu contrato teria a duração de cinco anos, mas, em 1930, ele foi forçado a retornar ao Brasil.

Nos anos 1930, após seu retorno da Alemanha, José Oiticica encontrou um ambiente pouco propício para a retomada dos seus trabalhos no jornal *Ação Direta*, ainda bem próximo aos grupos de São Paulo, concentrou a sua colaboração junto ao jornal *A Plebe*[133]. Tanto Oiticica, como outros militantes anarquistas estavam sob o encalço dos "secretas", a vigilância policial que não dava trégua aos envolvidos com a imprensa anarquista, e como a sua inserção no movimento era de uma atividade constante, acabou sofrendo mais duas prisões, uma 1933 e outra em 1937[134].

> [...] em 01 de fevereiro de 1933 foi "preso quando presidia a uma reunião anarquista, a rua Teófilo Otoni, 148, 2º andar, sendo posteriormente, posto em liberdade;
>
> - em 06 de fevereiro de1933, o ofício nº 204 na 5/2 ao Sr. Ministro da Educação, comunica a prisão do prontuariado (sic), professor do Colégio Pedro II; em 14 de outubro de 1937" busca procedida na residência do prontuariado, onde foi arrecadada grande quantidade de correspondência que o mesmo mantinha com elementos anarquistas da Espanha; em 15 de outubro de 1937 "nesta data, na 5/2, prestou as declarações relativas as suas atividades e aos motivos determinantes de sua prisão;
>
> - em 18 de outubro de 1937 "foi encaminhado ao cartório afim de ser processado como incurso na lei de Segurança Nacional, sendo, logo após, com ofício nº 550-5/2 recolhido á Casa de correção, á disposição do Sr. Chefe de polícia; i-) Por ordem do Sr. Chefe de polícia, foi retirado da casa de correção, ficando preso, sob palavra, em sua residência. (PRONTUÁRIO, 9897- Arquivo do Estado do Rio de Janeiro)

---

[132] Decreto 5.221, de 12 de agosto de 1927.

[133] Essa afirmação procede da observação sobre a incidência de artigos e de conferências realizadas por José Oiticica junto ao grupo de *A Plebe*. Além disso, alguns registros que levam a mesma constatação se devem à observação de seu prontuário do DEOPS, o antigo Departamento Estadual de Ordem Política e Social (1924-1983), no prontuário 860.

[134] Em 01 de fevereiro de 1933, foi "preso quando presidia a uma reunião anarquista, a rua Teófilo Otoni, 148, 2º andar, sendo posteriormente, posto em liberdade. Em 06 de fevereiro de1933, o ofício nº 204 na 5/2 ao Sr. Ministro da Educação, comunicando a prisão do prontuariado (sic), professor do Colégio Pedro II. Em 14 de outubro de 1937 há o registro da" busca procedida na residência do prontuariado.

### 3.6 O jornal *Spartacus* e a proposta de ensino para a sociedade nova

Três meses de volta do exílio no *Riachão*, em 02 de agosto de 1919, apesar da vigilância policial, José Oiticica fundou o jornal *Spartacus* com as parcerias de Astrojildo Pereira[135], Santos Barbosa, I. d'Avila, Izauro Peixoto, Adolfo Busse, Salvador Alacid e Cruz Júnior.

O jornal *Spartacus*, lançado em 02 de agosto de1919, finalizou suas publicações em 10 de janeiro de 1920, totalizando 24 números. O primeiro exemplar desse jornal mostrava, em sua primeira página o seu principal objetivo, anunciava-se como *Spartacus: Modesto, mas irreductível, todo ele consagrará á obra imensa da revolução social dos nossos dia*s.  Apesar de a pesquisa não ter investigado sobre a sua tiragem em todo o seu ciclo de vida, o número 4, de 23 de agosto de 1919, anuncia que:

> "Spartacus"
>
> 4.000. 6.000. 8000 exemplares... Aqui estamos no 4º n. de Spártacus, com promissora tiragem de 8.000 exemplares. Isso prova que Spartacus, embora modestamente, sabe exprimir os etos de revolta e os anseios de esperança das massas proletárias. Mas há muito ainda a fazer pela difusão do jornal, camarada. Imensa é a obra que temos a realizar, e imenso necessita ser o orgam dessa obra.

(*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 4, 23-08-1919, p.1, grifos nossos)

A referência à tiragem seguida do comentário, "sabe exprimir os etos de revolta e os anseios de esperança das massas proletárias", exprime no discurso a sua publicação como ação de resistência desencadeada contra a dura repressão policial do período e também indica para quem se direcionavam as suas publicações: o proletariado, um público diferente de *A Vida*. Os "anseios de esperança" mencionados no artigo não eram somente das massas, mas exprimiam também o desejo de seus editores, recém-saídos do exílio e da prisão.

O título do jornal faz menção ao escravo Spartacus. No artigo que leva o nome do jornal, Oiticica explica as razões que levaram o grupo de editores a denominar o jornal de Spartacus, discorre sobre os registros da história de sua época e protesta sobre a semi-escuridão do personagem, declarando que com os libertários se processava o "resgate" do rebelde romano:

> SPÁRTACUS
>
> **A maior figura da história romana é SPARTACUS**. **Nossa educação aristocrática**, de opressores favorável sempre aos dominantes e aos governos constituídos, **deixa na sombra essa alma extraordinária**. **CARLYLE**, em sua

[135] Mais tarde, com a fundação do Partido Comunista do Brasil em 1922, quando são notadas divergências entre comunistas e anarquistas que se complicariam nos anos seguintes, Oiticica rompeu relações com Astrojildo Pereira, Octávio Brandão e outros.

> galeria heróica, se esqueceu do herói como revolucionário e **não viu na biografia desse revolucionário revelações do mais desabalado heroísmo**. A história parcialíssima, guardou minuciosamente os feitos do ambicioso e futílíssimo **POMPEU, deu-lhe o triunfo sobre SPARTACUS**, e deste homem registrou frases suspeitas e largos movimentos de campanha. **PLUTARCO, não nos biografa o gladiador**, fala nele biografando CRASSUS. Não importa para o símbolo, **vale muito a semi-obscuridão histórica**. Ele apaga as circunstâncias para focalizar o tipo em sua significação ideal. Tira dele o muito humano que o desagradaria e lhe infunde algo divino que sugere e nos seduz. **Seja como for SPARTACUS avulta cada vez mais na história antiga**. Esquecido sistematicamente **sua efígie começa a iluminar-se no passado, desde que entre os homens repontou a sede de justiça, o pruído da emancipação**. [...] SPARTACUS foi um clamor humano, o angustiado grito de milhões de mártires, um protesto sangrentíssimo contra os amos da República, reclamação erguida em lei, a igualdade em rebelião. [....]

(*Spartacus,* Rio de Janeiro, ano I, nº 1, 02-08-1919, p.9).

Ao reclamar sobre o apagamento do "herói revolucionário" esquecido nas biografias que lhe atribuíram o lugar da "semi-obscuridão histórica", Oiticica apresenta aos leitores a proposta do periódico S*partacus* em seu objetivo de ser a voz que não "apaga as circunstâncias", traçando um paralelo entre a vida do personagem "mal representado" e as colunas deste jornal:

> Nos gemidos dos famintos, no exterior dos soldados europeus assassinados, nos cantos da rebeldia proletária, **no ranger das penas reivindicatórias**, nas **vozes dos tribunos libertários**, no tumultuar dos **comícios** de **protestos**, em toda a parte **onde bradar uma alma constrangida** e chorarem olhos de oprimidos o espírito de SPÁRTACUS vibrará e cintilará uma faixa de sua irradiação, ele viverá com impulso de revolta, **como gênio de renovação. E ele que nos brada, nestas colunas suas**. Impregnadas de seu sangue, do seu martírio do seu exemplo **convocando os descontentes de toda a Terra para realizarem de uma vez a obra antiga da Harmonia humana**. (*Spartacus,* Rio de Janeiro, ano I, nº 1, 02-08-1919, p.9, grifos nossos).

Esse jornal acionou estratégias e táticas para a sua manutenção similares as que podem ser verificadas em outros jornais da imprensa operária. Destacavam-se a venda de assinaturas, a circulação de listas de subscrição voluntárias e uma fortalecida rede de solidariedade expressa nas propagandas de apoio aos outros periódicos libertários. Formavam uma rede de "apoio mútuo" e, constantemente, recomendavam a leitura de outros periódicos, circulavam rifas para custear a produção e a circulação das folhas libertárias, promoviam-se festas nas sessões de *propaganda social* e realizavam campanhas.

> A-)
>
> A Plebe diária
>
> Com uma tiragem sem exemplo na nossa imprensa super burguesa á de muitos jornalistas burgueses, e largamente difundida por todo o Brasil, *A Plebe* constitue hoje um exemplo valiosíssimo, é indispensável obra de transformação social que também nesta parte do mundo vai se realizando. Mas essa obra avulta e intensifica-se cada dia,

e o semanário, por vulto que se faça se torna insuficiente. A necessidade reclama jornais cotidianos. A Plebe estará pois diária dentro em pouco multiplicando consideravelmente a suficiência revolucionária. Aos camaradas de São Paulo a nossa mais calorosa saudação de entusiasmo pela grande iniciativa.

(*Spartacus,* Rio de Janeiro, ano I, nº 1, 02-08-1919, p.9).

B-)

Listas Pró "Spártacus"

Pede-se aos camaradas que têm listas de subscrição "pró-Spartacus" queiram entregá-las com urgência. O administrador do jornal se encontra diariamente na sede dos sapateiros, das 8 as 9 horas da noite.

(*Spartacus*, Rio de Janeiro ano I, nº 24, 10-01-1920, p.1).

Os exemplos "A" e "B" foram retirados do primeiro e do último números de jornal *Spartacus* e aqui servem para exemplificar uma ação de funcionamento da rede de apoio mútuo, uma das principais estratégias de manutenção dos jornais libertários desde os inícios do século XX, assim como uma frente de propagação das idéias libertárias.

O formato de *Spartacus* era semelhante a de outros jornais da época, na forma de tablóide, todos os espaços eram ocupados. Havia o recurso dos jargões, acompanhando as tendências da linguagem da imprensa ilustrada. O jornal explorava o recurso da charge, publicava letras de músicas, poesias e fábulas. Essas linguagens do jornal serviam para conquistar o público leitor e não passar desapercebido aos iletrados. Os recursos eram de um humor comprometido com as causas da militância libertária, seja no que diz respeito ao clericalismo, seja para chamar a atenção para as questões das desigualdades e do imperativo da greve como a principal reação de rebeldia.

Para exemplificar, o [...] humor comprometido e expressar de forma bem humorada a luta contra as adesões aos santos e à religião católica, vale a pena ler uma fábula de Oiticica de 1919, que provocava a reflexão sobre a crença feminina no Santo Antonio. Na fábula, Oiticica mostra que os cultos e as promessas das moças solteiras ao santo casamenteiro foram inúteis e tiveram de ser substituídas pela decisão de buscarem o marido por conta própria:

Santo Antônio e as Moças – (Fábula)

Cinco moças solteiras

(Porque há solteiras velhas), como a sorte custasse muito a dar-lhes companhia e não tivessem jeito para freiras. Temendo mais o barricão que a morte. Combinaram reunir-se em confraria. Elas sós: a irmandade era secreta. E o fim era pedir a Santo Antônio. Um marido qualquer, mesmo coxo ou pateta. Todas elas por uma e uma por todas. Iam forçar o santo a lhes dar matrimônio. Já se viam de véu nas festanças de bodas. Beijando o maridinho. Muito anchas, a enfrentar as moças tias! Dito e feito. Arranjaram o oratório. Trocaram por dinheiro um santo bem feitinho. Compraram velas, incensório. Panos de renda, azeite e outras mercadorias. E rezaram! Nunca houve santo mais querido. Mais chaleirado, mais acesamente servido por um olhos

mendigantes. De virgens doidas por marido. Mas o droga do santo era cepo ou dormente. Àqueles seios palpitantes vazaram por três anos, ais de fogo. E queimaram no ais, as esperanças. O santo ficou surdo a tão seguido rogo. E aquelas almas fieis e mansas. Como recurso aflito, por proposta. Da mais velha das cinco. Resolveram tornar o culto mais pomposo. Rezar com mais afinco. Pois a gente do céu do que mais gosta. A julgar pelo culto adotado na Igreja. É de arame, pomada e histórias do Trancoso. Aumentemos a cola. Concordaram as cinco...

Um ano mais de idade. Na ladeira dos séculos rolou... E o santo, na habitual ociosidade. A nenhuma das cinco apaziguou!!! Ora, em plena sessão do quinto ano de espera. Ao fixarem as colas trimestrais. A mais moça das três mais que indignada já ia.Na trigésima quarta primavera. Disse: - Caras irmãs isso é demais! O santo, como prova esta crua experiência. Não livra moça alguma de ser tia. É um bolas! Vamos pois, cuidar de um meio sério. Confiadas tão somente em nossa diligência. Discutida a proposta com critério. Aprovaram primeiro empregar a quantia. Novamente votada em pó de arroz carmim. Creme Simon. Loções, carvão, coisas enfim que as pudesse tornar mais novas e bonitas:

Segundo: freqüentar as rodas dos califas. Que, partindo do *flirt*, vão dar no matrimônio. Cavar marido, em suma; e finalmente. Com um desfoço, justo e conseqüente, jogar no lixo o Santo Antonio.

José Oiticica.

(*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 4, 23-08-1919, p.3)

O uso da charge é exemplificado a seguir no exemplar nº 3. A imagem é de crítica ao regime burguês que permite o "parasitismo da Igreja, e a exploração dos trabalhadores":

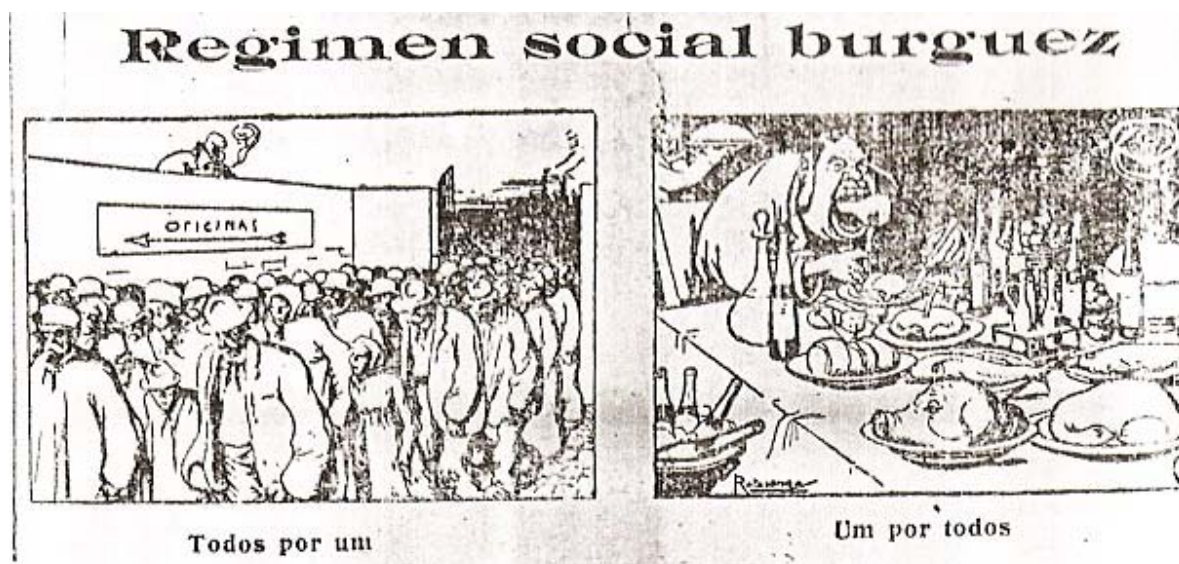



**Figura 5 Charge todos por um e um por todos – (*Spartácus*, Ano I, nº 3, 16.08.1919, p.1)**

### 3.6.1 A *nossa* educação ou a instrução popular *deles*

Ao percorrer os jornais libertários, percebe-se o sentido atribuído à educar é diferente

de instruir. A *obra da educação* pela *propaganda social* tinha na concepção de José Oiticica o sentido de formação do ser social. Ela deveria estar em consonância com a luta mais geral em prol de si mesmo e de todos. Ao passo que a instrução não vinculada aos compromissos da transformação social era um fim que se encerrava a si mesma e, portanto, não servia à formação de consciências autônomas. Educar não era a mesma coisa que instruir, e a educação não era sinônimo de instrução.

Essa distinção aparece em um artigo de José Oiticica, intitulado "Não há meio", publicado, no final da segunda década do século XX, no jornal *Spartacus, a* propósito de uma conferência proferida pelo professor Manoel Bonfim, em sessão de propaganda comemorativa do assassinato de Francisco Ferrer:

> Deseja o professor Bonfim que os trabalhadores conscientes incluam no seu programa de reivindicações a intrucção popular. Não basta exigir do Estado e dos patrões a diminuição das horas de trabalho, o aumento do salário, legislação sobre acidentes, pensões aos velhos etc. Cumpre exigir também, neste Brasil de analfabetos, a instrucção popular extensa e intensa. [...] Essa instrucção desenvolvida pondera o conferencista, é utilíssima ao trabalhador sob duplo aspecto: 1ª é vantajosa na luta de reclamações para orientar melhor as massas, congrega-las aos mesmos fins, dar-lhes um ideal humano sem o qual não pode haver Victória; 2ª é indispensável na organização de um regimen social novo em que o productor deve dirigir, ele próprio a produção, hoje dirigida injusta e desastrosamente pelo capitalista. [...] A conclusão portanto é que os trabalhadores militantes hoje devem reclamar antes de tudo instrucção. (*Spartacus*, ano I, nº 12, 18-10-1919, p.1).

Frente aos argumentos do conferencista, Oiticica conclui que não há o que opor ao conferencista, sobre a urgência em preparar tecnicamente os trabalhadores na constituição de uma sociedade nova e reitera seu argumento afirmando que em todos os meios anarquistas esse assunto é discutido e a sua importância reconhecida.

Nessa solenidade de comemoração à memória de Francisco Ferrer, o pedagogo responsável pelo modelo das escolas modernas de ensino racionalista, o conferencista defendeu a inserção na pauta de reivindicações dos trabalhadores, ao Estado e aos patrões, a organização de uma "instrução popular" destinada aos trabalhadores e aos seus filhos. Essa seria mais uma reivindicação a compor com outras trabalhistas que exigiam a diminuição de horas de trabalho, o aumento de salários, uma legislação sobre acidentes e pensão aos velhos. Oiticica primeiro mostra aos leitores de *Spartacus* os argumentos apresentados pelo conferencista em prol da luta pela "instrução popular":

Oiticica, no auge da militância libertária, no ano 1919, concluía que de nada adiantaria, por exemplo, que os trabalhadores inserissem em seu programa de reivindicações a *instrução popular* a ser implementada pelo Estado burguês. Para ele, a educação do

trabalhador não estava na instrução a ser oferecida pelo Estado e pelos capitalistas, ao trabalhador deveria ser reservada uma outra educação em uma outra sociedade:

> A instrução pública e profissional é monopólio do burguês. Ele arranca do trabalhador o dinheiro necessário a manutenção da escola, mas declara peremptoriamente: Quem te ensina sou eu. Terás a educação e a instrução que me convier. Preciso de oficiais, peritos, por isso tenho escolas profissionais. Preciso de engenheiros, médicos e professores e por isso tenho escolas superiores para os meus filhos ou para os teus filhos que se quiserem aburguesar, defender os nossos interesses, ser dos nossos. Esta última concessão eu faço porque me forças a isso com várias revoluções; entre elas a Revolução Francesa, mas estou disposto a não ceder mais nada. Aprenderás na minha escola a obedecer aos seus superiores, a respeitar como dogma, a propriedade particular, a reconhecer o meu capital como intangível, embora eu tenha obtido roubando, jogando. Para refrear os seus assomos de revolta e impedir que abras os olhos muito abertos mantenho o patrocínio da educação religiosa. Por ela aprenderás a reconhecer Deus e os mandamentos em que é pecado, punível com o inferno tocar de leve no meu capital e desobedecer as minhas ordens. Mantenho ainda, nas minhas escolas, a instrução moral e cívica para te fazer bom cidadão, cumpridor dos seus deveres, resignado e observador das leis que eu mesmo faço em meu proveito para te explorar a gosto. Si tugires e mugires, toco o telefone e logo movimento milhares de irmãos teus inconscientes como tu, armados de chanfalho e mosquetão e prontos a te assassinar em praça pública a te encarcerar na detenção e a te expulsar se fores estrangeiro. Serve-te assim? Si não serve é a mesma coisa. A canalha só tem uma função submeter-se. E o meio de sair disso?
>
> Que valerá para o amanhã sonhado, essa educação capitalista que não passa de ofício, do catecismo e dos livrecos de moral burguesa?
>
> Os trabalhadores querem a instrução técnica superior, porque a técnica inferior eles a tem. Mas a burguesia não permite ascensão do obreiro á técnica superior, sinão emburguesando-o, absorvendo-o, assimilando-o a sua casta.
>
> O remédio é o que propomos ao inverso do professor Bonfim. Só teremos trabalhadores técnicos, engenheiros, médicos, professores, quando a direção geral da produção e da distribuição das riquezas estiver nas mãos do produtor, quando a sociedade em que vivemos deixar de ser capitalista para ser comunista. Não há outro meio. (*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 12, 18-10-1919, p.1, grifos nossos).

As objeções de Oiticica ao conferencista mostram algumas concepções de fundo. Em primeiro lugar, a distinção entre instrução e educação. A instrução, para Oiticica "de nada adiantaria ao trabalhador para a sua emancipação", em contrapartida, a educação, como parte da *propaganda social,* deveria ser obra dos sujeitos que a empreendiam. Na perspectiva de Oiticica a educação deveria estar livre de vínculos com o Estado, com a Igreja e com os patrões capitalistas, e ser obra dos próprios trabalhadores.

As vantagens da instrução popular, segundo os argumentos do professor Bonfim, e que proporcionavam à massa "um ideal humano", com a instrução as massas poderiam ser congregadas aos mesmos fins. Essa fala, embora não tenha sido diretamente retrucada, é combatida por José Oiticica que exibe uma perspectiva completamente oposta. Quando Oiticica concorda com o fato de os trabalhadores desejarem a educação superior, ele afirma

que isso corre porque os trabalhadores já são detentores da educação técnica interior.

Esses direcionamentos já haviam se expressado largamente nas campanhas movimentadas pelos discursos no jornal libertário em prol da organização das “nossas escolas”. Só essa educação talhada no terreno do próprio trabalhador teria condições de proporcionar uma educação para autonomia.

Essas convicções são reafirmadas, no relançamento do seu jornal *Ação Direta* em 1946, quando as atenções libertárias estão direcionadas para o cenário internacional, pois, no final da década de 1940, ações da *propaganda social* e as cenas da militância anarquista sobrevivem na celebração da memória libertária dos anos 1920.

Oiticica (1948, p.1) constata que a ação dos reformadores dâ instrução pública dos anos 1930 e 1940 produziu uma “catástrofe” em lugar de instaurar um ensino sistematizado, que proporcionasse aos alunos a aprender com método, pois para ele “aprender a estudar, é muito mais importante para a vida do que propriamente estudar”.

Feitas essas considerações, Oiticica comenta a contundência das reivindicações, mas esclarece que de nada adiantará ter uma escola sob a direção do governo capitalista, dos burgueses, que formará trabalhadores com uma instrução voltada para a sua perspectiva, e diz:

> Não. A instrucção pública e profissional é monopólio do burguês. Ele arranca do trabalhador o dinheiro necessário á manutenção da escola, mas declara peremptoriamente: quem te ensina sou eu. Terás a educação e a instrucção que me convier. [...] Aprenderá na minha escola a obedecer aos seus superiores, a respeitar, como dogma à propriedade particular, a reconhecer o meu capital como intangível, embora eu tenha obtido roubando, jogando. Para refrear os seus assomos de revolta e impedir que abra os olhos muito abertos mantenho ou patrocino a educação religiosa.[...] Mantenho ainda nas minhas escolas a instrucção moral e cívica para te fazer bom cidadão, cumpridor dos teus deveres, resignado, observador das leis que eu mesmo faço em meu proveito para te explorar a gosto. [...](*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 12, 18-10-1919, p.1, grifos nossos).

Após argumentar que a educação burguesa não servirá para formar o livre pensador, mas nada mais será que uma escola para o adestramento do trabalhador que silencia a revolta. Oiticica afirma que a educação da perspectiva dos trabalhadores é a comunista:

> Que valerá para o amanhã sonhado essa educação capitalista que não passa do ofício do catecismo, e dos livrecos de moral burguesa?
>
> O remédio é o que propomos ao inverso do professor Bonfin. Só teremos trabalhadores técnicos, engenheiros, médicos, professores, quando a distribuição geral das riquezas estiver nas mãos do produtor, quando a sociedade em que vivemos deixar de ser capitalista para ser comunista. Não há meio! José Oiticica.
>
> (*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 12, 18-10-1919, p.1)

### 3.7 Princípios e fins: a carta abecê do catecismo anarquista de Oiticica

José Oiticica elaborou e apresentou no Congresso Comunista, realizado em junho de 1919, um documento intitulado *Princípios e fins do comunismo, já que* pois havia a necessidade de organizar diretrizes que serviriam como ponto de partida para um projeto de uma nova sociedade. Nesse período, circulava no movimento operário a idéia de fundar o Partido Comunista Libertário.

Nesse congresso ficou decidido que uma comissão estudaria a redação final do referido documento, introduzindo-lhe as alterações e inserções de propostas. No entanto, a repressão policial impediu a realização da segunda reunião que daria seqüência a esse trabalho. Uma nova reunião, em local diferente foi marcada sem que Oiticica pudesse participar, e o documento foi refeito integralmente pelo seu proponente. Segundo o seu relato no jornal *Spartacus,* na nova redação do referido documento procurou suprimir e acrescentar as observações que haviam sido formuladas pelos presentes na ocasião de apresentação do documento:

> [...] eu refiz os cânones incriminados pondo-os de acordo com os pensamentos discrepantes, acho que estão virtualmente referendados pelo congresso essas declarações teóricas. Evidente me parece [necessária] a sua publicação [...] [pois] **muitas pessoas bem intensionadas lutam contra nós, conosco antipatizam por mal informados. Um resumo claro, metódico em formulas sucintas, facilmente mostrará o que pensamos e queremos e, estou certo**, levará muitos a lerem os nossos livros. **Estes *Princípios e fins* serão a carta abecê introdutória do meu *Catecismo anarquista* que pretendo editar em livro**. (*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 03, 16-08-1919, p.1).

Os acréscimos e as supressões acertadas no Congresso Operário, de junho de 1919, não foram realçados por Oiticica em sua redação final, porém o documento exibe as idéias que já eram apresentadas na revista *A Vida*, principalmente na coluna “Catecismo anarquista” que, embora sem assinatura, não oferece dúvidas de que o texto foi produzido por José Oiticica.

As idéias apresentadas em *Princípios e fins do comunismo* foram mantidas, possivelmente sem alterações significativas, em outro documento elaborado no cárcere entre 1924 e 1925, *A doutrina anarquista ao alcance de todos*, publicada pela primeira vez em 1926 como folheto, e posteriormente em forma de folhetins no jornal *Ação Direta.* A sua publicação se repete ao longo de seus 34 números entre 10 de abril de 1946 a 01 de maio de 1947, até ser lançado como livro em outubro do mesmo ano. Essas evidências indiciam, em certa medida, que as idéias de Oiticica formuladas, naquele congresso de 1919, se mantiveram sem revisões significativas por corresponderem às suas convicções durante três décadas.

A publicação desse projeto de comunismo libertário foi dividida em duas partes: a

primeira, com a denominação *Princípios e fins*, com 43 tópicos de teorias e concepções das bases da sociedade nova, e a segunda parte, *Previsões práticas*, com 33 ações que deveriam organizar e direcionar a luta revolucionária em prol da transformação social.

De seu conteúdo, alguns itens foram selecionados com o objetivo de delinear como deveria se organizar a sociedade nova almejada por Oiticica, após a consecução da revolução social. O documento, historicamente datado, traz as reverberações do período pós-Revolução Russa, das greves deflagradas no Rio de Janeiro nesse período. Além disso, nos anos da elaboração da carta magna do comunismo libertário, Oiticica ainda estava sob impacto moral, psicológico, político de sua primeira prisão, e tratava-se do mesmo período em que escreveu a sua peça *Azalan!*, já discutida no capítulo anterior.

Os conceitos direcionadores do documento *Princípios e fins do comunismo* são apropriações das idéias dos russos Mikhail Bakunin e Pietro Kropotkin e do comunismo libertário de Errico Malatesta. De seus 76 itens, destacaremos os subsídios da conformação da sociedade nova e algumas noções sobre a educação para com isso reunirmos evidências sobre como deveria se organizar a educação na sociedade da perspectiva de Oiticica:

Para Oiticica, a nova ordem social deveria suplantar a sociedade capitalista. Pelos argumentos apresentados nos três primeiros pontos do documento, o projeto dessa sociedade aparece intrinsecamente ligado ao ideal da felicidade de todos e por todos:

> I - Os homens se associam para garantir a sua existência e reprodução, obter o máximo de felicidade, melhorar a espécie, física, mental e moralmente.
>
> II - O máximo de felicidade de um depende do máximo de felicidade de todos.
>
> III - Não correspondendo o regime social vigente a tais fins, achamos indispensável uma reorganização completa da sociedade. (*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 03, 16-08-1919, p.1).

Oiticica mostra os moldes da sociedade sob a ação de *energias* que ele classifica por meio da ciência, como base da construção do Comunismo Anárquico ou da Anarquia, sem a propriedade privada, livre para os pensamentos, as crenças, as ações, sem agiotagem e nem vícios:

> IV - Só pela ciência se pode organizar a sociedade e manter-se com proveito.
>
> V - Sociedade é a união instintiva dos homens para o aproveitamento máximo das energias cósmicas e desenvolvimento máximo das energias humanas, com o mínimo de desperdício total.
>
> VI - As energias humanas são de cinco espécies: *físicas* (corpo são). *Mental* (inteligência), *moral* (vontade), *prática* (habilidade), *social* (solidariedade).
>
> VII - É bem tudo quanto concorre para aumentar a energia útil ou evitar seu desperdício, e mal tudo quanto concorre para aumentar o seu desperdício de energias ou evitar o seu aproveitamento.

> VIII - Um ato que acarrete desperdícios de energias cósmicas, será bom desde que aumente as energias humanas, principalmente a solidariedade.
>
> IX - As energias cósmicas devem ser todas gratuitas como o sol e o ar. A terra, energia cósmica deve ser gratuita; condenamos, por isso sua repartição em lotes passíveis de compra e venda.
>
> X - O aproveitamento da energias cósmicas se faz pelo *trabalho*.
>
> XI - Todo indivíduo tem direito á porção de energia cósmica suficiente para manter-se com o maior conforto possível, enquanto viver, sem prejuízo do conforto alheio. Para isso deve concorrer com o máximo do trabalho útil exigido pela sociedade. [...]
>
> XIV - A propriedade particular nasceu do roubo e da mão armada e se mantém pela violência dos possuidores e pelo roubo dos possuidores sobre os pequenos. [...]
>
> XVI - Sendo a concorrência econômica a luta entre o homem para a apropriação do gozo individual do máximo de energias úteis, produz extraordinários desperdícios de energias, criando serviços supérfluos ou prejudiciais (reclamos, agentes, processos, tribunais, polícia, exércitos, esquadras, funcionários, diplomatas e comerciantes).
>
> XVII - Para manter esse regimem os possuidores garantem a sua posse por meio do Estado.
>
> (*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 03, 16-08-1919, p.1).

Os conceitos de "trabalho", "energia" e de "desperdício de energia" foram antes tratados no artigo "O desperdício da energia feminina", publicado entre 1914 e 1915 na revista *A Vida*, já mencionado neste capítulo. Tais considerações partiam da mistura dos conceitos de Adam Smith e as proposições dos teóricos do anarquismo. Além disso, combinavam as idéias de uma sociedade sem o poder do Estado, sem o dinheiro e com a propriedade coletiva da terra. Os juízos sobre bem e mal são balizados pelo fim da propriedade privada e o surgimento do coletivismo solidário:

> XXIV - Comunismo anárquico ou *Anarquia* é o regimen social sem agiotagem,
>
> XXV - Sendo a moeda o instrumento da concorrência não pode subsistir numa sociedade comunista,
>
> XXVI - Todos os vícios humanos (fumo, alcoolismo, morfinismo, jogo, prostituição, cafetinismo, etc.) origina-se da concorrência econômica e são por ela mantidos e garantidos pelo Estado.
>
> XXVII - Todo indivíduo tem direito de expor seus pensamentos e crenças, associar-se para fins recreativos, científicos, artísticos ou religiosos, desde que evite a agiotagem. [...]
>
> (*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 03, 16-08-1919, p.1).

A "associação para fins recreativos, científicos, artísticos ou religiosos" era a perspectiva com que os libertários pensavam a educação como obra permanente da propaganda social. O combate aos "vícios humanos" fazia parte do projeto anarquista defensor da transformação radical da sociedade, mas não foram os anarquistas os únicos a

defenderem a “regeneração social”, como já foi argumentado no primeiro capítulo. A expectativa de formar o homem novo para a sociedade nova também fazia parte de outros projetos que circularam no Brasil nas décadas iniciais do século XX. Pudemos observar, a partir do que foi caracterizado pelos personagens das peças produzidas por Oiticica, que os seus procedimentos também eram de reprovação e combate a todas as formas de vícios, ao dinheiro e a todas as formas de desigualdade.

Na sociedade nova projetada por José Oiticica, a julgar pelo seu documento prescritivo, a educação deveria estar organizada e orientada pelas ciências, e as faixas etárias deveriam obedecer à gradação semelhante ao que era aconselhado pela psicologia em consonância com o escolanovismo de todas as cores ideológicas que circulavam naquele período:

> XXVIII - A educação deve obedecer a seguinte orientação psicológica: até os sete anos em geral a criança educa as percepções; dos sete aos quatorze aprende as noções; dos quatorze aos vinte e um desenvolve o raciocínio. Deve haver depois três graus: elementar, primário e secundário.
>
> XXIV - A educação profissional (energia de habilidade) acompanhara gradativamente a educação mental.
>
> XXX - O ensino deve ser integral até os vinte anos e garantido para todos. Os indivíduos que revelarem vocações especiais deveram se especializar em curso superior (medicina, engenharia, pedagogia e ciências puras , etc.
>
> XXXI - A educação comunista visa desenvolver o mais possível a energia de todos. (*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 03, 16-08-1919, p.1).

José Oiticica, como um leitor de Errico Malatesta[136], se opunha à moral da sociedade burguesa, no entanto, como seu inspirador, a negação da “cultura burguesa” não significava em hipótese alguma a ausência da moral ácrata. Ao contrário, na sociedade nova exigia-se um comportamento, cujos códigos de conduta são os seguintes:

> XXXII - A sociedade comunista visa extinguir os prazeres prejudiciais, facultando a todos os prazeres físicos, espirituais e morais verdadeiramente proveitosos.
>
> XXXIII - A sociedade comunista por meio de seus congressos científicos visa dar ordem as pesquisas científicas, feitas hoje sem orientação geral. [...]
>
> XXXVII - Toda mulher deve ter o curso completo de pedagogia e definir-se ser ou não professora.
>
> XXXVIII - O amor deve ser livre como o pensamento e o trabalho, de qualquer tirania ou preconceito. Amor livre não quer dizer licencioso, mas libertado, não é promiscuidade de sexo, mas liberdade de se unirem os sexos por afeição recíproca,

[136] Errico Malatesta, em sua obra *A solução anarquista para a questão social*, assim se pronunciou sobre a moral burguesa: [...] nós achamos péssima a moral burguesa; mas não se pode conceber uma sociedade sem moral [...] ( *A vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº4 , 28-02-1915).

> sem medo de constituir família, pois a sociedade comunista garante a manutenção de todas as crianças.
>
> XXXIX - Reconhecemos necessária e moral a prática da eugenia, para melhorar a espécie humana e evitar maior degenerescência.
>
> XL - Proclamamos como ideal humano a monogamia e aceitamos como princípio moral a fidelidade dos esposos.[...]. Eis os princípios teóricos. No próximo número virão as previsões práticas. (*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 03, 16-08-1919, p.1).

*Previsões práticas*, constituiam a continuidade do documento *Princípios e fins do comunismo* de Oiticica. Ao apresentar o documento aos leitores do jornal *Spartacus*, expunha-lhes a dificuldade de prever como se daria a organização comunista, mas para além dessas dificuldades ele considerava importante propor uma organização ideal e transformá-la em um objetivo a ser alcançado. Por essa razão, o documento se ocupava principalmente de projetar as formas de organização da nova sociedade.

No comunismo anárquico, idealizado por Oiticica cada país deveria ser dividido em zonas federadas, cada zona em município, e cada município em comunas. Cada classe comunal deveria escolher um conselho comunal; cada conselho comunal o municipal; cada conselho municipal, o federal; e cada conselho federal escolheria um delegado para o conselho internacional. Os sujeitos responsáveis para cada uma dessas instâncias não poderiam gozar de quaisquer privilégios, e nem deveriam ser dispensados de suas ocupações profissionais, caso essas atividades não ocupassem todo o tempo, à semelhança do que propunham as suas referências teóricas do comunismo já mencionadas.

Nessa parte do documento, vale ressaltar as normas práticas de organização da educação, nas quais o recorte realizado pela pesquisa se referem ao trato com os professores e as suas pesquisas:

> XII - Além dos conselhos, haverá congressos municipais, federais e internacionais de classes onde os representantes de cada classe discutirão os assuntos especiais de cada serviço. Por exemplo, **o congresso de professores** de cada comuna no município, ou de cada município na federação, ou de cada federação no congresso internacional, **discutirá as questões de educação e de ensino.**
>
> XIII - Nesses congressos serão apresentados as invenções, os processos novos, os métodos, que, expostos pelos autores e discutidos, serão enviados ás comissões técnicas para estudos e experiência até a adoção ou rejeição final.
>
> XIV - O ensino superior e profissional ministrado em *universidades* constituídas em comunas, onde se instalarão laboratórios, usinas, hospitais, escolas, etc, modelares.
>
> XV - Os professores universitários de cada especialidade constituir-se-ão em comissão técnica para o exame das novas invenções, processos científicos, métodos de ensino, exame de livros didáticos. [...]
>
> XXIII - Nenhuma **casa** poderá ser habitada, nem nenhuma **escola, fábrica, teatro**, etc. instalados sem **consentimento da comissão técnica de higiene**. [...]

(*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 04, 23-08-1919, p.1, grifos nossos)

Oiticica, professor do Colégio Pedro II, participante de bancas examinadoras e de congressos, colaborador de revistas científicas, editor de periódicos anarquistas, autor de livros didáticos, participante das reuniões e congressos operários, ativista da propaganda social em suas diversas modalidades, ao projetar a forma de organização do ensino na sociedade nova parecia estar a posto para pôr em prática aquela obra. Para as tarefas de organização do ensino apresentou como o exemplo as ocupações que ficariam sob a responsabilidade dos professores universitários. Ao que parece, no momento da redação do documento, Oiticica por suas características de ser um "homem de ação", muito provavelmente já estivesse a postos para cuidar, com o maior empenho possível, dos congressos deliberativos, do método de ensino e dos livros didáticos.

Há indícios sobre sua pró-atividade[137], dadas as suas convicções sobre a *ação direta* na *propaganda social*, seu combate à "apatia" promovida pela ideologia da Igreja, pelo envolvimento visceral com as causas libertárias, dadas as evidências apresentadas ao longo de sua trajetória social, defendendo a possibilidade de "tudo ser possível", com força de vontade.

Oiticica finaliza o documento asseverando que: "[...] o esboço de uma constituição comunista, há de ser forçosamente incompleta. Peço aos camaradas que em torno desse esboço travem discussões e surjam outras idéias essenciais". O projeto do Partido Comunista Libertário não vingou, mas as ações de sua militância libertária se estenderam no  trabalho no jornal *Ação Direta*, que, como mencionado, foi lançado pela primeira vez em 1928, relançado em 1946 e esteve sob a sua direção até 1957, ano de sua morte. Esse jornal, durante o seu período de circulação, ocupou-se em acompanhar o anarquismo internacional, e manter o trabalho de rememoração dos episódios pregressos do anarquismo brasileiro em suas ações de propaganda e sobre a resistência de manutenção de sua continuidade.

[137] Oiticica, em diferentes momentos de sua atividade intelectual, posicionava-se de maneira que as críticas recebidas servissem de aprimoramento do objeto alvo dessas argüições, buscando dar o sentido de "movimento para diante" e conclamava os seus críticos a contribuírem para esse refinamento em lugar do "pessimismo doentio [dos que se sentem incapazes] de qualquer esforço". (*A Vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº 2, 31-12-1914, p. 13).

# Capítulo IV - O método de ensino do professor José Oiticica

O presente capítulo discute aspectos do método de ensino do professor José Oiticica a partir dos livros didáticos por ele produzidos e relacionados à sua prática da docência institucional pública frente às práticas educacionais com a *propaganda social,* o seu outro espaço de educação. Para essa discussão foram privilegiadas as cartas de advertência publicadas nas várias edições de dois de seus manuais didáticos adotados no Colégio Pedro II, o *Manual de análise* (1919) e o *Manual de estilo* (1926), e, também, dois manuscritos de seu acervo pessoal: “O feito e o por fazer” e “O anarquismo como método de educação”.

Em seguida, a didática que caracterizou o trabalho pedagógico do professor Oiticica emerge dos registros de memória de alguns de seus ex-alunos, das entrevistas colhidas para esta pesquisa e de alguns textos necrológicos. Este capítulo se encerra com uma síntese de seu modo de ser anarquista e, sobretudo, seu modo de ser um professor militante anarquista no tradicional Colégio Pedro II.

### 4. *No Brasil ainda hoje se ensina, sem ter aprendido a ensinar*

A frase que nomeia esta parte do capítulo é de Afrânio Peixoto, diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro, em 1917, ano em que José Oiticica ingressou como docente nessa instituição. Entre esses dois intelectuais algumas opiniões foram consensuais, pelo menos no que diz respeito à formação dos professores e com relação à situação da língua portuguesa. Tanto um, como outro, consideravam que os novos professores ensinavam sem ter aprendido a ensinar, e partilhavam da opinião de que a língua portuguesa estava sujeita a um verdadeiro “caos gramatical”.

Naquele período, ainda não havia uma regulamentação ortográfica. O “caos gramatical”, ou seja, a inexistência de normas ortográficas chamava a atenção dos intelectuais, mais intensamente quando se perquiriam a analisar as gramáticas e os compêndios que circulavam entre os professores do período. Essa percepção dos literatos despertou-lhes a necessidade de se fazer uma reforma ortográfica, dado o desacordo entre as gramáticas utilizadas pelos professores, o que foi um objeto de reflexão dos filólogos do período e que incomodava sobremaneira José Oiticica, Afrânio Peixoto, e outros expoentes da intelectualidade letrada.

Os livros didáticos que chegavam às mãos dos despreparados professores brasileiros expressavam o “caos gramatical” a que estava submersa a língua portuguesa. Tais livros, ao invés de ajudarem o trabalho pedagógico dos “professores despreparados”, terminavam por

atrapalhá-los. Essa era uma certeza partilhada por José Oiticica, Afrânio Peixoto e outros expoentes dos envolvidos com a educação. Cabe mencionar que as faculdades de filosofia criadas especificamente com o objetivo de formar professores datam dos anos 1930.

Sobre os livros didáticos em circulação no final do século XIX e início do século XX, Bittencourt (2004, p.483)[138] nos apresenta uma análise que ajuda a clarear a conformação da situação a qual Oiticica e Afrânio Peixoto chamavam de "caos gramatical". Essa pesquisadora afirma que dada a formação incipiente dos professores, e também dos poucos intelectuais/autores, os livros didáticos resultavam das anotações de aulas dos professores/autores. Por sua vez, para o professor que não tinham uma formação específica, o livro didático representava em seu trabalho pedagógico um método de ensino, pelo fato de ser extraído desse livro o conteúdo específico da disciplina. A conjugação desses dois aspectos resultava em livros que não atendiam às necessidades dos professores.

Segundo Bittencourt (2004, p.482), a formação do professor, ao ser constituída na prática do 'aprender fazendo', exigia uma produção didática específica, e argumenta que, embora preocupados com o conhecimento científico ou literário, mas sem a vivência de sala de aula, os intelectuais/autores eram incapazes de produzir com sucesso um material que desse o suporte necessário à prática do professor.[139]

A situação dos professores que ensinam sem ter aprendido a ensinar foi tratado em uma conferência proferida por Afrânio Peixoto (1923, p.5-6), na Biblioteca Nacional, em 18 de junho de 1918, iniciando "[...] uma série pedagógica promovida pelos inspetores escolares do Rio de Janeiro, sob a direção de Éster Pedreira de Melo". Essa e outras conferências foram enfeixadas no livro *Ensinar a ensinar: ensaios de pedagogia aplicada a educação nacional*[140], lançado em 1923. Um exemplar desse livro foi dado por Afrânio Peixoto com

---

[138] Circe Maria F. Bittencourt (2004), em seu artigo "Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910)", trata do perfil dos primeiros autores brasileiros de livro didático no período de 1810 –1910, com o objetivo de caracterizar o processo de intervenção de diferentes sujeitos nessa produção.

[139] Esse quadro de conformação do ensino brasileiro aparece tratado em vários trabalhos da história da educação brasileira, como os estudos de: Magda Soares (1996) *Português na escola: história de uma disciplina escolar*; Márcia de Paula Gregório Razzini (1992), *Antologia Nacional (1895-1964): museu literário ou doutrina?* e (2000) *O espelho da nação: a Antologia Nacional e o ensino de Português e de Literatura (1838-1971);* Circe Maria Bittencout (1993), *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar;* (2004) *Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910*); Arlette Medeiros Gasparello (2004), *Construtores de identidade:a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira*.

[140] Algumas considerações sobre essa fonte: no livro *Ensinar a ensinar: ensaios de pedagogia aplicada à educação nacional,* Afrânio Peixoto (1923) abre com uma conferência de 20 de novembro de 1917, solicitada por Olavo Bilac sobre: "A educação física, intelectual e cívica - sobre a educação masculina"; a segunda conferência foi proferida em 16 de setembro de 1920 e versa sobre "A educação feminina"; a terceira conferência foi datada de 18 de junho de 1918, sendo o seu tema "O ensino da linguagem". Nessa conferência o autor citou José Oiticica como um dos membros da comissão que se encarregaria da reforma ortográfica; a última parte do livro foi intitulada "Literatura infantil" e trata-se de um relatório de pesquisa elaborado para o 3º Congresso Americano da Criança, em agosto e setembro de 1922, na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Ao

uma dedicatória a José Oiticica e, a julgar pelas marcas de leitura nesse livro, havia discussões intensas entre esses dois intelectuais, sendo que as anotações de Oiticica nesse livro sugerem que eles tinham um posicionamento consensual sobre a necessidade de implementar uma sistematização para o ensino da língua portuguesa.

Tanto o trabalho conjunto na Escola Normal, quanto a troca de opiniões sobre o despreparo e sobre a situação de desamparo dos professores levaram Afrânio Peixoto a sugerir, na já referida conferência de 1918, que Oiticica, Carlos de Laet e Mario Barreto empreendessem uma reforma ortográfica no Brasil, que pudesse vigorar nos livros didáticos e obrigasse os autores das gramáticas que circulavam a obedecer às normas estabelecidas por essa comissão.

As atenções de Oiticica, no período dessa interlocução com Afrânio Peixoto, se dividiam entre muitas atividades as ações sindicais operárias, com a imprensa libertária; as conferências da propaganda social; as atividades da docência institucional na Escola Normal e, também, como professor substituto de Português no Colégio Pedro II. Além disso, Oiticica cuidava da elaboração do *Manual de análise (léxica e sintática),* prestes a suceder os seus *Estudos de fonologia, 1ª série – tese de concurso ao Colégio Pedro II,* publicado em 1916.

Afrânio Peixoto iniciou o seu livro *Ensinar a ensinar*, tratando sobre a sobre a condição a que estavam sujeitos aqueles que "ensinavam sem ter aprendido" e, pelas marcas de leitura deixadas no livro, os seus grifos indiciam que alguns posicionamentos sobre a condição da Escola Normal e sobre a formação dos professores coincidiram entre esses dois intelectuais:

> [...] a Escola Normal está da seguinte forma: "monstruosa anomalia" de uma escola normal noturna, apenas [de] assistência a moças pobres, cansadas, de dia, em ensinarem em escolas primárias o que não sabiam, e á noite a aprender o que não conseguiriam bem saber [...]
>
> No Brasil ainda hoje se ensina sem se ter aprendido a ensinar, por isso se ensina e se aprende tão mal... Professores de ensino superior, de ensino secundário e de ensino primário em muito lugar, ainda quando sabem, não sabem ensinar, porque não aprenderam e desdenham aprender... Esse é o maior mal da educação nacional – **esse bem pode ser a divisa de uma propaganda**. (PEIXOTO, 1923, p.5-6, grifos de Oiticica).

O grifo no trecho foi feito por Oiticica no livro *Ensinar a ensinar*. Essa fala de Afrânio Peixoto sobre o despreparo geral dos professores é também recorrente em vários discursos de José Oiticica, como, por exemplo, nas cartas de advertência de suas publicações. No entanto,

---

longo do livro há comentários de Oiticica, marcas de leitura que exibem mais consenso de opiniões do que discordâncias.

a atuação de Afrânio Peixoto era a Instrução Pública e o professor Oiticica intercalava as atividades da propaganda social libertária com as aulas na Escola Normal e no Colégio Pedro II.

Nessas cartas de advertência dos seus livros, ele usava de ironia para reportar-se aos “colegas tarimbados”, aos “sábios colegas”, para referir-se àqueles a quem ele percebia ter total desinteresse em aprender e discutir sobre as novas formas de ensinar, ou seja, os gramáticos que ele considerava de postura pedante, que em uma posição supostamente superior não se colocavam no debate, não aceitavam críticas, nem contribuíam com sugestões e que sem saber de fato sobre os assuntos que escreviam, escreviam em seus livros as maiores “bobagens” prejudicando, com isso, os jovens professores. Por essa razão, Oiticica considerava de vital importância fornecer aos jovens professores sugestões nas cartas de advertência, de modo a ajudá-los a saber escolher o melhor livro didático.

Em torno da idéia do “caos gramatical”, ocorriam verdadeiros duelos entre os intelectuais que discordavam entre si sobre as questões gramaticais, e, por meio de publicação de artigos jornalísticos, opúsculos, travavam “batalhas” que se desdobravam em réplicas, tréplicas. Desses duelos gramaticais ocorriam rupturas das relações profissionais e pessoais entre os gramáticos participantes. Incomodava a José Oiticica a forma como se davam as críticas. A sua posição era de investir nos estudos e apresentar os argumentos que realmente convencessem. De questões mais estruturais a discordâncias sobre a repetição das letras “F”, “G”, “L”, “M” nas palavras, compunha-se o repertório de discussão entre os gramáticos do período. Oiticica estava entre os que se opunham com a repetição das letras e era partidário da “simplificação da nomenclatura das palavras”, questionava a forma como se ensinavam às crianças a análise lógica e defendia que “aprender a estudar era mais importante do que propriamente estudar”.

Pata tentar resolver o “caos gramatical”, Afrânio Peixoto (1923), na citada conferência de 1918, dos inspetores da instrução pública, apresentou a sua idéia de constituição da comissão da qual Oiticica faria parte, caso a Diretoria Geral de Instrução Pública, o órgão que poderia cuidar dessa questão, o ouvisse. A sua estratégia foi apresentar a circular da reforma ortográfica francesa, pois se na França a reforma tinha sido feita, por que não fazê-la no Brasil:

> Apresento-vos a circular ministerial de 28 de setembro de 1910, o aviso de 25 de julho do mesmo ano, assinado pelo ministro Gaston Doumergue; aqui tendes outros avisos e circulares Leygues. Tratam uns de nomenclatura gramatical, simplificada e uniformemente imposta a gramáticos e professores em toda a França, tratam outros da simplificação do ensino da sintática francesa, para a utilidade geral de todos os interessados nesses assuntos de educação, exame e concursos, etc. Não estaremos

> sozinhos pois, numa decisão dessa natureza. Está nos poderes do Conselho Superior de Ensino e da Diretoria Geral da Instrução Pública tornar pedagógicas as gramáticas elementares e nestas como nas gramáticas secundárias, simplificar a nomenclatura convencionada. Para evitar prejuízos de livros impressos e edições, feitas ao prazo de dois, três anos seria concedido antes de entrar em execução. Para faze-la, para instruir o poder público, necessariamente devem ser evitados os gramáticos, autores de gramáticas, talvez sem isenção para julgamento dos próprios sistemas, que teriam indulgência de crer superiores aos outros confrades. Aqui entre nós, a comissão está nomeada, pela competência e pela conformidade a essas condições: ela seria composta dos professores Carlos de Laet, Mário Barreto e José Oiticica, filólogos, sábios da língua, que honram por igual o magistério e a literatura nacional. Bastaria ao poder público a ratificação dessa escolha, feita e imposta apenas pelo mérito, e a obra estaria realizada. (PEIXOTO, 1923, p.143-144, grifos nossos).

O convite de Afrânio Peixoto a José Oiticica para compor a comissão que aprovaria a reforma gramatical demonstra o alcance do reconhecimento intelectual de Oiticica por sua condição de estudioso da língua portuguesa, pesando também a sua posição de pertencimento a uma instituição modelar do ensino secundário do Brasil. Como professor substituto e depois catedrático da cadeira de português do Colégio Pedro II, podia opinar criticamente sobre os livros didáticos, embora não participasse de nenhuma comissão de avaliação de livros. Na capa de seu *Manual de análise (léxica e sintática),* de 1919, além de sua autoria, registrava-se, também, acima do título da obra, o seu nome como diretor da *Enciclopédia Didática Brasileira.*

A experiência de José Oiticica anterior ao Colégio Pedro II, na fase de funcionamento de seu Colégio Latino-Americano, a sua participação em periódicos franceses como, por exemplo, em *La Science Socialle,* dirigida por Demolins, e a imersão de Oiticica nos estudos relativos à língua portuguesa mostravam a todos a sua posição. Essa condição obrigava muitos a tolerarem a sua militância anarquista, e, assim, o nome de Oiticica ao lado de outros filólogos do período como Carlos de Laet e Mario Barreto, era referido por Afrânio Peixoto (1923, p. 143-144), na reunião dos Inspetores Escolares como "[...] filólogos, sábios da língua, que honram por igual o magistério e a literatura nacional".

Nesse período, em 1918, Oiticica compôs o soneto que expressava a sua forma de enaltecer a língua, manifestação recorrente dos literatos do período:

> Língua em que falo a minha gente
> Ó tu, formosa língua portuguesa,
> Branda, sonora, enérgica, imponente,
> Irmã gêmea da nossa natureza!
>
> Patrimônio do povo que presente
> As glórias de um futuro a que estás presa,
> Vais ser a língua deste Continente...
> Teus poetas vão cantar sua grandeza.

> Sim, vão buscar, no teu vocabulário,
> Todas as expressões de assombro e encanto
> Que suscita este solo extraordinário.
>
> E amplo na prosa e sem rival no verso,
> Hão de os homens sagrar-te, ó idioma santo,
> Como língua mais bela do Universo!
> (OITICICA, 1918, *apud* RODRIGUES, 1993 a., p.34).

O argumento de Afrânio Peixoto (1923), na conferência de 1918, tinha sustentação no exemplo da reforma realizada na França que havia simplificado a nomenclatura gramatical. Essa atenção ao que era feito na Europa era recorrente entre os intelectuais na busca por saber como se resolviam as questões do ensino. A preocupação de Afrânio Peixoto, partilhada por Oiticica, incidia principalmente sobre o que ocorria com os manuais didáticos que circulavam nas escolas, que chegavam às mãos dos professores que o tomavam como o programa de conteúdos a serem ministrados em suas aulas.

Alguns, como Afrânio Peixoto e José Oiticica, acreditavam que por meio de uma reforma ortográfica, com normas estabelecidas, seria possível fazer com que "os gramáticos autores das gramáticas" tornassem "pedagógicas" as gramáticas elementares e "simplificassem a nomenclatura" das gramáticas secundárias. Esses objetivos aparecem contemplados nas cartas de advertência dos livros de José Oiticica, portanto, o era um discurso compartilhado por integrantes dos diferentes grupos de gramáticos do período. Nesse sentido, as experiências educacionais européias chamavam a atenção de muitos, e, no caso de Oiticica, notadamente as experiências da pedagogia de Edmond Demolins, de Francisco Ferrer y Guardía, Sebastien Faure, entre outros.

Naquele período já era praxe das editoras dar preferência aos livros de autoria de professores do Colégio Pedro II e da Academia Militar, tanto para atestar a credibilidade dos livros, como para obter junto aos Conselhos educacionais a aprovação das obras. Como José Oiticica, Carlos de Laet e Mario Barreto tinham expressividade e legitimidade reconhecidas, foram os nomes cogitados por Afrânio Peixoto, que por sua vez, não deixou de pensar também nas editoras dos livros didáticos. Dessa forma, em um prazo de dois ou três anos, esse novo material com as regras da reforma seria oferecido para que os envolvidos com o livro didático pudessem se adaptar a tais modificações propostas e que assim pudessem "evitar prejuízos dos livros já impressos".

Afrânio Peixoto (1923, p.143-144) deixou claro que os autores dos livros didáticos teriam de acatar as deliberações da comissão nomeada, e que deveriam ter a "indulgência de crer superiores [os] outros confrades". Como regra, seria vetado aos autores de gramáticas

participar das comissões para que, com isso, fossem garantidas isenções nos julgamentos.

Em Portugal, a reforma ortográfica oficial tinha acorrido em 1911, e, no Brasil, só iria acontecer em 1931, pois, tal como apontou Razzini (2000, p.42)[141], " a falta de regulamentação ortográfica oficial transferia para os livros didáticos (sobretudo dicionários, gramáticas, manuais de retóricas e seletas literárias) a função extra de definir a ortografia portuguesa". Essa evidência ajuda a compreender o incômodo de Oiticica e de Afrânio Peixoto sobre o "caos gramatical" e o porquê deles acreditarem que melhorariam a qualidade dos livros se estes seguissem normas gramaticais preestabelecidas.

### 4.1 Aos novos professores: um método

O trabalho de José Oiticica na formação de professores na Escola Normal do Distrito Federal iniciou-se a partir de 1917, um ano após seu ingresso no Colégio Pedro II. Porém, suas experiências pedagógicas são anteriores ao seu trabalho nessa instituição, dando-lhe a dimensão sobre o que consistia o trabalho docente. Assim, pode-se dizer que, além da sua erudição sobre questões da língua portuguesa, as suas experiências com as atividades relativas ao ensino lhe ofereciam clareza acerca dos problemas que os professores novos enfrentavam em sala de aula.

Oiticica compreendia a necessidade e a urgência em lidar com o problema da formação dos professores. Para isso, entendia contribuir para essa questão com as suas aulas e compartilhando, sempre que possível, suas idéias por meio da publicação de seus manuais, que eram apresentados como guias práticos para as escolas. Além da autoria dos manuais, preparar professores à luz do método racionalista para trabalhar nas escolas fundadas pelas correntes libertárias em 1913 e 1914 também foi uma iniciativa registrada do autor. Esses cursos aconteciam na sede da *Federação Operária*, e foram amplamente divulgados pela imprensa libertária do Rio de Janeiro. Além dessas considerações, cabe mencionar o seu apoio às Escolas Modernas, como mostram seus artigos jornalísticos em *A Voz do Trabalhador*, em *A Lanterna*.

Essas são evidências percebidas no exame de seus artigos jornalísticos, e que, de certa

[141] O estudo de Márcia de Paula Gregório Razzini (2000), intitulado *O espelho da nação: a Antologia Nacional e o ensino de Português e de Literatura (1838-1971)*, ao acompanhar a trajetória da literatura brasileira no currículo secundário e focalizar a *Antologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, reuniu um conjunto de informações relevantes para situar a produção de José Oiticica. Os Programas de Ensino de Português e de Literatura e a cronologia do Ensino de Português e de Literatura, apresentados no referido estudo serviram como atalho importante no processo inicial de coleta de fontes na reconstituição da trajetória de José Oiticica, especificamente sobre a docência desse intelectual no Colégio Pedro II. Esse estudo foi desdobramento de sua dissertação de 1992, *Antologia Nacional (1895-1964): museu literário ou doutrina?*

forma, são preocupações manifestas em suas cartas de advertência que abriam as suas publicações. Não raro, na escrita do professor Oiticica, encontram-se comentários a propósito da necessidade de um “método de ensino”, de uma “sistematização” para o ensino de português, sobre a urgência de oferecer aos professores “guias seguros” e práticos para as suas aulas. Todos esses termos são recorrentes em seus ensaios, artigos jornalísticos e livros, aparecendo desde 1905, quando esta pesquisa observou seu engajamento no debate sobre a escola nova, mais especificamente em relação à pedagogia da *École des Roches*.

Na sua experiência em seu Colégio Latino-Americano, em 1905, Oiticica aplicava os “processos pedagógicos” de Edmond Demolins, de sua *Écoles des Roches*. As adesões posteriores de Oiticica, ao longo dos anos de 1910, estavam vinculados à experiência das Escolas Modernas, inspiradas no ensino racionalista proposto pelo espanhol Francisco Ferrer y Guardía.

Observamos a recorrência, no discurso de Oiticica, dos termos “sistematização” e “método de ensino”, sobretudo em escritos do final da década de 1940, no opúsculo *Um programa heterodoxo para o ensino de português nas escolas.* Nesse seu opúsculo, de 1948, “sistematizar o ensino” parecia ser a solução pensada por Oiticica para resolver os problemas do ensino em geral, e, particularmente, os do ensino de português nas escolas. Oiticica procurava explicar aos ouvintes de sua conferência proferida na *Rádio Cruzeiro do Sul* a necessidade de metodizar os conhecimentos:

> Para que sistematizar o ensino? Porque assim tem procedido os maiores sábios e pesquisadores do mundo. E porque sistematizaram eles todas as ciências? Porque só assim podem tomar pé no *mare magnum* dos fenômenos e realidades do mundo. Calculem os zoólogos sem rígida sistematização, os químicos, os geógrafos, os próprios comerciantes. Tudo, com a multiplicação atordoante dos conhecimentos há de ser classificado, metodizado, distribuído em gradativa complexidade a fim de que, por tais florestas, possa guiar-se o itinerante. Até para os turistas há de estar tudo indicado segundo tabelas fixas, numeradas, dispostas em sistema de reconhecimento fácil. (OITICICA,1948, p.3-4):

A exemplo dos procedimentos adotados pelos sábios zoólogos, químicos, geógrafos e até mesmo os comerciantes na vida cotidiana, os conhecimentos deveriam passar por uma classificação metodizada, e sua distribuição deveria ser realizada, segundo Oiticica, de acordo com seu grau de complexidade. As orientações dadas pelo professor aos alunos deveriam ser disponibilizadas, por meio de “tabelas fixas, numeradas, dispostas em sistemas de reconhecimento fácil” (p.4), procedimentos metodológicos apropriados, segundo o que ele afirmava, da pedagogia da escola nova de Edmond Demolins.

Nesse opúsculo encontramos registradas as críticas de Oiticica à ausência de sistematização do ensino, como resultado das malsucedidas tentativas realizadas por parte dos reformadores da instrução pública que, em lugar de melhorar as condições do ensino, por incapacidade de ações, criaram o "caos educacional". Contra esse "caos educacional", Oiticica apresentava aos ouvintes, professores e interessados nas questões da língua e do ensino, as propostas que conformavam a sua sistematização. O termo "sistematização" é empregado no discurso de Oiticica como sinônimo de método de ensino, à sua maneira, de acordo com as suas idéias e embasado em sua experiência educacional. O método era o meio para atingir essa sistematização.

Oiticica (1926, p. 8) defende a idéia de que o ensino de qualquer conhecimento deve ocorrer de forma gradativa. Esse argumento está presente nas orientações disponibilizadas em seu *Manual de análise e* no *Manual de estilo,* ou seja, o mais simples deve ser explicado antecedendo o que é considerado como mais complexo, com o objetivo de no aluno "[...] formar-lhe o gosto, criar nele o sentimento de responsabilidade e o esforço de pesquisa, caminho de toda arte".

Para Oiticica (1948, p. 5), o aluno deve aprender primeiro os ritmos mais simples, as noções básicas de cada tema para depois lidar com questões mais complexas. Os "programas "adotados nas escolas primárias e secundárias do Brasil" deveriam serrigorosamente sistematizados e curtos, encadeados logicamente, seguindo uma sistematização sensata e com fins verdadeiramente educativos".

Em sua "sistematização" há procedimentos metodológicos que, segundo suas idéias, são adequados a qualquer conhecimento, a todas as disciplinas escolares, servindo como base para a elaboração de qualquer programa de ensino, pois segundo ele (1948, p.4):

> Aprender a estudar é muito mais importante para a vida do que propriamente estudar. O que mais ajuda na vida é poder, em dada ocasião, saber como enfronhar-se rapidamente num estudo qualquer e isso, nas escolas, só se adquire se os mestres o ensinarem. Que professor, por exemplo, habitua os seus alunos a ficharem suas notas em vez de as tomarem a *trouxemouxe*, em cadernos ou papéis avulsos? Que professor propõe aos alunos um tema de estudo indicando-lhes a bibliografia para que se acostumem aos processos de pesquisa e a lidar com várias opiniões contrapondo-as e escolhendo a melhor? Porém, não nos precipitemos. O que vou dizer para o português é perfeitamente aplicável a qualquer estudo desde que, na sistematização, seja incluída a coordenação.

Para atingir este objetivo, sugere condutas a serem seguidas pelo professor, como indicar bibliografia e orientar fichamentos, ou seja, criar condições intelectuais para escolher temáticas a serem estudadas, aprendendo a lidar com a diversidade temática. Se

considerarmos as filiações ácratas de Oiticica, poderíamos inferir que, se essas atitudes do professor fossem internalizadas pelos alunos, estes estariam, ao fim do processo de ensino sistematizado, em condições de exercer o "livre pensamento".

Para demonstrar as bases de sua experiência pedagógica na construção de sua sistematização, Oiticica lembra os ouvintes de sua conferência que as suas proposições resultam de uma experiência de longos anos no magistério. Sua referência especial foi a sua experiência com o trabalho pedagógico desenvolvido em seu Colégio Latino-Americano, entre os anos de 1905 e 1908, cuja experiência foi mencionada no primeiro capítulo.

Oiticica (1948, p.3) lançou críticas aos reformadores da Instrução Pública que "produziram o que haviam de fatalmente produzir: uma calamidade", "o mal precípuo" dos programas de todas as escolas.

Da pedagogia, das ciências sociais, o professor Oiticica forjava, a seu modo, as suas ferramentas de compreensão da questão social, da questão educacional numa interlocução que tanto se dava com intelectuais, como, por exemplo, Afrânio Peixoto, diretor da Escola Normal e depois diretor da Instrução Pública, como também com outros intelectuais: Adelino Pinho, Fábio Luz, João Penteado[142], posicionados na educação ácrata.

José Oiticica, de maneira recorrente, defendia que a pedagogia e as ciências sociais, em geral, deveriam ser ferramentas para todos lidarem com as questões da família e da *propaganda social*. Cabe lembrar, também, a sua defesa de que todas as mulheres deveriam ser pedagogas, receber uma educação "iluminada" pelas ciências. Essa consideração aparece em seu ensaio sociológico, *O desperdício da energia feminina*, e também no documento *Princípios e fins do comunismo,* discutidos no capítulo anterior.

#### 4.1.2 *O anarquismo como método de educação*

No espólio do professor José Oiticica, uma das fontes desta pesquisa, há um fragmento manuscrito com anotações de uma aula para professores em formação, ou de uma aula/conferência para livres pensadores, ou, ainda, a escrita inicial de um artigo ou livro, não sendo possível saber ao certo. Essas anotações iniciam-se com o título "Anarchismo como método de educação". Apesar de não ser um documento datado, as grafias de algumas palavras indiciam que a sua escrita pode ter se dado na segunda década do século XX.

Essa suposição é procedente de uma pista: no número 41 do jornal *Voz do trabalhador,* de 15 de outubro de 1913, por ocasião da rememoração do assassinato de

[142] Adelino Pinho e João Penteado foram professores e diretores da Escola Moderna de São Paulo.

Francisco Ferrer y Guardía, em de 13 de outubro de 1909, o professor Oiticica, articulista desse jornal, argumentava que a melhor forma de homenagear o educador espanhol seria dar seqüência à sua obra e se prontificava a preparar professores para iniciar cursos no salão da Confederação Operária, e em outros salões "facílimos de se conseguir". Nesse artigo, o professor Oiticica informava ter em vista três professoras que poderiam iniciar a obra, e ainda informava que as professoras tinham o curso normal.

Neste fragmento de sua suposta aula, transcrito a seguir, podemos ter a idéia da abordagem dos conteúdos usada pelo professor Oiticica para explicar em que consistia o método de ensino anarquista:

> Anarchismo como método de educação
>
> Na realidade não é cousa nova se consultarmos qualquer manual de história, de pedagogia com um certo senso crítico.
>
> De Sócrates ao ativismo, ao personalismo, podemos salientar motivos libertários, mas onde esses motivos se impõem pela sua clareza e função é nos pensadores que vimos analizando.
>
> O Comenio rebelava-se contra o formalismo oco da escolástica e contra a parolagem dos jesuítas, indicando ao contrário o método de observação direta dos quais surgem as idéias da coisa e não vice-versa.
>
> "Educamos homens e desejamos que sejam utilmente educados o que acontecerá se todos procederem de comum acordo com as palavras com as cousas e as cousas com as palavras" (1). Com este proceder das cousas às idéias, ao concreto, ao abstrato, o Comenio antecipou muitos pedagogistas modernos. Outro princípio básico para melhor compreender o pensamento pedagógico é a auto-didática. Na verdade quando se sustem o método da observação direta na qual a criança colocando-se em frente ao objeto descobre-lhe as propriedades e as qualidades essenciais, a função do mestre limita-se somente a guiar e estimular a atividade do menino, o qual se formará idéias e noções próprias. "Os exemplos dos auto-didáticos mostram evidentemente que o homem por natureza pode por si próprio conquistar qualquer espécie de condição. De fato alguns adiantaram-se mais dos seus próprios mestres, ou tendo por mestre aguerridos, progrediram mais dos outros que receberam a instituição operosa dos predecessores."

Para pensar o anarquismo como método de educação, o professor Oiticica transitava entre os textos clássicos, como pudemos observar no capítulo II quando esta pesquisa discorreu sobre suas atividades na Escola Dramática Municipal e com o teatro social, na qual destacamos, a partir da análise de Prado (2004), as preferências de Oiticica pelas peças de Aristófanes, considerado por ele, como um dos primeiros teatrólogos anarquistas.

Além dessas aulas em que fez uso dos excertos de Aristófanes, chama a atenção a forma usual de Oiticica na construção de seus artigos que, de maneira recorrente, valia-se do uso do diálogo explicativo, provavelmente de inspiração no método socrático, ou seja, na maiêutica.

Da leitura do manuscrito "Anarquismo como método de educação", concluímos que a sua suposta aula partiu da leitura de Jan Amós Comenius, autor da obra *Didática magna.* Essa evidência nos obriga a abrir um parêntese com o objetivo de destacar quais os procedimentos do método de Comenius podem ter interessado ao professor Oiticica quando destacou as passagens desse pensador.

Para Comenius, a educação escolar deveria ser universal e a aprendizagem se iniciaria pelos sentidos. Defendia o princípio de que a formação do homem deveria se dar na primeira infância, desde que o ensino ocorresse por meio da experiência direta, para que pudesse ser interpretada racionalmente pela criança após sua interiorização. Dessa forma, o seu método didático estruturou-se em princípios que tinham como objetivos desenvolver qualidades relacionadas à erudição, à virtude e à formação religiosa (aspecto presente em toda sua metodologia), seguindo nos processos de ensino, as condições dadas pela própria natureza. Em sua obra, a questão do método se concretiza no estado da arte de se ensinar tudo a todos, de forma fácil, alegre e ao mesmo tempo sólida, proporcionando o acesso à cultura, aos bons costumes e "a uma piedade mais profunda" (p.13).

A natureza se coloca na Didática Magna de Comenius, como a fonte, a raiz, a estrutura da educação que tem como missão a formação do homem e pode ser desenvolvida seguindo os seguintes passos:

> I. [...] Examinando-se os exemplos da natureza, está claro que a educação dos jovens se desenvolverá facilmente:
> II. Se iniciada cedo, antes que as mentes se corrompam.
> III. Se ocorrer com a devida preparação dos espíritos.
> IV. Se proceder das coisas mais gerais para as particulares.
> V. E das mais fáceis para as mais difíceis.
> VI. Se nenhum aluno for sobrecarregado com coisas supérfluas.
> VII. Se em tudo se proceder lentamente.
> VIII. Se as mentes só forem compelidas para as coisas que naturalmente desejarem por razões de idade e de método.
> IX. Se tudo for ensinado por meio da experiência direta.
> X. E para a utilidade imediata.
> XI. E com um método imutável, único e assíduo.
>
> Assim , digo que todas as coisas fluirão de modo suave e agradável. Mas convém seguir novamente as pegadas da natureza. (COMENIUS, 1997, p.165-166).

Com esses destaques sobre o método de Comenius, encerramos o parêntese e voltamos a dialogar com o manuscrito de Oiticica em observação aos seus destaques a propósito da

pedagogia de Comenius. Dela, Oiticica destaca como princípios libertários a rebeldia do pedagogo ao formalismo da escolástica e insiste no seu método de observação direta das coisas.

Oiticica apresenta Comenius à sua audiência como um precursor de métodos defendidos por pedagogos modernos. Chama a atenção para a possibilidade de encontrar os princípios do método de Comenius na consulta de qualquer manual de história, de pedagogia, desde que o leitor "esteja municiado de senso crítico". Com esse tipo de orientação, Oiticica possibilitava aos seus alunos condições para encontrar aspectos do método de Comenius em métodos da pedagogia "supostamente" nova, pois observa aos seus alunos que Comenius se antecipou a muitos "pedagogistas".

Outro princípio destacado por ele a propósito da pedagogia de Comenius é a defesa da autodidatismo, que ele ademais, ressalta a importância da observação para a formação da noção sobre as coisas e destaca aos seus alunos que o papel do professor deve se limitar "a guiar e estimular a atividade do menino, o qual se formará idéias e noções próprias". Nessa relação entre o professor e o aluno, alerta o professor para considerar os ritmos de aprendizagem e aceitar a possibilidade de o aluno superar o mestre, aprender com distância ou aproximação do mestre.

Essas apropriações de Oiticica a propósito da pedagogia de Comenius, de certa forma apareceram, em essência, na rememoração de Oiticica sobre a sua experiência no Colégio Latino-Americano, apresentada em seu opúsculo *Um programa heterodoxo de português nas escolas*, de 1948, já mencionado. Ao apresentar o processo pedagógico utilizado em seu colégio, que era inspirado na pedagogia de Edmond Demolins, o diretor da *Écoles des Roches* - Oiticica chamava a atenção para o fato de que em seu colégio toda teoria deveria vir sempre da prática, da observação, para dedução e organização das noções sobre as coisas observadas, experimentadas.

A conexão entre estes diferentes momentos: a experiência do Colégio Latino-Americano, a escrita do manuscrito "Anarchismo como método de educação" e a rememoração da conferência transcrita no opúsculo de 1948 - ajuda a entender o modo de ensinar e de aprender defendido pelo professor Oiticica.

### 4.2 Oiticica e os seus manuais: uma proposta "simplíssima[143]"

A proposta de serem guias seguros para os professores aparece anunciada nas cartas de

[143] Com esse termo José Oiticica define a sua classificação das palavras em seu *Manual de análise*, de 1919.

advertência que abriam as publicações de seus livros didáticos, em suas várias edições. Em fins dos anos de 1910, quando ele iniciou a publicação dos seus manuais didáticos, estava envolvido com as críticas aos livros didáticos, em circulação no período, considerados inadequados às demandas do professor, tal como foi argumentado por Afrânio Peixoto (1923), em seu livro *Ensinar a ensinar*.

Na sua concepção, os materiais didáticos precisavam estar adequados às necessidades dos professores, por isso deveriam se tornar “guias práticos” para o professor. Essas idéias, que também foram defendidas por Afrânio Peixoto, direcionaram o trabalho de Oiticica em seus dois manuais com o propósito de simplificar as classificações das palavras.

Um guia prático para José Oiticica era um livro com a disposição dos conteúdos ordenada com a apresentação do seu conceito, da sua funcionalidade com exemplos de seu uso. Para isso, era necessário apresentar a explicação de cada termo usando vocabulário de fácil compreensão e apresentando referências sobre possíveis formas de aprofundamento de leituras e, também, quando necessário, a apresentação de notas explicativas. Oiticica defendia ser imprescindível o desenvolvimento do gosto. Para tanto, era necessário adentrar em cada conteúdo por encadeamento lógico das partes do menor para o maior, do fácil para o complexo. Se fossem apresentados conteúdos considerados complexos, antes de uma escala ordenada por princípios da lógica, fatalmente os estudantes se desencantariam sem querer seguir as outras descobertas. Além disso, era de vital importância que os professores ensinassem os seus alunos a tomar notas de suas leituras, dispondo as suas descobertas num crescente ordenado pela lógica de cada um dos assuntos examinados. Os seus livros seguiam a apresentação dos conteúdos em forma de notas numeradas.

Essas considerações decorrem da leitura das cartas de advertências e da leitura do *Manual de análise (léxica e sintática)*, de 1919, e *Manual de estilo*, de 1926, apresentados por Oiticica como guias práticos para as escolas.

A disposição de conteúdos em forma de notas concatenadas dos conceitos e noções aparece também em seus ensaios publicados concomitantemente por Oiticica na imprensa libertária. As estratégias de apresentação de conteúdos usadas nos dois referidos manuais também foram usadas em sua cartilha do comunismo libertário, intitulada *A doutrina anarquista ao alcance de todos*, um livro que também pode ser compreendido como uma estratégia semelhante a empreendida, com relação aos livros didáticos pelo menos na maneira como José Oiticica dispunha os conteúdos.

Cabe mencionar que os seus dois manuais tiveram as suas redações iniciadas na fase do cárcere, de 1924/1925. O primeiro, o *Manual de análise*, praticamente coincidiu com o

documento *Princípios de fins do comunismo*, com as noções e prescrições da sociedade nova comunista libertária, comentado no capítulo anterior. O segundo foi uma produção do cárcere, na Ilha das Flores e Ilha Rasa, que coincidiu com a escrita de *A doutrina anarquista ao alcance de todos*, que de acordo com a sua fala era o seu "catecismo anarquista". A sua atuação profissional alternou de maneira ininterrupta as atividades educacionais da docência institucional pública na atuação referente à propaganda social, os seus diferentes espaços de educação e de produção de idéias e práticas.

### 4.2.1 *O Manual de análise (léxica e sintática)*

O primeiro livro de José Oiticica foi publicado em 1916, Estudos de fonologia, 1ª série – tese de concurso ao Colégio Pedro II em 1916.[144] Em 1919, o Manual de análise (léxica e sintática) e, em 1926, o Manual de Estilo.[145]

Oiticica empreendeu parte significativa de sua carreira como intelectual da língua portuguesa com as publicações de destinação escolar. A julgar pelas observações contidas nas "cartas de advertência" que abrem as suas publicações, direcionadas a um público classificado pelo autor como: "sábios colegas", os gramáticos, àqueles que Oiticica antevia que a sua proposta não iria agradar, aos jovens professores, que no seu julgamento eram aqueles que precisavam de seus livros para aprender como ensinar, e, a todos aqueles que se interessavam pelas questões da língua portuguesa, que ele sabia não ser o grande público em razão da massa de analfabetos do Brasil.

Essas cartas se repetiram nas sucessivas reedições e reimpressões e algumas vezes modificaram o seu conteúdo. Acompanhá-las possibilitou conhecer as prescrições de suas práticas, e também as críticas aos "vícios de aprendizagem", as práticas negadas para a compreensão da proposta do autor com tais obras. O exame dessas cartas de advertência, a atenção à organização dos conteúdos e ao manuscrito "O feito e o por fazer", em que Oiticica apresenta uma avaliação sobre a sua produção em cada um de seus manuais foram os procedimentos adotados para a compreensão da sua perspectiva com relação aos modos de ensinar e de aprender.

---

[144] No primeiro capítulo apresentamos o conteúdo de *Estudos de fonologia, 1ª série – tese de concurso ao Colégio Pedro II* , publicado pela primeira vez em 1916, e posteriormente em 1955.

[145] A segunda edição do *Manual de análise (léxica e sintática)* foi publicada em 1923, com as seguintes informações na capa: Enciclopédia Didática Brasileira, sob a direção do professor José Oiticica: professor substituto do Colégio Pedro II, na Typographia Baptista de Souza e na terceira edição, publicada em 1926, foram apresentadas as seguintes modificações na capa: professor catedrático do Colégio Pedro II, com o acréscimo *Depositário: Livraria Machado*. Nesse ano, publicou também o *Manual de estilo*, embora elaborado no ano anterior foi publicado em 1926. Esses dois manuais tiveram várias reedições.

A apresentação de seus conteúdos didáticos nesses manuscritos organizou-se pela concatenação de conceitos e noções encadeados em seqüência numerada, ou de listagem por ordem alfabética. Alguns conceitos, noções e termos, por vezes, apresentam notas, uma espécie de glossário que esclarece os sentidos considerados ou as referências a outras obras de consulta do próprio autor ou de outros autores.

A erudição de José Oiticica nas áreas da filologia, da lingüística e da gramática deu-lhe condições para a escrita de seus manuais, e reconhecimento, pois os seus manuais transformaram-se em referências para obras de outros estudiosos da língua portuguesa, como, por exemplo, os autores de gramáticas como Antenor Nascentes e Silvio Elia. A interlocução entre esses intelectuais se mostra em suas assertivas, como nas oposições que fazem entre si, algumas vezes transformadas em polêmicas, outras na publicação de trabalhos conjuntos.[146]

Para confirmar a sua importância e reconhecimento, cabe mencionar que a 11ª edição do *Manual de Análise (léxica e sintática)* de José Oiticica foi publicada em 1955, em edição refundida com o *Método prático de análise gramatical e lógica*, de Antenor Nascentes, apesar de divergirem em algumas questões gramaticais.

Oiticica apresentava os conteúdos de seus dois manuais de forma esquemática. Discorria sobre os conceitos encadeando-os por etapas evolutivas e com a conclusão de cada assunto. Os argumentos eram listados numericamente ou alfabeticamente. Apresentava exemplos para dar sustentação aos seus argumentos, e, como já dito, as notas e referências corroboravam seus argumentos, concordando ou contrapondo posições com outros autores.

O *Manual de análise* de 1919 e o *Manual de estilo* de 1926 aparecem indicados nos Programas de Ensino do Colégio Pedro II, de 1926 e 1928. Esses livros foram inseridos na parte “Livros Indicados” desses programas logo após a passagem de José Oiticica do cargo de professor substituto para o de catedrático de Português:

1926

> [...]
>
> Livros indicados
>
> 1º ano: Carlos de Laet: Antologia Nacional; Antenor Nascentes: Análise gramatical e lógica; José Oiticica: *Manual de análise*; Otelo Reis: Verbos e textos para corrigir; Said Ali: Gramática elementar.

[146] Nos manuais didáticos de Oiticica há diversas referências as concordâncias e críticas às produções de Silvio Elia, destacando-se o seu trabalho como gramático, e também a de Antenor Nascentes, como pares de trabalho nos assuntos referentes à fonologia e atividades do Colégio Pedro II. Do diálogo crítico com Silvio Elia, destacam-se tanto os agradecimentos dispensados por Oiticica pela revisão de seu *Manual de análise* em 1955, como a publicação do debate com esse intelectual, enfeixando os artigos jornalísticos com as respostas de Oiticica em razão de suas discordâncias com o professor Silvio Elia. É importante mencionar que a realização dessas polêmicas implicavam, para Oiticica, um exercício de reconhecimento intelectual da parte de ambos.

2º ano: Os mesmos do 1º ano e mais: Said Ali: *Gramática secundária da língua portuguesa.*

3º ano: Os mesmos e mais: Otoniel Mota: *O meu idioma*; Júlio Nogueira: O exame de português.

1928

Português

[...]

2º ano [idem a 1926, com acréscimo de mais dois livros]

Antenor Nascente: O idioma nacional –2º volume

José Oiticica: Manual de estilo

[...]

(Programas de Ensino do Colégio Pedro II[147] – Português e Literatura *apud* RAZZINI, 2000, p.328, grifos nossos).

Quando um livro aparecia na lista de livros indicados do Programas de Ensino do Colégio Pedro II, essa indicação reverberava nas outras escolas secundárias do país, acabavam, por extensão, adentrando também em outras escolas do país atingindo um público amplo, pois, tal como mencionado no primeiro capítulo desta pesquisa, os programas de ensino do Colégio Pedro II eram o padrão a ser seguido por todas as escolas secundárias do país.

O *Manual de análise* é uma publicação avaliada por José Oiticica por estar ao alcance dos não-técnicos do assunto. Essa avaliação se deu em comparação à sua tese de concurso sobre a classificação dos fonemas, publicada em 1916.

Na "carta de advertência", da segunda edição de 1923, do *Manual de análise (Léxica e sintática)*, Oiticica critica o fato de os exercícios de análise portuguesa se limitarem à análise taxionômica e sintática, uma prática dos manuais de língua portuguesa do período reprovada por ele. Oiticica defendia que em lugar de ensinar a taxionomia era melhor ensinar fonologia e a morfologia e argumentava que são inovações metodológicas por substituir a "classificação velhíssima nas partes dos discursos analisados, quadro insuficiente para a caracterização das palavras".

Em todos os seus livros (entre 1919 e 1955), o professor Oiticica procurava explicar o que ele considerava ser o mais simples da língua portuguesa para depois apresentar o que considerava mais complexo. O seu objetivo, era "introduzir o gosto da aprendizagem nos

---

[147] Os Programas de Ensino do Colégio Pedro II, de Português e de Literatura foram consultados do estudo de Márcia de Paula Gregório Razzini (2000, p. 279-368).

alunos". Para tanto, Oiticica (1923, p.5-6) apresenta os objetivos de seu *Manual de análise*, que:

> O *Manual de análise* tenta pôr cobro a isso [introduzir o gosto pela morfologia nas escolas] alargando os estudos descurados, completando a taxionomia, simplificando a nomenclatura da análise sintática, desenvolvendo, ao contrário, tudo quanto logicamente se deve desenvolver, explicando as construções irregulares, tão comuns e embaraçantes.
>
> Sei que este livrinho é falho em muitos passos. Rogo aos professores o favor de me assinalarem erros, oporem francamente suas objeções, levantarem dúvidas, fornecerem quaisquer trechos complicados ou frases indeslindáveis.Tudo ocorrerá para aperfeiçoamento deste livro, onde agito e delato vícios, certos de que o melhor do livro é o que mais provoca o exame e discussão.
>
> Cumpre declarar que muito devo à Gramática do Dr. Maximino Maciel. Mesmo onde mais me afasto do eminente professor do Colégio Militar, pode o leitor ver de quanto me vali, aproveitando os quadros sinóticos e desenvolvendo-os. Outrossim, reitero aqui meus agradecimentos ao professor Antenor Nascentes, catedrático de espanhol do Pedro II, cujas observações tanto concorreram para melhorar esta 2ª edição. (grifos nossos).

Nessa carta de advertência, Oiticica solicita aos professores, os leitores de seu *Manual de análise,* para assinalarem os erros e dúvidas, para com isso melhorar o livro. Essa postura do professor era recorrente. Como pudemos ver, no capítulo anterior quando os leitores do periódico *A Vida*, em 31 de dezembro de 1914, lhe apresentaram críticas, ele em circular respondia às críticas e argumentava que os erros assinalados não eram razão para o encerramento da revista, ao contrário, era uma oportunidade para melhorar a sua qualidade.

José Oiticica, a julgar pelas prescrições metodológicas encontradas em suas cartas de advertência que abriam as suas publicações, afirmava que o seu *Manual de análise* visava simplificar a nomenclatura da análise sintática, contrapunha-se a tudo quanto logicamente se deve desenvolver, com o objetivo de explicar "as construções irregulares, tão comuns e embaraçantes". Para exemplificar a forma de apresentação do conteúdo, numa passagem do seu *Manual de análise,* em sua 4ª edição que Oiticica (1942, p.29) apresenta "taxionomia":

> 33- O universo constitui a existência real; mas o homem cria outra existência imaginária (mitologia), romances, concepções fantásticas, (abstrações). Essas duas existências representam-se à consciência sob sete aspectos: cousas, fenômenos, entidades, ocorrências, ações, instituições, concepções1. Exemplos: 1. lápis, livro, frasco, tinta; 2. chuva, respirar,medo, oxidação; 3. árvore, flor, cristal, lago, estrela, gato, orelha, lobisomem, caipora, sereia; 4. encontro, desastre, descarrilamento, vencer, caber, custar, valor sorte; 5. pulo, saltar, ir, subjulgamento, exercício, conversar, beijo; 6. parlamento, imprensa, exército, tribunal, dinheiro; 7. gênero, número, virtude, verdade, pureza, brancura, modo, símbolo, algarismo, círculo, pi, etc.
>
> 34- Taxionomia é o estudo da função da palavra.

1-Importa definir cada um desses termos para evitar confusão. Fenômeno (inclusive psíquicos) é qualquer atividade da natureza; entidade é todo produto ou resultado de uma atividade da natureza; concepção é todo aspecto da atividade mental puro ou representado; ação é toda atividade resultante da vontade ou atribuída a uma vontade; instituição é toda a criação social; ocorrência é qualquer aspecto não dependente da atividade natural ou da vontade; cousa é todo o produto da atividade humana. Dou à palavra aspecto sentido mais lato possível, sinônimo de modo de ser. (OITICICA,1940, p.29).

Essa passagem do *Manual de análise* é comentada no manuscrito "O feito e o por fazer" em que ele destaca ser: "

[...] uma concepção arrojada, de alcance filosófico: os sete aspectos nominais, isto é os sete modos por que se representam à consciência a existência real, o universo, e a existência fictícia, a criada por nossa imaginação. Classifiquei-os em causas, fenômenos, entidades, ocorrências, ações, instituições e concepções, dando-lhes, em definições precisas, o significado exato.[...] (manuscrito – O feito e o por fazer - , pertencente ao acervo pessoal de José Oiticica, provavelmente no início da década de 1940).

O conteúdo do *Manual de análise* apresenta-se disposto como o que foi exemplificado. Os itens são numerados, e alguns deles apresentam uma nota explicativa.

Oiticica, na "carta de advertência" da quarta edição do *Manual de análise*, realizou algumas modificações e solicita aos professores cotejá-las:

Cerca de vinte anos decorreram da impressão estereotipada, e por isso irrefundível, deste *Manual*. Erros numerosos, outras opiniões, novas doutrinas ou não se corrigiram, ou não vieram figurando nessas duas décadas.

Tempo era, pois, de quebrar as pedras e refazer o livro por já não condizer, em grande parte, com os ensinos e métodos do autor.

Não me sobra espaço para assinalar aqui o renovado e o novo. Deixo, aos professores que me honrarem com a leitura ou preferência, o cotejo das edições e o assinalo das mudanças.

Fora-me gratíssimo apontarem-me eles suas discordâncias.

Meu fito único é aclarar quanto possível a análise portuguesa; tanto vale elucidar nossa riquíssima sintática, acender lâmpadas nesse tesouro, a fim de os ostentar aos cegos, no ímprobo labor de ressalvá-lo do desbarato contemporâneo, calculadamente por francelhos confessos e escritores bota-abaixo.

E apresso-me em consignar aqui meu profundo reconhecimento aos jovens professores Almir Câmara de Matos Peixoto, Antonio Houaiss, Sílvio Elia, Rocha Lima, por muitas preciosas sugestões, levando-me a emendas sérias, modificações de quadros e acuramento na disposição geral.

[...] Rio – 11 de janeiro de 1939. José Oiticica (1939, p. 5-6).

Oiticica critica duas categorias de escritores, "os francelhos confessos", os "escritores

abaixo”. Os primeiros eram aqueles que escreviam no estilo rebuscado, o segundos eram o representantes e adeptos do modernismo. Na fronteira, das reminiscências da retórica e da poética de que o ensino de português era legatário, não é possível dizer se Oiticica se posicionava frente ao “novo”, em razão da dificuldade de mensurar novo e velho. No entanto, em um dos manuscritos pertencentes ao acervo pessoal de Oiticica, intitulado “O feito e o por fazer”, ele apresenta um balanço sobre as suas inovações no terreno da língua portuguesa, a partir de suas obras didáticas.  No balanço, provavelmente do início da década de 1940, esclarece a razão do ensaio:

> A professora fluminense, sra. Jacira Faria Peres de Mello, do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, escreveu, para o próximo concurso de português nesse Estado, uma tese sobre a *Evolução da análise sintática portuguesa*. Está publicava em folheto impresso na *Gráfica Dias Vasconcelos,* com data de 1941.
>
> Dando conta do trabalho, alega a professora o seguinte: “Meu escopo, nesse estudo, é mostrar a que ponto chegamos na constituição de uma doutrina analítica adiantadíssima, muito superior ao que se faz na Europa, e, em seguida, explana o melhor processo pedagógico entre nós exposto e atualmente já iniciado pela moderna geração de professores brasileiros” Isso na página nove, assinala as três fases por que passou a análise sintática em português: 1ª de Jerônimo Soares Barbosa a Júlio Ribeiro; 2ª de Júlio Ribeiro à publicação de meu *Manual de análise*; 3ª do meu *Manual de análise* até hoje. Assim, dois pontos estão bem claros: a ilustre professora reconhece a modificação radical operada pelo *Manual de análise* na teoria e prática da análise sintática e opina ser essa transformação o grande progresso, por se haver aqui elaborado cousa muito superior ao que se fez até hoje na Europa e alhures.[...] (manuscrito – O feito e o por fazer - , pertencente ao acervo pessoal de José Oiticica, provavelmente no início da década de 1940).

A exposição de Oiticica sobre as suas realizações em matéria de gramática da língua portuguesa principia por informar ao leitor que ele foi o primeiro a “refundir a fonética, propondo uma classificação dos fonemas segundo o sistema normal brasileiro”[148]. Essa classificação foi a sua tese de concurso para ingresso no Colégio Pedro II, em 1916.

Nessa tese, Oiticica examinou quatro pontos: a classificação dos fonemas, a teoria dos encontros vocálicos, a evolução dos ditongos e tritongos, os vícios de pronúncia e o estudo básico de califasia.  Sobre a sua classificação de fonemas, ele argumenta que:

> Minha classificação de fonemas difere mito da unanimemente aceita pelos foneticistas atuais. Meu dissídio decorre dos princípios mesmos por eles assentados, e, quanto mais lhes estudo os fundamentos, menos razão lhes acho. Publicada a mais de trinta anos, sobre ela jamais se manifestou um só professor brasileiro, conquanto alguns persistam em seus compêndios, a repetir os mesmos erros estrangeiros. (manuscrito – O feito e o por fazer -, pertencente ao acervo pessoal de José Oiticica, provavelmente no início da década de 1940).

Os comentários de Oiticica sobre as suas teses de concurso deixam ver a cultura das

[148] Manuscrito pertencente ao acervo pessoal de José Oiticica.

polêmicas em torno das questões gramaticais e mostra que com Antenor Nascentes, também catedrático do Colégio Pedro II, havia discordâncias. Com Matos Peixoto, o professor Oiticica publicou *Exercícios para corrigir*, sendo Peixoto "discípulo" de José Oiticica e o organizador de algumas das obras que foram relançadas. Foi Matos Peixoto quem realizou a revisão das obras de Oiticica.

No artigo a preocupação de Oiticica é mostrar a sua primazia sobre a teoria dos encontros vocálicos de sua tese de concurso, e assim discorre sobre ela:

> Em minha tese de 1916, assentei uma teoria dos encontros vocálicos, a meu ver importante, nunca entrevista por nenhum foneticista e na qual firmo três leis relativas à emissão de vozes em colisão. Com efeito os lingüistas tratam sempre as tais vozes sem atender a tonicidade. Para eles parece um só encontro... (manuscrito – O feito e o por fazer -, pertencente ao acervo pessoal de José Oiticica, provavelmente no início da década de 1940).

No artigo "O feito e o por fazer", Oiticica após destacar a originalidade de sua tese observa não ter recebido qualquer confirmação ou refutação, ou sequer, referência a ela nos compêndios onde o assunto deveria tratar. A balança de Oiticica sobre a 5ª edição do seu manual de análise encerra-se com as informações sobre os seus últimos estudos, destacando-se um:

> sobre a palavra *tal*, [...] uma classificação nova dos pronomes,[...] a criação de duas classes de advérbios, de freqüência e de intenção, [...] deles tirei numerosas palavras que passei para a classe das denotativas, por mim instituídas desde a primeira edição do *Manual* e de que não há sequer menção em gramáticas nacionais ou estrangeiras, antigas ou modernas, que eu saiba. Ora esses denotativos são de suma importância. Indicam acidentes possíveis no discurso e pasma não terem jamais entrado nas cogitações de tantos pesquisadores e sistematizadores da gramática. Estudo inteiramente novo, não dou por findo, embora, creio eu, pouco se haja de acrescer ao já fixado. Basta que essa classe esteja subdividida em dezesseis espécies para logo ter-se a idéia da flagrante excelência. O número de palavras e expressões até agora nela incluída é deveras imponente. E dizer que nunca mereceram a mais leve referência dos nossos gramáticos!!! Tal a força do preconceito! Criadas antigamente as categorias gramaticais ninguém ousou tocar no tabu. (manuscrito – O feito e o por fazer -, pertencente ao acervo pessoal de José Oiticica, provavelmente no início da década de 1940).

### 4.2.2 O *Manual de estilo*

O m*anual de estilo*, publicado no Rio de Janeiro, em 1926, foi organizado em duas partes. Em sua primeira parte, intitulada *Teoria do estilo* José Oiticica define os *gêneros de estilo* – conceitos de descrição, narração e dissertação -, discute e nomeia alguns vícios adquiridos pelos alunos que resultam na "má escrita" e prescreve vários exercícios para a habilidade de "escrever bem". *Modelos e trechos para exercícios* compõem a segunda parte

deste livro, em que José Oiticica apresenta uma seleção de textos de *variados tipos literários* (cartas, diálogos, fábulas, apólogos, sermões, discursos e contos), para a utilização didática do professor e do aluno em sala de aula.

Esses conteúdos tratados no *Manual de estilo* foram organizados por José Oiticica (1926, p.11) obedecendo a uma seqüência numérica de 01 a 72, em forma de notas. Essas notas, por vezes, aparecem subdividas em itens alfabéticos, como no exemplo abaixo:

> 6-A correção consiste em observar a tradição gramatical dos mestres da língua.
>
> A concisão consiste no expressar os aspectos, factos ou opiniões com menor número de frases ou palavras. Podemos defini-la: o dispêndio mínimo de esfôrço com o máximo efeito de expressão. Naturalmente, só se considera qualidade se não prejudicar as demais qualidades; o excesso de concisão redunda em obscuridade e desarmonia. [...]
>
> 8- Para obter correção, importa: Iº evitar os solecismos; 2º evitar cacografias; 3º evitar deformação; 4º evitar cruzamento; 5º evitar os barbarismos; 6º evitar o arcaísmo inútil ou chocante; 7º evitar o neologismo mal formado, feio ou pretensioso.

Alguns desses itens numéricos foram realçados com negrito para indicar os diferentes assuntos tratados no livro e são indicados no índice apresentado nas últimas páginas do livro. Ao todo o livro tem 219 páginas.

No processo de pesquisa encontramos algumas notas manuscritas que apresentam conceitos tratados no livro - provavelmente anotações de aula. Eram feitas a lápis por Oiticica em pequenas tiras de papel numeradas tal como são apresentadas no *Manual de estilo*. Essa forma de organização é similar ao *Manual de análise*, de 1919, e na obra sociológica: *A doutrina anarquista ao alcance de todos* de 1922. O recurso dessa organização se repete nas várias edições desses manuais e, também, em outras publicações dos anos 1940 e 1950. Em todas essas publicações não há utilização de ilustrações.

Os conceitos, as regras, os textos para exercícios foram organizados em uma seqüência numérica em que José Oiticica apresenta tanto prescrições para a composição de bons textos, como repreende alguns vícios de escrita que resultam em textos mal escritos.

Trechos dos textos do *Manual de estilo* selecionados são comentados por ele, classificando-os em estilos conciso e prolixo. A nota abaixo exemplifica como Oiticica desaconselha o professor a usar textos de Herculano e Taunay e indica outros autores como textos *perfeitos* ou *quase perfeitos:*

> 25- Da concisão. É mau processo querer adquirir imediatamente ou conjuntamente, as seis qualidades de estilo. Muito mais fácil e pedagógico é evitar, desde o princípio, os defeitos. Em regra geral, o professor consciencioso, ao iniciar um aluno na arte de escrever, deve levá-lo de modo que não contraia vícios. É cousa aliás facílima, crianças de dez e doze anos conseguem redigir com muita concisão e clareza. Os maus hábitos dificilmente se corrigem, sobretudo nos adultos.

> **O primeiro cuidado, pois, do professor é não consentir na leitura de autores prolixos como Herculano e Taunay**. Cumpre-lhe, ao contrário, ministrar ao discípulo modelos impecáveis, o que é mais difícil, mormente em português. Em todo caso, há muitas descrições, narrações ou dissertações perfeitas, ou quase, em Camilo Castello Branco, Eça de Queiroz, Machado de Assis, Coelho Netto e outros podendo recorrer-se a autores estrangeiros com Fromentin, Flaubert, Taine, Loti, etc.
>
> O aluno deverá fazer numerosos exercícios visantes exclusivamente a *concisão*, base de tudo. Só mais tarde depois de estudada a metrificação, deve cuidar especialmente da harmonia. Quanto a originalidade virá no fim, convindo até que o professor deixe surgir espontaneamente, das qualidades nativas dos alunos. A originalidade *procurada* é sempre visível e de mau efeito. (OITICICA, 1926, p.36, grifos nossos).

Os textos disponibilizados por José Oiticica na segunda parte do *Manual de estilo* são de sua autoria e de Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Xavier Marques, Raul Pompéia, Monteiro Lobato, Hermes Fontes, Coelho Netto, Afrânio Peixoto. Estes três últimos autores eram pessoas do convívio de José Oiticica. O discurso retórico nomeado como *estilo floreado a Herculano* não é somente criticado em seus livros didáticos, mas também no debate educacional nos jornais.

Em seus artigos jornalísticos José Oiticica chamava a atenção para o problema do despreparo dos professores em sala de aula. Suas publicações didáticas refletem a sua preocupação em contribuir para o trabalho pedagógico e são indícios do terreno de suas lutas em torno do currículo no que diz respeito aos conteúdos a serem ensinados e, também, ao método de ensino a ser adotado.

Na carta de advertência do *Manual de estilo*, Oiticica anuncia que o seu objetivo é que o livro sirva como um guia para o ensino e a prática da arte de escrever, sem a proposta de *fabricar escritores,* mas com a preocupação em metodizar regras práticas, fundamentais para quem quer escrever satisfatoriamente. A problemática inicial anunciada para justificar a organização do livro é assim apresentada:

> Podemos afirmar que no Brasil, a generalidade dos homens públicos, jornalistas, advogados, engenheiros, funcionários, historiadores, geógrafos, escrevem mal. Relatórios, conferências, livros didáticos ou de polêmicas, entre nós, surpreendem pelo desmanchado, pela incorreção, pelo excesso, prolixidez ou amontoamento. **Qual o motivo desse desalinho no estilo? Minha observação no magistério, sobretudo nas bancas de preparatórios, me confirma numa causa única: desorientação geral dos professores primários e secundários. Sem terem aprendido nunca a técnica de escrever, cada qual corrige a esmo as composições de seus alunos, emendando e aconselhando conforme o seu gosto pessoal, muitas vezes mal formado**. [...]. (OITICICA, 1926, p.7, grifos nossos).

As críticas de Oiticica sobre o ensino que nos anos de 1920 pareciam ser o habitual, as suas sugestões para a substituição do “estilo floreado” pela “simplicidade, concisão e elegância” levam a supor que suas propostas inovavam o ensino de língua portuguesa. Em sua

proposta metodológica, a má formação dos professores é uma questão debatida por ele, um problema que pretende ser amenizado pela inserção e uso de seu manual nas escolas. O estilo floreado ensinado pelos professores, bem como as suas correções são procedimentos criticados por José Oiticica. Um exemplo que ele denomina como "um caso eloqüente", esclarece a sua perspectiva com o *Manual de estilo*:

> Tendo assumido a regência de uma turma na Escola Normal, determinei, para avaliar o adiantamento das alunas, uma composição com elementos descritivos de paisagem e tipo. Em todos os trabalhos, **observei um sem número de velhas chapas, estilo alambicado e meloso dos falsos românticos, perífrases contínuas e o vago e inexpressivo jeito arcádico, diluído em lirismo à Herculano**. [escrevia a aluna]; *Eram os mimosos cantores da floresta saltitando de galho em galho; eram dentes comparados a um colar de finas perólas, ou o orvalho semelhante a lágrimas da noite.* Tomei uma das composições e fiz-lhe a crítica em aula mostrando os vícios de tal estilo. A autora, vaidosa de ter sido no ano anterior, uma das primeiras, declarou-me escrever assim, por assim lhe haver aconselhado o professor. Disse-me textualmente: - *Meu professor me dizia que era necessário florear o estilo.* Ao que retruquei ser um mau conselho e consistir a virtude exatamente no oposto, em fugir, por todos os meios, do estilo floreado. Essa mesma aluna, meses depois fazia composições ótimas, algumas admiráveis de precisão, cor e originalidade. Era um notável comportamento artístico desaproveitado e transviado pelo mau gosto do professor. Nas bancas examinadoras tenho lidado com sábios colegas, os quais louvam composições palavrosas e nenhum valor dão a algumas excelentes pela simplicidade, concisão e elegância. (OITICICA, 1926, p.7, grifos nossos).

A proposta de simplificar, dispor o mais simples para depois apresentar aos alunos o mais complexo é uma orientação que aparece no *Manual de estilo*, assim como em outros livros didáticos de José Oiticica. Essa forma de organização de conteúdos é anunciada quando Oiticica (1926, p.8) informa a adoção de *passos de tratadistas* para a composição dos conteúdos de seu *Manual de estilo*, que consistiam em uma "condensação de regras práticas, muito simples, o essencial do que ensinam os mestres da matéria [...] um guia seguro nas escolas".

As sugestões da substituição do "estilo floreado", pela "simplicidade, concisão e elegância" se contrapunha com as práticas de alguns professores que "louvam composições insulsas e palavrosas". Oiticica demonstra pelos seus comentários que sua experiência com as bancas examinadoras dos preparatórios lhe revelavam que os alunos escreviam mal porque aprendiam mal. Reporta-se aos professores que ensinam o "estilo floreado" como "os sábios colegas".

O *Manual de estilo* era destinado ao uso de professores em sala de aula. Sugeria atividades, definia formas de correção e de avaliação.  Os professores são estimulados a buscar leituras. Ainda nessa carta, Oiticica (1926, p.8) reporta-se aos professores novos e aos colegas "tarimbados" no ofício de escrever:

> Aos professores novos advirto não se limitarem ao indispensável deste *Manual*, mas versem as obras dos especialistas até se familiarizarem com todas as variedades de estilo e conseguirem discriminar o bom do mau. Demais, importa, ao corrigirem uma frase ou período, que expliquem ao aluno o motivo, o *porquê* da correcção, dando-lhe a oportunidade de aceitar ou não a emenda. Só assim lograrão formar-lhe o gosto, criar nele o sentimento de responsabilidade e o esforço de pesquisa, caminho de toda arte.
>
> Aos meus colegas, tarimbados no ofício, rogo o favor de me apontarem falhas, omissões, descuidos. De tudo me valerei para melhorar este *Manual* e torna-lo, se possível, guia seguro nas escolas. (OITICICA, 1926, p.11, grifos nossos).

Tanto o *Manual de estilo*, como a sua publicação anterior, o *Manual de análise (léxica e sintática)*, de 1919, foram adotados no Colégio Pedro II e conhecidos de outros colégios. Assim, as suas orientações para que os professores explicassem aos alunos quais foram os seus erros de escrita deveriam propiciar a oportunidade para que seus alunos aceitassem ou não as sugestões dadas pelo professor. Essa parece ser uma atitude de valorização de todas as áreas do conhecimento, ou seja, todos deveriam dominar todas as competências compatível com as idéias anarquistas do livre pensamento, e levam a indagar sobre os possíveis ecos dessa postura metodológica para o ensino da época, uma vez que os seus livros parecem ter sido conhecidos de muitos professores e alunos.

A carta de advertência que abre o *Manual de estilo* é datada de 16 de novembro, de 1926. Foi escrita dois meses após a sua libertação da Ilha das Flores, sendo possível investigar sobre a existência ou não de relações entre as suas preocupações de militante e de professor de Português.

As orientações de Oiticica observadas pelo exame da "carta de advertência" do *Manual de estilo*, tanto aquelas que dizem respeito à formação que os professores devem buscar em suas leituras, como aquelas que orientam suas condutas no processo de ensino e de avaliação dos textos de seus alunos, são aspectos que estão detalhados na pesquisa empreendida por nós na reconstituição da trajetória intelectual e militante de José Oiticica.

A advertência, para que os professores novos procurassem ler os especialistas da língua portuguesa, para adquirir conhecimentos e se tornarem capazes de escolher entre o bom e o mau estilo de escrita, é uma atitude pedagógica que pode ser aqui compreendida como um de seus objetivos educacionais para a formação de professores. Apesar de não anunciada, revela-se como uma estratégia metodológica que se mostra na proposição e não na imposição de procedimentos que poderiam ser adotados por aqueles professores.

O diálogo entre José Oiticica e os professores em seu manual visando orientar os professores para explicar aos seus alunos sobre os erros detectados em suas composições literárias, salientando a necessidade de discutir suas possíveis sugestões de escrita, sinaliza a forma como Oiticica pensa a avaliação: um diálogo aberto com os alunos. Argumenta ser essa

a atitude pedagógica para desenvolver no aluno “[...] o gosto, criar nele o sentimento de responsabilidade e o esforço de pesquisa, caminho de toda arte”. Este parece ser outro objetivo educacional defendido por ele.

Oiticica (1926, p.8) defende a idéia de que o ensino de qualquer conhecimento deve ocorrer de forma gradativa. Esse argumento, presente nas orientações disponibilizadas em seu *Manual de estilo*, ou seja, que o mais simples deve ser explicado antes do mais complexo, tem o objetivo de formar o gosto do aluno, “criar nele o sentimento de responsabilidade e o esforço de pesquisa, caminho de toda arte”, tal como foi comentado no *Manual de estilo*.

A produção didática e os artigos jornalísticos permitem conhecer aspectos de sua prática como intelectual, escritor, professor de Português e Prosódia, tanto no que diz respeito à educação escolar do Colégio Pedro II, como também às práticas realizadas nos centros de estudos e nas atividades da *propaganda social* - a educação que está fora dos muros da instituição escolar.

Em razão de sua militância anarquista os encarceramentos periódicos interromperam as suas aulas, mas não a elaboração de seus livros, uma vez que alguns deles foram escritos na prisão. É o caso do Manual de análise (léxica e sintática), que começou a ser escrito na prisão em 1919, e do livro *A doutrina anarquista ao alcance de todos*, em1924.

No cotidiano de trabalho de José Oiticica, o seu tempo era dividido entre as atividades de ministrar aulas, a escrita de seus livros e as ações da *propaganda social anarquista.* Algumas das lições utilizadas em suas aulas no Colégio Pedro II, publicadas em seus livros e nos jornais ácratas, muito provavelmente eram também utilizadas em suas conferências sobre o estudo da língua portuguesa nos centros de estudos anarquistas.

Essas evidências atestam que os saberes produzidos e organizados por Oiticica circulavam entre um público leitor de dentro e de fora da instituição escolar. Diferentes leitores para uma mesma destinação didática: o ensino da língua portuguesa.

O trabalho docente de José Oiticica na Escola Normal, e no Colégio Pedro II, bem como suas experiências de participação em bancas examinadoras, fazia com que cada vez mais se inteirasse das dificuldades dos professores no trabalho da docência. Além da sua erudição para pensar o ensino de gramática, também contava em suas experiências com as atividades da propaganda social.

O trabalho como examinador nas bancas lhe possibilitava conhecer os erros mais freqüentes e interagir com pessoas de diferentes lugares. Porém, as atividades voltadas à *propaganda social libertária*, tanto as conferências, como a escrita de artigos para a imprensa libertária, obrigavam-no a pôr em prática os seus conhecimentos. A sua perspectiva de

educação libertária incluía a opção para na maior parte das vezes ficar junto aos trabalhadores e aos seus filhos.

Tornar a mensagem clara, simples metodizá-la para que todos a compreendessem era o principal objetivo pretendido por esse intelectual em suas conferências, artigos e falas. Afinal, na sua perspectiva educacional, como pudemos acompanhar nos capítulos anteriores, esteve empenhando na formação de consciências livres e, para que isso acontecesse, todos deveriam conhecer a língua portuguesa. Tal evidência é de fundamental importância para compreender o José Oiticica autor. Além disso, possibilita conhecer aspectos da conformação do estudo da língua portuguesa.

A disciplina Português até os anos de 1940, segundo Magda Soares (1996, p. 8), manteve-se na tradição da gramática da língua portuguesa, na análise de autores consagrados persistindo aspectos da Retórica e Poética, com nova roupagem:

> [...] à medida que a oratória foi perdendo seu lugar de destaque tanto no contexto eclesiástico quanto no contexto social, a retórica e a poética foram assumindo o caráter de estudos estilísticos, tal como hoje os conhecemos, e foram-se afastando dos preceitos sobre o *falar bem*, que já não era exigência social, para substituí-los por preceitos sobre o *escrever bem*, já então como exigência social. Assim, embora a disciplina curricular se denominasse Português, persistiram embutidas nela as disciplinas anteriores, até mesmo com individualidade e autonomia, o que se comprova pela convivência na escola, nas cinco primeiras décadas deste século, de dois diferentes e independentes manuais didáticos: as gramáticas e as coletâneas de textos.

Até os anos de 1950, de acordo com Soares (1996, p. 9), persistiram as gramáticas de conteúdo autônomo e as coletâneas de textos limitavam-se a eles. Havia a apresentação de trechos de autores consagrados, sem comentários ou exercícios ou questionários. A julgar pelas características dessas gramáticas e dessas coletâneas, essa pesquisadora supõe que a concepção que o professor daquele período nutria sobre o que deveriam ser as aulas de Português implicava o uso de um manual com o texto, cabendo a ele comentá-lo, discuti-lo, analisá-lo e propor questões aos alunos. Como as faculdades de filosofia destinadas à formação do professor só foram criadas nos anos de 1930, em geral os professores eram estudiosos da língua e de sua literatura, embora se dedicassem ao ensino da gramática e da literatura.

Em seu outro espaço de atuação pedagógica em suas ações da *propaganda social* cuidava em preparar professores para os cursos do método racionalista, tal como o mencionado no capítulo II. Nesse espaço, as suas ações se posicionavam em várias frentes da educação: pelo jornal, pelo teatro, pelo projeto da universidade livre com as freqüentes

conferências sociais. Em lugar dos livros didáticos, o seu material de trabalho eram os artigos, ensaios, as conferências sociais, acompanhadas das atividades com o teatro que reuniam as finalidades do entretenimento e de formação.

Toda essa problemática é importante para compreender a proposta de trabalho pedagógico de Oiticica em seus manuais, ainda que não seja nossa proposta destrinchá-los com a descrição exaustiva dos conteúdos de seus livros. Interessa-nos, no entanto, conhecer a sua proposta com os livros, com os professores, e, principalmente, interessa-nos apreender quais procedimentos libertários pesaram para a sistematização de suas idéias inovadoras, manifestas em seus discursos para, com isso, apresentar aspecto fundamentais do intelectual preocupado em melhorar a formação do professor, para o ensino da língua portuguesa. Esse lado de seu perfil compõe a face do militante para a construção de uma sociedade mais justa, fraterna, solidária, privilegiando o livre pensamento.

### 4. 3 Polêmicas em torno da língua portuguesa

O universo letrado do Rio de Janeiro, nos anos 20 do século passado, ainda vivia sob o acalorado debate em torno das questões filológicas, etimológicas e de método, que se manifestavam no meio intelectual desde a virada do Império para a República, e diferentes projetos objetivaram a pôr "ordem" no caos gramatical que vigorava no ensino no país. Nesse debate, emergiam posicionamentos diferenciados: alguns enalteciam a língua; outros, também apaixonados, cuidavam de estudá-la, defendendo a sua autonomia frente a Portugal e reconheciam a necessidade de colocar ordem no caos ortográfico por meio da normalização da gramática. Oiticica estava no grupo favorável a simplificações da sintaxe.

O costume das polêmicas e os debates em torno do chamado "caos gramatical" são aspectos importantes para compreender as diversas polêmicas nas quais Oiticica envolveu-se e foi envolvido. Aparece de forma recorrente em seus discursos "me honrou com uma polêmica", ou o costume das cartas-resposta. No caso do Padre Leonel Franca, desdobrou-se até em uma coluna jornalística denominada "Resposta a um jesuíta". Algumas de suas polêmicas foram enfeixadas e publicadas como opúsculos.

José Oiticica era conhecido de muitos professores por causa de sua participação em bancas dos exames preparatórios na década de 1920. Além disso, o seu *Manual de análise* circulava pelas escolas do país desde 1919, quando foi lançado. Provavelmente conheceu o professor Pedro de Mello, na ocasião em que foi avaliar uma turma na Escola Normal de Piracicaba. Além do uso do pronome "se" indefinido, Oiticica discordava das repetições do "F", "L" e "M".

Pedro de Mello defendia “a propaganda da nova doutrina gra**mm**atical”, com a qual Oiticica não concordava e declarava, em seu *Manual de análise* (1919, p. 8), ser contra o hábito de dobrar as letras nas palavras e reclamava sobre o “árduo trabalho de corrigir excessos contemporâneos promovidos por francesismos e por escritores destruidores da língua”.

O opúsculo de autoria de Pedro Mello, intitulado *O pronome “se” indefinido – réplica ao Dr. José Oiticica*, publicado em 1926, serve para exemplificar o debate e a troca de farpas entre os dois professores. O objetivo de narrar a polêmica é discorrer sobre a forma da crítica, as suas observações, sem adentrar no conteúdo da discussão sobre o emprego do pronome *“se”*.

O professor Pedro Mello (1926), lente de Francês da Escola Normal de Piracicaba, iniciou o debate sobre o uso do pronome “Se” indefinido. Já no início do texto de Pedro Mello (1926, p.4) explica a razão de seu opúsculo, uma explicação que mistura a pessoa do autor com o tema do debate:

> O pronome “se” indefinido
>
> Tendo publicado um estudo ou monographia com o título supra, enviei um exemplar do mesmo, com atenciosa dedicatória, ao sr. Dr. Oiticica. Em editorial do *Correio da Manhã*, de 2 do corrente, honrou-me com uma resposta, na qual se revela visivelmente contrariado e quase irritado, como si eu tivesse commetido o acto reprovável de meter a mão em seara alheia, fora da minha competência e attribuição.
>
> Entre parenthesis: só tive conhecimento da referida resposta tardiamente e graças a bondade de um amigo, pois não mereci a gentileza de uma retribuição. Mas não havia motivo para nervosismos: e lastimo que, com tão pura intenção, fosse eu causar tamanho dissabor; não podia, porém imaginar, que com simples offerta de meu enfezado livrinho, fosse produzir tão desastrado effeito. [...] (MELLO, 1926, p.4)

Mello (1926, p.4), após reclamar sobre o fato de não ter recebido a resposta de Oiticica, compartilha com o leitor de seu opúsculo as suas impressões sobre o tratamento que lhe fora dispensado por Oiticica em sua resposta a ele, acerca de seu estudo monográfico que discutiu sobre o pronome “se” indefinido.

O autor da monografia acusa o professor Oiticica de tratar a sua questão filológica como “velha, bolorenta já relegada a tertúlias provincianas” e que só se prestava a comentar o estudo “porque o forçava a isso a triste profissão de lente catedrático de português neste esparramado paizinho de questiúnculas” (p.4).

Em razão dessa resposta, para ele, ofensiva, o autor do opúsculo reagiu dizendo que não existiam questões antigas para a filologia, e que a questão não era só magna para ele, pois era “considerada a mais intrincada questão da língua portuguesa por Othoniel Motta, e que

“della tem se ocupado os melhores grammaticographos e, ultimamente, em seus livros didacticos, o dr. Sampaio Dória, Said Ahi para não citar outros” (MELLO, 1926, p.4), lançando o seguinte desabafo:

> Agradeço ao sr.dr. Oiticica a amabilidade dos qualificativos – erudito mestre e douto professor – com que se dignou de honrar-me para logo em seguida, me mimosear com attestado de “insciencia”. Recebo os presentes um em cada mão e Deus lhe pague. Cumpre-me todavia desfazer o equívoco; não sou doutor, como S.S. suppõe, não passando de um simples professor provinciano e muito obscuro. (MELLO, 1926, p.4)

Após as críticas ao tratamento que o professor Oiticica teria dispensado a ele, apresenta-lhe o seu estudo, que procura demonstrar as situações de uso em que “o pronome “*se”* exerce a função de sujeito e que, segundo a sua tese, em português existem dois pronomes *“se”*, um reflexivo e outro indefinido. Para chegar a essa conclusão, Pedro Mello refuta as observações do professor Oiticica sobre a partícula *“se”* apassivante e apresenta autores modernos para dar sustentação à sua argumentação e contrapor-se a Oiticica, que teria dito ser o seu estudo amparado por citações de segunda mão dos autores clássicos com a seguinte argumentação:

> Oiticica: são suspeitos; os modernos não fazem fé (...) e nenhum escriptor que se preze usa tal synthaxe.[...]
>
> Pedro Mello: Este final é estupelaciente !...Nenhum escriptor que se preze?! O exemplo citado é de Eça de Queiroz!...e outros da lista ahi vão seus nomes: Castilho, Afrânio Peixoto, Latino Coelho, Camillo, Theophilo Braga, Ramalho Ortigão, Gonçalves Dias, João Ribeiro, Jackson de Figueiredo, Pacheco da Silva Júnior e Machado de Assis! Não fazem fé?...Não são escriptores que se prezem?...Ah! então queira perdoar-me o sr.dr.Oiticica, não encontrei outros de maior valia...Mas porque não fazem fé? Si a linguagem antiga se documenta com textos clássicos, a moderna não se pode documentar senão com citações de autores modernos, dos que bem versam a língua. Minhas citações, diz o exigente crítico, sempre de segunda mão para os clássicos, estão inconferíveis, porque não combinam com as edições e as páginas apontadas, quando se apontam, sendo as mais dellas suspeitíssimas.
>
> As citações de segunda mão são de Ruy Barbosa, de Américo Moura (Lente de Português na Escola Normal da Praça da República em São Paulo), de Teixeira Coelho, autor de uma monographia sobre o pronome *“se”*, de Said Ali e alguns outros; porém com raríssimas excepções levam as indicações precisas das fontes. [...] (MELLO, 1926, p.18-19).

Pedro Mello, ao defender-se da crítica de Oiticica, deixa ver quais foram os aspectos por ele observados, ou melhor, os aspectos que valorizava nos trabalhos acadêmicos. Algumas possibilidades podem ser levantadas sobre o ocorrido, provavelmente como Oiticica tinha o hábito de fazer a citação de primeira mão e apresentava notas em seus escritos, esperava encontrar esse mesmo procedimento nos trabalhos que examinava. Avaliava os trabalhos e conferia as fontes, ou, encontrando um erro no início do trabalho, deixava de ler o resto. Esse

era o seu procedimento crítico.

Pedro Mello finaliza o seu opúsculo com o seguinte ataque à seriedade do professor Oiticica:

> Termina o Sr. Dr. Oiticica o seu artigo com a seguinte pergunta: - "Não seria melhor dedicar o sr. Professor Pedro de Mello sua operosidade a pesquisas menos ímprobas? Retribuindo a gentileza eu poderia por minha vez perguntar: não seria melhor que, em vez de escrever artigos de critica philologica para a imprensa, se dedicasse o sr. Dr. Oiticica a alguns exercícios mais hygienicos, taes como gymnastica, a natação, o tennis ou outro qualquer?....Mas não o faço, mesmo porque isto de actividade pessoal cada um faz da sua aquillo que bem entende, independente de censura ou suggestão de quem quer que seja.
>
> Finalizando esta, agradeço, a s.s.o ensejo que me proporcionou de ventilar novamente em público as idéias que defendo, intensificando por esta forma a propaganda da nova doutrina grammatical.
>
> Piracicaba, 31 de outubro de 1926. Pedro de Mello Lente de francez da Escola Normal de Piracicaba, E, de S. Paulo. (MELLO, 1926, p.25, grifos nossos).

O opúsculo circulou pelo Rio de Janeiro com distribuição gratuita e com a seguinte orientação na capa: (Grátis) "Ver a última página da capa". Na última página da capa o autor divulgava o seu livro assim:

> Do mesmo autor
>
> O PRONOME "SE" INDEFINIDO
>
> E
>
> NOTAS PHILOLOGICAS
>
> Um volume de 156 páginas, encontra-se a venda na LIVRARIA ALVES, no Rio de Janeiro, e em suas filiaes, em BELO HORIZONTE e em São Paulo; na Casa GARRAUX e em LIVRARIA TEIXEIRA, em São Paulo, na Casa GENOUD, em Campinas; e em todas as papelarias de Piracicaba. Preço 6$000.
>
> (MELLO, 1926, capa final)

O opúsculo de Pedro Mello, de distribuição gratuita, serviu a ele como propaganda de seus dois livros a venda em três estados brasileiros. A posição de autor e de lente de Francês da Escola Normal de Piracicaba não combinava com a sua performance de "um simples professor provinciano e muito obscuro". A "humildade" do criticado, no avesso do discurso suscitava o "pedantismo" do crítico, e a polêmica foi usada em favor da "propaganda de sua nova doutrina gramatical" (MELLO, 1926, p.26).

José Oiticica como seu crítico (da sua tese) e criticado (no seu opúsculo) muito conhecido no Rio de Janeiro, pois além de catedrático do Colégio Pedro II, autor de livros didáticos era uma figura conhecida por se envolver em polêmicas com Rui Barbosa, Aurelino Leal, padre Leonel Franca, além do ser um anarquista.

A polêmica é um exemplo de um tipo de debate no qual Oiticica esteve envolvido, e também exemplifica, uma forma de comportamento dos intelectuais daquele período.

O professor Oiticica, em 1955, publicou um opúsculo intitulado *Uma gramática (crítica ao professor Sílvio Elia),* enfeixando os seus artigos em resposta *ao Compêndio de língua e literatura* desse autor. Antes de apresentar a carta de abertura desse opúsculo é importante destacar um comportamento de Oiticica que ajuda a compreender o seu procedimento nessas polêmicas, como, por exemplo, a razão delas.

Na imprensa libertária havia a estratégia de ataques constantes à Igreja, ao clero. Tais ataques s expressavam de maneiras distintas. Por exemplo, em *A Lanterna,* da segunda década do século XX, era comum insultar os padres, os "clericanalhas", os "come-dorme", os "padrecos". Oiticica não fazia uso desse vocabulário e procedia à sua crítica também de uma outra forma: estudava as teses da Igreja para combatê-las por dentro, em seu próprio território, tal como procedeu na polêmica com o padre Leonel Franca.

O rigor de sua crítica se mostrava pela forma como Oiticica recolhia os argumentos em leituras e pesquisas, uma de suas características marcantes. Na polêmica com o padre Leonel Franca, que foi tratada no capítulo III, entre os objetivos de Oiticica estava o interesse pela luta anticlerical. Era importante mostrar que entre os católicos havia discordâncias, rebeldias, que a Igreja não era assim tão "praça forte" como se colocava aos fiéis.

A crítica aos gramáticos tinha em sua dinâmica alguns protocolos próprios, melhor explicados com exemplos retirados do discurso de Oiticica em seu manuscrito "O que foi feito e o por fazer", que servem como evidência que ajudam nessa reflexão:

> [...]
>
> O ilustre professor Antenor Nascentes, criticado por mim, deu-me a honra de combater meus modos de ver numa resposta inserta em seus Estudos Filológicos. Minha carta crítica a fonética do seu *Idioma Nacional* foi publicada nesta revista [*Revista Filológica*] em vários números com anotações esclarecedoras de Matos Peixoto. Não pude até agora, por absoluta falta de tempo, analisar a defesa de Nascentes. Alias pouco adiantaria; o essencial está dito e ali terão os interessados o bastante para definirem-se. (manuscrito – O feito e o por fazer -, pertencente ao acervo pessoal de José Oiticica, provavelmente no início da década de 1940).

Antenor Nascentes era com quem tinha uma série de discordâncias em relação ao ensino de gramática, mas também com quem trabalhou na década de 1940, recebendo sugestões para a melhoria de seus livros.

Na carta ao leitor de *Uma gramática (crítica ao professor Sílvio Elia),* Oiticica apresenta o opúsculo como uma resposta às discordâncias de Sílvio Elia em relação aos estudos de fonologia, um de seus focos de interesse. Diz Oiticica (1955, p.1):

> Este opúsculo enfeixa doze artigos meus, nove deles crítica ao Compêndio de língua e de literatura do professor Silvio Elia, na parte gramatical, e da professora J. Budin, na de literatura. A crítica limitou-se a pontos que o prof. Elia descordou de opiniões minhas citando-me.
>
> Foram os sete primeiros artigos publicados no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro [entre26-10-1952 a 29-03-1953] [...] Antes de haver eu terminado a minha crítica, publicou o prof. Elia, no *Diário de Notícias*, quatro artigos em resposta aos meus [...] Escrevi então mais um, replicando aos quatro desse professor em *O jornal* de 15-03.1953. Havendo dificuldade na inserção de artigos em série e de polêmica nos grandes diários, resolvi sustar a série programada sobre o Compêndio.
>
> Ora, o professor Silvio Elia prometera responder-me a fundo, em livro seu, prestes a estampar-se e eu avisei de que, dando-se isso, outro livro, o meu, se seguiria ao dele. O livro apareceu este ano, princípios de 1955. Escrevi imediatamente um artigo (o penúltimo desse opúsculo), para assinalar e rebater as asserções do prof. Elia e avisar ao leitor da próxima edição do meu. O artigo, recusado por quatro grandes jornais, foi finalmente publicado, [em 12-04-1955] , dois meses depois de escrito pelo *Diário Carioca.*
>
> Neste opúsculo, figuram todos os meus artigos. Não inseri os de Elia por estarem num apêndice ao seu livro Orientações da lingüística moderna (1955). O leitor curioso acompanhará a polêmica nos dois livros.

Estas são referências a serem consideradas para se compreender como um polêmico professor anarquista, envolvido em tantas prisões, teve os seus livros publicados, licenciados e indicados, tornando-se intelectual bastante reconhecido no terreno da Filologia, envolvido em debates nos anos 20 do século passado.

Nos livros de José Oiticica, assim como nas obras didáticas do período, a figura do autor era realçada, com o seu lugar de pertencimento, e com a listagem de suas outras produções. Pesaram para a aceitação de suas obras, além da legitimidade dos livros, também as relações que abriam portas, como, por exemplo, a amizade com Coelho Netto, também autor de obras de literatura e gramática. No entanto, encontrou resistências para conseguir publicar os seus livros didáticos, em decorrência das suas adesões ao anarquismo e ao anticlericalismo, por causa das repercussões de suas prisões. Esses “boicotes” são mencionados em alguns de seus textos necrológicos, e se deram principalmente quando o padre Leonel Franca, em 1931, passou a compor o Conselho Nacional de Educação. Como tratado no capítulo anterior, houve polêmicas acirradas entre esses dois intelectuais.

Depois de publicada a sua tese de concurso, *Estudos de fonologia, 1ª série – tese de concurso ao Colégio Pedro II*, José Oiticica lançou, em 1919, o *Manual de análise*, e o *Manual de Estilo*, em 1926. Esses dois livros se tornaram conhecidos em outras escolas do país, pois logo após ser nomeado catedrático de Português, deixando o cargo de professor

substituto em 1925, esses dois livros de Oiticica eram indicados nos Programas de Ensino do Colégio Pedro II, apresentados a seguir.

### 4.4 O perfil pedagógico de Oiticica na memória de seus ex-alunos

Fernando Segismundo[149] foi aluno e colega de Oiticica no Colégio Pedro II. Apresenta suas memórias em três temporalidades distintas (o tempo do aluno, o do professor e do egresso do Colégio Pedro II). As cenas vividas são narradas com a finalidade de celebrar o colégio Pedro II como *lugar de memória*. Tal como o Colégio, alguns professores são homenageados. As seqüências das cenas aparecem em narrativas que alternam intensidades sincronizadas com a alternância destas três temporalidades: o menino que lembra as aulas do Colégio, o professor que encontra o colega que foi seu mestre e a nostalgia do egresso.

E, dessa forma, são tempos distintos que se entrecruzam, mostrando que a lembrança do menino estudante foi também a do homem professor e tem o sentimento daquele que hoje está fora do Colégio. O trecho abaixo deixa ver tal perspectiva (1987, p. 1-2):

> Fui seu aluno [do Colégio Pedro II] e nele exerci o magistério perto de quatro décadas. [...] Para mim o Colégio tem sido uma obsessão, se assim posso me exprimir. Eu não consigo ver-me e compreender-me sem as raízes que a ele me prendem. [...] Sobram-me razões para me considerar uma parcela da casa, e os que freqüentaram os bancos escolares hão de entender suficientemente tanto apego e ufania.

O livro de Segismundo (1987) é uma coletânea de seus discursos proferidos por ocasião de cerimônias realizadas no Colégio Pedro II, como o discurso de paraninfo, que proferiu por ocasião da formatura de uma das turmas do Colégio, outro escrito, a propósito de uma aula inaugural e outros elaborados ao longo das décadas de 1970 e 1980 para homenagear o Colégio, demonstrando os sentimentos por ele declarados: “apego e ufania”.

Aos seus discursos, somam-se pequenas biografias de professores da instituição: José Oiticica, Fernando Antonio Raja Gabaglia, Joaquim Manuel de Macedo, Corinto da Fonseca, Isaac Volchan, Carlos Miguel Delgado de Carvalho e Antenor Nascentes.

Nesses livros, as cenas e informações sobre Oiticica organizam-se em dois textos datados de 1977 e de 1982. O primeiro intitulado *Lembrança do professor Oiticica* e segundo, Oiticica*: messias e educador.* Ambos apresentam informações importantes para compor com outras em um quadro que permite conhecer a relação intersubjetiva que Oiticica construía

---

[149] Segismundo (1987, p.2) ocupou a cadeira de Ciências Sociais no Colégio Pedro II, após ter sido aprovado em concurso em 1939. Em suas atividades pedagógicas destaca as orientações de moral e civismo aos alunos. Conta que sempre teve uma boa relação com Oiticica, apesar de ter sido alertado sobre as conseqüências dessa proximidade. O seu texto não foi bem aceito por Edgar Rodrigues (1993), que o acusa de não ser digno de falar sobre José Oiticica

com os alunos em suas atividades no Colégio Pedro II.

Por exemplo, Segismundo (1987, p.73) conta que:

> Oiticica era professor severo, não cortejava o aluno e dele exigia inteira aplicação. Vez por outra pilheriava com um de nós, passava rasteiras – que se julgava emérito capoeira – e discorria sobre os direitos dos cidadãos, enveredando pelas aulas de Monsenhor Mac Dowel. [...] Dele se desprendia vigor e altivez. Parecia um leão preste a estraçalhar a sua presa. Misto de cordura e violência, esse Oiticica tão afamado e temido [...].

Na leitura das memórias de Fernando Segismundo, percebe-se a tentativa de esconder suas preferências pelos professores que se propôs a biografar. Seus julgamentos frente a essa ou aquela atitude do professor Oiticica, no entanto, não deixam de se manifestar, mesmo não abdicando de sua escolha de homenagear o mestre. Ao mesmo tempo em que lamenta ter sido seu aluno intermitente em decorrência de trocas de turnos por problemas domésticos, não deixa de reporta-se às ausências do professor por ocasião de suas prisões. Entretanto, o fato é assim registrado (1987 p.73):

> [...] eram freqüentes suas detenções por motivos políticos, os quais, nós os alunos, mal sabíamos intuir. Ficávamos semanas sem a sua presença marcante. Aguardando-lhe o retorno, ostentava um ar de orgulho pelo mestre tão importante que a polícia estava sempre a encarcerar.

Em suas memórias, as aulas do Monsenhor Mac Dowell, responsável pela instrução moral e cívica, eram invadidas pelo professor Oiticica, quando este falava sobre os direitos do cidadão e sobre o mundo futuro. Em sua narrativa é perceptível o tom de reprovação do professor da referida disciplina. Provavelmente, as falas de Oiticica fossem reprovadas por Segismundo. O trecho abaixo deixa ver que Segismundo (1987, p.75) não se identificava com as idéias do professor:

> Recordo-me que enquanto aluno, encontrei-me uma das poucas vezes entre condiscípulos, no passeio público, a ouvir dos lábios de Oiticica as mais circunspetas preleções sobre o mundo do futuro – livre de governantes, fraternalmente unidos os indivíduos, e o mel a escorrer para as bocas desafogadas [...] Sua prédica não encontrou eco no meu espírito. Eu o ouvia com respeito, mas sem o menor gosto.

Mario Lago (1981, p.212), em seu livro de memórias *Na rolança do tempo*, conta um episódio do jogo da capoeira com o inspetor Manoel que permite conhecer um pouco sobre as relações de sociabilidade entre o professor Oiticica e os alunos e funcionários do Colégio Pedro II:

> Oiticica, já merecedor de certa desconfiança por sua posição confessadamente anarquista, escandalizava os outros professores com as intimidades permitidas ao Manuel, servente que vendia sanduíches na hora do recreio. Iniciado nos segredos da

> capoeira, várias vezes foi surpreendido em treinamentos com o inferior. Mas havia outro detalhe enchendo de pasmo o corpo docente mais do que tudo isso. O Manuel tinha o apelido de Piroca. Todos os professores timbravam em chamá-lo de senhor Manuel. Só Oiticica encostava-se ao balão e gritava como qualquer um de nós: *"Vê logo esse sanduíche, Piroca"*. Isso o identificava demais conosco, para desespero de Carlos de Laet, ainda diretor do colégio quando ali entrei.

O mesmo episódio é relatado e iniciado por uma percepção de Mario Lago que de certa forma parece oposta ao que conta Segismundo (1987, p. 61). Esta cena é narrada por Velloso (1998, p.61) em sua biografia: *Mario Lago: boemia e política*. Para Mario Lago:

> No centro do pátio, Manoel e José Oiticica se encaravam. Gingavam nos calcanhares e, rápido, lá ia uma perna pro ar, enquanto o braço ficava forte, sustentando o corpo no chão. Jogo de corpo sutil de resistência, essas coisas é que provavelmente interessavam ao professor. Para os anarquistas, a cultura era uma área estratégica que merecia especial atenção. Acreditavam que entrar em contato com as diferentes expressões culturais, conhecer de perto as pessoas sem considerar hierarquias, era uma forma de atuação política [...].

Em uma das quatro entrevistas realizadas com Sônia Oiticica, mencionou os treinos de capoeira: "[...] papai aprendeu capoeira para se distrair quando ele estava na prisão. Eles faziam concurso de capoeira para se distraírem. Lá não tinha o que fazer. Era uma coisa horrível! Já pensou!"[150].

Enquanto Mario Lago (1981) identifica-se com o professor por ser próximo dos alunos e funcionários, Segismundo (1987) entende as falas de Oiticica sobre os direitos do cidadão como invasão das aulas do professor Monsenhor Macdowell. Quanto às práticas da capoeira com o servente Manoel, as cenas não aparecem em sua narrativa. A ausência do comentário pode significar algo não muito apropriado para aparecer em seu texto de homenagem. Há, no entanto, uma referência no discurso de Segismundo (1987, p.73) "ele se julgava emérito capoeira".

Velloso (1998, p.60-63) relata que Mario Lago preferia ouvir José Oiticica, principalmente porque em suas aulas sugeria aos alunos que lessem atentamente os noticiários dos jornais por ser uma maneira de conhecer outros estilos literários, distintos das antologias. Uma de suas prescrições aos alunos que gostavam de escrever era acostumar-se a prestar atenção em outros estilos, mais próximos da vida e da fala cotidianas. Dentre as lições dos professores, preferia ouvir as lições de Oiticica, principalmente porque ele "apontava a possibilidade de um mundo mais fraterno e democrático" a ponto de considerá-lo como o professor de maior influência em sua formação. Chama a atenção para a forma como Oiticica

[150] Cf. entrevista de Sônia Oiticica em anexo.

direcionou o seu olhar para o mundo que transcendia aos muros do Colégio e a possibilidade de descortinar novas paisagens e ver o mundo de outra maneira. Por isso, seguiu as instruções de seu professor José Oiticica, passando a ler jornais. Já nas considerações de Segismundo (1987, p.75) sobre as falas do professor: “[...] ouvia com respeito, mas sem o menor gosto”.

Mario Lago chama a atenção também para a maneira descontraída com que tratava os alunos e funcionários do colégio como foi demonstrado no exemplo com Manoel, o funcionário da cantina escolar. Para Mario Lago, a capoeira de Oiticica nas horas vagas das aulas era uma prática que o colocava em um lugar diferente dos outros professores do Colégio.

Sônia Oiticica[151], em uma das entrevistas, contou uma história ocorrida no Colégio Pedro II, um caso comentado por seu pai sobre suas aulas:

> [...] Papai chegava na classe e dava bom dia aos alunos. Os alunos tinham que se levantar com a chegada dos outros professores, mas nas aulas de papai não. Aí, papai perguntava a eles qual era a primeira coisa a se fazer. Todos então tiravam o paletó. Era um calor no Rio!!! O uniforme era caqui e tinha uma gravata. Então, ele dizia: como é que é? E os alunos tiravam a gravata e o casaco e ficavam todos à vontade, só de camisa na sala de aula. Aí, um dia, o diretor do Colégio passou uma vez e falou com ele: “Professor, sua classe fica com todo mundo muito esquisito!”. Aí meu pai disse: “Na minha classe mando eu!”.

A narrativa de Sônia Oiticica sobre a quebra de protocolos no comportamento de seu pai no Colégio Pedro II vai ao encontro dos comentários de Mario Lago acerca da proximidade que o professor Oiticica às vezes estabelecia com seus alunos. Lembra Mario Lago (1981, p.212) “O Pedro II assustava um pouco conservando quase intata alguma austeridade dos tempos de sua fundação [...] Três figuras bagunçavam um pouco esse coreto sisudo, tendo sempre, por isso, uma roda de alunos à sua volta, entre eles José Oiticica e Mendes de Aguiar”. Na posição de colega integrante do corpo docente, Segismundo (1987, p.74) conta que:

> Chegado ao magistério do Pedro II, fui ser colega de Oiticica. Senti-me envaidecido – por que não dizer? Andar com ele pelos corredores, saborear cafezinho ao seu lado nos intervalos das lições, ouvir ele discorrer sobre a situação política, degustar-lhe os ensinamentos, ser o confidente desse homem intrépido conferia-me um lugar no estabelecimento que os outros professores e circunstâncias, juntos, não me dariam nunca. Em pouco tempo, manifestaram-se as desvantagens de tão apreciada camaradagem. Fui alertado para o perigo da convivência com o anarquista. Houve quem me contasse hipotéticos horrores do comportamento daquela cultura robusta que

[151] Cf. Anexo 3.

> eu tanto prezava. Péssimo companheiro, exclamavam. Sequer cumprimenta seus pares. Na Congregação vota contra as decisões da maioria. É soberbo e malcriado! .

Na condição de professor, colega de trabalho, Segismundo chama a atenção para o "preço" que teria que pagar caso continuasse como amigo de Oiticica. Se, de um lado, releva a sua "apreciada camaradagem", reconhecendo que jamais teria tal tratamento por parte de "outros professores e circunstâncias", por outro, recorda outra cena lembrando que os outros colegas o tachavam de "soberbo e malcriado", pelo fato de ele não cumprimentar seus pares.

Nas entrevistas com Sônia Oiticica é perceptível que o professor Oiticica marcava sua posição quando considerava estar correto nessa ou naquela atitude. O exemplo da reação de seu pai, frente às observações do diretor da escola reprovando o fato de os alunos não estarem trajando paletó e gravata em sua aula, pode ser considerado uma mostra da existência de uma polêmica no Colégio.

Sônia entende que o seu pai expunha as idéias anarquistas em sala de aula em atitudes como a que tinha com relação aos uniformes: "[...] papai agia, colocava suas idéias em prática, como no caso que eu contei sobre os alunos tirarem o paletó e a gravata na aula. Aquilo era uma espécie de rebeldia, de independência"[152]. "Ele ensinava isso aos alunos."

Segundo Sônia, todos esses comentários a respeito do cotidiano na escola eram relatados, principalmente à mesa, depois do jantar. Ela conta que o seu pai não fazia mesmo questão de ser polido com quem não considerava ser seu par.

Alternando as posições de aluno e a de professor no Colégio Pedro II, Segismundo (1987, p.74) afirma que:

> Oiticica revelava procedimento singular. Não era de conventículos ou de tergiversações. Falava sempre alto e retamente. Pouco se lhe dava a agradar ou não ao ter que exprimir seu pensamento. Entrava para o Colégio após o memorável concurso, entendendo nada a dever senão aos seus próprios méritos. Era e queria ser independente dos grupos afeiçoados à alta administração. Tal propósito angariou-lhe desafetos e inimigos, com os quais, afirmo-o com absoluta certeza – nunca se importou. Era como se não existissem. Nem os combatia nem os desprezava. Simplesmente ignorava-os. Vi Oiticica, muitas vezes, subir e descer a majestosa escada principal, que dá acesso ao segundo pavimento do Colégio. Passavam por ele colegas que o cumprimentavam aberta ou cerimoniosamente. Oiticica portava-se como se privado fosse da vista e dos ouvidos. Com indiferença, seguia o caminho sem responder às saudações. Seu alheamento – confessou-se - decorria do caráter frouxo que surpreendera em muito dos companheiros. Avaliando-os bem, preferia poupar-se tempo com fúteis demonstrações de urbanidade.

A presença de José Oiticica na banca do exame de admissão é lembrada pelo professor

---

[152] Ver anexo 3.

Geraldo Pinto Vieira[153] em entrevista para esta pesquisa:

> Quando entrei no colégio na década de 40, meu primeiro contato com Oiticica foi no exame de admissão. O exame naquela época era composto por provas escritas e orais e ele me examinou na prova oral.
>
> As provas escritas eram de Português e Matemática, e as provas orais eram de Português, Matemática, Geografia e História. Mais tarde vim a saber quem era o professor Oiticica. Era uma das figuras mais importantes do Colégio Pedro II e teve uma grande trajetória como professor, lecionando várias disciplinas.[...] Oiticica era Catedrático em Língua Portuguesa, portanto essa foi a razão dele estar na banca, quando me examinou no final da década de 40.
>
> As provas do exame de admissão eram interessantes porque a prova escrita era composta de uma redação, ou podia ser a descrição de um estampa. Eu me lembro que no meu caso foi uma redação e algumas questões de gramática. [...] Então havia redação e a prova oral que era um tanto complicado porque, como eu disse, o Catedrático no Pedro II estava acima do bem e do mal, mas isso só deu para entender depois.
>
> [...] a banca era composta pelos catedráticos que me examinaram, em Matemática, Cecil Thiré, em História foi Mello Souza. Aquilo era solene, aberto ao público, geralmente as mães acompanhavam os filhos, porque uma criança de 11 anos naquela época não andava sozinha. Eu me lembro quando fui fazer meu primeiro exame na banca, vinha da escola primária de apenas uma professora, moça ou velhota, mas tinha que ser professora, e ali observei que só havia professores.[...]
>
> Em uma mesa comprida, a gente ficava em uma fila e íamos passando pelas provas de Português, Matemática, Geografia e História. Lia-se um trecho acredito, mas não tenho certeza, da Antologia de Carlos de Laet, porque a Antologia do Clovis Monteiro foi adotada depois. Isso eu não posso afirmar, sei que era um trecho qualquer e, em cima daquele trecho, Oiticica fazia meia dúzia de perguntas. Ele era austero, mas era também engraçado! A impressão que me passa de Oiticica é que ele era uma figura austera, mas sem ser antipático.
>
> Eu me lembro que ele fez uma graçola comigo, e eu fiquei com cara de bobo, porque eu acho que ele, para ser simpático, fez uma brincadeira. Perguntou qual era o meu nome. Respondi: “Geraldo Pinto Vieira”. Ele então disse: “[...] quando crescer vai ser promovido a galo”. Na hora não entendi nada, fiz o exame e fui embora.
>
> [...] eu não fui aluno de Oiticica. Ele dava aula na parte da manhã. Naquela época as turmas eram divididas, na parte da manhã eram meninas, e na parte da tarde meninos.
>
> O Programa de Língua Portuguesa eu acredito que fosse norteado por Oiticica. Ele era catedrático juntamente com Nascentes. Era uma complicação porque mais tarde vim a saber, até por outras pessoas, que Oiticica tinha um livro de análise lógica. Soube depois que havia divergências entre o sistema de Oiticica e o de Nascentes. Nascentes fez concurso para Cátedra de Espanhol e depois passou para cátedra de Português. Oiticica já tinha feito concurso de Português e antecedia cronologicamente a Nascentes. Não fui aluno de Oiticica porque estudei na parte da tarde. Tive um grande professor chamado Elpídio Pimentel.

O professor Geraldo Pinto Vieira estudou, foi bedel, professor de História e iniciou a organização do Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II (NUDOM). Hoje, na condição de professor aposentado, presta serviço voluntário ao receber os pesquisadores na

[153] Cf. Anexo 3.

instituição. Como colaborador nesta pesquisa, disponibilizou duas sessões de entrevistas em que compartilha suas lembranças sobre a banca do exame de admissão no início de 1940, quando ingressou no Pedro II.

Pedro da Silva Nava, conhecido pelos seus livros memorialistas como *Baú de ossos*, que foi publicado em 1972, seguindo-se *Balão cativo*, *Chão de ferro*, *Beira-Mar*, *Galo-das-trevas* e *O círio perfeito.* Estudou no externato do Colégio Pedro II e de suas lembranças Nava (2000, p. 260-278) destacou dois aspectos do professor José Oiticica: a sua presença aterradora na bancas examinadoras e as suas aulas comício.

O José Oiticica, de Nava (2000), era seu professor em 1926, um ano depois de ter sofrido o seu terceiro cárcere, quando a militância anarquista ainda tinha alguma expressividade. O examinador lembrado pelo professor Geraldo é o professor do início da década de 1940, quando a militância anarquista era reduzida a um número bem menor de integrantes. Muito provavelmente considerar a distância temporal e contextual da atuação docente de José Oiticica ajude a compreender por que em Nava (2000) sua presença era aterradora, já o professor Geraldo o via como austero, mas engraçado.

Essas condutas pedagógicas que caracterizavam os “bons professores”, pelo rigor como regiam suas aulas e conduziam o processo de avaliação parece ter sido a marca de José Oiticica no Colégio Pedro II, que coincide com a memória de Pedro Nava (2000), quando lembrou José Oiticica no rol dos que aterrorizavam os alunos, em contraposição a outro classificado como “os canjas”, aqueles cuja conquista por notas não demandava estudar muito.

Ao percorrer as cartas de advertências, os artigos e conferências, os manuscritos e a didática rememorada pelos ex-alunos do professor Oiticica, foi possível detectar certas práticas que afirmam o seu modo de ensinar, como o estímulo à reflexão sobre os fatos apresentados, a análise de situações cotidianas, ou de modelos, sobretudo o esforço de fazer os alunos compreenderem a realidade, partindo, portanto, da percepção à idéia; do concreto ao abstrato, de modo a organizarem as noções e conceitos.

Da relação professor – aluno, Oiticica prescrevia práticas de respeito aos ritmos de aprendizagem de cada aluno, a ausência de castigos, orientava os professores para que explicassem as correções e que dessem oportunidade ao aluno em acatá-los ou não. Nesse discurso com os professores, Oiticica manifestava os princípios libertários de que era adepto, mostrando que tais princípios podiam ser vistos pelo exame dos manuais de pedagogia e em história se orientados pelo senso crítico.

Essa postura pedagógica não foi e não poderia deixar ser contraditória no mestre

Oiticica, que ao mesmo tempo em que criticava os “francelhos confessos da língua portuguesa”, não admitia os modernistas, tratados como os escritores “bota abaixo”.

As polêmicas eram para Oiticica a forma libertária de manifestação do livre pensamento e da defesa dos princípios da livre organização de grupos por afinidades, aliando-se ou afastando-se de acordo com a manifestação do que chamava de vontade livre. Essa perspectiva que o animava a montar cursos e a perseverar na publicação de seu jornal *Ação Direta*, mesmo após a década de 1940, quando as correntes libertárias já não tinham mais a presença marcante no movimento operário.

A vontade livre é defendida em um de artigo de 1929, em que Oiticica combatia todas as formas de sectarismos, explicitando como era o modo de ser anarquista, ou como era a sua visão sobre a dinâmica dos grupos, de composição dos anarquistas.

> O espírito anárquico [...] não aceita nenhuma limitação às faculdades intelectuais ou emotivas, nem reconhece bitolas, cremalheiras, pauta, à exteriorização de idéias ou sentimentos. Só o indivíduo tem o direito de dirigir seu raciocínio, regular sua linguagem, enfrentar seu estilo, moderar seu juízo, orientar sua ação. (OITICICA, *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano I, nº 3, 10-01-1929, p.1)

Para Oiticica, o anarquismo deveria combater as diversas formas que subjugavam a vontade do homem, assim ele as equaciona:

> O anarquismo combate a todo transe o despotismo de qualquer feição, o feitorismo de toda casta, tudo quanto lembre mandonismo, chefia, canga, subserviência, dominação física, mental ou moral. Assim, repelle o regime carcerário do capitalismo, condena as fábricas de doutores, padres, militares, homens vazados num molde único, manequins talhados num só modelo, manipanços cujo enchimento é a mesma palha secca. Só o indivíduo conhece os seus caminhos. Impor, ao que pende para o norte, a marcha para leste, é roubar-lhe o destino, a vida, a personalidade. Esses princípios, nós, anarquistas, aplicamo-los rigorosamente na luta pela emancipação dos homens. E, dizendo "dos homens", firo um ponto essencial do anarquismo. (OITICICA, *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano I, nº 3, 10-01-1929, p.1)

Neste artigo ainda apresenta que a emancipação do homem, não é apenas das relações de empregado e patrão, mas a emancipação de todas as “tiranias” que tolhem a liberdade do indivíduo:

> O anarquismo não visa apenas a emancipar os trabalhadores, pretende emancipar os homens. [...] Além do trabalho livre, está o pensamento livre e a acção livre. Libertar os homens do patrão é muito, mas não é tudo. Cumpre arrancá-los à tutela dos guias, políticos ou religiosos; e à tirania das "morais", criações de opressores para fanatizar escravos. [...] Como desejar o homem "pôr si", habituando-nos, a nós e aos outros, a disciplinas vexatórias, censuras obsoletas e punições degradantes? (OITICICA, *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano I, nº 3, 10-01-1929, p.1)

De modo peculiar, ou melhor, à sua maneira, apresenta o que seria a princípio a sua

concepção de liberdade e de associação, apontando para a inépcia dos companheiros em compreender o "sentido" amplo de libertação, porém apresenta o que provavelmente seria a gênese dessa inaptidão de compor os diferentes modos de ser anarquista:

> Mal compenetrados dessa concepção de liberdade, vários anarquistas lamentam as divergências de atuação entre anarquistas. Pior ainda, lêem-se freqüentemente acusações de anarquistas-individualistas a anarquistas-comunistas, de anarco-sindicalistas e extra-sindicalistas, etc., etc. Todos esses ataques e lamentações revelam a tendência sectarista milenarmente entranhada nos homens. Pôr mais que estudemos, aprendamos, eduquemos o espírito, a pressão tradicional é tão forte, o meio ambiente, todo dogmático, registra, engaiolante, é tão rígido, que dificilmente conseguimos nos safar dessas determinantes poderosas. Pessoalmente, ao contrário, **vejo nessas várias tendências anárquicas o melhor sinal de vida do anarquismo**. **Todos os homens não podem ver as coisas do mesmo modo, nem resolver os problemas pelo mesmo processo. A transformação social é um problema com soluções múltiplas**. Nós, anarquistas, apresentamos a nossa. Porém, não a apresentamos do mesmo modo. A beleza da nossa concepção e a superioridade do nosso método estão positivamente nessa multiplicidade de meios, todos conducentes a um mesmo fim. Seja, pois, cada tendência livre na execução do seu modo de entender a solução final. Todas as águas afluentes irão dar na mesma foz. (OITICICA, *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano I, nº 3, 10-01-1929, p.1)

No discurso emerge o entusiasmo do militante, que era compatível com a situação do período, época do afrouxamento das leis de repressão à imprensa anarquista, quadro esse que possibilitou as condições necessárias para o surgimento do jornal *Ação Direta*.

Apesar de destacar a multiplicidade do modo de ser anarquista, tacitamente defende um modelo de militante anarquista, balizado no discurso da idealização do "verdadeiro anarquista". E provavelmente, ele tinha sido esse modelo. Autodefende-se das críticas que recebia por fazer parte da Fraternidade Rosa-Cruz, mas, não obstante essa autodefesa, apresenta os princípios anarquistas que permitiam a interlocução entres os diferentes grupos, em busca da transformação da sociedade.

> O verdadeiro anarquista, penso eu, aquele que se libertou totalmente do preconceito sectarista, colabora em todos os grupos, atua em qualquer tendência.
>
> Mais ainda coopera com os não-anarquistas onde quer que a ação deles incremente a oposição revolucionária. Assim, é anticlerical com os anticlericais; é democrático na defesa dos princípios liberais contra os reacionários; está com os bolchevistas, sempre que estes reivindiquem direitos, reforça a ala antimilitarista, ainda que os antimilitaristas sejam burgueses; colabora com a escola moderna racionalista, conquanto não seja senão reformista; anima os teósofos na propaganda fraternista, os vegetarianos na extirpação dos vícios, o próprio Estado Liberal na sua luta contra o imperialismo vaticanista. Não proceder assim, seria confinar-se ao sectarismo e negar, nos atos, a doutrina anarquista, essencialmente anti-sectária.
>
> José Oiticica. (OITICICA, *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano I, nº 3, 10-01-1929, p.1).

Pela multiplicidade de posições e liberdade, eram possíveis conciliar, segundo as suas palavras, o anarquismo, o espiritualismo e o bom-senso. Oiticica era adepto das alianças que pudessem contribuir em várias instâncias no combate à Igreja, ao Estado e ao capital,

considerados inimigos da emancipação humana.

O artigo de José Oiticica sintetiza as suas idéias com relação à organização de grupos para a consecução de tarefas direcionadas a uma proposta coletiva, que, segundo ele, deveriam ser pequenos grupos com autonomia de decisão, mas com responsabilidade com o coletivo. Estimulava a fundação de grupos, que por meio da ação direta, alavancassem as práticas da propaganda social. Essa era uma estratégia de driblar as dificuldades para a continuidade do que ele chamava de obra da educação.

**Considerações Finais:**

A trajetória do professor José Oiticica implicou em reconstituir os lugares sociais de sua formação acadêmica e profissional, suas atuações nessas instâncias deixaram marcas no modo de ensinar e de empreender a educação, principalmente, nas esferas diferenciadas da educação institucional pública e da educação libertária.

Na docência institucional, na posição de catedrático de Português no Colégio Pedro II e Filólogo com produção reconhecida, ele circulou por grupos com protocolos de comportamento que lhes eram próprios. Participou do debate pela reforma ortográfica e em seus manuais didáticos propôs a simplificação da nomenclatura e classificação das palavras, ações que em seu balanço foram consideradas inovadoras. Com as suas produções José Oiticica teve sua presença marcada nos debates em torno da língua portuguesa. No entanto, nas questões relativas ao anarquismo, no Colégio Pedro II, não teve nenhum interlocutor.

Dentro dos grupos que circulavam nessa esfera de trabalho havia espaço de liberdade de ação que permitia ao sujeito manifestar suas disposições e Oiticica usava muito bem esse espaço para firmar as suas posições e os seus valores, no entanto não estava desobrigado a lidar com os protocolos de funcionamento desses grupos, esta peculiaridade tornou ainda mais intrigante e interessante conhecer a sua trajetória, pois permitiu por suas idéias e ações, perceber as linhas tênues entre a resistência e as acomodações, entre a permanência e rupturas nos lugares onde sobrepunha as atividades do catedrático. Assim no espaço da cátedra havia o militante, bem como no espaço da propaganda social havia o catedrático, presente nos procedimentos do cuidado com a língua, nos protocolos da ciência.

Entre as ações que são características a face do intelectual da língua portuguesa, Oiticica escreveu manuais didáticos, participou da fundação da Academia Brasileira de Filologia, contribuiu com estudos avançados em lingüística e com atuação também na docência do ensino superior, como ocorreu com a Universidade de Hamburgo e a docência na Universidade do Distrito Federal com essas ações se firmou como um intelectual de seu tempo. Concomitantemente, a sua produção para a imprensa libertária, em seus ensaios sociológicos reuniu a erudição do intelectual atento às questões sociais somando-se a isso a sua participação nas ações da militância, uma conjugação que o fizeram um intelectual da militância anarquista.

Na militância libertária, ao seu modo, e em consonância com as dinâmicas de organização dos grupos libertários Oiticica, também construiu a sua marca não só pela recorrência de suas ações, mas também por registrar as suas idéias como um teórico do(s) anarquismo(s) brasileiro, na sua forma de funcionamento, ou ainda nas apropriações e pelo

modo particular de manifestação de suas ações.

A sua forma de movimentar as suas idéias e as suas práticas relacionadas com a educação brasileira impuseram a necessidade desta pesquisa revisitar os diferentes espaços de suas atuações sendo possível refletir também sobre a circulação de práticas educativas nesses diferentes espaços e, com isso perceber as acomodações e as resistências de suas manifestações em seus diferentes espaços.

Nos grupos participantes da imprensa libertária José Oiticica se relacionava com intelectuais, e com segmentos das classes trabalhadoras brasileira e estrangeira, nesses espaços e grupos Oiticica contribuiu ao longo da sua vida fazendo uso dos dispositivos da propaganda social, em consonância com a organização das correntes libertárias, podendo ser compreendido como uma expressão de certa continuidade da imprensa libertária dada o alcance de quase duas décadas do seu jornal *Ação Direta*.

Fundou periódicos, jornais e revistas, colaborou em vários jornais divulgando as suas proposições e apropriações das idéias do anarquismo europeu. Nas tarefas práticas o professor Oiticica organizou e ministrou cursos, inclusive para a preparação de professores em acordo com a perspectiva do ensino racionalista, em interação com leituras como, por exemplo, as leituras de Comenius, que na sua apropriação foi elemento para a proposição do anarquismo como método de educação.

Para os empreendimentos dos cursos de formação, da escrita de artigos de opinião sobre o ensino emergiram dessas práticas as heranças da formação de sua formação e, principalmente as experiências educacionais, em particular, a do Colégio Latino-Americano referidos, de maneira recorrente em escritos de diferentes períodos de sua prática docente, pesando ainda e o intercâmbio de idéias que fervilhavam nos jornais libertários.

Oiticica foi o intelectual catedrático, que na sua função de professor, de jornalista, de conferencista perseverava em disseminar as suas idéias sobre a questão social, concentrando investidas na questão libertária, e, para tanto era necessário encetar esforços para formar e conquistar corações. Como decorrências dessa escolhas teve que arcar com prisões e perseguições de todas as naturezas sofridas por causa das adesões ao anarquismo, pelas adesões na perspectiva dos leitores da imprensa libertária, um público leitor que circulava entre os sindicatos brasileiros.

Todas as práticas da *propaganda social* libertária de adesão direta de José Oiticica exibiam sintonia aos costumes da vida intelectual do catedrático, talvez uma de suas iniciativas de visibilidade mais emblemática tenha se dado, por exemplo, pelo desenvolvimento do projeto da revista, um periódico com a proposta de disseminar artigos

sociológicos sobre as teses libertárias e de movimentação de idéias na esfera internacional como foi possível ver pela interlocução iniciada com os professores anarcossindicalistas e militantes de outros países, ou ainda no pressuposto de que suas ações da propaganda social em continuidade ao projeto da universidade de ensino livre, ou da proposta libertária.

De sua trajetória foi possível, apreender suas concepções sobre a educação, sobretudo o seu projeto de educação libertária, os modos com os quais lançou mão para circular entres os grupos que com suas características distintas, o permitiram construir a sua maneira o "jeito de ser" anarquista. Demonstrando a partir de sua trajetória, que não havia a possibilidade de se compreender um uníssono movimento anarquista, mas movimentos, ou melhor, correntes libertárias, que defendiam valores que ora aproximavam, ora distanciavam, os diálogos e as idéias a respeito do anarquismo.

**Fontes**

1. **Imprensa Anarquista –**

**1.1 A Lanterna – Anticlerical e de Combate (direção:Benjamim Mota / EdgarLeuenroth)**

*A Lanterna, Anticlerical e de combate*, São Paulo, ano I, nº 03, 06.04.1901, p. 2

*A Lanterna*- Anticlerical e de combate, São Paulo, ano II, nº 1, 06/07.07.1903, p.1

*A Lanterna – Anticlerical e de combate*, São Paulo, ano XIII, nº 186, 12.04.1913, p.1.

*A Lanterna – Anticlerical e de combate*, São Paulo, ano XIV, nº 269, 05.12.1914, p.4.

Liberdade periódico de crítica social e noticiozo – (Diretor Fundador Pedro Matera)

*Liberdade*, Rio de Janeiro, nº 23, primeira quinzena do mez de setembro de 1918, p.1.

**1.2 *Spartacus* (Direção José Oiticica e Astrojildo Pereira)**

*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 1, 02.08.1919, p.1.

*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 3, 16.08.1919, p.1.

*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 4, 23.08.1919, p.1.

*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 5, 30.08.1919, p.1.

*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 6, 06.09.1919, p.1.

*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 7, 13.09.1919, p.1.

*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 9, 27.09.1919, p.1.

*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 11, 11.10.1919, p.1.

*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 12, 18.10.1919, p.1.

*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 13, 25.10.1919, p.1.

*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 15, 08.11.1919, p.1.

*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 16, 15.11.1919, p.1.

*Spartacus*, Rio de Janeiro, ano I, nº 24, 10.01.1920, p.1.

**1.3 *A Vida* – Revista mensal (Direção: José Oiticica e Francisco Viotti)**

*A vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº 1, 30 de novembro de 1914.

*A vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº 2, 31 de dezembro de 1914.

*A vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº 3, 31 de janeiro de 1915.

*A vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº4, 28 de fevereiro de 1915.

*A vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº5, 31 de marco de 1915.

*A vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº 6, 30 de abril de 1915.

*A vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº1, 30 de novembro de 1914.

*A vida*, Rio de Janeiro, ano I, nº7, 31 de maio de 1915.

**1.4 A Voz do Trabalhador – Orgam da Confederação Operária Brazileira**

*A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, ano VI, nº 26, 01-03-1913, p.2.

*A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, ano VI, nº 28, 01-03-1913, p.2

*A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, ano VI, nº41, 15-10-1913, p.2.

*A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, ano VII, nº 50, 01-03-1914, p.2.

A Voz do Trabalhador, Rio de Janeiro, ano VII, nº 51-52, 01-04-1914, p.4

**1.5 Crônica Subsversiva (Direção Astrojildo Pereira)**

*Crônica Subversiva*, Rio de Janeiro, ano I, nº 8, 20-07-1918, p.3.

**2- Produção do professor José Oiticica**

**2.1 - Lingüística, filologia, gramática e literatura**

- 1916- *Estudos de fonologia, 1ª série – tese de concurso ao Colégio Pedro II*
- 1919- *Manual de análise léxica e sintática* (1919)
- 1926- *Manual de estilo*
- 1931-1932- *Novo dicionário popular da língua portuguesa prosódico e ortográfico*
- 1933- *Do método no estudo das Línguas Sul-Americanas*
- 1941- *Sistema fonético Brasileiro*
- 1948- *Um programa heteredoxo de Português nas escolas* – conferência radiofônica;
- 1952- *Português ginasial - 1ª série*
- 1955- *O pronome relativo*
- 1955- *Português ginasial – 2ª série*
- 1955- *Roteiros em fonética fisiológica, técnica de verso e dicção*
- 1955- *Teoria da correlação*
- 1955- *Uma gramática [crítica ao Prof. Silvio Elia]*;
- 1957 – O teatro russo – conferência pronunciada no Rio de Janeiro (póstuma, opúsculo)
- 1960 - *Curso de Literatura* (publicação póstuma coligida por Roberto das Neves Essas lições de literatura foram antes publicadas no jornal *Ação Direta* - entre 1948 e 1953).

**2.2 – Peças teatrais**

- 1919 - *Azalan!* (Rio de Janeiro, drama, em 3 atos) Publicada com a capa Cadernos de Latim
- 1919 – *Não é crime* (Rio de Janeiro, drama, em 1 ato)
- 1920 - *Pedra que rola* (Rio de Janeiro, comédia, em 3 atos)
- 1923 – Quem os salva?(Rio de Janeiro, comédia, em 3 atos)

- 1936 - *Pó de Pirlipimpim* (Rio de Janeiro, comédia em 3 atos)

**2.3 – Poesia**

- 1905 e 1911 - Sonetos
- 1912-1913 - *Ode ao sol*;,
- 1919- *Sonetos – 2ª série*
- 1954- *Fonte Perene* – (sonetos)
- 1954- As 7 preces – (sonetos)
- 1954- Os 7 instrumentos de suplício

**2.4 – Sociologia**

- 1914- O desperdício da energia feminina (ensaio publicado em A Vida –1914-1915)
- 1924- A Doutrina anarquista ao alcance de todos e publicada em folhetins do jornal Ação Direta em 1946, e, em 1947 teve a sua primeira publicação no formato em livro em 1947
- 1920- Princípios e fins do programa comunista – anarquista;
- 1922- A trama dum grande crime;
- 1970 - Ação Direta Antologia dos melhores artigos publicados na imprensa brasileira- meio século de pregação libertária (Coligidos por Roberto das Neves).

**2.5 – Opúsculos Rosa Cruz**

- 1923- Tradução de La Rochefoucauld, *Reflexões* – (Vauvernargues, Paris, 1923);
- 1953- Tradução A. Krumm-Heller, *Do incenso à Osmoterapia*;
- 1954 - Tradução: Eugén Relgis, *História sexual da humanidade*;
- 1955- Tradução: Rafael López Del Palácio, *Páginas cínicas*;
- 1958- *Os Sete eu sou* – José Oiticica (póstuma - opúsculo Rosa Cruz onde assina também com o codinome Macário Ptókos)
- 1960 - *O Padrenosso* (póstuma - opúsculo Rosa Cruz onde assina também com o codinome Macário Ptókos)

**3-) Recortes de Jornal coletados no Arquivo Fernando de Azevedo, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB ) da Universidade de São Paulo (USP)**

a-) *A Esquerda* – 29-11-1928: "O que é, hoje, nos programmas e na realidade o ensino dramático entre nós - Theoricamente, é um 'imbroghio' praticamente uma 'blague'" - Reforma do Ensino e da Educação do Distrito Federal (1927-1930) – Recortes de Jornais e Revistas de 18-06-1928 - 23-10-1930 – Localização: FA A4/395.

b-) *Jornal do Brasil* – 10-04-1928: "Escola Dramática" – Reforma do Ensino e da

Educação do Distrito Federal (1927-1930) – Recortes de Jornais e Revistas de 18-06-928 - 23-10-1930 - Localização: FA A3/0145.

c-) O Globo – 09-04-1928: “O Theatro, índice da cultura de um povo – Deplorável o estado da Escola Dramática Municipal: Está instalada em um verdadeiro pardieiro”; - Reforma do Ensino e da Educação do Distrito Federal (1927-1930) – Recortes de Jornais e Revistas de 18-06-1928 – 23-10-1930 - Localização: FA A3/143; Coordenação Diana Gonçalves Vidal; Arquivo Fernando de Azevedo IEB (Instituto de Estudos Brasileiros ), USP ( Universidade de São Paulo).

**4-) Manuscritos**

**4.1) manuscritos de José Oiticica**

a-) auto-biografia de José Oiticica

b-) O feito e o por fazer

c-) O anarchismo como método de educação

d-) Sonetos:

As lembranças;

Mundaú;

Pedido;

**4.2) – correspondência passiva de Coelho Neto**

Oiticica, José.

a-) Carta de José Oiticica a Coelho Neto, protestando contra o ato do governo que decretara a promoção em massa de todos os alunos matriculados, 20-11-1930, localização: I, 01-04-039, Biblioteca Nacional- RJ.

b-) Carta de José Oiticica a Coelho Neto, agradecendo por tê-lo convidado para ocupar a cadeira de Prosódia na Escola Dramática Municipal do Distrito Federal, em substituição ao professor[...] 04-05-1914, localização: I-01,04-035, Biblioteca Nacional – RJ.

c-) Carta de José Oiticica a Coelho Neto, informando sobre a chegada de sua esposa e filhas em Hamburgo e queixando-se do desinteresse do governo brasileiro em relação à sua propaganda na Alemanha, 16/08/1930, localização: I 01.04-027, Biblioteca Nacional (BN)-RJ.

d-) Carta de José Oiticica a Coelho Neto, pedindo-lhe que procurasse o Ministro do Exterior para ver como ficava a sua situação depois da Revolução de 1930 – se deveria permanecer na Universidade de Hamburgo na Alemanha ou se deveria retornar ao Brasil, 06-11-1930, localização: I 04-038, Biblioteca Nacional (BN) - RJ.

**5-) Opúsculos em resposta ao professor José Oiticica**

FRANCA, Leonel. 1926. Relíquias de uma polêmica – artigos do Snr José Oiticica apostillados pelo P. Leonel Franca S.J., Rio de Janeiro: Tipografia do Annuario do Brasil.

MELLO, Pedro de. 1926. O pronome “SE” Indefinido – Réplica ao Dr.Oiticica, Piracicaba, São Paulo: Typ. Do Jornal de Piracicaba.

**6-) Documentos oficiais do Colégio Pedro II**

a-) Almanack do pessoal docente e administrativo- organizado pelo secretário do Colégio Pedro II Octacílio A. Pereira, em que apresentou informações sobre o pessoal docente e administrativo até 30 de junho de 1924, v. II, p. 14-19.

b-) Relatório concernente aos annos lectivo de 1925 e 1926, do Collégio Pedro II: Externato.

c-) Relatório do Colégio Pedro II concernente aos annos lectivos de 1925 e 1926, sob direção interina do Prof. Euclides de Medeiros Guimarães Roxo, 1928, p.7.

C-) Anuários do Colégio Pedro II, vol. XV (1949-1950), 1954, Rio de Janeiro: Ministério da educação e cultura

**7-) Livros, artigos, textos necrológicos (memória de José Oiticica)**

a-) Segismundo, Fernando.1987. Colégio Pedro II: tradição e modernidade. Rio de Janeiro: Unigraf.

b-) DORIA, Escragnolle. 1997. Memória histórica do Colégio de Pedro Segundo - 1837-1937. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

**7-) Coletâneas**

HALL, Michael e PINHEIRO, Paulo Sérgio. 1979. A classe operária no Brasil: Vol. I – Documentos (1889 a 1930). São Paulo: Alfa-Omega.

**8-) Documentos produzidos – entrevistas**

a-) Entrevistas com professor Geraldo Pinto Vieira (duas sessões entrevistas abertas com gravação de uma hora).

b-) Entrevista com Sônia Oiticica (quatro sessões, de entrevistas gravadas com, aproximadamente, sete horas).

**Acervos:**

**Campinas:**

Arquivo Edgard Leuenrouth, (AEL), Centro de Pesquisa e Documentação Social, Unicamp.

**São Paulo:**

Arquivo do Estado de São Paulo

Instituto de Estudos Brasileiros, USP.

**Rio de Janeiro:**

Arquivo Nacional do Rio de Janeiro

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BN)

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea – (CPDOC), Fundação Getúlio Vargas.

Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II (NUDOM)

## Referências bibliográficas:


ACCÁCIO, Liéte de Oliveira. 1993. *Instituto de Educação do Rio de Janeiro: a história da formação do professor primário (1927-1937)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ.

ADDOR, Augusto. 2002. A Insurreição anarquista no Rio de Janeiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Achiamé.

ADORNO, Sérgio. 1998. "O liberalismo sob as Arcada: o confronto entre a academia formal e a academia real" In *Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira*, Rio de Janeiro, p.91-155.

ANDRADE, Vera Lúcia Cabana de Queiroz. 1999. *Colégio Pedro II. Um lugar de memória*. Tese. (Doutorado em História Social)- Programa de Pós-Graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

AZEVEDO, Raquel de. 2002. *A resistência anarquista: uma questão de identidade (1927 – 1937)*, São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial de São Paulo.

BAHIA, Juarez. 1990. *Jornal, História e Técnica – história da imprensa brasileira*, 4º ed. São Paulo: Ed. Ática.

BANDEIRA, Moniz; MELO, Clóvis; Andrade A. T. 1967. O ano vermelho – A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BALHANA, Carlos Alberto de Freitas. 1981. *Idéias em Confronto*, Curitiba: Grafipar.

BARREIRA, Luiz Carlos. 2005. *A função social da escola na ótica de um professor de Sociologia de uma escola operária portuguesa, na transição da monarquia portuguesa para a República*. In: XXIII Simpósio Nacional de História – História Guerra e Paz, 2005, Londrina, PR. Anais eletrônicos do XXIII Simpósio Nacional de História: História Guerra e Paz [CD ROM]. Londrina, PR : Editorial Mídia, 2005.

______________________. 2006. *Educação popular e renovação educacional em Portugal nas primeiras décadas do século XX: o pioneirismo da escola oficina nº 1 de Lisboa, na ótica de Adolfo Lima*. In IV Congresso Brasileiro de História da Educação - a educação e seus sujeitos na história – eixo temático História da profissão docente das instituições escolares. Goiana. Anais eletrônicos do IV Congresso Brasileiro de História da Educação, a Educação e seus sujeitos na história, 2006, p.1-10.

______________________. 2007. *Uma nova forma de pensar e educar: a escola única em Portugal no início do século XX*. In XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos, 2007, São Leopoldo, RS. Simpósio

Nacional de História, São Leopoldo, RS). História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos: Anais do XXIV Simpósio Nacionsal de História, São Leopoldo, RS, 15 a 20 de julho de 2007 (CD-Rom). São Leopoldo, RS: Associação Nacional de História – ANPUH: Unisinos, 2007. p.1-8.

BATALHA, Cláudio H. M. 1998. "A historiografia da classe operária no Brasil: trajetórias e tendências". In *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto: Universidade Estadual de Campinas, pp.145-158.

BERNARDO, Antonio Carlos. 1982. Tutela e autonomia sindical: Brasil 1930-1945. São Paulo: T. A. Queiroz.

BITTENCOURT, Circe Maria F. 1993. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar* Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

__________________________. 2004. "Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910)" In *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p.475-491, set./dez.

CAMPOS, Cristina Hebling. 1988. *O Sonhar Libertário (movimento Operário nos anos 1917 a 1921)*, Campinas: Pontes - Editora da UNICAMP Campinas: Editora da universidade Estadual de Campinas.

CARVALHO, José Murilo. 1998. *A formação das almas – O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras.

______________________. 2004. *Os Bestializados* - O Rio de Janeiro e a República que não foi. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras.

CARVALHO, Marta M. C. de. 1998. *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista: EDUSF.

CATROGA, Fernando José de Almeida. 1988. *A Militância e a Descristianização da Morte em Portugal: 1865-1911*, 2 vols., Coimbra: Universidade de Coimbra, 1988.

CAVAZOTTI, Maria Auxiliadora. 2003. "A influência positivista no curso de formação secundária do professor" In VECHIA, Ariclê e CAVAZOTTI. (Orgs.) *A escola Secundária*, 1º edição, São Paulo: Annalume (p.111-125).

COELHO, Edmundo Campos. 1999. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro 1822-1930*, Rio de Janeiro: Ed. Record.

COMENIUS, Jan Amós. 1997. *Didática magna*, São Paulo, Martins Fontes.

CHERVEL, André. 1992. “Quando surgiu o Ensino Secundário”? In - Revista da Faculdade de Educação, São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, v. 18, nº 1, pp. 99-112 jan/jun.

CHERVEL, André e COMPÉRE, Marie-Madeleine. 1999. “As Humanidade no ensino” In Educação e Pesquisa- Revista da Faculdade de Educação, São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, v. 25, nº 2, pp.149-170 jul/dez.

CRUZ, Heloisa de Faria. 2000. *São Paulo em Papel e Tinta – periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC – FAPESP.

DORIA, Escragnolle. 1937. *Memória Histórica comemorativa do 1centenário do Colégio Pedro II*. Rio de janeiro: Ministério da Educação.

DORIA, Escragnolle. 1997, *Memória Histórica do Collégio de Pedro Segundo: 1837-1937*. Brasília: INEP.

DUTRA, Eliana de Freitas. 2005. *Rebeldes literário da República-história e identidade nacional no Almanaque Garnier (1903-1914).* Belo Horizonte: Editora UFMG.

FAUSTO, Boris. 1981. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*, São Paulo: Difel.

_____________. 1995. *História do Brasil*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo e Fundação para o Desenvolvimento da Educação.

FERREIRA, Maria Nazareth. 1978. *A imprensa operária no Brasil 1988-1920*. Petrópolis: Vozes.

FENERICK, José Adriano. 1997. *O anarquismo literário: uma utopia na contramão da modernização do Rio de Janeiro. 1900-1920*. Dissertação (Mestrado em História Econômica), apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

_____________. 1988. História do Brasil. São Paulo: EDUSP/FDE.

FIGUEIRA, Cristina Aparecida Reis Figueira. 2003. *O Cinema do Povo: um projeto da educação anarquista – 1901-1921*. Dissertação, apresentada ao Programa de Estudos Pós- Graduados em Educação: História, Política e Sociedade da PUC- SP.

FRANCA, LEONEL S.J. 1926. *Relíquias de uma Polêmica: artigos do Dnr José Oiticica apostilados pelo Padre Leonel Franca S. J.*, Rio de Janeiro: Anuário do Brasil.

GASPARELLO, Arlette Medeiros. 2004 *Construtores de identidades: A pedagogia da nação nos livros didáticos da escola Brasileira*, 1ª edição, São Paulo: Iglu Editora.

GIGLIO, Célia Maria Benedicto. 1995. *A voz do trabalhador: sementes para uma nova sociedade*. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

GINZBURG, Carlo. 2001. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia das Letras.

GONÇALVES, Ody Furtado. 2002. *A constituição do homem novo anarquista no ideário dos intelectuais do jornal A Plebe*. (Dissertação de Mestrado) Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica - PUC- SP.

JULIA, Dominique. 2001. A cultura escolar com objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*. São Paulo: Autores Associados, n º 1, janeiro/junho, pp. 9-43.

HAIDAR, M de L M. 1972. *O Ensino Secundário no Império Brasileiro*. São Paulo: Edusp.

HARDMAN, Francisco Foot. 1983. *Nem pátria, nem patrão! (vida operária e cultura anarquista no Brasil)*, São Paulo: Editora Brasiliense.

__________________________. 1989. “ Anarquistas e anarco-sindicalismo no Brasil”. In MARANHÃO, Ricardo; MENDES JÚNIOR, Antonio (org.) *Brasil História: República Velha*. São Paulo, 1989, p.311-321.

HOGGART, Richard. 1973. *As Utilizações da Cultura – aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos*. Lisboa: Editorial Presença.

JOMINI, Regina Célia Mazoni. 1990. Uma educação para a solidariedade. Campinas: Pontes.

KASSICK, Neiva Beron. 1996. “Experiências Pedagógicas Libertárias no Brasil”. In SIEBERT, Stella de Sá et. al. 1996. *Educação Libertária textos de um seminário,* Rio de Janeiro: Achiamé, p.83-93.

KHOURY, Yara Maria Aun. 1988. *Edgard Leuenroth – uma voz libertária: imprensa, memória e militância anarco-sindicalista*. São Paulo, Tese (Doutoramento em Sociologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas).

LAGO, Mario. 1977. *Bagaço de beira-estrada*, 1ª edição, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

____________1981. *Na rolança do tempo*, 1ª edição, São Paulo: Círculo do Livro.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. 2005. *Maria Lacerda de Moura- uma feminista utópica.* Florianópolis,Santa Catarina: Editora Mulheres/EDUNISC.

LIMA, Mariângela Alves de. E VARGAS, Maria Thereza. O teatro operário em São Paulo. In, PRADO, Arnoni (org.) Libertários no Brasil memória, lutas e cultura. São Paulo: Brasiliense, pp161-250.

LUIZETTO, Flávio Venâncio. 1984. *Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional – 1900/1920*. Tese de doutorado apresentado na USP.

MARAN, Sheldon Leslie. 1979. *Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro 1890-1920.* Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MELLO, Pedro. 1926. *O pronome "SE" indefinido:réplica ao Dr.Oiticica.* Piracicaba: Tipografia do jornal de Piracicaba.

MUNAKATA, kazumi .1981. A Legislação trabalhista no Brasil. São Paulo: Brasiliense.

NAVA, Pedro. 2000. Balão Cativo. São Paulo: Ateliê Editorial.

NEVES, Roberto das. 1960. "Biografia deste livro" In OITICICA, José. *Curso de literatura*. Rio de Janeiro: editora Germinal.

NEVES, Roberto das. 1970. "José Oiticica – um anarquista exemplar e uma figura impar na História do Brasil" In OITICICA, José. Ação Direta - antologia dos melhores artigos publicados na imprensa brasileira – meio século de pregação libertária. Rio de Janeiro: Editora Germinal.

OITICICA, José. 1916. *Estudos de Fonologia 1ª série – these de concurso ao Colégio,* Rio de Janeiro: s/registro.

OITICICA, José. 1923. *Manual de análise* (léxica e sintática). Rio de Janeiro:Typographia Baptista de Souza.

_______________. 1926 a. *Manual de Estilo*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

_______________.1948. *Um programa heterodoxo de português nas escolas*. Rio de Janeiro: Escola Técnica de Campos.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. 1975. *Política e trabalho no Brasil (dos anos vinte a 1930).* Rio de Janeiro: Paz e Terra.

PEIXOTO, Afrânio. 1923. *Ensinar a ensinar – ensaios de pedagogia aplicada a educação nacional,* Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

PRADO, Antonio Arnoni. 2004. *Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify.

RAMA, Angel. 1985. A cidade das letras, São Paulo: Brasiliense.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. 1992. Antologia nacional (1895-1964): museu literário ou doutrina? Mestrado em Teoria Literária. Campinas: Instituto de Estudos da linguagem. UNICAMP.

______________________________2000. O espelho da Nação: a Antologia Nacional e o ensino de português e de literatura (1838-1971), Campinas, SP: UNICAMP – Instituto de Estudos da Linguagem.

_____________. *Manual de estilo,* 5ª ed. Rio de Janeiro: livraria Francisco Alves, 1944.

RÉMOND, René. 1976. L'Anticlericalisme en France de 1815 à nos jours. Paris: Fayard.

RODRIGUES, Edgar. 1969. Socialismo e sindicalismo no Brasil (1675-1913). Rio de janeiro: Laemmert.

_________________. 1972. Nacionalismo e Cultura Social (Apontamentos históricos trabalhistas, 1913-1922). Rio de Janeiro: Laemmert.

_________________. 1976. Novos Rumos (pesquisa social 1922-1946). Rio de Janeiro: Mundo livre.

__________________. 1977. Trabalho e conflito (as greves operárias no Brasil 1900/1935). Rio de Janeiro: Ed. do autor.

___________________. 1979. Alvorada operária (os congressos operários). Rio de Janeiro: Mundo Livre.

____________________.1979. Socialismo – uma visão alfabética. Rio de Janeiro: Ed. Porta Aberta.

___________________. 1992. O anarquismo na escola, no teatro, na poesia. Rio de Janeiro: Achiamé.

_________________. 1993a. Os Libertários - José Oiticica, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco, Fabio Luz, Rio de Janeiro: VJR – Editores Associados.

__________________.1993b. Entre ditaduras (1948-1962. Rio de Janeiro: Achiamé.

SEGISMUNDO, Fernando. 1987. Colégio Pedro II tradição e modernidade, Rio de Janeiro: Unigraf.

SILVA, Eliane Moura. 1995. Maçonaria e anticlericalismo no Brasil (1901-1909) - Apresentação na Mesa Redonda Maçonaria e Cidadania, no XIX Simpósio Nacional de História da ANPUH, In: <www.unicamp.br/elmoura>, acesso em 02 de janeiro de2008.

SILVA, Geraldo Bastos. 1969. *A educação secundária (Perpectiva histórica e teoria),* Atualidades Pedagógicas Vol. 24, São Paulo: Cia Editora Nacional.

____________________1959. *Introdução à Crítica do Ensino Secundário,* Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura- Cia de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário – CADES.

SIMÃO, Azis. 1981. Sindicato e Estado (suas relações na formação do proletariado de São Paulo). São Paulo: Ática.

SOARES, Magda. 1996. Português na escola – história de uma disciplina escolar. In Revista de Educação. Ano 25, n. 10 outubro/dez, pp.3-16.

SOUZA, Roberto Acízelo de . 1999. O Império da Eloqüência Retórica e Poética no Brasil Oitocentista, 1ª ed. Rio de Janeiro: EDUERJ – EDUFF.

SPENCER, Herbert. Sem data. *Educação Intelectual, Moral e Física.* Prefácio e revisão de Jan Gurges. São Paulo, p.19-24.

THOPMPSON, E. P. 1979. La Sociedad inglesa del siglo XVIII: Lucha de classes sin classes?. In Tradición, revuelta y consciencia de clase. Barcelona: Editorial Crítica.

___________________. 1981. “Intervalo: A Lógica Histórica” In. A miséria da teoria ou um planetários de erros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p.47-62.

THOMPSON, Paul. 2002. A voz do passado - História Oral, 3ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

VALLADARES, Eduardo. 2000. *Anarquismo e Anticlericalismo,* São Paulo: editora Imaginário

VARGAS, Maria Thereza. 2005. Sônia Oiticica: uma atriz rodrigueana? São Paulo: Cultura – Fundação Padre Anchieta/ Imprensa Oficial.

VIANNA, Luiz Werneck. 1976. Liberalismo e Sindicalismo no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

VECHIA, Ariclê e LORENZ, Karl Michael. (orgs.) 1998. *Programa de Ensino da Escola Secundária Brasileira*, 1ª ed. Curitiba: Editora do autor.

VELLOSO, Mônica Pimenta. 1996. *Modernismo no Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora Fundação Getúlio Vargas.

_______________________. 1998. *Mário Lago- boemia e política,* 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.

VICENZI, Lectícia Josephina Braga de. 1986. *A fundação da Universidade do Distrito Federal e seu significado para a educação no Brasil*. *Forum Educacional*. Rio de Janeiro, v.10, n.3, jul./set.

YATES, Francês A. 2001. *El Iluminismo Rosacruz*, México: Fondo de Cultura Econômica.

# Anexos 1 – correspondências de Oiticica

1-) **Correspondência Passiva de José Oiticica**
**Carta a** Coelho Netto – Hamburgo 01/12/1929
Dilstrasse, 16 IIIte. L
Hamburgo – 1-12-29

Caro compadre – não sei se tem recebido cartões meus. Aos numerosíssimos cartões enviados ninguém me responde e hoje recebi uma carta amarga de Sinhazinha queixando-se de não ter cartas minhas há mais de um mês, quando escrevo todas as semanas registrando as cartas. Temos aí correio ou casa de crates?
Com as pressas da saída não pude assentar nada quanto ao pedido de seus livros para a Universidade. Rogo-lhe que escreva ao Lelo solicitando esse presente valioso. Quero aqui uma Coelhiana completa e autêntica.
Minha primeira aula na universidade aos alunos do Preliminar que falam português, foi sobre sua obra. Lemos um trecho do Rei Negro, expliquei o vocabulário, expus o assunto e terminamos a duas horas de trabalho com um apanhado do Rajá, cujo o tema serviu para falar nas três raças caldeadas no Brasil.
Houve enorme interesse por essas cousas novas e desejo de conhecer sua obra. Não pude entretanto adotar como base de estudo, o Rei negro, ou outro qualquer romance seu, por não haver exemplares no mercado. Para o semestre de verão vou mandar buscar em Portugal O Sertão, tendo em vista a tradução já feita que pode auxiliar os ainda pouco treinados, Isto é, a maioria.
Recado a minha comadre: se quer descansar o resto da vida podendo soltar o marido sem receio. Venha para Alemanha. Aqui, o brasileiro, com a fauna tropical no sangue, tem ímpetos de investir para as louras, embora de pé grande. Sorri para elas. Elas invariavelmente sorriem derretidas. Ele vai-se chegando e logo percebe irritações pituitárias refreantes. Funga um pouco, espirra, porém com a pressão de três caldeiras acesas, achegasse e fala. Ela sorri de perto e mostra uns dentes encardidos, ou postiços ou, em noventa por cento dos casos, um ou mais de ouro. O desgraçado coça a cabeça, que vastar, mas o empuxo é forte e ele rasca o alemão convidativo com erros de declinação e pronuncia jequíssima. Ainda mais deslambida fica a loura, pois o brasileiro é cotado, mas, ao *dirier* já, a *fräulein* dá um soluço para dentro, de apagar o brasileiro tropical, ainda maranhense!
Não há labareda capaz de resistir à ducha desse ignóbil retrosoluço, a coisa mais antiestética, mais desilusionante, mais desentusiasmadora do mundo!
Reúna agora as três cousas: cheirume, dente de ouro, soluço, e veja se há Netto inferior a santidade a qualquer São Francisco invulnerável!
Minha comadre que se mude o quanto antes!
Ainda não sentimos frio hoje, por exemplo, apesar da chuva, fui às 11 e ½ do dia a um concerto sem capote, pois não agüentaria o calor. Estou escrevendo às 12 ½ da noite, de pijama, só com o quarto das meninas aquecido.
Em geral, nestas alturas, já desce o termômetro abaixo de zero. Estou ansioso por ver neve.
Serviço aqui muito, sobretudo o estudo de alemão, o caso mais sério da vida. Para falar e escrever corretamente, como pretendo, é um buraco. Mas há de ir.
Tive que mudar toda a programação das conferências. Não tratarei ainda da literatura. Estou ensinando primeiro o que é o Brasil de que não se tem nenhuma idéia. Felizmente as quatro já feitas obtiveram êxito completo. O auditório alemão vai aumentando e, quando eu poder dispor de projecções luminosas, melhor será.

Rogo-lhe que me envie os verbetes até hoje prontos do dicionário. Estou as ordens caso precisem de mim para alguma consulta lexiográfica. Não poderia a Academia mandar um exemplar da sua revista com a colecção já publicada para a biblioteca do seminário? Poderia mesmo trocar com a revista do nosso seminário(*Volkstum und kultur der romanen-ipache, diaturg, litte*) de que já saíram dois números interessantes, sobretudo pelo estudo do Dr. Kruger sobre os nomes populares na Espanha e Portugal.
Um apertado abraço na comadre e na filhotada, com saudade do amigo
José Oiticica.
Hamburgo – 01-12-29
Minha comadre
Mandei-lhe um recado por seu marido. E a expressão da verdade. Brasileiro que se presa não pode piratear aqui. Por isso passo a vida de santo esperando merecer a coroa do céu.
Tenho ouvido muita música supimpa. Há três dias assisti a um concerto de Pablo Casals, mas foi uma decepção. Não é mesmo. Decadência absoluta. Em compensação ouvi ontem Érika Morin uma vienense maravilhosa no violino.
Muito trabalho, porém saúde e coragem. As meninas vão otimamente.
Abraço e saudade do compadre.
José Oiticica.
**Carta a Coelho Netto – Hamburgo - 20.11.1930**
Meu caro Coelho Netto
Consegui saber que o Governo, o admirável Governo de nosso desgraçado país, decretou a promoção em massa dos alunos matriculados e ouvintes de todos os ginásios do Brasil. Insultado, caluniado, encarcerado, acusado das mais hediondas intenções, até a de estuprador, tenho a energia suficiente para protestar, com todas as forças, contra esse vilipendio, essa vergonha, essa dissolução.
O Governo de meu país vendendo exames a des mil réis!!! Não lhe parece simonia?
E são eles os patriotas e eu eversor da sociedade brasileira. Faze que este meu protesto seja publicado de qualquer forma, protesto de um exaltado amante da sua terra, que a vê desmantelada abismada, pela inconsciência e pela irresponsabilidade.
Teu J. Oiticica.
**Carta a Coelho Netto**
Rio de Janeiro, 04 de maio de 1914.
Ilmo  Director da Escola Dramática

Profundamente penhorado com o honroso convite que me fez V. S. para assumir a regência da cadeira de prosódia da Escola Dramática em substituição ao provecto Professor João Ribeiro, respondo a V.S. agradecendo a confiança que em mim deposita e prontificando-me a secundar o nobre esforço de V. S. fazendo quanto em mim couber por não desmerecer de tão alta incumbência.

Aguardando as ordens de V. S.

Subscrevo-me
Admirado e obrigado
José Oiticica

## Anexo 2 – Cronologia de José Oiticica

**Primeira versão de uma Cronologia para José Rodrigues Leite e Oiticica**

- 1882 - Nasceu em 22/07/1882 em Oliveira - Minas Gerais.
- 1887 - Iniciou seus estudos no Internato do Colégio São Luís Gonzaga em Petrópolis – RJ – Prosseguiu seus estudos no Seminário Arquidiocesano de São José. Transferiu-se para o Colégio Paula de Freitas.
- 1897 - Completou os Preparatórios no Colégio Paula de Freitas. Em seguida, Matriculou-se na Escola Politécnica, onde fez o curso de desenho. Na seqüência, matricula-se na Faculdade de Ciências Jurídicas do Recife, continuando o curso de Direito na Faculdade de Ciências Sociais do Rio de janeiro.
- 1902 - Concluiu o curso e Direito; porém quando cursou a cadeira de medicina legal, resolveu estudar ciências naturais matriculando-se na Faculdade de Medicina. Realizou o curso com intervalos até o 4º ano.
- 1905 - Casou-se com sua prima Francisca Bulhões, com quem viveu até o final de sua vida. Teve 8 filhos: José – cientista entomólogo do Instituto Oswaldo Cruz; Clara; Wanda – cantora; Vera e Selma – balilarinas; Dulce – pianista e Sônia – estrela de teatro e Selma
- 1905 – Fundou no Leme – Rio de Janeiro o Colégio Latino Americano, adotando métodos pedagógicos da *École des roches* de Edmond Demolins. Após dois anos de funcionamento o colégio foi fechado por questões financeiras. Segundo Neves (1970. p.11) a maioria dos alunos era pobre e não podia pagar pelo ensino. Segue para Laguna, em Santa Catarina, onde trabalhou como diretor do Colégio Municipal.
- 1909 - Regressou ao Rio de janeiro e prestou concurso para Redator da Câmara de Deputados. Eram 16 candidatos e Oiticica é classificado em 1º lugar, porém não foi chamado para assumir o cargo. Esse fato se repetiu em mais cinco concursos, um deles, foi aprovado novamente em 1º lugar para a cadeira de Professor no Instituto Benjamin Constant.
- 1911 – Publicou Sonetos (1905-1911), Rio de Janeiro.
- 1912 – Passou a freqüentar sindicatos operários, a *Liga Anticlerical* e seus artigos são freqüentes em jornais libertários do Rio de Janeiro e em São Paulo.
- 1937. Escrevia contra o clericalismo, o álcool, o fumo e os vícios em geral.
- 1913 – Publicou *Ode ao Sol* longo poema com sete capítulos.
- 1914 – Fundou o Centro de Estudos Sociais na Rua General Câmara, 335. Ao lado de Francisco Viotti fundaram a Revista *A Vida*, um periódico da imprensa anarquista.

Neste periódico, Oiticica escreve - entre novembro de 1914 e março de 1915 – artigos em uma série denominada *o desperdício da energia feminina*. Nesses artigos José Oiticica utiliza-se de noções das ciências físicas da época para examinar a situação da Mulher:

- 1915 – José Oiticica participou da organização do Sindicato de ofícios Vários destinado a filiar trabalhadores manuais e intelectuais assalariados e ou prestadores de serviços sem vínculos patronais. Faziam parte Fábio Luz, João Gonçalves e outros intelectuais. Neste Sindicato eram proferidas conferências, palestras e por meio das representações teatrais libertárias realizadas mensalmente objetiva-se melhorar os conhecimentos sociológicos e os níveis de instrução.
- 1916 – Candidatou-se pela sétima vez a outro concurso público. Dessa vez como Professor de português do Colégio Pedro II. Foi aprovado.
- 1918 - Escreve uma carta aberta ao Sr: Rui Barbosa "Nela Oiticica acusa-o de não conhecer a questão social brasileira. Ingressa na Liga Anticlerical para combater o Fascismo. É preso, acusado de comandar a greve geral insurrecional – deportado e confinado em Alagoas pelo chefe de polícia Aureliano Leal – no Governo de Wenceslau Brás. Na prisão escreve os sonetos *A prisão, Acusação e A saudação.*
- 1919 – É solto, retorna ao Rio de Janeiro e funda com Astrogildo Pereira o jornal *Spartacus*, publicaram nove números. Seguiu-se a esse jornal A *Voz do Povo* – porta voz dos anarcossindicalista dirigido por José Oiticica e Astrogildo Pereira e seus redatores Maurício Lacerda, Álvaro Palmeira e alguns elementos da maçonaria. Nesse ano funda a Liga Anticlerical que logo em seguida teve que ser fechada em função das perseguições da polícia do Governo Arthur Bernardes, ressurgindo em 1930. No ano de 1919, Oiticica publica o *Manual de Análise (léxica e Sintática), Sonetos – 2ª série* e *Princípios e fins do programa comunista- anarquista.*
- 1920 – Publica a peça de teatro *A pedra que rola* –comédia satírica em três atos, apresentada no Rio de Janeiro; e *Quem os salva?...* comédia em três atos encenada também em São Paulo.
- 1923 – Publica em Porto Alegre *A trama dum grande crime.*
- 1924 – É novamente preso no Colégio Pedro II, passa por calabouços da Polícia Central, na Rua da Relação; é confinado na Ilha Rasa onde passa sete meses. Em seguida, foi transferido para a Ilha das Flores e depois para a de Bom Jesus. Nesse período escreveu *A doutrina anarquista ao alcance de todos*; editada vinte anos mais

tarde da qual se esgotaram três edições em língua portuguesa, uma em castelhano, publicada também na França.

- 1926 - José Oiticica publica o *Manual de estilo* com que o autor trabalha a retórica.
- 1928 – Sofre um atentado na Rua Frei Caneca, nº 4, sobrado. Segundo Neves (1970), a missão foi designada a dois pistoleiros do PC Pedro Bastos e Serafim dos Santos Correia, que dispararam contra Oiticica quando este discursava no Sindicato dos Gráficos.
- 1928-1929 – José Oiticica presta um concurso na Universidade e Hamburgo na Alemanha para Professor de Língua e Literatura Portuguesa e é classificado em primeiro lugar, sendo nomeado para o cargo pelo Governo alemão. Apresenta a tese *Do método no estudo das línguas sul americanas.* Ainda no Brasil funda o jornal *Ação Direta* que ora é semanário e ora é semanal e ora é mensal. Interrompeu sua publicação por motivo da partida de Oiticica para Hamburgo na Alemanha. Reaparece em 1946 e é publicado até 1958.
- 1930 - Após 1930 sofre outras prisões. A primeira ocorreu na sede da Liga Anticlerical na Rua Teófilo Otoni – logo foi restituído à liberdade.
- 1931/1932 – Publica o *Novo dicionário popular da língua portuguesa prosódico e ortográfico (16 fascículos).*
- 1933 – Publica: *Do método no estudo de línguas sul americanas* ( tese apresentada ao Vigésimo quarto Congresso Internacional de Americanistas, reunido em Hamburgo – Alemanha de 07 a 13 de setembro de 1933. Em *A Plebe* um artigo: *Jornada e sementeira libertária* anunciava a vinda do Professor José Oiticica a São Paulo, a convite do editor para realizar uma série de conferências, atendendo ao pedido da Federação Operária e do Centro de Cultura Social, assim como de vários sindicatos – padeiros, sapateiros e trabalhadores da Light .
- 1935 – Com o pseudônimo de João Vermelho escrevia sátiras nas gazetas libertárias e em volantes que circulavam nos sindicatos; os sonetos satirizavam Getúlio Vargas como pai dos pobres e seu ministro Lindolfo Collor.
- 1936 – Publica a peça *Pó de Pirlimpimpim,* comédia em três atos, representada no Rio de Janeiro.
- 1937 – Outra prisão quando saia da Faculdade de Letras do Distrito Federal – RJ onde ensinava grego. No cárcere escreveu *O delíquio.* Aproveita a prisão para revisar seus estudos de fonética.

- 1948 - É publicado *Um programa heterodoxo de português nas escolas.* Nos dias 17, 18 3 19 de dezembro participa No Congresso Anarquista  em "Nossa Chácara" ( propriedade anarquista no Bairro Itaim em São Paulo desde 1939).
- 1955 – *Roteiros em fonética fisiológica, técnica de verso e dicção; Uma gramática [ crítica ao Prof. Silvio Elia]*.
- 1957 – Publicou: *O teatro russo.*
- 1957 – José Oiticica faleceu em 30 de junho de 1957.

# Anexo 3 - entrevistas

Carta de Cessão

Eu, Sonia Oiticica, declaro para os devidos fins que cedo o direito de utilização, integral ou parcial das entrevistas, concedidas nos dias 18 e 25 de agosto de 2006, a Cristina Aparecida Reis Figueira, aluna do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, como fontes de pesquisa para a tese de doutorado, até este momento intitulada: *A trajetória de José Oiticica: as faces do intelectual, do Professor, do autor, do jornalista e do militante anarquista*, sob orientação do Prof. Dr. Kazumi Munakata.

São Paulo, 25 de agosto de 2006

Sônia Oiticica

**Anexo – Entrevistas**

Entrevista com Sônia Oiticica
Foram realizadas e transcritas três sessões de entrevistas pela pesquisadora, com oito horas e quinze minutos de gravação na casa da entrevistada.
Sônia Oiticica é filha do professor José Oiticica e nasceu em 19 de dezembro de 1918. Além da convivência familiar, Sônia acompanhou com proximidade as atividades intelectuais de seu pai. Quando criança foi alfabetizada por sua mãe Francisca Bulhões, freqüentando uma instituição de ensino, somente a partir da adolescência.
Cresceu lendo os artigos, livros e as poesias de seu pai, José Oiticica, catedrático do Colégio Pedro II, que era ao mesmo tempo, um ativista das ações da propaganda social anarquista.

Sônia considera que a leitura dos escritos, em especial as poesias de seu pai, foi o que contribuiu para compreendê-lo em profundidade.

O envolvimento afetivo com o pai estreitou vínculos em várias dimensões societárias. Sônia chegou a trabalhar como sua assistente nas aulas de grego na Faculdade de Letras do então Distrito Federal, em 1937, substituindo seu pai em ocasião de uma de suas prisões. No entanto, Sônia não seguiu carreira da docência.Tornou-se atriz, uma profissional dos palcos e da televisão. Na família, além do pai, também o seu avô paterno, escrevia peças teatrais.
Tal como o seu pai, Sônia formou uma diversificada biblioteca contendo obras da literatura nacional e internacional. Sobressaem os livros ligados à história do teatro, anarquismo, e, além de alguns livros herdados de seu pai com dedicatórias de seus amigos e pares do trabalho.

A leitura dessas dedicatórias, no tempo da realização das entrevistas, evocou em sua memória o tempo vivido com seu pai – ora a menina Sônia, ora a moça e a mulher madura emergiram na tessitura de suas lembranças.

Sônia tinha trinta e nove anos, quando seu pai faleceu. Somam-se, dessa forma, quase quatro décadas de lembranças. Delas, alguns elementos ajudam a compor as várias faces do catedrático anarquista do Colégio Pedro II.

Na primeira entrevista Sônia recebeu a visita de Maria Thereza Vargas, sua amiga e biógrafa no livro *Sônia Oiticica: uma atriz rodrigueana?,* publicada em 2005. Maria Thereza participou da primeira sessão, desta entrevista, fez observações e sugeriu bibliografia em colaboração com esta pesquisa.

O pesquisador Edgar Rodrigues foi quem disponibilizou o contato com Sônia Oiticica. Seu trabalho, de muitos anos sobre o anarquismo e o movimento operário, vem sendo utilizado nesta pesquisa, principalmente por abrigarem a memória de muitos militantes companheiros de José Oiticica. Particularmente, o texto biográfico intitulado "José Oiticica" do livro, *Os libertários* de 1993 oferece dados e o inventário da correspondência de José Oiticica e de sua esposa Francisca Bulhões cedido a ele por Sônia Oiticica. Além de seu Arquivo pessoal, só é possível encontrar cartas de José Oiticica nos prontuários policiais.

Nossos encontros aconteceram em 18 e 25 de agosto, 01 de setembro (neste não houve gravação) e 05 de outubro de 2006. No dia 25 de agosto apresentei as fitas transcritas e

combinamos que as próximas eu apresentaria junto com o relatório para o exame de qualificação.

Na transcrição fiz uso das seguintes siglas: **SO**: Sônia Oiticica; **MTV**: Maria Thereza Vargas e **CARF**: Cristina Aparecida Reis Figueira.

**Sonia Oiticica - entrevista nº 1 – 18/08/2006 (das 14h15 às 17h30)**

**SO**: Uma coisa da infância – eu tinha 5 para 6 anos, ou 6 para 7, não lembro qual era minha idade ao certo. Papai estava preso na Ilha Rasa. Era o ano de 1924 e depois ele foi transferido para a Ilha das Flores. A mamãe e a gente iam lá visitá-lo. A visita era permitida. Nessa ocasião, na Ilha Rasa, ele escrevia umas coisas e mandava para gente, mandava beijinho para as filhas. Ele até resolveu fazer umas poesias para os filhos. Ele ficou lá um ano e tanto. Ele, então, escreveu poesias para a gente. Eu me lembro muito da minha poesia! Ele escreveu também para a minha irmã Dulce, para Selma. Eu nunca mais me esqueci. Lembro com clareza de todos os versos. E agora por ocasião do lançamento de meu livro... Você conhece meu livro? A capa dele está ali na parede. Está perto de outro pôster de novela. São figurinos de novela. Foram feitos em minha homenagem, quando trabalhei no teatro com as peças *A Falecida* e a uma outra peça que eu não lembro o nome. Mas eu tenho um livro que foi feito em minha homenagem.E neste livro tem a poesia que papai fez para mim. Papai mandou pela mamãe uma poesia para cada filho. Eram sete moças e um homem: José, Clara, Vanda, Laura, Vera, Dulce, Sônia e Selma. Então, se você quiser posso escrever ou ditar a poesia.

**CARF –** Eu quero muito.

**SO**: Deixa ver se eu me lembro. Do que eu guardo dele, a primeira coisa é isso. É esta poesia. A gente adorava o papai, brincávamos muito. Eu lembro de várias coisas interessantes.

**CARF**: Ontem eu estava lendo fragmentos de uma carta que o Edgar Rodrigues publicou em seu livro *Os Libertários*, seu pai falava nesta carta sobre os pesares que ele sentia por não estar junto com os filhos, sobre o prejuízo que isso provocava na educação dos filhos. Mas leia para mim a poesia.

**SO**: Ela começa assim:

Soniazinha, soniazinha,
Eu te quero muito bem, (tomara que eu me lembre)
Há muita criança linda,
Mas como Sônia, ninguém.

Ei! quem é que está berrando nesse mato? (é um diálogo heim, aí responde:)
Eu, bem-te-vi!
Como você berraria,
Se Sônia estivesse aqui. (é grande a poesia viu! aí o Bem-te-vi dizia)

Hem! quem é Sônia, seu moço? (ele respondia:)
Você não sabe quem é?
Bem-te-vi, meu sem-vergonha,
É a sexta irmã do José.

Bem-te-vi! Sônia é de fato.
Nunca foi de informação.

É uma açucena  que fala,

É um cravo que come pão.

Quando ri mostra os dentinhos,

Falta um, mas ninguém nota.

Faz duas covas no rosto

Fica linda com o quê!

Já lê como gente grande

E já começa a escrever

Já sabe tocar escalas

Só se vendo para crer.

Gosta muito de balanço,

Arroz, galinha e tutu,

Nasceu , há quase seis anos,

Na terra do sururu.

Por doce é como formiga,

Por sorvete é como o pai.

Toda a rua se alvoroça.

Quando Sônia, à tarde, sai.(pode ser que tenha um verso trocado)

“Que pequena tão formosa!”

Dizem todos, “benza-a Deus!”

As moças lhe atiram beijos,

Os moços lhe dão adeus.

Gosta da mãe que se pela

E é louca pelo papai.

Faz pagodeira na cama

Mas, às vezes, bumba, cai.

Com as irmãs Selma e Dulce

Pinta o sete no quintal

Mas é tudo brincadeira

Travessura não faz mal! (deixa ver se eu me lembro, tem muito tempo, está um pouco truncado, tem muito tempo)

É muito bem criadinha,
De gênio bom, muito bom!
Minha Sônia é uma cocada. (risos)
Um brazulaque (brazulaque é um doce lá do sítio), um bombom.(aí o Bem-te-Vi diz:)

Pois então vou ver esse anjo.
Essa menina sem par,
Vou gritar entre as palmeiras
bem-te-vi! E ela há de olhar (aí ele responde:)

Se a quiser ver, em três tempos
Pode estar lá, hum, fosse eu!....(esse fosse eu é muito bem dito - suspiros)
É na Rua Guanabara,
Quarenta e nove, entendeu?

E o bem-te-vi satisfeito,
Bateu as asas e voou,
Levando beijos e abraços
Que o papaizinho mandou...

**SO:** Acabou! Aí são versos que a vida inteira guardei.Até hoje estão em minha memória. Pode ser que alguma coisa tenha ficado esquecida, mas no todo é isso. Aí! Então era assim. Ele como homem, como pai era muito carinhoso! Com o pouco tempo que ele tinha para estar em casa, ele era muito carinhoso.
**CARF**: Você tem lembranças do dia-a-dia dele? O que vem mais forte em sua memória?
**SO**: O dia-a-dia dele era sair de manhã e voltar à noite. Ele saia e ía para o Colégio Pedro II dar aulas. Depois ele tinha alunos particulares. Depois dos alunos particulares tinha também os alunos que não tinham dinheiro. Ele percebia os alunos assim. Para estes alunos, meu pai comprava livros. Quando ele percebia que o aluno era bom, que estudava, ele comprava o livro e dava para o aluno. Mas se o aluno era vagabundo, ele não dava bola. Ele era assim. Ele sempre foi uma pessoa muito dadivosa. Eu sou suspeita para falar dele. Eu sempre tive muita afinidade com ele, mesmo depois... Eu aprendi a conhecer o meu pai lendo as poesias dele. Todo mundo acha isso aí engraçado. Eu era criança e pouco estava com ele. Mas quando eu fui para Alemanha - ele levou a mim e a minha irmã mais velha, a Dulce para Hamburgo. Nessa ocasião, eu li muitas poesias de papai.
**CARF:** Somente vocês duas o acompanharam nessa viagem? Sua mãe não foi com ele?
**SO:** É, porque ele não ia levar todo mundo. Ele foi para a Universidade de Hamburgo, em 1929. Eram cinco anos de contrato. Aí veio o raio da revolução em São Paulo, não sei de quê. E se ele não fosse para lá, iria perder o cargo. E aí, como é que ele ia se arranjar...
Então, ele levou Dulce, para Dulce poder estudar lá. A Dulce tocava piano e prometia ser uma pianista muito boa. E como Dulce era irmã de Sônia, carregou Sônia junto. Sônia tem até uma

fotografia em Hamburgo. Sônia era muito enxerida. (risos...) E lá fui eu a bordo do Cantuária Guimarães, um navio. (risos)

**SO**: Eu aprendi a conhecer meu pai na Alemanha. Não exatamente no primeiro momento em que eu estava deslumbrada com o lugar, com o Colégio e sei lá mais o quê. Mas foi com a leitura de suas poesias que eu o conheci. Lendo as coisas que meu pai escrevia.
Eu nasci no Rio Largo, no Riachão, lá em Alagoas.
Lembro que ele fez uma poesia sobre o Riachão: Riachão...o meu engenho... Eu sabia tudo!!! E depois eu li as poesias anarquistas que eram geniais!!! Você tem os livros de poesias dele?
**CARF**: Eu consegui algumas em um sebo do Rio de janeiro. Tenho o livro *Fonte Perene.* Não tenho todos.
**SO**: Os primeiros poemas são lindos!
**SO:** Temos que descobrir [em minha biblioteca] onde estão os livros dele. Espero que minha filha tenha guardado em lugares certos. Depois vemos isso. Então, eu aprendi a conhecê-lo assim. E eu tinha um respeito enorme por ele. Eu o achava formidável. Quando preso, ele largava a família. Eu lembro da luta de minha mãe para conseguir visitá-lo, e a frustração de não ter podido ir visitá-lo. E as outras coisas...Eles tinham um código. Isso aí o Edgar já contou em seus livros. Quando ele quisesse mandar dizer alguma coisa que fosse censurável, ele botava Oiticica. Ele escrevia em maiúsculo, tudo bonitinho, como se fosse um endereço. Aí, nas entrelinhas ele escrevia com limão. Chegava lá, ela passava a ferro e lia o que estava escrito. Isso era uma coisa que eu achava incrível! escrever com limão.
**CARF:** O Edgar Rodrigues publicou alguns trechos dessas cartas em seu Livro *Os Libertários.*
**SO**: Eram recados. Tinham umas cartas que eu achava maravilhosas. Eu achava aquilo formidável. Dei todas as cartas ao Edgar.
**CARF:** Eu encontrei duas cartas de Hamburgo que seu pai enviou ao Coelho Netto. Encontrei-as na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Vou trazê-las a você em nosso próximo encontro. Uma delas é engraçada. Seu pai escreveu para a esposa de Coelho Netto. Ele a tratava por comadre. Na carta, ele fala sobre as mulheres de Hamburgo. Ele as descreve. Não diz que eram feias explicitamente, mas da a entender algo assim. Só que faz isso de um jeito engraçado. Diz que elas tinham um cheiro forte que afastava os homens. Dizia isso de maneira engraçada. (risos)
**SO:** Essas cartas eu não tenho.
**CARF:** Eu vou trazê-las a você em nosso próximo encontro. Eu copiei estas cartas do Arquivo e Documentos da Biblioteca Nacional.
**SO:** Eu tenho uma dedicatória do Coelho Netto para ele e do Hermes Fontes. Tenho vontade de botá-las em um quadro. Deixa ver se eu as tenho. Tem uns livros de papai com umas dedicatórias interessantes.
**CARF:** Se você não encontrá-las, podemos ver essas cartas no nosso próximo encontro.
**CARF:** De ontem para hoje eu fiquei muito ansiosa e feliz com o nosso encontro. Pensei sobre uma série de assuntos para conversarmos. Cheguei a escrever algumas coisas, com receio de esquecer o que era importante falar em nosso encontro. Mas a nossa conversa está fluindo bem assim. É melhor deixar vir as lembranças.
**SO:** Mas a gente sempre se esquece.... E dá raiva quando isso acontece... e aí vem a lembrança do que se queria dizer e não disse!
**CARF:** Ah!! mas se você gostar dessa nossa conversa, eu posso voltar. Nós podemos fazer esta nossa conversa aos pouquinhos... Assim vamos dando tempo para lembrarmos de tudo juntas. Lembrarei o que tenho que perguntar e você sobre o que quer dizer.
**CARF:** Olha: eu achava que o professor Oiticica tinha viajado com toda a família para Hamburgo.

**SO:** Depois mamãe foi. Só um ano depois.
**CARF**: Vocês viajaram em 1929 e lá  ficaram até 1931?
**SO:** Ficamos até 1931 ou 1932.
**CARF:** É um papel pequeno o que você está procurando.
**SO:** É uma fotografia.
**CARF:** Olha esta fotografia.Parece que vocês estão em Hamburgo.
**SO:** É em Hamburgo. Esta é a mulher do Consul, esta é minha irmã e esta sou eu.
**SO**: Minha irmã Dulce quase morreu em Hamburgo. Ela fez uma operação no rosto, por causa de um dentista barbeiro. Papai tinha tanto cuidado com os dentes da gente! O cara foi quebrou o dente dela. Ele disse que o dente dela estava cariado, mas ele atingiu um nervo, infeccionou - e quase que ela morreu por causa disso. Naquela época não tinha penicilina e nem nada. Papai queria processá-lo, mas os amigos o aconselharam a não fazer o processo, pois era grande a chance de perder o processo. Isto por estar em outro país, em um país estranho.
**CARF**: Imagino a aflição dele.
**SO**: A agonia dele era enorme! Ele ficava pensando como que ia dizer à mamãe que Dulce tinha morrido.
**SO**: Quero achar o cartãozinho de Hermes Fontes.
**CARF**: Eu gostaria que você falasse um pouco sobre os afetos e os desafetos do seu pai no Colégio Pedro II. Ele não tinha  pares  para compartilhar  suas idéias, não é?
**SO**: Ninguém. O Coelho Netto era amigo do meu pai e havia um professor que falava horrores de papai. Até escreveu artigo contra papai. Era o João  Ribeiro.
**SO**: Eu me lembro muito bem que em Hamburgo, papai tinha alugado um quarto grande e um menor. O menor era para minha irmã e eu. O quarto dele, era a sala dele. Era o quarto maior e tinha que ter uma mesa grande para ele escrever. Era também lá que ele dava as aulas dele. Então, ele escreveu um artigo em resposta ao artigo de João Ribeiro. O professor do Colégio Pedro II. Papai mandou este artigo para que  Coelho Netto mandasse publicar no mesmo jornal. O artigo de João Ribeiro chamava-se: *Ódio velho.* E o de papai chamava-se *Ódio de velho*. Ele publicou no *Correio da Manhã* ou em outro jornal. Eu não tenho, mas seria interessante procurá-lo.
**CARF:** Vou tentar encontrá-lo na Biblioteca Nacional.
**SO**: Se você encontrar, vai ser uma alegria. Eu achei o artigo, este debate uma coisa maravilhosa! Papai adorava responder os ataques.
**CARF:** Há um opúsculo de seu pai chamado *Uma gramática- crítica ao professor Silvio Elia*. Ele diz no texto da introdução, que o livro todo é uma resposta ao professor Silvio Elia, que discorda do seu pai sobre assuntos de gramática. Eu encontrei este livro em um sebo do Rio de janeiro. Eu também consegui o livro em Silvio Elia que faz referência ao Professor Oiticica, de um jeito bem irônico. Acho que pode ser interessante entrecruzar a forma de argumentação de um e de outro, sem, no entanto, discutir as questões de gramática propostas por um e por outro, mas com o objetivo de mostrar a forma como seu pai procedia nos debates. Parece que ele adorava um debate.
**SO:** Sim. Ele adorava debater. Eu tenho esse livro. Tem uma outra coisa que eu não tenho, mas que está nos jornais lá do Rio. É um artigo em resposta, uma réplica à polêmica contra o padre Leonel Franca.O último artigo que deveria ser publicado no jornal era justamente um em favor de meu pai, mas não foi publicado. Era um artigo contra o padre Leonel Franca.
**CARF:**  O Edgar falou disso para mim. Sugeriu que eu procurasse em Campinas. Ele também não tem. Se eu achar entrego uma cópia a ele e outra a você.
**SO:** É um debate pelo jornal. Dizem que...
Durante algum tempo procuramos o cartão que Hermes Fontes enviou ao pai de Sônia que desejava muito ler a dedicatória neste cartão...
**SO**: Não é possível eu tenho que achar esta dedicatória.....

**CARF:** Nesta parte da estante estão os livros sobre o anarquismo. Muitos deles são do Edgar Rodrigues. E as cartas de seu pai, você ficou com algumas delas?
Por volta das 16h 00....
Sonia recebeu em sua casa uma amiga: Maria Thereza Vargas**.** Ela é amiga e autora da biografia de Sônia: *Sônia Oiticica: uma atriz rodrigueana?*, publicado em 2005 pela Cultura – Fundação Padre Anchieta e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Ela informou-me sobre umas fichas de aulas preparadas pelo professor Oiticica, sobre Aristófanes. Quem menciona essas fichas é o Antonio Arnoni Prado em seu Livro *Palcos, trincheira e letras*. Elas, provavelmente, estão em Campinas, no Ael, diz Maria Thereza. Ela indicou também o livro: *Mario Lago – boemia e poética* de Mônica Velloso. Neste livro, Mario Lago conta suas memórias sobre o professor José Oiticica e os seus jogos de capoeira no Colégio Pedro II. Ele considerava-o com uma personalidade que destoava do contexto do Colégio, principalmente por se igualar aos alunos e por tratar com igualdade também os funcionários do Colégio. Trata-se de um depoimento com as impressões de um aluno que podem ser importantes para esta pesquisa.
**SO:** Eu dei todas as cartas de meu pai para o Edgar Rodrigues. Umas ele entregou para o pessoal dos anarquistas e outras que interessaram a ele, ele publicou, inteiras ou em partes. Tudo está com ele.
**CARF:** Talvez ele me empreste as cartas para leitura e fotografias. Enriqueceria esta pesquisa e podem mostrar pistas que destaquem a face do autor e educador. Sobre a militância anarquista, há os textos do Edgar Rodrigues. Ele já me indicou os livros. Mas sobre as fichas usadas na pesquisa de Antonio Arnoni Prado só vou conseguir encontrar se tiverem no arquivo. Até agora só conto com o Edgar.
**CARF:** Eu li um texto do Segismundo sobre Oiticica que me deram lá no *Arquivo Nudon* que fica no Colégio Pedro II. Percebi que ele retirou a maior parte das informações do texto de introdução do livro *Ação Direta*, escrito pelo Roberto das Neves. Eles falam que o professor Oiticica freqüentava o Rosa Cruz. Como é isto Sônia?
**SO**: Rosa Cruz é uma coisa que toda vida papai cultuou. Ele buscava conhecer a existência verdadeira da essência do homem. Queria saber o que é o homem é, e o que ele não é. Papai andou por Secas e Mecas, até que aportou no Rosa Cruz.
**CARF:** E na Rosa Cruz, ele freqüentava desde quando, você lembra?
**SO:** Eu não sei. sobre o Rosa Cruz. Ele nunca deu uma palavra sobre isso. Ele só convidava para as palestras, mas eu calculo que tenha sido por volta, deixe-me de pensar.... Eu digo isso depois para você.
**CARF:** Sônia e a Escola Dramática do Rio de Janeiro? Você lembra do trabalho dele nessa escola?
**SO:** Na Escola Dramática do Rio de Janeiro, ele foi professor durante muito tempo. Foi o Coelho Netto que botou ele lá.
**CARF:** Ele dava aulas de prosódia?
**SO:** Prosódia, para ensinar a falar. Era um curso para ensinar dicção.
**CARF:** Estou pensando sobre as cartas de seu pai. Seria importante examiná-las para compor o perfil do educador nas instituições de ensino e fora delas. Vou pedir ao Edgar para fotografar e ler estas cartas.
**SO:** Acho que ele pode.
**CARF:** Eu vou utilizar os livros dele, lá estão suas memórias. Mas eu acho também importante ler as cartas, porque deve haver trechos que são importantes para enfoque da minha pesquisa. Ele tem me ajudado apesar de ter muitos problemas de saúde em casa.
**SO:** Eu gosto muito do Edgar.
**SO:** O papel que estou procurando é uma desculpa do Hermes Fontes por não ter ido a um aniversário. É muito interessante! Queria mostrar.

**CARF:** Deve estar guardado. Fique tranqüila. Quem sabe se em nosso próximo encontro você encontra este cartão e me mostra.
Eu queria que você contasse mais sobre o trabalho de seu pai na Escola Dramática do Rio de Janeiro.
**MTV**: Esta escola é a Martins Pena..
**CARF:** A senhora também é historiadora?
**MTV**: Eu sou uma pesquisadora. Eu fui pesquisar justamente nesta escola. Que era uma escola do Distrito Federal. Mas lá é muito complicado. Lá tinha uma secretária que jogou todos os documentos fora. Ela achava que era lixo. Isto dificulta a pesquisa
**SO:** Nem sei como você conseguiu falar sobre o Teatro no Brasil. Ela tem vários livros sobre o teatro no Brasil.Eu não sei como ela conseguiu escrever todos os livros.
**MTV**: Precisa ver se também no Jornal *O Correio da Manhã* . Investigar sobre o que Oiticica escreveu sobre educação.
**CARF:** Tem a seleção feita por Roberto das Neves no livro *Ação Direta* . Tenho cópia de exemplares da revista *Crônica Subversiva* com artigos de Oiticica. Consegui levantar boa parte de seus livros. Vou reunir o que eu puder.
**CARF:** Sônia: o Coelho Netto. Ele era muito próximo de Oiticica? Como era a amizade entre eles?
**SO:** Coelho Netto morava na rua do Rozo, que hoje se chama Coelho Netto. Moravam próximos. Meus pais visitavam a Dona Gabi e o Coelho Netto. Um dia, eu e minhas irmãs fomos para a janela fazer bagunça. Pegamos um copo cheio de água com jornal dentro, e assim todo mundo que passava na calçada, elas jogavam os papéis. Quando elas foram jogando estes papéis, uma delas viu que era papai e mamãe que estavam passando. (risos). Coelho Netto e Dona Gabi eram padrinhos de minha irmã Vera e o Viriato Coelho padrinho de Selma.
**CARF:** Nas cartas que eu encontrei na Biblioteca Nacional. Oiticica pede a Coelho Netto mandar sua gramática para ele usar em Hamburgo. Parece que os dois trocavam opiniões e usavam o material um do outro.
**SO:** Eu já tive vontade de ir ao Rio fuçar na Biblioteca Nacional, mas não dá, agora não é mais possível.
**SO:** Papai chegava na classe e dava bom dia aos alunos. Os alunos tinham que se levantar com a chegada dos outros professores, mas nas aulas de papai não.
Aí, papai perguntava a eles qual era a primeira coisa a se fazer. Aí, todo mundo tirava a roupa, tirava o paletó. Era um calor no Rio!!! O uniforme era caqui e com uma gravata. Então, ele dizia: “Como é que é?” E os alunos tiravam a gravata e o casaco e ficavam todos à vontade, só de camisa na sala de aula. Aí, um dia, o diretor do Colégio passou uma vez e falou com ele: “professor sua classe fica com todo mundo muito esquisito!”. Aí meu pai disse:”Na minha classe mando eu!
**CARF:** Mario Lago foi aluno de Oiticica e ele o cita pitorescamente em vários livros. Ele conta que Oiticica aprendeu capoeira. Por que ele aprendeu capoeira, Sônia?
**SO:** Ele aprendeu capoeira para se distrair quando ele estava na prisão. Eles faziam concurso de capoeira para se distraírem. Lá não tinha o que fazer. Era uma coisa horrível! Já pensou!
**MTV**: O Mário Lago diz que ele aprendeu com o bedel Manoel. Ele diz que foi o bedel quem o ensinou a jogar capoeira.
**SO:** Isso eu não sei.
**CARF:** Sônia, como o professor Oiticica levava suas idéias anarquistas para a sala de aula? Ele falava sobre isso em casa? Imagino que ele devia sofrer com a convivência com alguns professores de lá. É possível que ele buscasse formas para trabalhar suas concepções educacionais, e ao mesmo tempo ter que interagir com os outros professores que trabalhavam

com outros valores, penso eu....talvez ele usasse estratégias para lidar com todas as dificuldades de lá. O que você pensa sobre isso?
**SO:** Ele agia... Colocava suas idéias em prática. Por exemplo, aquele negócio que eu contei sobre os alunos tirarem o paletó e a gravata na aula. Aquilo era uma espécie de rebeldia, de independência que ele ensinava aos alunos.
**CARF:** Sônia, nas memórias do prof. Geraldo Pinto Vieira, do Colégio Pedro II, ele me deu uma entrevista. Ele conheceu o professor Oiticica na banca do exame de admissão. O professor Geraldo foi aluno, bedel e professor de História no Colégio Pedro II. E, hoje, aposentado, ele vai mesmo assim no Colégio para cuidar do Arquivo do *Nudon* . Foi ele quem me recebeu no Colégio Pedro II, agora em julho. Ele me disse que havia uma banca de jornais e revistas, bem em frente ao Colégio e que o seu pai levava os jornais anarquistas para serem vendidos nessa banca e assim os alunos podiam conhecer esses jornais. Na certa era uma forma dos alunos adquirirem o jornal.
**SO:** Isso eu sei. Ele levava os jornais para a banca.
**CARF**: Eu tenho um livro do seu pai com o título *Uma gramática*. Este livro ele publicou em resposta ao professor Silvio Elia. Ele discordou do seu pai sobre o uso da partícula "SE", sobre assuntos de fonética, e outras coisas. É interessante ler o texto da introdução, que mostra a disposição que o seu pai tinha para o debate. Parece que esta era uma marca de seu pai. Lá no Pedro II, encontrei um resumo de uns programas de rádio que o seu pai fez em São Paulo, é muito interessante. Eu fotografei e deixei lá uma cópia digitalizada. O exemplar estava se desfazendo. Agora está lá, disponível para outras consultas. Vou trazer uma cópia para você. Você se lembra desse programa?
**MTV**: Quem foi esse Silvio Elia?
**CARF:** Silvio Elia foi um gramático, filólogo. Ele tem livros de gramática, lingüística e filologia. E ao que parece, entre ele e Oiticica havia uma guerra no campo da idéias. Tinham muitas oposições, parece que em vários assuntos.
**SO:** Papai adorava estas polêmicas.
**MTV**: O Oiticica deu um curso nessa rádio. São aulas de português.
**SO:** primeiro foi na rádio lá do Rio de Janeiro.
**MTV**: era um programa de Cid Franco, pai do Walter Franco. Ele já morreu.
Nesta altura da entrevista a Maria Thereza Vargas encontrou o livro sobre o Mario Lago e leu as páginas 60 e 61, O livro tem o título: *Mário Lago Boemia e Política*, escrito por Mônica Velloso. Nestas páginas foram registradas as memórias de Mário Lago sobre o Prof. Oiticica. Ele aconselhava aos alunos lerem com atenção os noticiários de jornais e argumentava que esta era uma forma de conhecer o mundo fora dos livros escolares. Ela leu o trecho que transcrevo abaixo:

> Mário se atraia pelas atitudes irreverentes de Oiticica. Confessadamente anarquista, o professor chocava a muitos pela maneira descontraída e amigável com que tratava os serventes e alunos. Nos intervalos das aulas, costumava se dedicar à capoeira, ensinada pelo servente Manoel.
>
> Para os padrões de comportamento da época, o fato era simplesmente chocante. Como um respeitável professor se rebaixava à condição de aluno? E ainda por cima se fazia aprendiz de um servente! Por esse tempo, a prática de capoeira era duplamente condenada: como expressão da cultura afro-brasileira e também pelo uso que dela faziam algumas facções políticas.
>
> Na capoeira o sujeito enfrentava diretamente o adversário; preferia seduzi-lo num espaço circular, onde ele procurava esquivar-se dos golpes, dançando e saltando matreiramente .[...]
>
> No centro do pátio, Manoel e José Oiticica se encaravam. Gingavam nos calcanhares e, rápido, lá ia uma perna pro ar, enquanto o braço ficava forte, sustentando o corpo no

chão. Para os íntimos, o servente Manoel atendia pelo nome – um apelido que ele pôs no servente: o “Piroca”.

**MTV:** Mas eram moldes anarquistas, essas coisas meio safadinhas... (referindo-se ao apelido).
**SO:** Meu pai fazia assim, por exemplo: tinha um aluno lá assim bem pretinho que chamava Napoleão. Então ele dizia assim: “Você não tem cara de Napoleão, você é negrinho, eu lhe dava outro nome”. Um dia, anos depois ele encontrou esse aluno na cidade que falou: “Oi, professor, sou eu o Fulano de Tal, dizendo o apelido que papai havia dado a ele. E meu pai dizia: “Oi, como vai? e dizia o apelido. Meu pai rebatizava os alunos. Ah, ele dizia: De repente vem um aluno com uma carinha assim e chamado de Napoleão, não combina! E o garoto achava engraçado e passava o resto da vida com isso na memória.
**SO:** Encontrei um livro com uma dedicatória a papai da Sociedade dos Artistas Nacionais. Interessa?
**CARF:** Interessa sim.
**CARF:** Quantas vezes o professor Oiticica foi preso? Você lembra, Sônia?
**SO**: Das prisões maiores sim. Uma foi em 1918, quando ele foi deportado para o Riachão, em Alagoas, quando eu nasci. Quando ele estava preso, deram essa opção a ele. Ele aceitou com uma condição: “Só vou se minha mulher e meus filhos forem”. Mamãe estava me esperando. Três dias depois de terem chegado lá, eu nasci. Aí , eu vim de lá para o Rio de Janeiro, parece que com cinco ou seis meses. Agora, quando ele foi preso isso eu não sei. Depois, ele foi preso de vez em quando assim: dois dias, um dia. No governo de Getúlio, em 1937 e também na revolução comunista [1935]. Numa delas eu morava na Rua Paissandu. A pior de todas foi a de 1924. Na prisão de 1937, eu lembro de um fato que me faz tremer nas estribeiras quando eu começo a me lembrar. Eu não esqueço! Eu tinha estudado grego com ele. Papai foi preso e sabe do que ele me encarregou? Dar as aulas de grego na Faculdade de Letras do Distrito Federal. Lá fui eu como assistente do papai. Eu morria de medo! Tinha uns caras muito mais velhos do que eu lá! Lá ia eu com a aulinha de grego feita por ele, é lógico! Isso foi em 1937 ou 1938, não lembro ao certo.
**CARF:** Isso me faz lembrar das minhas primeiras aulas, que medo!!!
**CARF**: Sabe, Sônia, uma coisa que quero fazer é verificar nos jornais anarquistas, nas convocações da propaganda social, os temas discutidos por Oiticica em suas conferências. Tudo isso que vocês me contaram nesta entrevista - tanto a Maria Thereza, referindo-se às memórias de Mario Lago, a coisa da capoeira, do tratamento que ele dava aos alunos e funcionários, como também aquilo que você contou sobre os alunos assistirem à aula dele sem casaco e gravata. Todas essas informações, mais aquelas que podem ser retiradas de seus livros e artigos, dão para escrever sobre as ações de educador Oiticica dentro e fora da escola. Procurar saber sobre os temas privilegiados dentro e fora do Colégio. De certa forma, são elementos para a reconstituição de sua trajetória como professor tanto nas instituições como fora delas.
**CARF:** Eu li na introdução de Roberto das Neves, no livro *Ação direta*, que o seu pai em 1906, no Leme, Rio de Janeiro, fundou o Colégio Latino-Americano com a sua mãe. Você ainda não era nascida. Mas fico pensando que podem ter surgido comentários posteriores de seus pais sobre essa experiência. Você lembra de algum comentário sobre esse colégio?
**SO**: Sobre isto eu não sei muito bem. Eu sei sobre uma escola em Santa Catarina. Ele tinha ido ser professor, não sei para o que ele tinha sido chamado para fazer. Mas eu sei muito pouco sobre isso. Parece que ele foi e ficou lá dois ou três anos e voltou para o Rio de Janeiro. Antes do Pedro II, ele abriu uma escola dele. Mas ele teve que fechar por causa de uma modificação do ensino que ele não concordou. Então fechou essa escola. Houve também a escola do Leme, no Rio de janeiro, chamada Colégio Latino-Americano. Ele contava para

gente que os alunos, quando chegavam as férias, não queriam voltar para as suas casas não. Queriam ficar lá na escola, pois lá eles se divertiam. Tinha internato e externato.
**MTV:** Mas, Sônia, com que dinheiro seu pai abriu um internato. Ele tinha dinheiro ou o seu avô era rico?
**SO:** Mas eu não sei se era externato ou só internato, eu não tenho certeza. Eu não sei como a escola foi aberta. Eu sei que os alunos adoravam a escola e não queriam ir para casa nas férias. Ele saía com todo o mundo para dar as lições dele. Ia com todo o mundo para estudar e ver, por exemplo, em loco as plantas. Aí, então, ele mostrava como era isso, como era aquilo. Então os alunos gostavam, se interessavam pelo assunto. Mas eu não sei muito.
**CARF:** Dos professores do Colégio Pedro II, de quais, além do João Ribeiro, que você já falou, o professor Oiticica não gostava?
**SO**: Havia alguns que ele não gostava porque faltavam à aula, davam as coisas erradas. E ele ficava por conta! Que tinha, tinha.
(Pausa para o café....)
**CARF**: Quando você mudou para São Paulo?
**SO**: Eu vim para São Paulo, pela primeira vez em 1958, depois da morte de papai.
**CARF**: Eu li na introdução de Roberto das Neves, no livro *Ação direta,* que quando seu pai morreu em 1957, você ficou a frente daquele jornal . Como foi o trabalho no jornal?
**SO**: Aquilo foi uma coisa boba. Eles cismaram e vieram pedir o meu nome para o jornal não parar. Mas eu não entendia nada de jornal. Eu nunca tinha trabalhado com jornal. Depois tiraram logo o meu nome. Acho que teve só uns três números.
**SO**: Lembrei de mais uma coisa sobre o meu pai. Nos feriados prolongados, meu pai alugava uma casinha de pescador, em uma dessas praias, de Cabo Frio, daquela região de praias tranqüilas e ficava lá com amigos. Geralmente dona Amélia, gente afim com ele. Aquilo era sagrado. Minha mãe já sabia e dava graças a Deus de ele ir descansar um pouco. Mas só que ele descansava escrevendo. O descanso dele era carregando pedra. Engraçado!
**CARF**: Nos artigos escritos em razão da morte de seu pai, há alguns que comentam que o seu pai era defensor do parnasianismo e que ele não gostava dos modernistas. Ele falava com você sobre isso?
**SO**: Esse negócio que diziam sobre ele defender o parnasianismo era ridículo. Ele dizia: "As pessoa s cismam que eu sou defensor do parnasianismo, eu não tenho nada a ver com isso", ele dizia. O papai era um anarquista que gostava de algumas coisas da natureza. No mais era o jeito dele. O Manuel Bandeira, quando papai morreu fez foi um desabafo. Antes papai tinha criticado uma poesia, que papai acho horrível do Ledo Ivo. O Bandeira tomou as dores do Ledo Ivo, pela crítica de papai. Três dias depois de papai ter morrido escreveu um artigo com muitas indiretas e veio com essa de dizer que papai era um adepto do parnasianismo, que papai não tinha veia poética e que os livros de papai iam ficar esquecidos.
**CARF**: Os livros de seu pai foram adotados e ficaram conhecidos.
**SO**: Todo mundo, hoje você sabe que este português que ensinam hoje não funciona. Essa coisa de aprender a linguagem coloquial, para mim é aprender o português errado. Não é necessário escrever rebuscado. E só escrever direito, certo, expondo idéias de um jeito simples.
**SO**: Papai tinha paixão pela língua portuguesa. Ele dizia que não havia língua mais bonita e mais musical. Ele falava e estudava também outras línguas. Papai era poliglota. Ele tinha paixão pela nossa língua portuguesa. Ele escreveu e defendia a língua. Não deixavam deturpá-la.
**CARF**: Na carta que o seu pai escreveu para o Coelho Netto, que eu vou trazer para você em nosso próximo encontro, ele ressalta a musicalidade da língua portuguesa e que ele explicou isso nas aulas. Ele queria usar as obras de Coelho Netto na Universidade de Hamburgo. Mas

isso não foi possível, pois ele não tinha um número de livros suficiente para os alunos. Ele também pediu ao Coelho Netto que lhe mandasse sua gramática com urgência.
Então, Sônia e Maria Thereza eu agradeço muito pela entrevista e ficamos com o nosso próximo encontro para a próxima sexta-feira.

**Entrevista nº 2 – 25/08/2006 (das 14:00 às 16:00 h.)**

**SO:** Eu tenho a carteira profissional de papai, mas ela está em algum lugar desta biblioteca, assim que encontrá-la eu te empresto. Hoje vou te contar sobre a fraternidade Rosa Cruz.
Meu pai fazia análise do Evangelho. Isto é uma história longa.
Olhe, estes documentos foram publicados pela fraternidade Rosa Cruz. Eu vou te contar sobre isso.
Papai, desde rapazinho sempre teve uma coisa na cabeça: queria saber o que é o homem. Descobrir os mistérios da existência, conhecer sobre a natureza humana, mas sobre os seus mistérios. Ele até freqüentou o espiritismo para ver como era. Mas nada daquilo ele aceitava.
Lá em casa ninguém sabia sobre seu trabalho na fraternidade. Mas quando havia palestras ele me levava. Um dia ele me disse: "Minha filha, todo mundo estranha que eu seja esotérico e anarquista, mas ninguém sabe que as duas coisas são a mesmíssima coisa: ambas se combinam completamente. E é verdade! O que uma diz, a outra confirma. Isso pode ser explicado com esta frase que vou ler para você:"Desejo sinceramente a felicidade perfeita a todos os meus irmãos". É uma filosofia muito interessante. Ele adotou esta filosofia para a vida dele. Para ele isso foi uma grande descoberta.

**CARF:** Seu pai escreveu sobre o trabalho na Fraternidade Rosa Cruz?

**SO:** Ele escreveu muita coisa, mas internamente. Tem muita coisa sobre isso.
Vou perguntar a Dulce se ela sabe onde está a carteira profissional de papai. Todas a minhas irmãs vivem no Rio de Janeiro, restam quatro: Vera, Dulce, Selma e eu.
Estas coisas o meu pai escrevia para conversar com a gente é um triângulo pitagórico com 10 pontos da vida escritos no triângulo pitágorico, gravados - aquele que interpretar os 17 pontos, os 7 pontos matemáticos ocultos [...] encontrará neles as séries ininterruptas das genealogias desde o primeiro homem celeste ao homem terrestre. [...] esotérico ou mônada pitagórica, mona é uma unidade no sentido primário. Então aqui tem a explicação dos pontos pitagóricos. Isso é bem diferente de anarquismo, não é? Um ponto corresponde à unidade; dois pontos formam a linha; três pontos a superfície; quatro pontos, o solo.; o ponto do vértice é a mônada primeira, a número três representa a forma, ou melhor a sua origem. Pitágoras considerava-se autor das causas sublunares. O casamento no mito grego, o ponto é o sacerdote, símbolo do primeiro logos manifesto, o noivo é filho - o segundo logos manifesto, a noiva é mãe [...] O espaço é a unidade viva do mundo real. Estas são algumas lições do Rosa Cruz. Eu vou te emprestar estes livros do meu pai e também as fotos. Você me traz quando voltar.
Veja estas fotos. Esta foto meu pai está com uma cara meio risonha, porque ele aceitou uma homenagem da Esso, entregando-lhe uma medalha de honra ao mérito. Ele achou isto uma coisa estúpida da parte dele. Por isso ele tem este riso irônico no rosto. Mas isto era bobagem.
Vou ler um poema que meu pai fez para os irmãos da fraternidade.

O modelo

Se queres que outros creiam

Crê primeiro

Faze-te boa nova, acende-a em ti

Só terás gestos e áurea de pioneiro

Se tua alma for surto e frenesi
Quem deseja arrastar ao seu oteiro
Tribo e sem deus precisa ser Davi
Ter uma arpa, ter juntas de guerreiro

Saber cantar e combater por si
Ser mais tu, mais alguém, mais por onde
O sem par, o sozinho, o último, o herói
O que põe no melhor toda virtude

Torna-te exemplo,
o exemplo é que constrói
Finja até que o teu sonho não te ilude
E que a tua amargura não te dói

02/03/1955
Aos irmãos menores nesta data tão linda,
com profundo pensamento de reverência e amor.
José Oiticica.

**SO:** Olhe só esta e uma outra poesia de meu pai que não foi publicada em lugar nenhum. Vou ler para você. Cajusinha é como chamava o Cajusa. Essa poesia meu pai fez fazendo graça.

Eu mesmo
Este rapaz bonito é o Cajuzinha
O autor de Ode ao Sol e dos Sonetos.
Cara de ganso com bigodes pretos,
Pai do José, da Clara e da Vandinha

Ama aos pais, aos irmãos e à Sinhazinha
Prefere os versos sérios aos facetos,
Os largo ma non troppo aos alegros
É doido por banana e cocadinha.

Procura fazer tudo com arte e plano
Quer ser sábio e não sabe patavina
Gosta do Ruy, não gosta do Herculano.

Sonha fundar a sociedade nova!

Nasceu, vive e, segundo a lei divina.

Há de acabar, que espiga, numa cova!

José Oiticica

**CARF:** Essa letra é sua ou de seu pai?

**SO:** É minha, todos dizem que eu tenho a letra parecida com a dele.

**CARF:** O seu pai teve a experiência de perder um filho?

**SO:** Não. Só mamãe. Papai morreu antes.

Logo após a morte de papai, Clara morreu. Ela tinha muita afinidade com papai. Lecionava Português, como papai.
Esta estante de livros era de papai. Ele gostava que os livros ficassem arejados para evitar cupim, mas mesmo assim o cupim vinha!
**CARF:** Sônia quando o seu pai estava preso, como sua mãe procedia para dar conta de tudo? Houve um período em que o salário dele foi cortado. Eram muitos filhos, como sua mãe se arranjava nesta situação?
**SO:** Minha mãe fazia biscoitos. Todas as pessoas conhecidas compravam não só para ajudar, mas também porque eram deliciosos. Mamãe vendia-os também para a Confeitaria Colombo. Coelho Netto ajudava muito. Nós tínhamos muitos amigos. Papai ficou uma vez um ano e três meses preso. Não foi brincadeira! Primeiro foi a Ilha de Bom Jesus, depois a Ilha das Flores e depois a Ilha Raza. Quando ia para Trindade, mudaram de idéia, sei lá por que e conseguiram que ele fosse para Alagoas, isso foi em 1918. Minha mãe estava grávida de mim. Eu vou, mas com minha mulher e meus filhos. Então eu nasci lá no Riachão. Era uma coisa! Uma aflição! Mas meus pais se entendiam muito bem. Minha mãe sentia uma falta enorme de meu pai. Além disso, havia as dificuldades financeiras. Foi muito triste e duro!. Há uma carta em que eles estavam combinando de sair da prisão. Mas meu pai não achou isso certo. Então meu pai escreveu para minha mãe e disse que tudo ficaria ao critério dela. Dei esta carta ao Edgar Rodrigues e ele publicou em um de seus livros. Você deve ler esta carta. Eu não tenho mais nenhuma carta. Dei todas elas ao Edgar Rodrigues.
Vou lhe emprestar este livro de sonetos do meu pai. São os primeiros sos dele. São todos assim: a primavera, o inverno, a solidão o mar , a floresta.
**CARF:** Este opúsculo da Fraternidade: *Padre Nosso* está com data de 1958, então foi uma publicação póstuma.
**SO:** Você pode levar estes dois livros.
**CARF:** Você tem em sua memória algo sobre as conferências anarquistas? Você acompanhou seu pai nessas conferências?
**SO:** Não lembro. Ele ia sozinho. Mas quando tinha festa ou palestra. Minha mãe também acompanhava. Havia conferências que não eram anarquistas, mas do ponto de vista que ele falava, todo o mundo percebia que a mensagem era anarquista. Ele dizia o que tinha que dizer. As vezes o assunto era português, as vezes eram outros assuntos, mas sempre havia algo sobre o anarquismo. Ele sempre dizia o que tinha que dizer, não escondia nada.
**CARF:** Olha, Sônia: Um cartão de seu pai para a sua mãe:
**SO**: Leio para você.
O endereço é rua Guanabara, 49

Zinha,

Escrevi-te ontem. O quanto doido para voltar avaliarás por que.Terminamos hoje a primeira turma de francês e segunda-feira examinaremos a segunda e liquidaremos o

latim na terça. Não estou decidido a ir a Oliveira ver onde nasci. Se a saudade for mais forte que o desejo de ir tocarei para o Rio. De qualquer modo te avisarei por telegrama. Domingo e amanhã deve ser péssimo. Beije as crianças e o teu recebe no coração.

Cajusa

**SO:** Minhas costas...

**CARF:** Sônia, vamos encerrar a entrevista e em nosso próximo encontro devolverei todo este material. Obrigada.

**Entrevista nº 3 – 05/10/2006 (14h30 às 17h30)**

**SO**: Meu pai escrevia sem letras supérfluas, letras duplas, sem dois F. Isso ele aboliu completamente, os dois L.Se um aluno entregasse um texto com estas repetições, ele corrigia.

**CARF**: Seu pai falava em seu avô, do pai dele. Eu gostaria de ouvir um pouco sobre as histórias de família. Você se lembra dessas histórias.

**SO**: O meu avô eu não lembro muito bem, eu era pequena. Tenho retratos em seu colo. Lembro que ele precisou ir ao Rio de Janeiro para fazer uma operação.

**CARF**: Qual era o nome dele?

**SO**: Meu avô se chamava Francisco de Paula Leite e Oiticica. Então ele teve que ir ao Rio, pois lá em Alagoas não havia recursos para aquela operação. Então, ele foi ao Rio, operou-se e ficou hospedado em casa o tempo em que ele estava doente. Eu achava lindo. Nós tivemos que fazer uma parede de guarda-roupas, isso para nós era uma festa, uma novidade.

**CARF**: Sabe, no ensaio do livro que o Roberto das Neves publicou reunindo os artigos de seu pai, ele só menciona o nome do seu avô, ele não diz o nome de sua avó.

**SO**: Minha avó era Ana Adélia Bulhões Leite e Oiticica. Tem o Bulhões também, eles eram primos.

**CARF:** O Roberto das Neves diz que seu avô tinha quatro filhos. Então, o seu pai tinha quatro irmãos, eles eram cinco.

**SO**: Meus tios eram o Tio Manuelito, tio Álvaro, tio Chiquito, tio Luís. Eu tenho um livro que foi uma pesquisa que meu primo fez que conta a história de toda a família. Tem coisas que estão erradas, mas eu fiz a correção, eu vou te emprestar. Veja: isto vai te ajudar. Ninguém que escreveu sobre meu pai leu tudo isso. É um livro da família, fala sobre a família inteira. Ele omitiu muita coisa, pois ele não consultou a gente no Rio, ele só confiou na memória de quem estava lá em Alagoas. Então, tem erros, mas o principal está certo.

**CARF**: Eu agradeço e espero fazer bom uso. O seu pai passou a infância em Alagoas?

**SO:** Meu pai passou, porque meu pai foi para Alagoas com quatro anos, quando o meu avô foi transferido de Minas. Meu pai nasceu em Minas Gerais. A infância dele foi toda em Alagoas. Até ele tem lembranças de lá. Assim como eu também nasci em Alagoas. Mamãe chegou em Alagoas faltando três dias para eu nascer. Então eu nasci lá. Foi quando meu pai foi transferido da Ilha Raza para cumprir pena no Riachão. Em lugar de ficar na prisão lá na Ilha, ele pode ser transferido para Alagoas. Ele só aceitou, pois era possível ir para lá com toda a família. Mas, quando ele era criança ele voltou para Alagoas. Toda a infância pequenina dele deve ter sido lá em Alagoas. Ele tem uns sonetos que se chamam: *As lembranças*. São três sonetos.

**CARF**: Então, vai ser importante ler esses sonetos para saber sobre a infância dele, pelo menos sobre os seus sentimentos.

**SO:** Pois é, eu lhe disse que conheci melhor o meu pai lendo seus sonetos. Eu sei de cor. Os três juntos chamam-se Riachão.

As lembranças

Riachão! Remiro o engenho hoje parado
E a Casa Grande junto à capelinha,
O alambique, o curral, a água, o cercado,
Quase tudo que outrora me entretinha.

Quase tudo! Não vejo mais o gado,
O bambuzal, a casa de farinha...
Não sinto agora o cheiro do melado;
A bica d’ água em vão corre sozinha.

Foram-se os cambiteiros...formas, cana
Cresce o capim na antiga bagaceira,
O Gongo mal nas pedras espadana

Ouço o rumor soturno da banheira
E sinto a minha vida, a vida humana,
A fugir-me, a fugir-me sem que eu queira...

Mundaú! Eis a ponte de madeira
E os pés de na fistula na estrada,
O rio tardo, os mulungus à beira;
Sob a ponte morcegos em revoada.

Toda a várzea, ao cair da tarde, cheira.
Chiam carros ao longe...à casa amada
Espera-me  e a igrejinha, sobranceira
Surge branca na luz que degrada.

O cavalo vai sôfrego e eu sonhando:
A arapuca, os sanhaços, a almanjara
Coisas de um tempo de nem sei mais quando
Agora pé do oiti, meu velho amigo,
Chorando, junto à usina a que se agarra
As horas idas que vivem comigo!

**CARF**: Seus pais comentavam sobre como se conheceram?
**SO:** Eles não falavam muito disso. Mas eles eram primos. Acho que todo mundo lá era parente um dos outros.

**CARF:** Sobre a sua infância lá no Rio de Janeiro, você lembra onde moravam, de histórias desse tempo?
**SO:** Nós morávamos na Rua Guanabara, 49.
**CARF:** E depois?
**SO:** Depois tivemos que sair dessa casa.
**CARF**: Isso aconteceu mais ou menos quando? Você já era mocinha?
**SO:** Eu tinha 10 anos e fomos para uma outra casa na Rua Cosme Velho. Aí eu já tinha 10 anos , foi aí que eu, papai e Dulce fomos para Alemanha.
**CARF:** E a sua mãe e seus irmãos ficaram na casa da Rua Cosme Velho?
**SO:** Mamãe ficou com os maiores e eu e minha irmã Dulce fomos com papai e depois mamãe foi com todo o mundo, menos o meu irmão que estava fazendo vestibular.
**SO**: Que coisa engraçada, olha só, tem o sobrenome da Rosa e Calheiros. Por que eu fui falar sobre isso? Aqui nos escritos sobre o Riachão tem a história de toda a família, olhe, isso aqui até agora ninguém teve. Tem a história das primeiras escolas do lugar, veja se te interessa.
**CARF:** Sônia você sabe algo sobre o Colégio-Latino Americano que o seu pai e sua mãe fundaram no Leme, no Rio de Janeiro, no ano de 1905. Seus pais eram recém-casados. Será que o seu avô ajudou nisso? Seus pais falavam sobre isso?
**SO:** Eles fundaram essa escola juntos. Foi fechada por falta de dinheiro. Meus pais falavam sobre isso. Sabe por que a escola foi fechada? Por causa que as coisas que ele ensinava era tudo a moda dele, então ele teve que fechar. Ele dizia sempre que nessa escola os alunos quando chegavam as férias não queriam voltar para casa. Queriam ficar no Colégio.
**CARF**: Então a escola era um internato?
**SO**: Era também internato.
**CARF:** E no bairro do Leme. O Leme devia ser longe de tudo na época, não é ?
**SO**: O Leme é o princípio de Copacabana.
**CARF:** Sonia, seu pai fala muito sobre a experiência que teve em um opúsculo que encontrei no Colégio Pedro II, no Arquivo de lá. É uma conferência que o seu pai deu em uma radio chamada Cruzeiro do Sul em São Paulo. Foram 15 conferências, sendo que a última alguém transcreveu e publicou. Ele falava sobre o curso de português que deveria ser dado nas escolas. Ele lembra das aulas dessa escola no Leme.
**SO:** Eu lembro que ele dizia que os alunos gostavam muito. Algumas aulas eram ao ar livre, eles aprendiam brincando e por isso gostavam de ficar lá e não queriam voltar para casa. Mas nem todos podiam pagar e os que não podiam pagar, não pagavam. Acho que alguns também não tinham dinheiro para comprar livros. Papai falou uma vez que o governo proibiu escolas que não seguissem regras. Não sei bem sobre isso.
**CARF:** Você lembra sobre esse trabalho que seu pai realizava em programas de rádio?
**SO:** Lembro. Eu fui assistente dele. Olha, neste livro tem um capítulo aqui: "O Batizado", é capaz de você achar coisas interessantes aqui.
**CARF**: Sônia, vocês foram batizados, todos os filhos?
**SO**: Nós fomos. Minha mãe era católica. Não era assim dessas católicas que não saem da Igreja, mas ela era católica e papai achou que ela ficaria contente se os filhos fossem batizados. Então ele deixou que todos fossem batizados.
**CARF**: As fotos que eu tirei dos retratos não ficaram boas. Você me empresta essas fotos para que eu possa escanear? Eu devolvo tudo depois.
**SO**: Pode levar tudo.
**CARF**: Deixa eu te perguntar de novo sobre as casas de sua infância.
**SO**: Na Rua Cosme Velho ficamos muito pouco tempo lá. Papai estava procurando uma casinha menor, porque ia ficar a família e ele ia embora para Alemanha. Esta casa na Rua Cosme Velho era uma vila com três casas. Isso foi em 1929, o ano que fomos para a Alemanha.

**CARF:** Seu pai fala nas cartas que ele enviou a Coelho Netto sobre como eram as suas aulas na Universidade de Hamburgo. Ele conta que reunia os alunos para que pudessem conversar em português. Outra coisa, ele ficou bem bravo com a decisão de o governo aprovar todos os alunos em 1930 e pediu para Coelho Netto colocar os seus protestos em algum jornal.
**SO:** Deve ser porque com a Revolução de 30 todo mundo passou naquele ano. Foram suspensas as aulas, então acho que foi por isso que todo mundo passou. Papai era enérgico com as provas dos alunos. Só era mais tolerante com os alunos que ele via que eram esforçados. Com esses ele tinha uma paciência enorme, mas com quem ele percebia que era preguiçoso, ele não gostava. Eu me lembro que o meu pai ficou desesperado porque mandaram chamar ele de volta para o Brasil. Ele estava fazendo um trabalho interessante lá, inclusive sobre as línguas sul-americanas, e ele teve que vir embora. Ele ficou triste, porque tinha um contrato de cinco anos.
**CARF:** E quando vocês voltaram foram morar onde?
**SO:** Deixa-me ver... voltando da Alemanha....[...] Nós fomos morar na casa que mamãe tinha alugado. Antes de voltar, nós fomos a França buscar mamãe. Nesse meio tempo, minha irmã Dulce quase morreu, porque ela foi num desses dentistas "maravilhosos" que fez um corte muito fundo nela. Ela tinha acabado de ir ao dentista e estava tudo bem. Papai tinha um capricho com os nossos dentes. Ele era muito cuidadoso. Então esse dentista diz que tinha que operar o dente, por estar estragado. Ele fez uma operação mal feita e Dulce quase morreu. Papai dizia que a coisa que mais dava aflição era pensar como ele ia mandar dizer à mamãe que Dulce tinha morrido. Foi um horror. Papai sofreu muito. Depois Dulce melhorou, mas a suas aulas de piano foram prejudicadas. Ela teria sido uma brilhante pianista se tivesse tido a oportunidade de estudar lá. Isso atrapalhou muito. Papai queria processar o dentista, mas os amigos disseram que isso não ía adiantar pelo fato de dele ser estrangeiro no país. O rosto dela ficou inchado durante muito tempo e até hoje ela tem uma cicatriz feia no rosto.
**CARF:** E como foi a volta para o Brasil?
**SO:** Ficamos lá quase dois anos. Fomos morar na Rua Cosme Velho. Era uma vila que tinha três casas e que dava para uma rua. Nós morávamos perto das filhas de Coelho Netto.
**CARF:** Vocês ficaram muito tempo na casa do Cosme Velho?
**SO:** Nesse tempo eu entrei para a Escola Alemã e mudamos para a Rua Paissandu. Nós mudamos duas vezes, porque o contrato do aluguel ficou caro.
**CARF:** Você lembra como era essa Rua, lembra de coisas dessa época, eram os anos 1930?
**SO:** Era uma rua linda cheia de palmeiras. No fundo dessa rua ficava o Fluminense Futebol Clube. Todo o mundo era fluminense, mas meu pai era Botafogo.
**CARF**: Seu pai era Botafogo, quando todos eram fluminenses, era sempre do contra? (risos)
**SO**: Ele fazia isso de brincadeira. Ele tomava sempre o bonde para o Pedro II. Ele andava até a Rua Cosme Velho, lá que parava o bonde. Ele ia de manhã para o Colégio Pedro II e de tarde ele ia para a Escola Dramática. Na maleta dele sempre tinha bananas. Ele era louco por bananas. Um dia ele disse: "Sônia: sabe quantas bananas eu já comi hoje?". Eu disse: "Como é que eu vou saber pai!" E ele disse: "Doze bananas".
**CARF**: Nossa, então ele não almoçava.
**SO:** Lembrei! Minha avó se chamava Ana Adélia Leite Pitanga., a mãe de meu pai.
**CARF**: Estou curiosa para saber como era a casa da Rua Paissandu. Você lembra?
**SO**: Claro, porque foi lá que eu me apaixonei por quem eu me casei. Tinha palmeiras dos dois lados até a praia. Ficava perto do Palácio Guanabara. Ao final estava a praia. Às vezes quando dava em sua veneta ele levava as menores à praia. Ele gostava de tomar a brisa da noite. Durante o dia ele não tinha tempo.
**CARF:** Você lembra se tinha reuniões em sua casa? Quem freqüentava a sua casa? Você lembra se as pessoas que escreviam com ele nos jornais, se essas pessoas iam a sua casa? Você era mocinha nessa época.

**SO:** Manoel Peres eu lembro bem. Ele tinha duas filhas e adorava papai. Era um amigo de verdade. Eu lembro pouco sobre isso.
**CARF:** Depois dessa casa da Rua Paissandu?
**SO:** Logo nós mudamos de novo. Era um problema, porque os aluguéis subiam muito, e por isso, nós estávamos sempre mudando de casa. Na segunda casa da Rua Paissandu é que eu conheci quem seria meu futuro marido.Tinha um pedacinho de rua, onde ficava minha casa e a casa do tio do pai do namorado que ia ser meu. Aquele ponto era onde nós tínhamos os amigos.
**CARF:** Isso em que ano?
**SO:** Foi depois que voltamos da Alemanha. Na época em que eu comecei no teatro nós morávamos na Urca. Eu conheci o Charlie em 1933. Ele morava na Osvaldo Cruz. Depois que eu me casei e meus pais se mudaram para uma outra casa na Urca. Tem a foto no livro de Edgar Rodrigues, na Rua Osvaldo de Almeida, n. 67. Antes de me casar eu morava na Av. São Sebastião. E depois eles alugaram uma casa na Rua Osório de Almeida.
**SO:** Nós mudávamos muito, ninguém tinha dinheiro para comprar casa. Meu pai foi preso nas últimas vezes em 1935 com a Intentona  e 1937 com Estado Novo.
**CARF:** Você lembra das visitas a seu pai nessa última prisão?
**SO:** Eu levava as lições de grego para ele conferir. Eu estava substituindo meu pai na Universidade com as aulas de grego. Era sempre um alvoroço lá porque não conseguiam saber que era só lição de grego e ninguém lia grego para saber. Tinha outras pessoas presas. A cela era  um pouco escura. Foi bem triste essa época.
**CARF:** Seu pai reabriu o Jornal *Ação direta* em 1946. Há um período em 47 que o seu pai deixa a direção que é assumida por Serafim Porto. Ele retornou depois. Nesse período as coisas estavam mais calmas. Você sabe por que seu pai deixou a direção do jornal?
**SO:** Deve ter tido alguma perseguição. Não havia brigas entre eles. Quando o Dutra entrou em 47 recomeçou a perseguição aos comunistas. E naquela coisa comunistas/anarquistas, provavelmente julgaram estratégico não expor papai e para não fechar o jornal.
**CARF:** Olha o que está neste jornal: “Por motivos expostos na reunião de 22 de junho de 1.947, o companheiro José Oiticica deixou a direção efetiva de *Ação Direta*, embora continue para efeitos legais seu diretor responsável. Foi escolhido para substituir Oiticica, o camarada professor Serafim Porto”.
**SO:** Telefone para o Edgar que ele sabe sobre isso.
**SO:** O meu pai foi para o Riachão por influência de meu Avô. Meu avô era senador da República. Meu pai foi o cabeça da revolta de 1918 e por isso foi deportado para Alagoas. Minhas irmãs gostaram de ficar lá.
**CARF:** Em nossas entrevistas anteriores você contou que a sua mãe fazia renda de bilro e biscoitos para arcar com as despesas.
**SO:** Bilro tem um cabinho e uma bolota. Mamãe batia em nossa cabeça para fazermos as lições. Ela nos alfabetizou.
**CARF:** Eu li em uma das cartas que o seu pai enviou à sua mãe, quando estava na Ilha Raza, reclamando com a sua mãe que o José não tinha feito os exercícios de aritmética. Parece que ele acompanhava as lições, mesmo estando na prisão. Você mencionou em uma de nossas conversas sobre as visitas na prisão. Você lembrou mais alguma coisa que gostaria de falar?
**SO:** Meu pai gostava de ver as lições. Eu lembro das visitas que fazíamos na Ilha das Flores em 1924. A gente chegava e ele ficava contente. Às vezes a gente jogava peteca e depois nós íamos embora. A saída era sempre muito triste. Ele dava adeus e nós também dávamos adeus. Eu tinha 5 anos, eu era muito pequena. A minha relação com meu pai sempre foi boa.
**CARF:** Em um tempo mais próximo. Na década de 1950. Você casada, com filhos, e o seu pai já aposentado do Colégio Pedro II. Em 1952 ele se afastou do colégio Pedro II. Você lembra  esse período?

**SO:** Ele ficava um pouco mais em casa, mas tinha muitos alunos particulares. E não dava para ficar em casa, era muita gente.
**CARF:** Onde aconteciam essas aulas?
**SO:** Ele tinha um escritório na Rua 13 de Maio. Ele continuava dando aulas na Escola Dramática. Ele queria que eu fosse lecionar na Escola Dramática, pois sabia que eu não queria deixar o teatro, mas eu não me interessei muito por isso.
**CARF:** Na Escola Dramática quem levou o seu pai para lá foi o Coelho Netto.
**SO:** Foi Coelho Netto. Ele era muito amigo de papai.
SO: Eu lembro de umas músicas de carnaval que cantávamos, era sobre a política na época. Veja, eram sátiras:

> O ler é preparar o Isidoro vai chegar
>
> Vai chegar o Turussu e livrarmos do Bitu
>
> Corram, corram, venham ver, vamos todo à Central
>
> Receber o glorioso Marechal
>
> Bitu, Bitu desta vez a tua crista vai baixar
>
> Bitu, Bitu,
>
> E não sei que em salmora vai ficar
>
> Breve ir lá com a lata ao rabo
>
> Para o diabo São Luís
>
> E o Brasil sem João Luís e sem outro infeliz
>
> Viverá uma nova e não sei que lá

**SO:** Esse Bitu era o Arthur Bernades. Meu pai cantava. Nós adorávamos berrar essa música para o vizinho ouvir.
**CARF:** Então, Sônia, nessas visitas à prisão vocês repassavam as lições de grego do caderno que você me emprestou, mas quanto tempo duravam. Você tinha tempo para resolver todas as suas dúvidas?
**SO**: Tinha um prazo determinado, mas eu não sei quanto tempo. A impressão que dava é de que era curta, mas eu não sei ao certo.
**CARF:** Você me contou coisas muito interessantes. E com a música você me deu algumas idéias. Eu vou pesquisar um pouco sobre as músicas que o povo cantava na época. Juntando uma coisa com a outra, aos poucos vamos tecendo a história de seu pai. Você lembrou dos endereços das casas onde moraram. Contou coisas sobre sua família. Leu os sonetos de seu pai.
**SO**: Olha só o que tem escrito aqui no livro do Riachão sobre o Hélio Oiticica, vou ler:

> Filho de José Oiticica Filho e neto de José Oiticica, Hélio Oiticica de 37 a 80, seguiu os passos do pai e do avô, tornando realidade um raro ciclo de três gerações seguidas, onde a genealidade sempre esteve presente nas carreiras que abraçaram com tanto sucesso. Sobre a sua criatividade e marcante presença no cenário brasileiro de artes plásticas, com a quinta geração de descendência direta do Senador da República Leite e Oiticica, assim se manifestou o crítico Salomão, em seu livro sobre a vida de Hélio Oiticica.

**SO**: Aqui no livro tem um outro erro, está escrito *Anarquismo ao alcance de todos* e o correto é *A doutrina anarquista ao alcance de todos.*

**CARF:** A doutrina anarquista ao alcance de todos foi publicada duas vezes em forma de folhetim no jornal *Ação direta* para só depois ser transformada em livro. O curso de literatura também. O curso de literatura ele começou a publicar em 1947 e terminou em 1953. Depois o Roberto das Neves juntou tudo e publicou na Germinal, logo após a morte do seu pai. Ele reuniu artigos que alguns intelectuais escreveram sobre o seu pai, uma sessão necrológica. Isso foi uma homenagem anarquista à memória de seu pai. Eu tenho tudo isso. Eu estou vendo que você não tem este material. Vou te trazer cópia disso e das cartas a Coelho Netto quando eu voltar.
**CARF:** O seu irmão José morreu depois de sua mãe?
**SO:** Morreu minha mãe depois do José. Eu tenho uma irmã, a Clara, que morreu na hora do parto, com 36 anos. Meu pai era vivo. Meu pai sofreu muito. Ele não falava. Ele dizia não chore que a morte não é para chorar.
**CARF**: Essa forma de encarar a morte tem a ver com a Fraternidade Rosa Cruz? Eu encontrei um artigo de seu pai com o título: "Espiritualidade, anarquismo e bom senso", você conhece?"
**SO**: Eu não conheço.
**CARF:** Eu trago para você.
**SO:** Meu pai dizia: Eu sou anarquista porque eu sou Rosa Cruz e eu sou Rosa Cruz porque eu sou anarquista. **SO:** Por quê? Se você conhecer as duas coisas verá que elas se combinam maravilhosamente.
**CARF:** Por que Sônia? Se conhecer um e outro você vai perceber. Porque o anarquismo é a liberdade de pensamento e o Rosa Cruz é a mesma coisa! Rosa Cruz não tem dogmas, você é livre de pensar, de agir, de pesquisar, livre de tudo. Então, nesses pontos tudo é muito parecido, porque há liberdade de pensamento e de ação.
**CARF:** Quando seu pai entrou para a Fraternidade Rosa Cruz?
**SO**: Acho que foi em 1933. A gente já conversou sobre isso.
**CARF:**Quantas vezes por semana?
**SO:** Durante a semana ele dava muitas aulas. Ele ia, acho que uma vez na semana, mas ele estudava muito em casa.
**CARF**: Eu não sei se é hierarquia que se fala, mas ele chegou a ser mestre? O que significa isso?
**SO:** Ele chegou a cavaleiro, mas eu não sei se tem outras coisas.
**CARF**: Tem um livro de um sujeito que foi aluno e depois colega de seu pai lá no Colégio Pedro II, ele escreveu uma espécie de biografia sobre o seu pai. Ele diz que era muito próximo de seu pai, mas não me convenceu em seu discurso, parece montado, não parece situação ocorrida mesmo. Ele diz que seu pai foi grão mestre. Tenho impressão que o seu pai não devia gostar muito dele, mas isso é só uma impressão.
**CARF:** Sônia, o seu pai batizou a filha de Coelho Netto?
**SO:** Não, foi Coelho Netto quem batizou Vera e Viriato Correia era padrinho de Selma. Agora, papai e mamãe iam muito à casa de Coelho Netto. Eles faziam saraus, papai também fazia esses saraus em casa.
**CARF:** Como é que eram esses saraus?
**SO:** Eram como ainda acontecem hoje, como a gente faz aqui- com poesia e música.
**CARF:** Quem ia a esses saraus?
**SO:** Ana Amélia, Rosalina Lisboa, Coelho Netto. Naquela época as poetisas eram muito consideradas, não eram poetisas, eram poetas. Como diz o Manoel Bandeira, que raiva que dá! Da burrice do Manoel Bandeira, machismo total. Tanta gente ia, o Hermes Fontes, Martins Fontes. Os Fontes eram próximos. Coelho Netto, a Dona Gabi. Ela não ia muito, ela ficava com os filhos em casa eram danados. Manoel Peres era próximo. Ele adorava papai, eram amigos mesmo. Esses saraus eram de 1920 e pouco ou 1930 e pouco.

**SO**: Tem uma história engraçada. Aconteceu lá na Rua Guanabara. Nesta casa tinha uma escada e havia um quarto entre o quarto em que mamãe costurava e a sala de visitas, era um quarto escuro. E as meninas, minhas irmãs, eram terríveis. Elas se escondiam e ficavam ouvindo. Aí o Hermes Fontes começou a recitar: “Sim, meu amor/ não, meu amor, sim, meu amor”, no terceiro sim, meu amor e não, meu amor deram aquela gargalhada. Meu pai ficou por conta e mandou todo o mundo dormir.
**CARF:** Como eram as broncas de seu pai?
**SO:** Conosco papai não era bravo, mas dizem que com os alunos do Colégio ele era bravo, principalmente com os alunos que não faziam a lição. Um dia ele deu uma nota má a um filho de um político e o diretor do Colégio foi reclamar com papai: “Professor, ele é o filho de Fulano”. Papai disse: “Se ele é filho de um homem ilustre tem que se fazer jus a esse pai que ele tem e é mais uma razão para eu fazer com que ele escreva direito”. Papai não ficava calado não. Os alunos tinham medo em hora de prova, de provas escritas, oral. Agora papai adorava os alunos que eram estudiosos, que tinham o caderno organizado, a lição feita, mas os outros...
**CARF:** Tem uma história como essa na narrativa do Roberto das Neves que conta que essa história se passou com o filho do presidente Wenceslau Brás.
**CARF:** Eu vou transcrever as fitas. Agradeço muito e quando eu voltar trarei todo este material que me emprestou. Muito obrigada! Vou tomar cuidado com tudo. Até o nosso próximo encontro.

Carta de Cessão

Eu, Geraldo Pinto Vieira, declaro para os devidos fins que cedo o direito de utilização, integral ou parcial das entrevistas, concedidas a Cristina Aparecida Reis Figueira, aluna do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, como fontes de pesquisa para a tese de doutorado, até este momento intitulada: *A trajetória de José Oiticica: as faces do intelectual, do Professor, do autor, do jornalista e do militante anarquista*, sob orientação do Prof. Dr. Kazumi Munakata.

São Paulo, 15 de setembro de 2006

Geraldo Pinto Vieira

**Entrevistas com o professor Geraldo Pinto Vieira**

Realizei duas sessões de entrevistas nos dias 18 de maio e 13 de julho de 2006, no Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II (NUDOM), Rio de Janeiro, com o professor Geraldo Pinto Vieira.
Na primeira sessão, compartilhei os objetivos desta pesquisa, em uma conversa - sem fazer uso do gravador - com duração de aproximadamente uma hora.
Na segunda sessão, com duração de uma hora e trinta minutos, conversamos novamente sobre os objetivos desta entrevista e combinamos que as suas lembranças sobre o professor José Oiticica no Colégio Pedro II seriam gravadas como depoimento, sem que houvesse perguntas ou quaisquer outras interferências.

Meu nome é Geraldo Pinto Vieira e fui aluno do Colégio Pedro II no final da década de 40, lá permaneci até hoje, não deixando o colégio em nenhum momento. Tenho dentro do colégio mais de 50 anos. Com relação ao pedido da professora nesta entrevista, ela se refere às minhas memórias com o Colégio Pedro II e, em especial, com o professor Oiticica.
Quando entrei no Colégio na década de 40, meu primeiro contato com Oiticica foi no exame de admissão. O exame naquela época era composto por provas escritas e orais e ele me examinou na prova oral. As provas escritas eram de Português e Matemática, e as provas orais eram de Português, Matemática, Geografia e História. Mais tarde vim a saber quem era o professor Oiticica! Era uma das figuras mais importantes do Colégio Pedro II e teve uma grande trajetória como professor, lecionando várias disciplinas. Além disso, ele era poliglota, jornalista, mas isso tudo nós conhecemos com o decorrer do tempo no Colégio.
Era catedrático em Português. A Cátedra no Colégio Pedro II era considerada um ápice na carreira de professor. Ele entra para o Colégio em 1916. Nessa época não havia faculdade de Filosofia, o objetivo específico de preparar professores para o ensino de primeiro e segundo graus, mas todos os professores tinham uma cultura geral muito grande.
Oiticica era Catedrático em língua portuguesa, portanto essa foi a razão dele estar na banca, quando me examinou no final da década de 40. As provas do exame de admissão eram interessantes porque a prova escrita era composta de uma redação, ou podia ser a descrição de um estampa.
Eu me lembro que no meu caso foi uma redação e algumas questões de gramática. Aliás uma das tradições de Pedro II é que ele resistiu as provas objetivas durante décadas, - e até hoje nós não abrimos mão da parte discursivas em todas as provas. Então havia redação e a prova oral que era um tanto complicado porque como eu disse, o catedrático no Pedro II estava acima do bem e do mal, mas isso só deu para entender depois.
Então, a banca era composta pelos catedráticos que me examinaram: em Matemática foi Cecil Thiré, em História foi Mello Souza. Aquilo era solene, aberto ao público, geralmente as mães acompanhavam os filhos, porque uma criança de 11 anos naquela época não andava sozinha. Eu me lembro quando fui fazer meu primeiro exame na banca, pois tinha vindo da escola primária de apenas uma professora, moça ou velhota, mas tinha que ser professora, e ali só havia professores do sexo masculino.
Em uma mesa comprida, a gente ficava em uma fila e íamos passando pelas provas de Português, Matemática, Geografia e Historia. Lia-se um trecho, acredito, mas não tenho certeza, da Antologia de Carlos de Laet, porque a Antologia do Clovis Monteiro foi adotada depois. Isso eu não posso afirmar, sei que era um trecho qualquer e em cima daquele trecho, Oiticica fazia meia dúzia de perguntas. Ele era austero, mas era também engraçado! A impressão que me passa de Oiticica é que ele era uma figura austera, mas sem ser antipático. Eu me lembro que ele fez uma graçola comigo, e eu fiquei com cara de bobo, porque eu acho que ele, para ser simpático, fez uma brincadeira. Perguntou qual era o meu nome. Respondi:

“Geraldo Pinto Vieira”. Ele então disse: “Quando crescer vai ser promovido a galo”. Na hora não entendi nada, fiz o exame e fui embora.

Lembro-me que se perguntavam verbos - conjugação de verbos. Naquela época se dava muita importância a isso. Feminino e masculino, plural de palavras, preposições, etc. Eu me lembro que quando fiz o exame eram 200 candidatos para 80 vagas. O ensino tinha dois ciclos: ginasial e colegial. Como eu disse anteriormente, eu não fui aluno de Oiticica. Ele dava aula na parte da manhã. Naquela época as turmas eram divididas, na parte da manhã eram meninas, e na parte da tarde meninos.

O Programa de Língua Portuguesa eu acredito que fosse norteado por Oiticica. Ele era catedrático juntamente com Nascentes. Era uma complicação porque mais tarde vim a saber até por outras pessoas que Oiticica tinha um livro de análise lógica. Soube depois que havia divergências entre o sistema de Oiticica e o de Nascentes. Nascentes fez concurso para Cátedra de Espanhol e depois passou para Cátedra de Português. Oiticica já tinha feito concurso de Português e antecedia cronologicamente a Nascentes. Não fui aluno de Oiticica porque estudei na parte da tarde. Tive um grande professor chamado Elpídio Pimentel.

Aqui no Colégio dava-se muita importância a análise lógica e àqueles esquemas que eram feitos para saber onde estava o sujeito, o objeto, etc. Puxavam uma linha objeto direto, puxava outra linha objeto indireto. Muitas vezes a análise lógica era feita com trechos de Camões, o que era muito complicado. Todo o mundo sabe que muitas vezes o sujeito estava lá em baixo, e até você achar o sujeito lá em baixo tinha que percorrer um longo caminho, tanto que até hoje os alunos não gostam de ler *Os Lusíadas*, porque teria sido a influência negativa em se buscar análise lógica em cima dos textos de Camões.

Agora, como eu disse no início, eram 4 anos de ginásio e 3 anos de clássico ou científico. Havia uma carga horária bem significativa de Língua Portuguesa. Isso eu não posso lembrar de cabeça, mas eram 5 ou 6 aulas semanais. E uma coisa interessante: é que naquela época se reprovava mais em Português do que Matemática.

Na minha época os professores eram rigorosos. Os professores de português eram altamente gabaritados todos com projeção nacional e internacional. Oiticica, o Nascentes, depois na outra geração o Olmar Gutierrez da Silveira, o Celso Cunha. Todos esses foram grandes professores de Português. Então a cadeira de Língua Portuguesa tinha uma importância muito grande dentro do Colégio Pedro II.

Como eu disse, as provas eram discursivas e Oiticica trabalhava no 1º turno com uma professora que seguia a metodologia dele. Ela era a Albertina Fortuna Barros. Concorreu depois a Cátedra. Não ganhou o concurso, mas foi aprovada e seguia a corrente metodológica de Oiticica.

Um aspecto lendário de Oiticica, com relação ao seu problema político era que quando Oiticica não comparecia às aulas é porque estava preso. Então isso ocorreu com muita freqüência, historias de uma fase anterior à minha entrada, na era Vargas, e também no período daqueles movimentos anarquistas, que antecederam a revolução de 30. Quando volta e meia ele deixava de comparecer, era pelas razões expostas: estava preso. Agora não me lembro de dizerem que Oiticica fazia política dentro da sala de aula. Quer dizer, todo mundo sabia que ele era anarquista e que tinha aquelas idéias....Talvez até mesmo o fato de Oiticica estar preso, isto despertava no aluno a curiosidade de saber por que ele estava preso. Então isso era uma forma indireta talvez de se divulgar o anarquismo, era provavelmente o que acaba acontecendo.

Eu me lembro que ainda no início da década de 50 havia uma banca de jornal defronte ao Colégio Pedro II, e que vendia o jornal *Ação Direta*. Era um jornal difícil de se achar em qualquer outra banca. Eu acredito que ali tivesse o dedo de Oiticica. Porque os alunos se interessavam e queriam saber mais sobre as coisas.

O professor naquela época era bem mais distanciado do aluno, do que hoje. Então havia uma certa barreira, não havia essa intimidade que existe hoje entre o aluno e o professor. Na minha geração mesmo - já como docente de História no Colégio - havia sempre um distanciamento entre o professor e o aluno. Isso pelo fato do Colégio ter uma tradição disciplinar rigorosa. Dentro do Colégio a disciplina era dura! Éramos bagunceiros somente fora do Colégio. O aluno tinha uma mística - e aquilo funcionava. Eu me lembro que os professores não tinham problemas disciplinares no Colégio e que quando havia bagunça: acontecia fora do Colégio. Eu ainda peguei o Colégio com um inspetor para cada turma.
Os cadernos na nossa época tinham que ser um para cada matéria. Um para rascunho - ara ser passado a limpo. Muitos professores exigiam isso e davam vistos nos cadernos. Depois veio a época dos fichários. Mas eu peguei só a época dos cadernos isolados. Nós tínhamos um sistema de duas provas parciais, uma em junho e outra em novembro; mensais em março, abril e maio; depois provas parciais em agosto, setembro e outubro; e prova oral, estas eram realizadas independentes da média anual.
Até a década de 70 todos os alunos faziam provas orais. Na banca, sempre dois professores e às vezes três, com um presidente da banca, quer dizer, o professor da turma examinava, e outro professor da mesma matéria de outra turma também.
Naquela época o Colégio só tinha dois sistemas: internato e externato. Então, o número de professores era reduzidos. Todos eles conheciam e sabiam das maluquices uns dos outros, e a coisa funcionava dessa maneira.
Outro costume nas décadas de 40 e 50 era o caderno de lembranças. Toda aluna tinha um caderno de recordação. Elas pediam para que os professores e os colegas colocassem dedicatórias e pensamentos. Para os professores isso era complicado, porque quando chegava no final de ano era uma montoeira de caderninhos. Alguns professores se davam ao trabalho de levar para casa. Outros não tinham tempo, geralmente colocavam uma mensagem e assinavam na hora.

**Eu me lembro de uma quadrinha de Oiticica. Uma aluna insistiu para que ele colocasse alguma coisa em seu caderno. Ele abriu o mesmo e colocou assim:**

“Coitado do professor,
Está que não pode mais,
Pois os alunos, que horror!
São todos uns débeis mentais”.

Isso era um aspecto jocoso. Quer dizer: Oiticica não teve nesse momento, penso eu, a intenção de agredir a aluna. Mas acho que o que aconteceu era aquilo: “Tá me amolando então deixa eu amolar também”. Essa menina provavelmente deve ter se sentido escaldada, e não deve ter pedido isso mais a nenhum outro professor.
No Rio de Janeiro tinha um anúncio nos bondes de um remédio chamado Rhum creosatado e tinha uns versos que todo o mundo sabia:

“Veja ilustre passageiro,
o belo tipo faceiro
que o senhor tem ao seu lado
e por um triz, quem diria
quase morreu de bronquite
salvou-o o Rhum creosotado”

Aí os alunos fizeram uma quadrinha assim:

"Veja o ilustre passageiro
este estudante faceiro,
de cara alegre e louçã
e por um triz, quem diria,
ia ao pau em Geometria
salvou-o MalbaThan"

Malba Than era professor de Matemática no Pedro II, escritor famoso pelos seus contos orientais. Então, estas quadrinhas circulavam. Umas ficavam na memória das pessoas! A vida no Colégio era alegre e a convivência muito fraterna.

A idéia que me ficou de Oiticica é que ele era um dos grandes mitos do Colégio Pedro II. Além de professor, era homem de uma cultura enorme! Ele foi também poeta. Tem vários livros de poesias. Era um exímio sonetista. Uma das coisas que marcou muito a minha geração foi a leitura. Nós tínhamos como distração fundamental a leitura, lia-se muito. Não havia televisão. As rádios eram para novelas...Tanto que a biblioteca aqui era muito freqüentada. O que eu li de coisas aqui no Pedro II ! Eu e a minha turma. Quer dizer, havia o interesse pela literatura. Tanto que o Grêmio chamava-se: Grêmio Científico e Literário do Colégio Pedro II. Então, havia os jornais estudantis de época, muitos alunos escreviam nos jornais poesias e contos. Quer dizer o nível cultural dos alunos era muito bom, pois estudávamos bem mais. Havia menos opções de lazer. Hoje o aluno tem uma dispersão de situações e de coisas.

Há de se ressaltar no Colégio a ampla tolerância de credos e de raças, e também de situações econômicas. Quer dizer, nós tínhamos aqui desde o filho do ministro o Afonso Arinos - que foi aluno do Colégio - uma família aristocrata de Minas Gerais. Nabuco foi aluno do Colégio, o Nascentes era filho de uma empregada doméstica, uma lavadeira ou coisa parecida. Então, isso dava ao colégio uma peculiaridade muito grande. Os alunos serviam como mostruário para o Brasil. Isso foi uma coisa que me marcou muito. Acho que foi muito importante para os alunos daquela época.

Outra coisa que marcou muito foi o canto orfeônico na época de Getúlio Vargas e do Villa-Lobos. Villa Lobos era uma figura incrível, só mesmo quem o assistiu imagina. Você imagina, o estádio do Vasco lotado de garotos, principalmente escolas primárias. E aquilo era um silêncio absoluto. A figura de Villa Lobos era também um mito.

Oiticica deu também aulas de teatro. Uma de suas filhas seguiu a carreira de atriz Encontrei com Sonia na cidade de Tiradentes - talvez há uns 4 ou 5 anos.

Voltando ao ensino de música no Colégio Pedro II. Naquela época não se chamava música, e sim Canto Orfeônico, foi muito voltado para o aspecto político. Getulio ia ao campo do Vasco em todo dia Primeiro de Maio. Havia grandes concentrações estudantis. O Pedro II participou da queima das bandeiras estaduais. Quer dizer queimaram as bandeiras na praia do Russel, para a idéia de centralização do Estado Novo. Então, as músicas eram muito ligadas ao patriotismo, e temas como o canto do pajé, bem aquelas coisas.

Li que Oiticica gostava de seguir as turmas. Por exemplo, eu dei sorte nesse aspecto, eu tive o mesmo professor os quatro anos de ginásio. Eu tive um grande professor de Língua Portuguesa chamado Eupídio Pimentel. Tudo o que eu prendi de português foi com ele. Nascentes foi professor da minha mulher. Celso Cunha também. O Celso, por exemplo, é um

dos maiores filólogos brasileiros e também um medievalista. Eles todos foram as primeiras levas de professores formados pelas Faculdades de Filosofias das décadas de 40 e 50.

Antes da década de 40 eram cinco anos de curso. Depois da década de 40 eram cinco anos de curso. Essa separação no Pedro II motivou coisas absurdas, porque alguns professores sentiam-se diminuídos, por achar que o aluno que queria fazer direito, não queira saber de Matemática e nem da História Natural. Então, o professor chegava e fazia a seguinte brincadeira, com a turma que ele sabia que não estava interessada. Ele fazia a seguinte pergunta? Quais são os alunos que não vão precisar de História Natural? Aí todos levantavam a mão. Ele dizia: Então ótimo: vocês vão estudar muito comigo, porque é a última oportunidade que você s terão para aprender Historia Natural.

Eu fui aluno de Matemática do Bayard Boiteux um dos maiores professores do Colégio Pedro II. Os alunos achavam que Bayard puxava mais no do Curso Clássico do que no Científico e pediam nossos cadernos emprestados. Para mim ele foi um dos melhores professores.

Respondendo à sua pergunta sobre minha vida no Colégio Pedro II - repito que entrei em 1949, e terminei o curso em 1955. Fiquei como inspetor de alunos. Depois fiquei como professor horista e depois como efetivo. Depois como coordenador. Fui coordenador de História e depois chefe de departamento. Agora me divirto "brincado" de pesquisar aqui no NUDOM (Núcleo se Documentação e História do Colégio Pedro II). Quando eu me aposentei, senti que o Colégio estava perdendo a sua história.

A história do Colégio Pedro II se confunde com a história da educação nacional. O Colégio foi criado em 1837, tendo professores com o gabarito de Oiticica e de tantos outros. Então, a minha preocupação foi preservar esse material e tentar salvá-lo. Porque muitas coisas tinham se perdido, mas muita coisa conseguiu-se resgatar. O estado do arquivo é precário, mas mesmo assim temos recebido pesquisadores de todo o Brasil e até do exterior, mostrando a importância do NUDOM.

# Anexo 4 – Manuscritos

Anarchismo
como método de Educação

Na realidade não é cousa nova se
consultarmos qualquer manual de
história; de pedagogia, se estudarmos os
varios pedagogistas com um certo senso
crítico.
De Socrates ao Ativismo, ao Personalismo,
podemos salientar motivos libertarios; mas,
onde êsses motivos se impõem pela sua
clareza e função é nos pensadores que
vimos analizando.
O Comenio rebela-se contra o forma-
lismo ôco da escolástica e contra a pala-
lagem dos Jesuitas, indicando ao con-
trario o método da observação direta
das quais surgem as idéias das cou-
sas e não vice-versa

Manuscrito pertencente ao acervo pessoal de José Oiticica, s/data.

# Anexo 5 – Retratos de uma época

**A família Oiticica: Francisca Bulhões e José Rodrigues Leite e Oiticica, com os filhos José, Clara, Selma, Vanda, Vera, Sônia e Laura, 1923**. Foto cedida por Maria Thereza Vargas

**José Rodrigues Leite e Oiticica – prisão em 1924.** Foto cedida por sua filha Sônia Oiticica**.**